



**BRUNA PEREIRA CAIXETA**

***MAN IN THE MOONE* (LONDRES, 1638): UTOPIA, CIÊNCIA E  
POLÍTICA NO PENSAMENTO DE FRANCIS GODWIN**

**CAMPINAS  
2014**





**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

**BRUNA PEREIRA CAIXETA**

***MAN IN THE MOONE* (LONDRES, 1638): UTOPIA, CIÊNCIA E  
POLÍTICA NO PENSAMENTO DE FRANCIS GODWIN**

**Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de  
Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de  
Campinas para a obtenção do título de Mestra em  
Teoria e História Literária na área de História e  
Historiografia Literária**

**Orientador: Prof. Dr. Carlos Eduardo Ornelas Berriel**

**CAMPINAS  
2014**

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas  
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem  
Teresinha de Jesus Jacintho - CRB 8/6879

C124m Caixeta, Bruna Pereira, 1990-  
*Man in the Moone* (Londres, 1638) : utopia, ciência e política no pensamento de Francis Godwin / Bruna Pereira Caixeta. – Campinas, SP : [s.n.], 2014.

Orientador: Carlos Eduardo Ornelas Berriel.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Godwin, Francis, 1562-1633. *Man in the Moone* - Crítica e interpretação. 2. Utopias. 3. Viagens imaginárias - Obras anteriores a 1800. 4. Astronomia na literatura. 5. Inglaterra - História - 1640. I. Berriel, Carlos Eduardo Ornelas, 1951-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

**Título em outro idioma:** *Man in the Moone* (London, 1638): : utopia, science and politics in the thought of Francis Godwin

**Palavras-chave em inglês:**

Godwin, Francis, 1562-1633. *Man in the Moone* - Criticism and interpretation

Utopias

Imaginary voyages - Early works to 1800

Astronomy in literature

England - History - 1640

**Área de concentração:** História e Historiografia Literária

**Titulação:** Mestra em Teoria e História Literária

**Banca examinadora:**

Carlos Eduardo Ornelas Berriel [Orientador]

Edgar Salvadori de Decca

Helvio Gomes Moraes Junior

**Data de defesa:** 17-02-2014

**Programa de Pós-Graduação:** Teoria e História Literária

BANCA EXAMINADORA:

Carlos Eduardo Ornelas Berriel

Carlos Eduardo O. Berriel

Edgar Salvadori de Decca

Edgar Salvadori de Decca

Helvio Gomes Moraes Junior

Helvio Moraes.

Luís André Nepomuceno

\_\_\_\_\_

Marcos Aparecido Lopes

\_\_\_\_\_

IEL/UNICAMP  
2014



## ABSTRACT

Some years before the outbreak of the English Revolution of 1640, testifying that in England the monarchy and the Puritans would control an allegedly republican regime, there were a series of errors that contribute to political conflicts that led to the Civil War. Most of them came from the pro-Spanish political assumed by the first two Stuart kings, James I and Charles I, who, among other things, did not support the Protestant classes in their trading enterprises and colonization of overseas markets, leaving the economic situation of the country negative. Faced with the imminent withering of the monarchy, the Anglican Episcopal Church founded on the alliance with the State, the danger of Britain becoming a Spanish colony, Francis Godwin composed around 1629 and his text published in 1638, the utopian fiction *The Man in the Moone*. Summarizing all the religious conflict and glides early Stuart England that characterized the first 40 years of the seventeenth century, this study will aim to show that this fiction of Spanish Domingo Gonsales on your trip to the moon, in his passage by the fictional island of Santa Helena and China populated by Jesuits, debating the theories of Copernicus, Galileo, Kepler and Gilbert in the field of astronomy, sought a defense and protection of the Anglican Church and the Tudor monarchy that allied the Church to the State and favored the economy. Through disciplined and innovative example of the Jesuit mission in China in the early seventeenth century, Godwin will bring and warn the confused kings, that the output for the English internal and external conflicts was the investment in science, commerce, and now different from the Jesuits, in opposition to Spain and the Catholic medieval mentality and obsolete policy.

**Keywords:** English Revolution, Stuart House, New Astronomy, journey to the Moon, utopia

## RESUMO

Alguns anos antes da deflagração da Revolução Inglesa de 1640, que na Inglaterra deporiam o regime monárquico e daria aos puritanos o controle de um regime pretensamente republicano, ocorreria uma série de erros políticos que contribuiriam para os conflitos que levaram à Guerra Civil. Boa parte deles adveio da política pró-Espanha assumida pelos dois primeiros reis Stuart, Jaime I e Carlos I, que, entre outras ações, não apoiaram as classes protestantes nas suas empresas de comercialização e colonização de mercados no exterior, deixando a situação econômica do país negativa. Diante do iminente fenecimento do regime monárquico, da Igreja Anglicana alicerçada no sistema episcopal e de aliança ao Estado, do perigo da Inglaterra se tornar domínio espanhol, Francis Godwin compõe por volta de 1629, publicado seu texto em 1638, a ficção utópica *The Man in the Moone*. Sumarizando todo o conflito religioso e os deslizes do governo dos primeiros Stuart que caracterizou a Inglaterra nos 40 primeiros anos do século XVII, o presente estudo objetivará mostrar que essa ficção do espanhol Domingo Gonsales na sua viagem à lua, na passagem pela fictícia ilha de Santa Helena e pela China ocupada por jesuítas, debatendo as teorias de Copérnico, Galileu, Gilbert e Kepler na área da astronomia, se pretendeu uma defesa e proteção da Igreja Anglicana e do regime monárquico Tudor que aliava a Igreja ao Estado e favorecia a economia. Através do exemplo disciplinado e inovador dos jesuítas em missão na China no início

do século XVII, Godwin intentará advertir os confusos reis, que a saída para os conflitos internos e externos ingleses estava no livre desenvolvimento da ciência, do comércio, e, agora diferente dos jesuítas, numa política adversária à Espanha e à mentalidade medieval e obsoleta católica.

**Palavras-chave:** Revolução Inglesa, Casa Stuart, *new astronomy*, viagem à Lua, utopia

# SUMÁRIO

Introdução .....	1
<b>PRIMEIRA PARTE: Estudo da obra</b>	
1. Francis Godwin (1562-1633)	
1.1. Autor de <i>Man in the Moone</i> ?.....	7
1.2. Vida .....	11
1.3. Obras .....	14
2. <i>The Man in the Moone</i>	
2.1. Data de publicação e de composição.....	21
2.2. Definição do gênero literário.....	22
2.2.1. <i>Man in the Moone</i> como ficção científica.....	24
2.2.2. <i>Man in the Moone</i> como pertencente ao gênero literário da utopia.....	25
2.3. Contexto histórico abordado no enredo.....	29
2.3.1. Panorama histórico do período Tudor e primeiros anos Stuart.....	31
2.3.1.1. A monarquia Tudor, Henrique VIII e a Reforma religiosa.....	32
2.3.1.2. Os reinados de Eduardo VI, Maria I e Elisabete I.....	35
2.3.1.3. A Casa Stuart: o reinado de Jaime I e os primeiros anos de Carlos I.....	44
2.3.1.4. Revisão dos acontecimento desde os Tudor aos primeiros Stuart.....	52
2.4. <i>Man in the Moone</i> : proteção da Igreja estabelecida, contenção do triunfo católico e do protestantismo radical.....	53
3. Análise do enredo	
3.1. O encontro de Domingo Gonsales com duque de Alba e a Revolta Holandesa.....	59
3.2. Viagem às Índias e alusão à Companhia das Índias Orientais .....	63
3.3. Santa Helena	
3.3.1. Santa Helena: espaço para debate sobre colonização, exportação de lã e tráfico de negros.....	65
3.3.2. O paraíso terrestre e o significado alegórico dos animais metade peixe metade pássaro .....	67
3.3.3. O significado alegórico cristão do cordeiro .....	69
3.3.4. O significado alegórico de Gonsales na posição de cordeiro e mensageiro.....	71
3.3.5. O mecanismo “mecânico” de transmissão de mensagens.....	71
3.3.6. A ficção levada à sério: a proposta à Jaime I de um meio de comunicação .....	75
3.4. Batalha entre frotas inglesas e espanholas: o episódio da Invencível Armada .....	78
3.5. A passagem pelo espaço: o debate astronômico e as teorias de Copérnico, Galileu, Gilbert e Kepler.....	83
3.5.2. A divulgação em vernáculo das teorias astronômicas .....	90
3.5.3. O encontro com os demônios perversos: as potências católicas.....	92
4. Uma civilização na lua: a descoberta de <i>Simiri</i> .....	95
4.1. Comunidade simultaneamente ideal e imperfeita .....	97
4.2. Sátira religiosa: ataque aos puritanos e leigos .....	98
4.3. A comunidade ideal dos anglicanos elisabetanos .....	100

4.4. Ciência na lua: cenário e mecanismos tecnológicos .....	101
4.5. O projeto telegráfico: a linguagem musical lunar .....	103
5. A China, os mandarins e os jesuítas .....	105
5.1. As missões jesuítas na China.....	105
5.2. Domingo Gonsales, Matteo Ricci e Diego de Pantoja: experiências afins.....	111
5.3. Jesuitismo oriental: simulacro ideal de <i>Man in the Moone</i> .....	113
6. Palavras finais .....	117
Referências.....	123

**SEGUNDA PARTE:** Tradução da obra

<i>O Homem na Lua</i> .....	131
-----------------------------	-----

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, e especialmente, agradeço ao professor, e meu orientador, Carlos Berriel, pela influência na realização de um trabalho sério, pelo ensino de como realizar pesquisas, pela oportunidade de estudo no exterior e pelas inesquecíveis, pois belas e instrutivas, aulas, às quais devo muito da minha formação intelectual e pessoal.

Agradeço aos professores membros de minha banca, professor Helvio Moraes e professor Edgar De Decca, pelo diálogo fundamental e as sugestões valiosas feitos no exame de qualificação, pela arguição detalhada e muito cuidadosa, responsável pelas mudanças fundamentais e as principais reflexões feitas no meu trabalho.

Agradeço ao professor Luís André Nepomuceno, por um dia ter me desvendado o mundo da Literatura em suas memoráveis aulas, e me apresentado à pesquisa; com carinho, agradeço pela confiança e a valiosa oportunidade de um trabalho conjunto, que me presenteou não só com o gosto pela pesquisa, mas com sua referência, para mim, principal, no âmbito pessoal e profissional; e, claro, agradeço pela sua estimada amizade.

Agradeço à professora Ana Cláudia Romano Ribeiro, com afeto e muita gratidão, por desde a primeira conversa nos corredores do IEL, ter me acolhido e me oferecido sem limites todo o apoio, os livros e orientações para minha pesquisa; agradeço pela permissão de tê-la como leitora constante, e sempre atenta, de todos os meus textos acadêmicos.

Agradeço à professora Daphne Patai pela recepção amiga em Amherst, e por mais que ter desempenhado a função de co-orientadora de minhas pesquisas nos Estados Unidos, por ter me oferecido sua casa e seu diálogo experiente e perspicaz sobre a formação profissional e humana.

Agradeço ao professor Lawrence Flores Pereira por toda a ajuda amiga oferecida antes e nos primeiros dias de chegada em Amherst; por ter compartilhado comigo sites e recomendações para minha estadia nos EUA. Sou muito grata pela manhã de conversa no Amherst Coffee e pelos passeios pelo Amherst College proporcionados logo em minha chegada; as suas conversas e as suas orientações para a vida em Amherst e para a metodologia do meu trabalho de tradução foram basilares.

Agradeço aos meus pais, Márcia e Altair, por sempre me apoiar em minhas decisões, e financiá-las, sem reservas, quando preciso. A meu pai Altair, pelo exemplo de responsabilidade, amizade e pelo carinho. À minha mãe Márcia, de coração, pela amizade, pelo carinho, pelo apoio e força dados nos bons e maus momentos; agradeço pelo exemplo, de bondade, de independência, de coragem, de conquistas e de amor; e ininterruptamente, agradeço pela beleza de seu ser e pelo privilégio de tê-la presente.

Agradeço ao meu irmão, Mateus, pela admiração, pelo carinho, pelo apoio e a fraternidade sincera; agradeço por me ensinar sobre a capacidade honesta de ser bom e de ser solícito ao outro; agradeço pela existência da sua (ainda) ingênua e pura figura.

Agradeço às minhas famílias, Pereira e Caixeta, pelo tão peculiar e gostoso apoio familiar. Às minhas avós, Maria Caixeta e Maria Tolentino, e ao meu avô Antônio, pelo exemplo de força, independência e superação. Às minhas, queridas, tia Zeca, tia Eliana e tia Sônia pelas ajudas em um e outro momento nesse percurso e o companheirismo. À tia Zeca, com muito afeto, por me tomar como filha e me apoiar sucessivamente. Aos meus primos, tios e à afilhada Luisa, pelos bons momentos.

Agradeço aos meus mais prezados e estimados amigos, Ana Graziela, Raquel Fujimoto, Márcia Caixeta, Daniella Nascimento, Ismael Again, Ling Blues e Rafael Peres pelo constante diálogo inteligente e amigo, e pelo exemplo de cada um, pois que admiro muito cada uma dessas belas pessoas, por serem simultaneamente tão jovens, tão experientes e tão maduros de espírito; agradeço por terem me ensinado almejar ocupações e distrações mais interessantes e menos vãs; pelo o que também agradeço aos meus amigos, não tão jovens, mas igualmente inteligentes e agradáveis, Lívio Soares, Manoel Almeida e Christiane Rocha; agradeço a todos esses pela amizade querida.

Agradeço aos colegas de república, à Juju, Dani, Mary, Vanessa, Ana Amélia, Raquel Andrade, Vini, Thiago (James) e Luis pela acolhida em sua casa, pelo auxílio nos primeiros tempos em Campinas e na vida universitária da Unicamp, e pelos alegres e festivos momentos passados juntos; agradeço por tornar a minha estada em Campinas mais alegre e leve. Em especial, à Juju e Luis pela amizade perpetuada após a saída da república e pelas programações alegres juntos.

Agradeço ao Ivan e aos seus pais. Ao Ivan pelo companheirismo, pela paciência, pela amizade e pelos bons e bonitos momentos vividos juntos; agradeço a experiência da mais absoluta intimidade, e também, por ter sido um divisor de águas em minha vida e personalidade. Agradeço a seus pais, Rosângela e Ivan, pela ajuda no momento da viagem aos Estados Unidos e em outras inúmeras situações no decorrer do mestrado; também agradeço as boas acolhidas em sua casa.

Agradeço aos colegas de grupo de estudo, aos colegas do U-TOPOS, Milene, Julia, Cintia, Regina, Edmar, Dani, Rose, Régis, Thiago, Leandro e Renata por me ensinarem, pelo exemplo, a conduzir um bom trabalho enquanto orientandos; agradeço a amizade e o apoio à minha pesquisa. Ao Régis, agradeço as conversas e observações valiosas em torno do meu trabalho e do assunto que pesquiso.

Agradeço, finalmente, às instituições que me acolheram para a pesquisa e, por ventura, financiaram-na. À FAPESP, por oferecer as condições materiais indispensáveis para realização da pesquisa no Brasil e no exterior. À Unicamp e à UMass (University of Massachusetts) pelos acervos e materiais disponibilizados.

## LISTA DE FIGURAS

**Figura 1:** Fotocópia do mapa “A Inglaterra e seus Condados”. In: HILL, Christopher. *O mundo de Ponta-cabeça. Ideias radicais durante a Revolução inglesa de 1640.*

**Figura 2:** *Coats of arms of an emperor of the Holy Roman Empire*, 1605. Wappenbuch von Johann Siebmacher. Brasão Habsburgo rodeado pelos brasões dos territórios dominados pelo império e centrado na mitra católica.

**Figura 3:** Frontispício da edição alemã da obra de Godwin, *Der Fliegende Wandersmann nach dem Mond*, 1659.

**Figura 4:** Superfície lunar. *Drawings of the Moon*, Galileo Galilei.

**Figura 5:** *Drawings of the Moon*, Galileo Galilei. November-December, 1609. Florence, Biblioteca Nazionale Centrale, Ms. Gal. 48, f. 28r.

**Figura 6:** *Mission Chinoise des Jésuites*. Na imagem se vê padre Matteo Ricci e outros jesuítas portando objetos cinetíficos e papeis - certamente de conteúdo catequético. Ilustração encontrada em: DU HALDE, Jean-Baptiste. *Description géographique, historique, chronologique, politique et physique de l'empire de la Chine et de la Tartarie chinoise*. Tome 3. Paris: P.G. Lemercier, 1735, p. 98.



“A lua é um mundo como este, ao qual o nosso serve de lua”.  
Cyrano de Bergerac, *Viagem à Lua* [1662]. Trad. Fulvia Moretto, 2007, p. 17.



## INTRODUÇÃO

Em 1638, em Londres, dá-se a publicação de *The Man in the Moone*, opúsculo utópico de uma viagem à lua a favor da monarquia e da instituição episcopal, escrita por um bispo anglicano, Francis Godwin. No mesmo ano, na Escócia, os escoceses iniciam uma guerra em defesa de sua Igreja Presbiteriana, embate que, ao mesmo tempo em que trouxe uma reforma contra o poder monárquico, aboliu a instituição episcopal. Laud, bispo de Londres, tentara impor o modelo de Igreja Anglicana e, em especial, a administração por bispos na Escócia, mas, neste país, o poder dos reis conhecia sensível declínio desde que se deu a Reforma; John Knox, o grande líder protestante escocês, hostilizou diretamente a rainha Maria Stuart, e a Reforma se fez contra o poder monárquico, abolindo, ao mesmo tempo, a própria instituição episcopal. Por fim, a administração de sua Igreja passou a incumbir a presbíteros, ou seja, a assembleias.

Essa guerra colonial deflagrará o processo revolucionário inglês dos anos 40, conhecido como Revolução Inglesa. Após sua realização, ficará evidenciado para os protestantes ingleses revoltados com as mesmas instituições nesta época, que eles tinham força para disputar contra o poder monárquico e sua Igreja católica estatal. Os puritanos ingleses, sufocados pelo absolutismo Stuart, e indispostos com a religião protestante moderada dos tempos de Elisabete I, aprenderão, com o exemplo escocês, a não admitir mais a submissão ao regime monárquico, bem como usar a religião, as diferenças de ponto de vista sobre a fé, como um meio de revoltar-se contra o rei, a monarquia e à religião de tipo episcopal. Logo, tem-se, em traço claro, o panorama da Inglaterra no ano em que a obra de Francis Godwin sai da tipografia e ganha recepção pública.

Totalmente oposta aos anseios dos puritanos ingleses afeitos às vitórias de Foxe, a ficção de Francis Godwin tentará apresentar uma saída para essa série de contrariedades e conflitos no qual o regime monárquico e a Igreja Anglicana chegaram no governo Stuart, mas para o lado atingido nessa disputa, isto é, o dos reis e prelados. Godwin estará do lado, e tentará uma defesa daqueles que estavam sendo atingidos pelos embates puritanos. O bispo anglicano proporá, de forma ora divertida, ora irônica e cáustica, meios de conduta ao rei que iriã na contramão daqueles atuais, assumidos por Jaime I e Carlos I, e tentará mostrar que apenas a ação do rei em unir as esferas

política, religiosa e científica seria capaz de devolver à Inglaterra seu estado de ordem e aptidão para disputar o império mundial ao lado das superpotências mundiais, entre elas, a maior e primeira rival, Espanha.

Quando Jaime I assumiu o trono logo após a morte de Elisabete I, a última monarca da casa Tudor, ele faz a paz com a Espanha e tem o embaixador espanhol Gondomar como amigo e conselheiro - o que ofende os brios nacionalistas, protestantes. Dá início à exclusão dos calvinistas da Igreja Anglicana, que irá tomando feição cada vez mais próxima da Igreja Romana, e, ainda, conforme nos informa o historiador Trevelyan,<sup>1</sup> ele negligencia a Marinha Real, não aproveitando os termos do tratado que pusera fim à guerra do tempo de Elisabete, o qual garantia aos mercadores ingleses o comércio aberto com a Espanha e com as suas possessões na Europa. Em outras palavras, ele não concede qualquer atenção à pequena nobreza progressista, responsável pelo desenvolvimento de uma economia de tipo capitalista. Jaime também abole o Parlamento (em 1611), criando inimizades ainda maiores com os puritanos, e a partir daí, sem dinheiro e sem apoio no interior do seu país, dá início a uma política externa desastrosa, que marcará o seu governo e o de seu filho e sucessor, Carlos I: de acordos políticos, muitas vezes por meio de casamentos, com as potências católicas.

O governo dos dois primeiros Stuart, que cobrirá os 40 primeiros anos do século XVII inglês, será um período de constantes conflitos entre o rei, os bispos anglicanos contra os puritanos e a classe popular. Por fim, até mesmo os bispos anglicanos estarão desgostosos da política de Jaime. A política de “paz do rei”, que fazia aliança com a Espanha, revoltou os puritanos e elisabetanos no Parlamento, além dos protestantes nos mercados londrinos, pois, além de obrigar os primeiros a constantemente votar a favor de medidas pró-espanholas, subtraiu dos segundos a vantajosa relação comercial com as colônias espanholas, aberta nos tempos de Elisabete. Jaime e Carlos, por fim, terão por seus inimigos o seu próprio povo, pois que cada vez mais excluídos e desfavorecidos no seu regime político, reivindicarão seus direitos e brigarão pelo poder, de forma a abolir todas as amarras que impediam o seu desenvolvimento, isto é o acordo com as potências espanholas e todo aparato político espanhol: o regime monárquico e o episcopal.

---

<sup>1</sup> TREVELYAN, G. M. *História concisa de Inglaterra. Vol. II.* Portugal: Publicações Europa-América, 1990, p.19.

É provável que incorra em equívocos quem pretender encontrar no século XVII inglês uma diferenciação muito pronunciada entre a política e a religião. A ética puritana advogará pelos interesses políticos dos puritanos e as seitas populares, tais como os lolardos<sup>2</sup> e familistas,<sup>3</sup> ambicionarão estabelecer um sistema comunal de propriedade e uma democracia que favorecerá sua classe. Não de forma diferente, e tão misturado aos interesses políticos, os anglicanos lutarão pela permanência da sua classe, que ia, cada vez mais e paulatinamente se dissolvendo com a crescente impopularidade dos reis Stuart. Uma Igreja altamente aliada ao regime monárquico (criado por reis) e herdeira das organizações episcopais romanas, passou a ser alvo de ataques dos puritanos e das seitas populares. Na contramão de um avalanche revolucionário contra a monarquia e a eclesia de tipo romano, que se sustentava na Igreja Anglicana, um bispo desta instituição compõe por volta de 1629 (e se publica em 1638), uma ficção com a intenção de resguardar o estatuto da Igreja Anglicana e o sistema monárquico, usando para isso um enredo que assinala (talvez diretamente a Jaime e Carlos) os erros mais crassos e os perigos mais iminentes de certas ações políticas praticadas por eles. Católicos e puritanos são retratados como inimigos e possíveis detentores do poder político inglês, e os reis, como desatentos a esse percurso político e à economia inglesa.

A estória do protagonista espanhol, que participa de embates bélicos junto ao duque de Alba, ajuda a conter a Revolta Holandesa dos protestantes, conhece acidentalmente a ilha de Santa Helena e faz propaganda de suas plantas, animais, clima, e área para descanso de viajantes e colônia, faz uma viagem ao espaço por meio de um mecanismo feito com pássaros, incorre no debate das teorias de Copérnico, Galileu, Gilbert e Kepler na área da astronomia, chega à lua habitada por protestantes e, finalmente, visita à China e encontra-se com os jesuítas divulgadores de relógios e outras raridades ocidentais mais, é, em síntese, um enredo que sumará todo o conflito religioso e os deslizes do governo dos primeiros Stuart, que caracterizou a

---

<sup>2</sup> Os lolardos, no começo do século XVI, desenvolveram uma versão popular das heresias de John Wyclif. Sua influência sobreviveu sob a forma de um ceticismo materialista popular. Rejeitavam a transubstanciação, o batismo e a confissão, e dizia que os homens não seriam condenados por pecarem. Cf. Hill, 1987, p. 42-43.

<sup>3</sup> Os familistas professavam doutrinas ainda mais subversivas. Dos seus membros dizia-se que se recusavam a rezar e que negavam a ressurreição do corpo. Punham em dúvida que existisse céu e inferno separados dessa vida. O familismo, prolongando o ceticismo de classe baixa dos lolardos, era um credo leigo e anticlerical. Nisto ele convinha ao temperamento da sociedade isabelina, na qual os membros de muitas congregações, à medida que enriqueciam e aumentavam sua confiança em si próprios, tornavam-se cada vez mais críticos das pretensões clericais tradicionais. Cf. Hill, 1987, p. 44-45.

Inglaterra do ano 1600 até a deflagração da Guerra Civil em 1640. A ficção tocará em questões-chave, que depois serão as principais causadoras do conflito interno inglês. Será uma espécie de resumo divertido da situação política inglesa Stuart e do que a esperava - caso não abraçasse imediatamente medidas de contorno aos problemas. Por fim, será a tentativa de um bispo anglicano de manter sua Igreja e o regime político que a protegia.

Portanto, uma peça de ficção política, *The Man in the Moone* de Francis Godwin é um texto que busca reavaliar a situação histórica da Inglaterra na primeira metade do século XVII. Por ter esse propósito pertence ao gênero literário utópico das narrativas que se valem de um enredo onde se mistura o relato de viagem, a sátira, a criação de cidades imaginárias para dialogar com sua época histórica. Como uma utopia escrita no *Seicento*, *Man in the Moone*, terá a particularidade de tratar o tema da ciência com entusiasmo e visão positiva. Godwin chegará a ser um divulgador em vernáculo reservado das mais recentes teorias astronômicas surgidas no seu século. Irá além, e proporá o caminho do conhecimento científico, da elaboração dos aparatos tecnológicos, como a saída da Inglaterra de seu possível fracasso econômico e dos seus conflitos religiosos internos. Apostando na ciência (estaria dizendo Godwin a Jaime), no seu livre curso ao lado das atividades comerciais e religiosas, o mercado inglês reviveria, os protestantes se satisfariam e o país teria condições pioneiras de despontar no âmbito econômico e social. Para a ciência ganhar cena, no entanto, o projeto político necessariamente deveria superar as potências católicas, atrasadas nessa área, e que sustentavam visões medievais do universo.

O esperado, entretanto, é que um discurso tão progressista e a favor do conhecimento científico, produzido por um bispo anglicano, cairá na contradição - às vezes nem possível ainda de prever por ele mesmo - de que apoiando a ciência e o conhecimento científico, Francis Godwin estava se posicionando contra sua classe, pois que, a história nos dirá: sem o fim da monarquia absoluta e a derrocada do sistema episcopal, não seria possível a atuação da ciência e os seus benefícios em massa. Precisava ser ela elemento de uma sociedade moderna, interessada na revisão de setores, na inovação de todas as instâncias sociais para se desabrochar.

Ainda assim, mesmo que o discurso progressista de Francis Godwin estivesse, por definição, morto em sua posição de bispo, seu apoio à ciência como saída

dos problemas econômicos e políticos ingleses seria responsável por garantir, ainda por um curto tempo, a sobrevivência de uma monarquia e um anglicanismo de tipo elisabetano, no qual conviviam harmoniosamente os puritanos, os anglicanos e a classe popular a serviço do desenvolvimento da Inglaterra. O exemplo bem sucedido das missões jesuítas na China, sobretudo com os trabalhos de Matteo Ricci e Diego de Pantoja, mostravam a Godwin, e ele assim esforçara-se por mostrar aos ingleses, que garantiam que, por meio da ciência, de uma política externa agressiva e embasada na religião, e um governo interno disciplinado, era possível conseguir alcançar os objetivos sugeridos por ele e sua classe. Tal foi o recado do bispo anglicano poucos anos antes da deflagração da Revolução Inglesa de 1640.

O estudo detalhado dessa narrativa é apresentado a seguir, expondo cada um dos aspectos de atenção do autor citados acima e, seguido a ele, é disponibilizada a tradução integral da obra, feita a partir da primeira edição de 1638, por meio da cópia do texto preservada pela British Library (C.56.c.2).



## 1. Francis Godwin (1562-1633)

### 1.1. Autor de *The Man in the Moone*?

Embora a atribuição de *The Man in the Moone* a Francis Godwin não seja questionada, deve-se reconhecer que as alegações feitas acerca da autoria da obra são sustentadas por evidências circunstâncias e indiretas, visto que a obra não foi registrada com a assinatura de Godwin em sua primeira edição e nos arquivos oficiais, ou mesmo recebeu outro registro oficial no qual constasse a assinatura do autor, ou a comprovação de sua autoria.

Sabe-se que a obra teria sido escrita pelo bispo Francis Godwin por uma única fonte: John Wilkins (1614-1672), bispo anglicano, contemporâneo a Godwin. Ele menciona essa autoria em duas de suas obras, a saber, *The Discovery of a World in the Moone* (1638; 1640) e *Mercury, or the Secret and Swift Messenger* (1641). Inicialmente, Wilkins simplesmente dirá que o autor de *Nuncius Inanimatus*<sup>4</sup> é o mesmo que o autor de *The Man in the Moone*; não mencionará declaradamente o nome de Godwin. É essa a referência que se encontra na primeira edição da sua obra *The Discovery of a World in the Moone*, publicada no mesmo ano da ficção de Godwin, em 1638. Nela, ele diz: “It may be that our Bishop did by the likemeanes performe those strange conclusion which he professes in his *Nuncius Inanimatus* [...]” (WILKINS, 1638, p. 97).

Mais tarde, na terceira edição da mesma obra, publicada em 1640, Wilkins, na mesma passagem do texto, acrescenta o nome de Godwin, referindo-se a ele como “Bishop Godwine”; logo, a passagem passa a ser: “It may be, that Bishop Godwine did by the likemeanes performe those strange conclusion which he professes in his *Nuncius Inanimatus* [...]” (WILKINS, 1640, p. 93-94). Também no mesmo livro, em uma passagem seguinte, diz: “Having thus finished this discourse, I chanced upon a late

---

<sup>4</sup> Embora esta outra obra de Godwin tenha sido publicada também anonimamente, desde a sua primeira publicação em 1629, dá-se notícia de um resumo ou prospecto do trabalho no Calendar of States Papers, 7 March, 1920/I, segundo McColley (1937) e Lawton, no qual se afirma que *Nuncius* foi assinada por Francis Godwin, bispo de Hereford, e seu filho, Thomas Godwin: “Statement of a Project for conveying intelligence into Besieged Towns and Fortresses, and receiving Answers therefrom etc. Signed Francis Godwin, bishop of Hereford, and Thomas Godwin” (LAWTON, 1931, p. 34).

fancy to this purpose under the fained name of *Domingo Gonsales*, written by a late reverend and learned Bishop” (WILKINS, 1640, p. 240).

Já na sua obra *Mercury*, de 1641, nos capítulos 18 e 20, respectivamente, há os seguintes dizeres, referindo-se ao “Author of *Nuncius Inanimatus*”, que ele afirmará então ser o mesmo de *Man in the Moone*, e, portanto, Francis Godwin:

Which kind of speech is fancied to be usual amongst the Lunary Inhabitants; who (as *Domingo Gonsales*\* hath discovered).

\*Or the *Man in The Moone* written by the same Author of *Nuncius Inanimatus* (WILKINS, 1641, p. 141).

That these wayes of information already explained, whether by of sound or sight, are the same of those intimated in *Nuncius Inanimatus*, may be cleary evident, to any one who do’s but thoroughly peruse that discourse, and compare it with divers others the like passages, of the same Author, in his *Domingo Gonsales*. (WILKINS, 1641, p. 164).

Ainda que pelas afirmações de Wilkins não reste dúvidas de que *The Man in the Moone* é de autoria de Francis Godwin, não há nenhum registro de que John Wilkins teria conhecido Godwin, seja por relações estreitas ou simplesmente conhecimento de que fosse bispo – o conhecimento de Wilkins sobre a autoria, ou mesmo um possível relacionamento pessoal e/ou profissional com Godwin, simplesmente pode ser inferido pelas alegações de Wilkins. Também não há nenhum registro que comprove as fontes para as alegações seguras de John Wilkins.

Grant McColley, na primeira edição anotada de *Man in the Moone*, logo na introdução à obra, levantará a hipótese de que John Wilkins poderia ter tomado conhecimento da autoria de Francis Godwin pelo editor do livro, John Norton, o mesmo que imprimiu a terceira edição da sua *Discovery*, na qual faz referência ao “late reverend and learned Bishop”.<sup>5</sup> Mas, o apontamento de McColley também não passa de uma suposição, e, portanto, não há nenhuma referência segura sobre as fontes das quais Wilkins poderia ter obtido sua afirmação.

Fato é que após *The Man in the Moone* ter sido impressa pela segunda vez junto à *Nuncius Inanimatus*, em 1657, consagrou-se que os dois textos seriam do

---

<sup>5</sup> “The source of Wilkins’ more specific attribution is unknown, but I believe that it was John Norton, the printer of Godwin’s *The Man in the Moone* and of the third edition of Wilkins’ *Discovery*. [...] The publisher of Godwin’s work, John Norton, was in position to provide his new client with wellgrounded information” (MCCOLLEY, 1937, p. x e xi).

mesmo autor. Se impressas junto por influência da alegação de John Wilkins ou por outro motivo, não se dá notícia, todavia, a partir da publicação conjunta é aceito e divulgado que *Man in the Moone* foi escrita por Francis Godwin. E, se o texto de Godwin não comprova essa afirmação definitivamente, com qualquer referência que seja à ele, e também não há indícios que levem a supor outro autor, é admissível aceitar a suposição de Wilkins.

Houve outras ponderações acerca da autoria da obra durante o ano de 1638, em que *Man in the Moone* ganhou registro na *Company of Stationers*.<sup>6</sup> Neste ano também surgiu a hipótese de que ela tivesse sido escrita por um autor espanhol, de nome Domingo Gonsales – o mesmo nome do narrador-personagem da história, que vem na capa como autor – e traduzida para o inglês por um tal Edward Mahon.<sup>7</sup> Posteriormente se comprovará, no entanto, que essas duas afirmações partiram da confiança exclusiva aos dados ficcionais da obra, isto é, ao nome de Domingo Gonsales como autor, como vem posto na capa da primeira edição, e à crença de que o prefácio da obra tivesse realmente sido escrito por uma outra pessoa, se tradutor ou editor, com as iniciais “E. M.”.

Essa última suposição referente às iniciais parece ter surgido por influência de outra assinatura em siglas, que aparece ao fim de *Nuncius Inanimatus*, a saber, “Ed. M. Ch.”. Contudo, nota-se que nenhuma delas acompanha o nome Edward Mahon de fato, e, portanto, a afirmação da *Company of Stationers* permanece ainda no campo da suposição. Tomar-se-á conhecimento de quem seja Edward Mahon apenas quando Anthony Wood, por volta de 1691-1692, publica sua *Athenae Oxonienses*, obra na qual afirma que Edward Mahon foi um membro da igreja anglicana responsável não pela tradução, mas pela publicação de *Man in the Moone*<sup>8</sup> - como se o autor houvesse confiado o texto a ele.

Todavia, a afirmação de Wood, que parecia ter resolvido as suposições, será verificada e rebatida décadas depois por Henry Lawton, no seu estudo pioneiro sobre

---

<sup>6</sup> Órgão responsável pelo registro dos livros impressos em Londres.

<sup>7</sup> 1º Augusti, 1638. Entred for his Copie under the hands of Master Clay and Master Rothwell warden a Booke called *The Man in the Moone* written in Spanish by Domingo Gonsales and translated into English by Edward Mahon gent. vjd. (ARBER, 1877, p. 426).

<sup>8</sup> “published some years after the author’s death by E. M. (of Christ Church)” (WOOD, 1721, ii, p. 558).

*Man in the Moone*, publicado em 1931.<sup>9</sup> Nele, Lawton afirmará que depois de inúmeras averiguações, constatou não haver nenhuma referência à existência de um membro da igreja anglicana com o nome de Edward Mahon. Inclusive, não há referência a certo Edward Mahon, membro da igreja na própria obra *Oxonienses*, coletânea de todos os bispos e escritores que se educaram em Oxford durante o período que vai de 1500 a 1690,<sup>10</sup> e cujo autor (Wood) havia sustentado a hipótese de ser Mahon o responsável pela publicação da obra. Portanto, a partir das provas do estudo de Lawton, a hipótese de que “E. M.” seja certo Edward Mahon passa a ser falha, e ao que tudo pôde indicar, ter sido feita de maneira arbitrária.

Além de comprovar que não há referências seguras a Edward Mahon, Lawton ainda inaugurará a ideia de que “E.M.” e “Ed. M. Ch.” são simplesmente recursos literários. Grant McColley, outro renomado e precursor estudioso da obra de Godwin no século XX, defenderá a opinião de Lawton e a avançará adicionando a afirmação de que as iniciais são pseudônimas do autor.<sup>11</sup> Para McColley poderá se afirmar, aliás, que ambas as obras de ficção de Godwin tenham sido pseudônimas e não anônimas.<sup>12</sup> Sobre essa questão, no entanto, parece haver diferença de intenções nas duas obras, segundo o mesmo McColley. Como *Nuncius* apresenta as siglas no final, correspondendo a uma assinatura para todo o texto, é pertinente a afirmação de que *Nuncius* seria uma obra pseudônima e não anônima. Quanto à *Man in the Moone*, contudo, as iniciais “E. M.” colocadas no fim apenas do prefácio e não de todo o texto, estariam se referindo apenas ao prefaciador, a sugerir que, embora a ficção fosse de autoria do Godwin e não de outros autores, inclusive do próprio narrador ficcional da história (Domingo Gonsales), estaria querendo se referir a um outro personagem literário e ficcional criado pelo autor.

Logo, frente a todas as incertas e inseguras referências à autoria da obra, bem como diante do problema de pseudônimos suscitada pela obscuridade das siglas das duas obras ficcionais, é sensato ainda não assegurar por definitivo a autoria de *The*

---

<sup>9</sup> LAWTON, H.W. "Bishop Godwin's *Man in the Moone*". In: *The Review of English Studies*, v.7, nº 25, 1931.

<sup>10</sup> "There is no trace of Mahon in the *Alumni Oxonienses*, the *Fasti Ox.*, nor in Wood's own history of Ch. Church. No works under his name in the British Museum Catalogue; kind but negative replies from Christ Church itself" (LAWTON, 1931, p. 34).

<sup>11</sup> Argumento que, inclusive, lhe renderá um estudo inteiro voltado exclusivamente para tal questão, denominado *The Pseudonyms of Francis Godwin* (1937).

<sup>12</sup> "This works, described quite generally as published anonymously, is however not anonymous but pseudonymic" (MCCOLLEY, 1937, p. 79).

*Man in the Moone* a Godwin. Embora, deve-se reconhecer, ficamos muito tentados, ou mesmo convencidos a defendê-la e nela acreditar, pelas afirmações a seu favor feitas por John Wilkins em suas próprias obras de ficção; já que Wilkins torna-se quase uma autoridade para sustentar essa afirmação, diante do fato incontestável e assumido de que seus enredos se valeram de ambas as ficções godwinianas, e do fato de que sua biografia e interesses estão tão próximos aos de Francis Godwin: igualmente interessado nas discussões científicas do início do século XVII, clérigo da igreja anglicana e defensor da mesma instituição religiosa.

## 1.2. Vida

A matriz biográfica de Francis Godwin é a que está contida no *Oxford Dictionary of National Biography* (DNB). As demais biografias conhecidas e de referência, tais como as encontradas em entradas de enciclopédias, como, por exemplo, a da *Enciclopedia Italiana*,<sup>13</sup> bem como a mais recente feita por William Poole (2009) na tradução mais nova de *Man in the Moone*, são baseadas, e às vezes limitadas, à de Oxford – embora a de Poole traga dados atualizados, novos e não presentes no DNB.

Segundo as fontes, Francis Godwin nasceu em Hannington, Northamptonshire, no ano de 1562. Era filho de Thomas Godwin (1517-1590), último bispo de Bath and Wells, e Isabella (morte antes de 1584), filha de Nicholas Purefoy de Shalstone, Buckinghamshire. Seu pai, Thomas, segundo relato do neto Morgan, proveio de uma “most Loyall & Episcopall Family; My Grandfather & two Great-Grandfathers, being all three Bishops” (POOLE, 2009, p. 11). Durante a ascensão da rainha Maria, ele foi reconhecido como médico e acadêmico, mas ainda assim, perseguido pelas autoridades pelo seu protestantismo, chegando a ser forçado frequentemente a mudar seu domicílio ou se esconder.<sup>14</sup>

---

<sup>13</sup> “Storico, nato nel 1562 a Hannington (Northamptonshire), morto nell’aprile 1633 a Whitbourne. Nel gennaio 1587 divenne sotto-decano di Exeter, e nel 1596 si addottorò in teologia. Nel 1601 pubblicò un *Catalogue of the Bishops of England* e fu nominato vescovo di Llandaff da Elisabetta. Nel 1615 pubblicò *Rerum anglicarum, Henrico VIII, Eduardo VII et Maria regnantibus, Annales*. Per ricompensa fu trasferito al vescovato protestante di Hereford, che occupò fino alla morte. Egli era pure matematico e filosofo e in un trattato, pubblicato anonimo dopo la sua morte, *The mann in the Moone* dimostro, oltre che fervida immaginazione, considerevoli cognizione scientifiche.”

<sup>14</sup> Esta referência é dada por Poole que afirma a ter consultado na British Library MS Add. 46370, fol. 44r e p.13, n.2 adiante . Cf. Poole, 2009, p. 11.

Com a idade de 15 anos, Godwin foi enviado a Oxford, onde, em 1578, foi indicado para uma bolsa de estudos na Christ Church (igreja anglicana e faculdade em Oxford). Nela recebeu seu BA (“Bachelor of Arts”: título de graduado) em 23 de janeiro de 1581, e seu MA (“Master of Arts”: título de mestre), em 1584. Sua primeira nomeação eclesiástica ocorreu com o prebendário de St. Decumans, na catedral de Wells, em 1586. Ele foi admitido BD (“Bachelor of Divinity”: título de mestre concedido pelas universidades dedicadas ao estudo religioso) em 11 de fevereiro de 1594 e, pouco menos de dois anos mais tarde, em 30 de janeiro de 1596, obteve o título DD (“Doctor of Divinity”: título de doutor concedido pelas universidades dedicadas ao estudo religioso). Nesse mesmo ano, Godwin serviu como reitor de Sampford Dorcas, Somerset, cônego de Wells e sub-reitor de Exeter.

Em 1601, Godwin sucedeu William Morgan no pobre bispado de Llandaff - que lhe rendia menos de 150 libras por ano -, e manteve, certamente por esse baixo rendimento, ao mesmo tempo, alguns de seus cargos inferiores, como a sub-reitoria de Exeter e a nova reitoria de Shirenewton, Monmouthshire. Em 1617 ele foi transferido para a sé de Hereford, uma igreja maior e mais renomada, onde sucedeu a Robert Bennet, e permaneceu até sua morte, ocorrida no ano de 1633.

Em 1590, Godwin casou-se com a filha de John Wolton, bispo de Exeter, e o casal teve pelo menos seis filhos:<sup>15</sup> Thomas Godwin, vigário de Newland, Gloucestershire, Morgan Godwin, arqui-diácono de Shrewsbury, Charles Godwin, que recebeu um benefício eclesiástico em Monmouth, Paul Godwin, aprendiz de John Bill, poderoso tipógrafo londrino e impressor do rei Jaime I, e uma filha (de quem não é mencionado o nome), que se casou com John Hughes, arqui-diácono de Hereford.

Nada se sabe ou é mencionado com mais pormenor e completude sobre as relações sociais de Godwin, seus interesses ou contribuições, que possam dar ao leitor uma ideia melhor, ou mais apurada, do seu perfil biográfico. Através apenas de algumas informações soltas – certamente recolhidas pelos biógrafos, obedecendo ao critério de serem mais definidoras e marcantes do perfil do escritor -, conseguimos extrair dados mais importantes de sua biografia, conhecer seus interesses, o homem e clérigo que foi

---

<sup>15</sup> Os dados sobre o número de filhos de Godwin divergem entre os registros do DNB e Poole. O DNB informa que Francis Godwin teve apenas quatro filhos. Já Poole diz que Godwin tinha pelo menos seis filhos: “the couple had had at least six children” (POOLE, 2009, p. 15). Como a fonte de Poole é mais atualizada, optou-se por ela.

em seu tempo e, conseqüentemente, chegar mais próximos do entendimento de sua obra.

A primeira das informações soltas e mais pessoais do escritor é a de que, entre seus pares, Godwin foi um diocesano indiferente, emitindo artigos de visitação para Llandaff em 1603, mas se ausentando em pessoa das visitas que conduziu em Hereford em 1621 e 1627. Por outro lado, em contraposição à essa indiferença e certa esquivez de posturas mais práticas, é noticiado que ele foi um dos poucos prelados engajados ativamente na aplicação do *Book of Sports* (“Livro dos Esportes”, 1618), de Jaime I, documento que contrariou profundamente o conjunto de puritanos na Inglaterra.<sup>16</sup>

Ainda segundo a DNB, Godwin foi membro da Câmara dos Lordes, a “direita anglicana”, mas, apesar de estar sempre presente nas reuniões, pronunciou-se raramente e serviu em um pequeno número de comitês. É noticiado que, em abril de 1627, o bispo informou o lorde Keeper Coventry seu fracasso em apreender dois padres católicos, e tem sua carta pessoal não atendida pelo lorde.

No ano de 1625 é noticiado que Godwin recebeu uma acusação de nepotismo por ter nomeado seu filho, Thomas Godwin, para a chancelaria de Hereford. Dr. Thomas Ryves, advogado civil, reclamou a Carlos I, em uma petição de 22 de novembro de 1625, que Godwin havia conferido o escritório a Thomas, que não era versado em leis civis, violando os pré-requisitos oficiais, visto que um candidato àquele posto deveria possuir um título legal. A petição resultou na deposição de Thomas da chancelaria, mas, não trouxe nenhum outro tipo de consequência negativa para Godwin.

Como muitos estudantes educados em 1580 e 1590, Godwin adquiriu gosto pelos estudos de história e antiguidades. Tendo feito uma parceria com William Camden, amigo durante toda sua vida e padrinho de seu filho Thomas, em 1590 ele o acompanhou ao País de Gales na busca por antiguidades para a edição revista da *Britannia* (1610), obra ainda hoje elencada entre os clássicos de história inglesa. Em

---

<sup>16</sup> *Book of Sports* ou *Declaration of Sports* foi uma declaração que Jaime I emitiu em 1617 listando os esportes e recreações permitidos aos domingos e outros dias santos. Ela foi emitida inicialmente com a colaboração de Thomas Morton, bispo de Chester, apenas para Lancashire, para resolver uma disputa local entre puritanos e a “gentry” (muitos dos quais católicos). Em 1618, Jaime I a estendeu e transformou em um documento nacional. Por um lado, a declaração repreendeu puritanos, e foi emitido para neutralizar as crescentes chamadas dos puritanos para a abstinência rigorosa no sábado cristão. Por outro lado, condenou os católicos e outros que não frequentavam os cultos na sua paróquia, como um declaração específica de que apenas as pessoas que assistissem ao primeiro serviço divino tinham direito de participar de recreações depois. Cf. Govett, 1890.

1608, ainda nessa relação de parceria com Camden, deu a ele transcrições de escrituras anglo-saxãs. É dito que, embora nunca tenha sido um membro da *Elizabethan Society of Antiquaries* (Sociedade Elisabetana de Antiquários), Godwin associou-se aos seus membros, inclusive ao famoso colecionador de manuscritos Sir Robert Cotton.

Seu envolvimento com essas personalidades e seu gosto pela pesquisa, lhe renderão duas obras no âmbito da história, e lhe inspirarão os trabalhos de ficção. E será mais por essas obras, do que pelo ofício de bispo, que vai ser lembrado. Seus trabalhos publicados somam quatro obras: duas de cunho histórico e duas de cunho ficcional. As de cunho histórico são: *A catalogue of the bishops of England, since the first planting of Christian religion in this island, together with a briefe history of their lives and memorable actions, so neere as can be gathered out of antiquity* (1601), e *Rerum Anglicarum Henrico VIII. Edwardo VI et Maria regnantibus, annales nunc primum editi* (1616). As ficcionais: *Nuncius Inanimatus* (1629) e *The Man in the Moone* (1638), esta última, publicada postumamente. Dá-se notícia apenas de uma obra não publicada de Godwin, um catálogo dos bispos de Bath e Wells, datada de 1594.

Por fim, o que permanece da reunião das informações pessoais de Francis Godwin que mais sobressaem, são aquelas que especialmente auxiliam ou permitem traçar sua orientação política e religiosa. São elas: o conhecimento da sua participação na Câmara dos Lordes, de sua adoção do *Book of Sports*, a tentativa frustrada de expulsar clérigos católicos de sua diocese e, por fim, seu interesse por história. Fica-nos a sugestiva e certa impressão, a partir desses apontamentos, que Francis Godwin pertencia à ala mais conservadora anglicana e não era simpático aos católicos e puritanos no seu clericalato.

### **1.3. Obras**

Com exceção de *The Man in the Moone*, nenhuma das demais obras de Godwin recebeu estudo. O que se tem de informação das suas obras de caráter histórico são apenas os breves apontamentos da DNB. Já as informações sobre *Nuncius Inanimatus* são obtidas indireta e reduzidamente nos estudos sobre *The Man in the Moone*.

Como a intenção desta pesquisa não é um estudo do conjunto da obra de Godwin, mas fazer um estudo detalhado apenas de uma obra, *The Man in the Moone*, os comentários que serão feitos a seguir sobre essas obras serão breves e não muito detalhados, procurando apontar o que já se tem de evidência segura desses textos.

- *A catalogue of the bishops of England, since the first planting of Christian religion in this island, together with a briefe history of their lives and memorable actions, so neere as can be gathered out of antiquity (1601)*

Ainda de acordo com a DNB, entre os quatro trabalhos do bispo inglês, o *Catalogue* teria sido a sua obra mais importante. Seguindo a tradição dos primeiros acadêmicos elisabetanos, clérigos como Matthew Parker, Godwin intentou neste trabalho uma coleção completa de biografias de todos os bispos e arcebispos na Inglaterra. O livro, segundo a DNB, pode ser visto como uma tentativa da Igreja Anglicana em estabelecer sua história em face de ataques católicos e puritanos, como ainda também, uma tentativa pessoal de Godwin de restaurar a reputação geral dos prelados da igreja, em particular dos bispos da pré-Reforma, cujos nomes tinham sido manchados pelo tratamento severo dado por apologistas protestantes como John Foxe.<sup>17</sup>

Esta obra foi responsável pela nomeação de Godwin ao bispado de Llandaff, e a primeira edição foi dedicada a Thomas Sackville, lorde Buckhurst, o lorde do tesouro, de quem Godwin foi mais tarde capelão - e quem, indubitavelmente, intercedeu para sua nomeação. Em 1615, Godwin publicou uma edição revisada do trabalho, dedicada ao rei Jaime I, com muitos acréscimos, incluindo um discurso sobre a primeira conversão da Inglaterra ao cristianismo. Como muito dos seus contemporâneos, Godwin filiou-se à visão de que o cristianismo havia chegado primeiro à Grã-Bretanha com José de Arimateia e a conversão geral da Inglaterra se dado durante o governo do rei mítico Lucius; a posterior conversão feita por Agostinho de Cantuária, na qual se afirma que a

---

<sup>17</sup> John Foxe é autor do “Livro dos Mártires” (*Actes and Monuments*, 1563). Segundo Morton (1970, p. 171), esse livro foi o mais popular de sua época e conservou vivas as perseguições aos protestantes na época do reinado da rainha Maria I. Foi responsável por reforçar a aversão da burguesia inglesa contra as atividades dos jesuítas e as crueldades da Inquisição, ao compor uma imagem do catolicismo como sendo a origem de todos os males e o inimigo contra o qual a burguesia estava obrigada a empenhar-se numa luta de vida e de morte.

autoridade papal na Inglaterra sobre a Igreja há muito pausou, foi, por sua visão, mera reconversão.

Nessa edição expandida, saída em 1616, todo o trabalho foi traduzido para o latim a fim de ter audiência internacional, passando o livro a ter o título: *De praesulibus Anglicae commentarius: omnium episcoporum, necnon et cardinalium eiusdem gentis, nomina, tempora, seriem, atque actiones maxime memorabiles ad ultima antiquitate repetita complexus*. Essa realização deu a Godwin a promoção à sé mais rica de Hereford.

De acordo com a DNB, semelhante aos seus contemporâneos próximos, como Francis Bacon, Godwin estava entre os expoentes jacobinos que ideavam um projeto para uma nova história da Inglaterra, pois considerava os relatos do “pai da história inglesa”, Polydore Vergil, autor da *Anglica Historia* (1534), inadequados, saídos da pena de um estrangeiro (italiano) e papista.

- ***Rerum Anglicarum Henrico VIII. Edwardo VI et Maria regnantibus, annales nunc primum editi (1616)***

A segunda obra de caráter histórico de Godwin é publicada em 1616. Trata-se de uma história pessoal dos reinados dos Tudor: Henrique VIII, Eduardo VI e Maria. Não há ainda estudo dessa obra, e, portanto, não se sabe quais foram as considerações pessoais atribuídas à história desses reinados Tudor.

Em 1620, escrevendo para seu amigo William Camden, ele pediu a impressão da segunda parte do seu *Annales*, dedicada ao reinado de Elisabete I, o que vem a ocorrer pela iniciativa não de Camden, que logo falece em 1623, mas de Morgan Godwin, responsável também pela tradução em inglês que esta segunda edição do *Annales* recebeu; foi publicada em 1630. Morgan não só publica a passagem desejada pelo pai, mas o texto completo, como saíra na primeira edição de 1616.

- ***Nuncius Inanimatus (1629)***

Nesta obra, Godwin enumera vários exemplos de mecanismos de transmissão de conversas ou mensagens já usados outrora na humanidade, tais como a

fumaça, os animais e as sinalizações. Ele oferece a cada um dos meios de comunicação conhecidos um exemplo transcrito da história ou da ficção. Um dos exemplos que Godwin usa, e que, certamente, serviu de inspiração para *Man in the Moone* foi um descrito por Augerius Gislenius Busbequius/ Ogier de Busbecq (1522-1592),<sup>18</sup> nas suas *Cartas Turcas*. No trecho copiado, é descrito como um vigilante de um rei do Mediterrâneo comunicava a chegada de mercadores ou inimigos no condado. Durante o dia, eles conversavam através de fumaças, e à noite, pelo fogo aceso em uma alta montanha, e no espaço de poucas horas, e não muitos dias, notícias eram dadas ao rei, que respondia com a mesma rapidez e da mesma maneira do usada pelo vigilante.

Além de expor trechos exemplificando os antigos meios de comunicação - a maior parte deles, curiosamente, tendo em vista aplicações bélicas -, Godwin procura sugerir, por fim, em *Nunciarius* que exista um novo mecanismo que leve em conta a rapidez da comunicação, a sua privacidade e independência de objetos de sinalização.

- ***The Man in the Moone* (1638)**

A estória de *Man in the Moone*<sup>19</sup> é narrada em primeira pessoa, por Domingo Gonsales, que nos conta ser um espanhol de nobre linhagem, quem, após estudar para entrar na Igreja na Universidade de Salamanca, vai aos Países Baixos com o duque de Alba, servi-lo em uma guerra. Após passar um tempo nas guerras com Alba e também nobres franceses, ele retorna para Espanha com uma fortuna, casa-se com uma portuguesa, mata um português e é forçado a deixar o país na primeira nau de partida. Ele embarca em um navio que segue para as Índias Orientais e neste lugar aporta e angaria muitas pedras preciosas.

---

<sup>18</sup> Augerius Gislenius Busbequius (1522-1592) foi um escritor flamengo, fitoterapeuta e diplomata a serviço de três gerações de monarcas austríacos. Ele serviu como embaixador ao Império Otomano em Constantinopla e em 1581 publicou um livro sobre sua estadia lá, chamado *Itinera Constantinopolitanum et Amasianum*, republicado em 1595, sob o título de *Turcicae Epistolae* ou "Cartas Turcas". Essas cartas são um compêndio de correspondência pessoal ao seu amigo e companheiro, o diplomata húngaro, Nicholas Michault. Elas descrevem suas aventuras na política otomana, e passaram a ser uma das principais fontes primárias para os alunos da corte otomana do século XVI. Busbequius também escreveu sobre a vida vegetal e animal da Turquia. Como relata Forster (2005), Busbequius descobriu uma cópia quase completa do *Res Gestae Divi Augusti*, um relato da vida e realizações imperador romano Augusto, no *Monumentum Ancyranum* em Ancara, capital da Turquia. Ele identificou sua origem a partir de sua leitura de Suetônio e publicou uma cópia de partes dele nas suas *Cartas turcas*.

<sup>19</sup> Será apresentada com mais detalhe e analisada ao longo do trabalho. Aqui se faz apenas uma breve apresentação ao enredo.

Na viagem de retorno das Índias à Espanha, ao dobrar o Cabo da Boa Esperança, Domingo fica violentamente doente e a tripulação o deixa na ilha de Santa Helena com Diego, um assistente negro, para se restabelecer. Nesta ilha, enquanto sua saúde é recuperada, ele ocupa seu ócio testando sistemas de comunicação através de sinalizações, tais como luz, fumaça e também animais famintos; ele também treina uma espécie de pássaros exóticos (metade peixe metade pássaro) para transportar entre ele e Diego, mensagens e alimentos, e depois os testa para carregar um carneiro e ele mesmo.

Após passar dias na ilha, ele toma uma nau para Espanha, mas no meio do percurso sua frota encontra frotas inglesas e ocorre um embate bélico marítimo. No momento em que o navio onde estava espatifa-se, os pássaros, pelo instinto da natureza, voam para sobreviverem e salvam Gonsales. Em seguida, aterrissam na ilha de Tenerife, uma das Canárias. Nesta ilha depara-se com povos selvagens e logo decide fugir com os *Gansas*, que voam para o Pico das Neves, onde também depara-se com selvagens que o espanta e fazem os pássaros voarem para longe. Para surpresa de Gonsales, ele logo se percebe próximo ao espaço, em direção à lua.

Depois de um encontro com demônios perversos e um enxame de gafanhotos no espaço, ele aterrissa na lua e encontra uma comunidade ideal, de nome Simiri, onde os habitantes são em sua maioria gigantes e vivem em um paraíso. Os selenitas falam uma linguagem diferente, musical, se locomovem através de leques gigantes e possuem pedras e ervas com propriedades especiais. Durante uma determinada época do ano, com a iluminação do sol na lua, os habitantes de tamanho humano da região iluminada permanecem dormindo por 15 dias até o sol se pôr. Os selenitas prestam reverência ao nome de Jesus Cristo, mas não reconhecem santos. Possuem um sistema de governo onde há um monarca soberano que governa acima de 29 príncipes e estes sobre 24 outros. Há um soberano responsável pelos assuntos da religião, descrito como exatamente igual ao papa italiano. A palavra para designar “Deus” entre os selenitas é “Martin”, mas o nome serve não mais do que para nomear uma ilha na lua, Insula Martini, ou Ilha de Deus, onde se se for durante o dia, imediatamente cai-se em sono profundo.

Tendo permanecido na lua por três anos, Gonsales parte em direção à Terra e é conduzido pelos seus *Gansas* à China. Na China, os nativos acreditam que ele é mágico (dada o meio de transporte usado por ele) e exigem do superior local punições

severas a ele. No entanto, o governador local, chamado de Mandarim, não pune Gonsales, por ser um homem já atualizado com as invenções científicas. Com o Mandarim, Gonsales viaja à Pequim e nesta cidade conhece padre Pantoja e outros jesuítas. A estória se encerra com Gonsales na China em meio aos jesuítas.

Do breve comentário feito sobre as obras do escritor, nota-se seu interesse pela história, pela ciência (ou tecnologia, se adotarmos um termo moderno) e, sobretudo, seu trabalho no sentido de preservar a história do período Tudor e o status da Igreja Anglicana. Essas inclinações dos conteúdos das obras completam as características pessoais destacadas de sua biografia e reforçam a tese de que Francis Godwin estaria em trabalho, seja monasterial ou de escritor, à defesa da Igreja Anglicana e também interessado na ciência, sua evolução e futuros e possíveis benefícios práticos.



## 2. *The Man in the Moone*

### 2.1. Data de publicação e de composição

*The Man in the Moone* é publicada em 1638, pelo tipógrafo londrino John Norton,<sup>20</sup> e como dito no seu frontispício, para os livreiros Joshua Kirton e Thomas Warren.<sup>21</sup> Embora a data de publicação da obra seja certa, sua data de composição somente pode ser hipotetizada a partir das referências mais comprováveis do enredo, como são o ano de circulação de alguma das teorias astronômicas de Copérnico, Gilbert, Galileu, Ridley, Kepler e Bacon, e o ano em que a primeira versão dos relatos da missão jesuíta na China do padre Matteo Ricci foi publicada – pois que, como ainda veremos, os relatos de missão e as teorias astronômicas dos cientistas citados acima serviram incontestavelmente de base para algumas passagens do texto.

Em um cuidadoso estudo com a finalidade de propor uma data de composição para o opúsculo inglês, Grant McColley (1937b, p. 60) afirmou que a composição da ficção lunar teria ocorrido entre 1627-28. McColley inaugurou e usou o procedimento de traçar a data de composição por meio das obras dos astrônomos e cientistas, bem como os relatos do padre Matteo Ricci, a que as referências textuais aludem.<sup>22</sup> Segundo McColley (1937b, p. 53) as teorias astronômicas abordadas por Godwin são conhecidas das obras *De revolutionibus orbium coelestium* de Copérnico, datada de 1543, *The Magnete, Magneticisque Corporibus, et de Magno Magnete Tellure*, de William Gilbert, de 1600, *Siderius Nuncius* de Galileu Galilei, de 1610, *A short treatise of magneticall bodies and motions* de Marke Ridley, de 1613, *Somnium* de Kepler, escrita entre 1620-30 e *Sylva Sylvarum* de Francis Bacon, datada de 1626. Já as

---

<sup>20</sup> John Norton (1621-1645) foi um tipógrafo londrino. Em sua tipografia foi feita a impressão de obras de defensores da igreja estabelecida por Elisabete I, entre elas a *Miscellanea philo-theologica* (1637) de Henry Church e *The conspiracy* (1638) de Henry Killigrew, esta segunda, inclusive, no mesmo ano da impressão de *Man in the Moone*. Sobre John Norton, ver por exemplo Plomer, 1968, p. 138; e sobre as obras que saíram de sua tipografia, consultar *Library of Congress*. Disponível em: <http://id.loc.gov/authorities/names/nr98017177.html>. A referência de Norton é mais um dado que confirma o vínculo de Francis Godwin com a defesa do anglicanismo.

<sup>21</sup> Joshua Kirton e Thomas Warren foram livreiros e tipógrafos ingleses que dividiram sociedade na década de 1640. O registro de suas rubricas é escasso, noticiado apenas, além de na obra de Godwin, no livro *French Schoolmaster* (1641), de James Giffard. Cf. Plomer, 1968, p. 111-112; 189.

<sup>22</sup> Esse procedimento foi primeiro tomado por Lawton, no seu estudo pioneiro de *The Man in the Moone*, mas sem muitos detalhes como o trabalho de McColley. Os dois estão de acordo que a data de composição seja entre 1627-28. Para consultar essas informações no estudo de Lawton, ver páginas. 35-36; *op.cit.*

passagens do texto que mencionam a missão jesuíta na China derivam da obra *De Christiana expeditione apud Sinas suscepta ab Societate Jesu*, publicada em 1615 e de autoria de Nicholas Trigault, o responsável pela tradução em latim e primeira divulgação (feita nesta obra) dos relatos do padre e fundador das missões jesuítas na China, Matteo Ricci.<sup>23</sup> Logo, o que se nota, segundo observação do mesmo McColley, é que o corpo das obras de referência para Godwin não foram publicadas antes de 1610, e, como acrescenta, não estiveram em domínio público antes de 1620.<sup>24</sup> Além disso, a publicação de *Nuncius Inanimatus*, em 1629, na qual há abordagem do método de comunicação que Godwin também apresenta em *Man in the Moone* indicia que Godwin estaria pensando nesse assunto por volta de 1627-28, quando possivelmente teria composto *Nuncius* e, conseqüentemente, *Man in the Moone*.

A data de composição de *Man in the Moone* sugerida por McColley é aceita por nós não só pelas confiáveis associações entre a obra do bispo e as datas e obras dos cientistas e do padre italiano, textos fontes de influência para o opúsculo de viagem à lua, mas também por uma série de evidências históricas nesse sentido que a leitura que temos da obra nos oferece.

## 2.2. Definição do gênero literário

*The Man in the Moone* abriga mais de um gênero literário em seu enredo. Embora seja atitude unânime entre os críticos de Francis Godwin atribuir como gênero de *The Man in the Moone* a ficção científica,<sup>25</sup> a obra possui traços do romance picaresco, do relato de viagem e do gênero literário utópico. Estamos de acordo que todos eles representam a ficção de Godwin, mas o que mais consegue oferecer um conjunto de ferramentas para a análise mais rica e cuidadosa da obra é o gênero utópico. Portanto, trataremos de todos esses gêneros identificados na ficção e, finalmente,

---

<sup>23</sup> “Ricci died in 1610. The manuscript of his Diary was brought from Macao to Rome in 1614 by Father Nicola Trigault, who translated from Italian into Latin and published it in 1615, together with an account of Ricci’s death and burial. Ricci’s Diary, as presented by Trigault, is a narrative account of the China Mission from the first settlement at Macao in 1565 to the time of Ricci’s death” (GALLAGHER, 1953, p. xvii).

<sup>24</sup> McColley, 1937b, p. 52-53.

<sup>25</sup> Ver afirmações como essa em Frédérique Aït-Touati, 2011, p. 78; William Poole, 2009, p. xvi; William Empson, 1993, entre outros.

justificaremos a razão de *Man in the Moone* melhor se vincular às ficções literárias utópicas.

A abertura da história de Domingo Gonsales reúne uma sequência de humilhações vividas pelo personagem, as quais são narradas em um tom brincalhão e zombeteiro para apresentar as situações iniciais da estória. As suas aventuras pessoais na guerra, tal como o fato de conseguir matar um adversário mais alto e forte pela “boa sorte”, dá a impressão ao leitor de que ele está diante de um romance picaresco,<sup>26</sup> com o *unfortunate traveller*<sup>27</sup> ou o pequeno Lazarilo,<sup>28</sup> nas suas “fortunas e adversidades”. Todavia, a estória picaresca inicial toma outros rumos e perpassa outros gêneros narrativos que não permitem classificar *The Man in the Moone*, na sua totalidade, como apenas uma ficção picaresca. E o que fica desses primeiros relatos picarescos de Domingo Gonsales é a postura logo contraditória à sua nacionalidade espanhola, que depois deixará o leitor certo de que o personagem espanhol não é um afeiçoado à sua nacionalidade e a seus pares.

Já mais adiante, na ilha de Santa Helena, a narração das guerras e o tom picaresco é suspenso, e o leitor defronta-se com um relato típico de viajante: noticiando e descrevendo um lugar paradisíaco, rico em toda sorte de vegetação e animais; ele também se depara com uma espécie de diário de anotações de cientista, em que se pontua o passo a passo de um experimento científico. Ao deixar a ilha, Gonsales porta um maquinário sustentado por pássaros capaz de transportá-lo de um lugar a outro e a longas distâncias e que o leva ao espaço e finalmente à lua. A partir do momento que as viagens de Domingo Gonsales passam para o espaço, a estória ganha feição dos romances de ficção científica. Em *Simiri*, Gonsales conhece uma comunidade que faz uso de pedras mágicas com finalidades de iluminação, aquecimento e equilíbrio de peso. Também nesse lugar, ele “inventa” uma linguagem musical para exemplificar seu projeto para beneficiar a comunicação à longa distância e com maior privacidade. Tal

---

<sup>26</sup> Entre os estudiosos que destacaram essa característica do texto de Godwin, consultar: Merchant, 1955, p. 48; Poole, 2009, p. 26-28.

<sup>27</sup> “Unfortunate Traveller” foi uma expressão criada no âmbito dos romances picarescos, a partir do romance de Thomas Nashe, *The Unfortunate Traveller or the life of Jack Wilton* (1594), um expoente do romance picaresco inglês, cuja estória se passa no reinado de Henrique VIII.

<sup>28</sup> *La vida de Lazarillo de Tormes y de sus fortunas y adversidades* é um romance espanhol seminal do gênero picaresco. Foi publicado anonimamente em 1554, na Espanha, e certamente influenciou o de Thomas Nashe e as demais produções literárias no mesmo gênero que o seguiram. Lazarilo, o protagonista do romance, é quase um anão, como o protagonista-narrador de *The Man in the Moone*, Domingo Gonsales.

interesse pelos artefatos com fim predominantemente tecnológico é o que tem levado a unanimidade dos analistas da obra godwiniana a classificá-la como uma obra de ficção científica. No entanto, avaliaremos essa classificação e o risco de filiar *Man in the Moone* a apenas esse gênero.

### 2.2.1. *Man in the Moone* como ficção científica

De acordo com André Carneiro (1967), não existe uma definição completa e aceitável para o gênero da ficção científica, todavia, os enredos de ficção científica têm características muito próprias, que são para ele: a extrapolação de realidades reveladas pela ciência e a criação imaginada de um mundo futuro ou diferente. Roberto Causo incrementa essas características dizendo: “seus valores implícitos são o espírito aventureiro, a ciência e a tecnologia como as ferramentas para a chegada às estrelas, o confronto com o novo e com o radicalmente diferente, a valorização do conhecimento e do espírito científico” (CAUSO, 2003, p. 88). Paul Alkon (2002)<sup>29</sup> afirma ainda que os enredos combinam ações romanescas interessantes com visões realistas de futuras possibilidades sociais e tecnológicas. E Raul Fiker (1985) conclui que “a ciência deve estar de alguma forma presente numa narrativa desse tipo; e a narrativa pode ser efetivamente científica, pode ser imaginária ou pode ser simplesmente pseudo-científica, sem que isso tenha muita importância” (FIKER, 1985, p. 20).

Se aplicarmos essas definições do gênero da ficção científica à *The man in the Moone*, ela se encaixará em todos. A ficção godwiniana aborda a ciência, faz a criação de um mundo diferente; há a presença do espírito aventureiro, a ciência e a tecnologia proporcionando uma viagem à lua e há a valorização do espírito científico. A própria opção de Godwin por destacar à primeira vista sobre o aspecto social (a descrição pormenorizada da comunidade lunar) da ciência o seu aspecto tecnológico, já guarda em si um vínculo incontestável com as ficções científicas. Todavia, acreditamos ser limitada a definição de *The Man in the Moone* como uma ficção científica.

A grande maioria dos críticos que a classificam como pertencente ao gênero da *science fiction* consideram apenas esse elemento das possibilidades científicas e da citação das teorias astronômicas como primordial da obra; ignoram os eventos

---

<sup>29</sup> “The plots combining interesting novelistic action with realistic visions of future social and technological possibilities such as aerial warfare and underseas voyages” (ALKON, 2002, p. 3).

históricos e as datas sintomáticas do enredo, bem como todo o conjunto de referências que estão fora de *Simiri* e Santa Helena, isto é, os conflitos bélicos do início da narrativa, que envolvem as frotas espanholas contra as inglesas e, por fim, o episódio da China, que faz menção às missões jesuítas. Esses episódios, como procuraremos mostrar ao longo do trabalho, foram de grande importância para justificar muitos dos comentários irônicos do narrador-personagem Domingo Gonsales e ampliar o sentido da obra, que passa a ser não mais uma história a mais de viagem imaginária à lua e de exploração de possibilidades científicas para tanto, mas um grande debate dos rumos políticos do reinado Stuart e da Inglaterra no século XVII.

*Man in the Moone* encerra não só uma sátira aos puritanos e protestantes radicais, como problemas religiosos e econômicos do governo de Jaime I e os primeiros anos do Carlos I, com uma visão antecipadora da desordem que a união com a Espanha geraria. Nesse sentido, é profundamente uma ficção política, um texto que se propõe a um exame político de um período. Logo, destacar os seus elementos tecnológicos e científicos, esquecendo-se dos dados que envolvem a situação política inglesa, se é no mínimo não considerar todas as passagens do texto, é atribuir um sentido unívoco para ele, justificando-o como uma obra de valorização de ferramentas tecnológicas ou inovadoras para seu tempo. Portanto, não vemos como adequada a atribuição por excelência da ficção godwiniana ao gênero da ficção científica. Defenderemos que apesar de *Man in the Moone* poder se filiar a esse gênero e ele ser facilmente identificado no enredo, a ficção melhor se filia ao gênero utópico, sobretudo pelo seu interesse pela política e história inglesa.

### **2.2.2. *Man in the Moone* como pertencente ao gênero literário da utopia**

O gênero utópico foi fundado a partir da obra *Utopia* (1516) de Thomas Morus e caracteriza-se basicamente pela representação de uma comunidade ideal, descoberta acidentalmente, num lugar afastado da vigente sociedade. Em geral, este espaço constitui-se uma projeção ideal da atual sociedade, vista como em escombros.<sup>30</sup> O utopista não só é capaz de compreender a atual sociedade, como também de pensá-la outra, livre dos males que a vitimam. Desta forma, a sua obra contempla faces opostas

---

<sup>30</sup> Cf. Berriel, 2004, p. 6.

de uma mesma sociedade: a dos defeitos e a dos possíveis recursos para saná-los.<sup>31</sup> Logo, a utopia sempre será um “ensaio de ficção política” (DUBOIS, 2009, p. 23), que recorre à *projeção* de uma cidade ideal e inevitavelmente à consideração e reavaliação do seu momento histórico. A maneira escolhida para conceber a cidade ideal variará entre autores e épocas e dará origem a diferentes *utopismos*<sup>32</sup>, esses necessariamente condicionados pelo momento histórico do escritor; o que tornará, por exemplo, a utopia produzida no século XVI diferente da utopia escrita no século XVII.

Segundo Luigi Firpo (2008, p. 27), uma característica que será particular às utopias do século XVII e as distinguirá das demais, será a referência ao cientificismo, o que Sargent (2007, p. 111) descreve como uma maneira positiva de abordar a ciência. Em algumas obras, como a *New Atlantis* (1627) de Francis Bacon, a ciência chegará, inclusive, a ser o cerne indispensável para realizar e manter a sociedade ideal; na Bensalém baconiana todos são cientistas e cooperam na Casa de Salomão, laboratório de experiências que sustenta a qualidade de vida da população, impedindo qualquer falta ou infelicidade. Essa característica particular às utopias seicentistas justifica em parte, a presença das referências às teorias astronômicas e a presença de aparatos tecnológicos na ficção de Godwin.

Um pouco já herdeira do romance e dos relatos de viagens, as utopias do *Seicento* também procurarão diminuir e não dar foco preponderante apenas para as descrições do sistema de educação, político e social de suas cidades imaginárias, aumentarão de tamanho e levarão à cena maior número de aventuras, lugares imaginários, e por vezes, diálogos. Por causa da situação histórica dos países europeus no século XVII: o nascimento da aversão aos regimes absolutistas, as descobertas científicas no campo da astronomia e das demais ciências exatas, o rompimento em alguns países da Igreja e o Estado, as descobertas de países novos e culturas exóticas no

---

<sup>31</sup> Segundo Cosimo Quarta, a *Utopia* de Morus coloca lado a lado a *pars destruens* e a *pars construens*, isto é, ao lado da crítica, do negativismo à sociedade, apresenta também uma comunidade propositiva, projetual, utópica, que é muito mais importante e significativa. O gênero utópico também herdou essa divisão textual. Cf. Quarta, 2006, p. 35-53.

<sup>32</sup> Utopismo se difere do termo utopia. Lyman Sargent considera que toda projeção aleatória de uma sociedade boa é considerada utopismo. (cf. Sargent, 2005, p. 154-155). Já Raymond Trousson afirma que “utopismo” é um termo mais largo que o de “utopia”, englobando também as ciências, a economia, o urbanismo, a política, a história, a ficção científica, etc. (cf. Trousson, 2005, p. 127). Racault ainda diferencia o utopismo de antiutopia, que, por sua vez, também se difere de utopia. A antiutopia é a crítica à realização de qualquer utopia. Visto que nenhuma das utopias intenta realização, pelo menos imediatamente, “os grandes textos utópicos são ao mesmo tempo utopias e antiutopias” (RACAULT, 2009, p. 7).

Oriente, motivarão os escritores de utopias a levar para seus enredos o rebuliço dessas questões e satirizá-las, discuti-las, analisá-las, sempre desempenhando o exercício de estudiosos da situação política contemporânea às suas obras.

*The Man in the Moone* logo é vinculada ao gênero da utopia por Domingo Gonsales noticiar a descoberta de *Simiri*, uma sociedade ideal encontrada por meio de uma viagem imaginária accidental, que é erigida em um lugar distante da cidade real; que assume um sistema político capaz de viver por si; que dispensa os cargos burocráticos, salários, trabalhos de longas horas e fatigantes; e que conta com indivíduos virtuosos e bem educados com ações sempre coincidentes com o bem comum - todas essas características que compõem um coletivo de predicados típicos das narrativas que pertencem ao gênero utópico. Além disso, pode ser filiada às utopias do *Seicento* pelo cientificismo, já identificado, e também por seu enredo ter feições romanescas, repleto de peripécias e informações próximas da história, da política, da sátira de tipo menipeia,<sup>33</sup> com intenção de pôr em cheque a situação política inglesa, naquele período em transição da dinastia Tudor para Stuart.

Godwin não se ocupou em desenhar a melhor forma, ou uma forma melhor, para os âmbitos civis da política, economia e educação, como as primeiras utopias propunham – todos esses setores são ignorados pela abordagem do escritor. No lugar da descrição de um modelo ideal para essas instâncias civis, Godwin se ocupou, na sua comunidade imaginária ideal, com a sátira aos puritanos e demais protestantes radicais, presentes na classe popular de seu país; e fora de *Simiri*, no conjunto do enredo, ocupou-se com a análise da situação econômica, política e religiosa do governo dos dois primeiros Stuart, a fim de tentar assegurar a religião anglicana, a monarquia de tipo elisabetana e a Igreja aliada ao Estado. A comunidade ideal godwiniana é um verdadeiro espaço de defesa do anglicanismo, da defesa do regime de governo de Elisabete I e tentativa de atentar os reis Stuart sobre o perigo de aliança aos países católicos e

---

<sup>33</sup> Segundo Ana Cláudia Ribeiro, a sátira menipeia “guarda muitas semelhanças com as características do gênero literário utópico, pois que tem por principais características: o hibridismo formal, o conteúdo parodístico, a grande liberdade de invenção temática e filosófica, que se apresenta na presença do elemento inverossímil, a presença da ambigüidade e o ponto de vista distanciado de um espectador distanciado. Assim, em alguns momentos torna-se até difícil diferenciar a utopia da sátira menipeia” (RIBEIRO, 2009, p. 141). Ainda segundo Ana Cláudia, “a utopia participa da tradição menipeia, já que nela encontramos esses elementos” (idem).

inimizade aos puritanos e à classe popular agitadora de panfletos e rebeliões contra o rei, o sistema monárquico e o anglicanismo.

Na esteira de Francis Bacon, para quem a ciência é o elemento indispensável para realizar e manter uma sociedade ideal, Francis Godwin esforçar-se-á pela propaganda e propagação das novas teorias astronômicas de Galileu, Gilbert e Kepler, se demonstrará preocupado com a aplicação positiva da ciência para sanar ou pelo menos ajudar algumas das necessidades humanas e as necessidades políticas de seu país. Há a proposição de um mecanismo para aquecimento, iluminação e equilíbrio de peso para deslocamentos aéreos, além de um projeto telegráfico com finalidade de favorecer as empresas inglesas no âmbito da religião e das conquistas de território. Influenciado ainda pelos trabalhos missionários dos jesuítas na China, sobretudo aqueles iniciais desempenhados por Matteo Ricci e Diego de Pantoja, Godwin enxergará na aplicação e exploração da ciência um meio de fortalecer a causa protestante e propor o avanço do comércio inglês em áreas ainda pouco exploradas pelos europeus.

Segundo Fortunati (1996),<sup>34</sup> na utopia científica, a ciência deve modificar a qualidade de vida e transformar a estrutura social. Certamente a de Godwin que, procuraremos mostrar, se ocupou em sugerir a ciência como grande elemento para a diferenciação da Inglaterra na economia e na religião, poderia classificar-se como uma utopia científica, à maneira da utopia de Bacon, ainda que não igual a ela. Ainda que tenha compartilhado do interesse e da crença de Francis Bacon na valorização, propaganda e uso da ciência para progresso da sociedade inglesa e europeia, Godwin, muito provavelmente pela profissão de bispo, estava mais próximo dos interesses de Matteo Ricci, dos jesuítas, em aplicar a ciência para essencialmente fins religiosos e econômicos. Sem atingir, porém, os objetivos semelhantes ao de seu contemporâneo Tommaso Campanella, que igualmente, segundo Berriel (2008, p. 121) era avesso ao individualismo anárquico do protestantismo, mas um confirmador da fé aliada à razão e do cristianismo católico, Godwin, não imiscuía à religião a ciência, apenas acreditava que essa última levaria, se não ao progresso da primeira, à sua segurança.

Só mesmo uma leitura com o olhar voltado para a identificação e análise das passagens que fazem referência à história, que criticam ou satirizam católicos e

---

<sup>34</sup> “Il progresso scientifico, dopo aver risolto le esigenze di una società primarie, modificherà la qualità della vita, trasformerà le stesse strutture sociali” (FORTUNATI, 1996, p. 202).

puritanos, que procura o significado político dos nomes de personagens famosos como o de Diego de Pantoja ou mesmo da rainha Elisabete, e busca nas referências alegóricas um estudo mais aprofundado das situações e aventuras do personagem Domingo Gonsales, consegue apreender e dar sentido para o complexo e rico jogo de referências que Francis Godwin traz no texto. O gênero que oferece melhor todas essas ferramentas é o gênero literário utópico, e por essas razões apontadas, estamos de acordo que *Man in the Moone* é melhor filiado a ele; e assim, não só se constitui uma utopia, como também, dada a riqueza de seu conteúdo, pode ser elencado entre os grandes textos do gênero pertencentes ao *Seicento*.

### **2.3. Contexto histórico abordado no enredo**

A estória de *The Man in the Moone* se passa durante os anos de 1568 a 1601- período que cobre o reinado de Elisabete I na Inglaterra, isto é de 1558-1603. É construída sobre alguns dos mais decisivos eventos do reinado da rainha, os quais foram importantes para o estabelecimento e florescimento do protestantismo e do poderio econômico e político inglês no país e fora dele, sobretudo por meio de embates com a potência econômica e religiosa Espanha. Há menção da Revolta Holandesa ocorrida em 1569, na Holanda, episódio que os protestantes (apoiados por Elisabete) tentam erradicar o domínio católico e impor como religião dominante o protestantismo; também é mencionado o episódio da Invencível Armada (1588), quando as frotas de Elisabete vencem as de Felipe II da Espanha e põe fim na Espanha como cabeça da reação católica na Europa e monopolizadora das rotas oceânicas para o Novo Mundo, reforçando o poderio naval inglês a favor do seu iminente domínio comercial e, conseqüentemente, político do Novo Mundo.<sup>35</sup> Ainda, é mencionado o conflito religioso interno entre os defensores da igreja estabelecida, os puritanos, e a classe popular, marcado pelas revoltas desses últimos contra a Igreja Anglicana mais moderada e estabelecida por Elisabete, a qual não intencionava liquidar totalmente a hierarquia eclesiástica herdada dos católicos.

Todos esses eventos do reinado de Elisabete parecem não ser abordados por Godwin no enredo com intenção de discutir ou mesmo criticar alguma medida ou ação

---

<sup>35</sup> Cf. Trevelyan, 1973, p. 20.

da rainha Elisabete e/ou do seu reinado, mas parecem, e esse é um dos pontos de partida da argumentação desta dissertação, terem sido adotados pelo autor para atentar, criticar ou apontar para Jaime I e Carlos I, as vias arriscadas que estava assumindo no seu governo. O principal risco enfrentado pelos dois primeiros reis Stuart era o da aliança pró-Espanha e o não apoio às classes protestantes populares e puritana, na Inglaterra e fora dela. Ambas as medidas colocavam em risco iminente a perda da prosperidade inglesa em âmbito econômico e religioso.

A opção dos primeiros Stuart por ignorar as situações-chave de apoio aos protestantes e da contenção do triunfo católico na religião e nos mares - isto significava lutar contra a Espanha e não aliar-se a ela-, atingiria exatamente o ponto desestruturador que culminará anos depois na Guerra Civil de 1640. Essa parece ser a grande mensagem de Godwin aos Stuart: aliada à Espanha, a Inglaterra perderia o domínio inglês além-mar, dar-se-ia maior abertura à religião e ao poderio católico em território inglês e não só se perderia o apoio das classes protestantes profundamente interessadas nas atividades comerciais e no embate por mercados nas colônias espanholas ou regiões de interesse espanhol, como também as teria como adversária no país e fora dele. Assim, a estabilidade do governo Tudor, todas as medidas para proteção da religião anglicana, para seu florescimento enquanto ética religiosa e burguesa, para a não existência do triunfo católico – sobretudo conquistadas por Elisabete há pouco tempo-, seriam perdidas.

Francis Godwin, bispo anglicano a favor do anglicanismo de tipo elisabetano, provavelmente por convicção e por vontade de ter conservada sua própria classe e posição de bispo, igualmente como havia defendido o estatuto da religião protestante e alertado para o domínio católico em outros textos, em *Man in the Moone* procurará abordar essas mesmas questões, mas por meio da sátira e do texto literário, jogando com os adversários dos anglicanos (católicos, espanhóis e puritanos), a fim de atingir a atenção de Jaime e Carlos I. O resultado terá sido uma abordagem literária da situação política, econômica e social inglesa dos Tudor aos primeiros Stuart. Será uma espécie de grito abafado para a manutenção e defesa do anglicanismo de tipo elisabetano, e a economia equilibrada de tipo Tudor. Talvez uma tentativa de resgatar o reinado Stuart na sua luta para defender o regime monárquico, reorientando-o de forma

a não perder o apelo essencial à Igreja Anglicana e aos protestantes (puritanos ou plebeus).

### 2.3.1. Panorama histórico do período Tudor e primeiros anos Stuart



**Figura 1:** Fotocópia do mapa “A Inglaterra e seus Condados”. In: HILL, Christopher. *O mundo de Ponta-cabeça. Ideias radicais durante a Revolução inglesa de 1640.*

### 2.3.1.1. A monarquia Tudor, Henrique VIII e a Reforma Religiosa

A monarquia Tudor na Inglaterra, em última análise, agiu predominantemente no sentido de harmonizar a Inglaterra com a consolidação geral dos Estados centralizados que estava ocorrendo na Europa e fortalecê-la internamente através da estabilidade (financeira, religiosa e política) para lutar pela supremacia europeia, ao lado de países como França, Espanha e os estados alemães do sul - esses últimos, reunidos em torno dos Habsburgos. Nesse sentido, os Tudor sempre cuidaram para não impedir o desenvolvimento do comércio exterior, e conseqüentemente, deram livre curso para as classes mercantis da cidade e buscaram aliados no campo e na nobreza oferecendo-lhes certa liberdade de ação restrita para enriquecer, de forma a continuarem seus aliados e não se tornarem bastante fortes para querer o poder político.

No início do século XVI, século dos Tudor, quando a Inglaterra ainda estava em ascensão na corrida pela supremacia europeia, e não tinha o grande porte de domínios da França e Espanha, comumente adotou a política externa de preservação do equilíbrio do poder. Tal política consistia, segundo relato de Morton (1970, p. 150), na criação e manutenção de dois grupos mais ou menos equivalentes, no apoio dado a um e depois a outro, sem permitir jamais que qualquer dos lados tivesse certeza do apoio continuado dos ingleses. A partir de 1509, quando Henrique VIII subiu ao trono, a Inglaterra comumente apoiou a Espanha e esteve em guerra contra a França, entretanto. Todavia, depois da batalha de Pavia,<sup>36</sup> ocorrida em 1525, a Espanha tornou-se senhora da Itália e a situação europeia mudou. A Espanha, agora unida aos Habsburgos, dominou completamente a Europa e então se tornou claro que a Inglaterra, agora desnecessária, não teria participação nos destinos da vitória.

A outra face dessas guerras entre França e Espanha na Itália era em grande parte uma luta para controlar o papado católico, a essa altura, “uma organização

---

<sup>36</sup> A batalha de Pavia, ocorrida na manhã de 24 de fevereiro 1525, foi um evento decisivo da Guerra Italiana de 1521-1526. Um exército espanhol-imperial sob o comando de Charles de Lannoy (e trabalhando em conjunto com a guarnição de Pavia, comandada por Antonio de Leyva) atacou o exército francês, sob o comando pessoal de Francisco I de França, na grande reserva de caça de Mirabello, fora das muralhas da cidade. Na batalha de quatro horas, o exército francês foi rechaçado e derrotado. Os franceses sofreram baixas maciças, incluindo muitos dos principais nobres da França; o próprio Francisco I foi capturado pelas tropas espanholas e preso por Carlos V. Na ocasião, o rei espanhol obrigou Francisco I a assinar o Tratado de Madrid, que previa a entrega de território significativo para o seu captor. O resultado da batalha cimentou a ascendência espanhola-Habsburga na Itália. Sobre esse episódio, consultar por exemplo: Blockmans, 2002, p. 57.

centralizada, internacional, que conseguiu criar um monopólio altamente lucrativo da graça divina” (MORTON, 1970, p. 154). Tanto Carlos V da Espanha, quanto Francisco I da França receberam grandes somas por permitirem a venda de indulgências em seus domínios. Do mesmo modo, os Habsburgos necessitavam de apoio do papa para manter a hegemonia dos principados que compunham o Santo Império Romano. Assim, as grandes potências católicas nutriram a esperança de não mais apenas receber ajudas do papado, mas controlá-lo e explorá-lo para seus próprios interesses imperialistas. A posse da organização rica, centralizada e internacional católica, seria uma grande conquista política, resultando em monopólio de poder nos mares europeus.

Após a vitória da Espanha nas batalhas pelo papado, e sua condição de monopolizadora europeia do poder, Henrique VIII desistiu e se desiluiu de entrar nas guerras pelo controle dos católicos. Resolveu tentar ganhar os mares europeus agindo na contramão dos interesses das potências católicas pela Igreja; optou por libertar a Inglaterra do controle do papado e, claro, a partir de então, assumir de vez sua rivalidade às grandes potências católicas, sobretudo à Espanha. Tal ação de subtrair a Inglaterra do controle papal resultou no evento da Reforma Religiosa.<sup>37</sup> A Reforma propôs como ações de divórcio inicial da Inglaterra de Roma, o rompimento com Roma, envolvendo a suspensão de grandes rendas pagas aos papas, o confisco das propriedades

---

<sup>37</sup> De acordo com Morton (1970, p. 156-157), a Reforma Religiosa deflagrou-se por volta de 1526, quando Henrique estava ansioso para se divorciar da mulher, Catarina de Aragão, ou melhor, obter uma declaração papal de que seu casamento era nulo, desde que Catarina fora anteriormente esposa do irmão de Henrique, Arthur. Para esse divórcio havia duas excelentes razões políticas. Primeiro, Catarina era uma princesa espanhola e no século XVI os casamentos reais constituíam um método reconhecido de cimentar alianças entre os Estados. Num momento em que Henrique tinha em vista uma aliança com a França, esse casamento espanhol era altamente inconveniente. O segundo motivo era que Catarina não lhe dera um herdeiro varão nem parecia provável que lhe desse agora. Henrique recorreu ao papa Clemente VII para conseguir o divórcio e, em circunstâncias normais, este sem dúvida teria sido concedido. Mas em 1527, Roma acabava de ser saqueada por um exército de alemães e espanhóis e Clemente era praticamente um prisioneiro nas mãos do sobrinho de Catarina, Carlos V. O Papa contemporizou enquanto pôde, na esperança de encontrar uma solução conciliatória. Mas para Henrique esta era uma oportunidade de pôr à prova seu poder de coagir o papado. Quando verificou que isso era impossível, decidiu romper com Roma. Durante sete anos – de 1529 a 1536 – o Parlamento da Reforma se reuniu, aprovando sem oposição uma série de leis que separavam de Roma a Igreja da Inglaterra e colocavam-na sob controle do Estado. Os apelos ao papa foram proibidos. O rei tornou-se chefe da Igreja, com poderes ao mesmo tempo para designar seus principais funcionários e determinar sua doutrina. No que dizia respeito à Inglaterra, a Igreja não fazia mais parte de uma organização internacional, mas do aparelho do Estado e seu destino estava vinculado ao da Coroa. Um resultado paradoxal dessa mudança foi que, a partir de então, as figuras mais destacadas da Igreja desempenharam nos assuntos governamentais um papel menos proeminente do que anteriormente. A Igreja, que na Idade Média fora um poder independente, e em alguns aspectos igual ao Estado, ficou daí por diante subordinada e rigidamente confinada à sua própria esfera.

da Igreja na Inglaterra e a instauração dos dogmas teológicos protestantes, responsáveis por garantir uma religião em que a Igreja era subordinada ao Estado, seu sacerdote era o rei e o seu destino estava vinculado ao da Coroa.

O evento da Reforma foi uma estratégia hábil para Henrique não só enfraquecer a Igreja no âmbito inglês, como também enriquecer seu país e angariar aliados com a distribuição das terras monásticas. Henrique doou terras para os nobres, cortesãos, comerciantes e grupos de especuladores. Revendeu muito terreno aos proprietários menores e fazendeiros, formando assim uma nova classe de nobres influentes e outras classes inferiores interessadas na manutenção da Reforma. Muito cedo, no entanto, essas novas classes, basicamente a dos novos proprietários rurais e a dos comerciantes, compreenderam que a posse das suas terras só estaria garantida com a difusão do protestantismo e que seu poder poderia habilitá-los a assegurar a riqueza ainda considerável que continuava nas mãos da Igreja e, agora, do rei. Tal era a situação quando Henrique VIII morreu em 1547. O rompimento com Roma se consumara. O confisco de bens da Igreja estava parcialmente concluído. A revolução na doutrina apenas se iniciara. O setor protestante da população era ainda uma minoria definida, mas eloquente e influente apesar de pouco numerosa.

As ações reformadoras de Henrique VIII, entre elas: a manutenção de uma doutrina teológica nacional, a rivalidade à Espanha e ao catolicismo, e o investimento em desenvolvimento comercial no interior e exterior da Inglaterra, ficarão praticamente suspensas, como preocupações centrais, nos dois reinados conturbados que sucederão o seu, a saber, o reinado de Eduardo VI e o de Maria I, sendo retomadas somente mais tarde com o reinado de sua filha Elisabete I. Na época da rainha virgem, essas conquistas de Henrique serão avançadas, e por consequência disso, e também de alguns conflitos dos reinados antecessores, uma série de questões se definirá. Entre elas, ficará definitivamente certa a necessidade de rivalidade à Espanha para o desenvolvimento econômico da Inglaterra, o sucesso do investimento em comércio e fundação de colônias no exterior para a disputa pela soberania nos mares, a manutenção de uma religião nacional que atenda os interesses do Estado, e a manutenção, pela coroa, do equilíbrio na linha de força entre os adversários surgidos após os benefícios com as propriedades da Igreja, as vitórias em lutas no mar e os reinados de Eduardo VI e Maria,

isto é, entre uma burguesia ascendente representada pela nobreza (a direita protestante), a plebe comerciante inglesa e o restante de católicos.

Todas essas classes, já no início do governo de Elisabete, se verão aptas a lutar pelo poder político e disputá-lo contra a coroa inglesa, e apenas não o farão já, pela habilidade, até hoje aclamada, da rainha, de manter uma política que atendesse as diferentes classes e seus interesses. Enquanto Elisabete soube manter as classes adversárias em harmonia entre si e entre seu governo, bem como, manter todas orientadas no sentido de acabar com o poderio espanhol, a política inglesa foi bem sucedida, e a Inglaterra experimentou significativo desenvolvimento econômico. A partir do momento que a vontade das diferentes classes deixou de ser atendida pela monarquia e a Inglaterra adotou uma política de aliança à Espanha, o país entrou em conflitos internos de disputa pelo poder por cada uma das classes adversárias, perdeu a iminente soberania nos mares europeus e a possibilidade de fortificação da religião protestante fora de seu país.

Essas mudanças, um tanto quanto desastrosas para o país, ocorreram no reinado Stuart, logo após o término da dinastia Tudor, com o fim do governo de Elisabete I. A partir de Jaime I, o primeiro representante Stuart, toda a configuração da política inglesa mudou, culminando no grande *tournant* de 1640, em que a Inglaterra deixou de ser governada pela monarquia e esforçou-se por adotar o regime republicano, que, por ter sido assumido por classes aristocratas em essência (Oliver Cromwell e os puritanos), não proporcionou ao país o contato com um autêntico regime republicano, mas, contudo, abriu o espaço decisivo para o longo percurso até a instauração deste último - conseguido apenas na época da Revolução Industrial, no século XIX.

### **2.3.1.2. Os reinados de Eduardo VI, Maria I e Elisabete I**

Os reinados que sucederam o de Henrique VIII foram marcados, sobretudo, por imposições do protestantismo e do catolicismo através de meios radicais. O reinado imediatamente sucessor ao de Henrique, o de seu filho Eduardo (Eduardo VI), foi obra de um grupo de nobres protestantes que haviam lucrado com os despojos do confisco das terras da Igreja na época de Henrique e esperavam obter mais, assegurando o crescimento e posse de seus domínios através do controle político. O outro reinado

sucessor ao de Henrique, e imediatamente sucessor ao de Eduardo VI, o reinado de Maria I, consistiu em um governo católico, inicialmente visto como uma solução para os radicalismos protestantes do reinado anterior, mas, depois e definitivamente, permeado por alianças políticas com a Espanha, e conseqüentemente, ações inquisitoriais sanguinárias aos protestantes e falta de controle político em defesa da independência da Inglaterra frente a Espanha.

O reinado de Eduardo, apesar de levar o nome do filho de Henrique VIII (Eduardo VI), foi regido pelo Conselho de Regência, convocado por Henrique, em função da menoridade do filho. Os integrantes desse Conselho pertenciam, sobretudo, à nova nobreza henriquina. A figura principal era o tio do rei, Edward Seymour, posteriormente duque de Somerset, e, como ele, quase todos os seus membros mais ativos eram ardentes reformistas, beneficiados com os despojos da Igreja e esperançosos de obter mais. Por essa razão, sob o governo de Eduardo VI/Somerset, o partido protestante extremado ganhou espaço rapidamente. Um novo Livro de Orações foi publicado em 1549, cujo mérito principal era ser extremamente vago nas formulações, simples, o que permitia um alcance e adoção maiores de pessoas de todos os grupos. Os bens das chantrias e de outras entidades religiosas que haviam sido poupadas no reinado anterior (de Henrique VIII) foram confiscadas em proveito da Coroa e logo passaram às mãos dos Conselheiros e de seus partidários.

Logo, ao que fica evidente, Somerset e seus aliados reinaram preponderantemente a favor da causa protestante e ocupou-se exclusivamente dos interesses da nobreza dessa classe. O resultado (esperado) foi que Somerset angariou bastante descrédito perante outros membros da nobreza inglesa e também da classe popular e da classe católica do país, por fim, levando um de seus rivais, o duque de Northumberland, a deflagrar um golpe<sup>38</sup> contra ele e acabar com seu governo

---

<sup>38</sup> Dudley, o duque de Northumberland, aproveitou o descontentamento popular a que tinha chegado os reformadores e preparou um golpe de Estado, disfarçando sua conspiração em movimento para restaurar o catolicismo. Permaneceu em segundo plano e utilizou Southampton, Arundel e outros lordes católicos como seus instrumentos. Quando Somerset foi derrubado, Northumberland repudiou os testas-de-ferro e aliou-se ao grupo protestante extremado. Com eles planejou um ataque de rendimentos, ainda intocados, dos bispados. Para obterem êxito, todos esses planos dependiam da vida do rei, e logo se tornou evidente que Eduardo morria. O herdeiro seguinte era Maria, filha de Catarina de Aragão, católica e inimiga acirrada de Northumberland. Se ela vencesse, Northumberland estaria liquidado, de modo que ele preparou novo golpe. Casou o filho com Jane Gray, a neta de Henrique VII, e forçou o Conselho a declará-la herdeira legítima do trono. Quando Eduardo morreu, em julho de 1553, Northumberland proclamou Jane Gray rainha, em Londres. Maria refugiou-se em Norfolk e recebeu apoio de todo o país, uma vez que a maioria do povo era hostil a Northumberland ou à Reforma, ou a ambos. Os homens de

exclusivista, deixando espaço favorável para a implantação de uma regência protestante, ou que não governasse apenas a favor dessa classe, seguindo então, o reinado católico de Maria I.

Logo após a execução de Northumberland, Maria pôde assumir com facilidade o trono e encontrar inicialmente, entre um país contrariado com os protestantes radicais, terreno favorável à implantação do catolicismo. Mas, embora a conspiração de Northumberland tivesse desmoronado ao primeiro toque e Maria recebesse apoio para assumir o trono e torná-lo católico, a rainha era ainda uma refém nas mãos da classe dos proprietários rurais. Como afirma Morton,<sup>39</sup> no seu reinado católico, que aos poucos foi se tornando sanguinário, ela podia restaurar a missa e queimar tecelões heréticos, mas não podia forçar um único *squire* a devolver um só acre de terra da Igreja. Assim, mesmo implantando medidas radicais, ela teve que reinar ao lado de uma classe mercantil protestante forte e endinheirada, que não perdeu influência nem poder sobre seus bens diante das medidas fanáticas da rainha. Maria, finalmente, se mostrará tão radical quanto os seus antecessores protestantes e seus atos de fins de reinado serão erros tão crassos, que destruirão qualquer possibilidade mínima que pudesse haver de uma recepção amistosa, ou mesmo, de uma restauração do catolicismo na Inglaterra.

O primeiro dos erros de Maria foi o anúncio da sua intenção de casar-se com Filipe II da Espanha. Na situação europeia do momento, isso significava a subordinação total da Inglaterra à Espanha. Apesar de forte oposição, inclusive uma rebelião, reprimida sem muita dificuldade, o casamento se efetuou em 1554. Ainda como considera Morton,<sup>40</sup> a aliança matrimonial foi especialmente impopular como transgressão daquilo que começava a tornar-se um princípio constante, embora não formulado, da política externa inglesa, a saber, que o mais perigoso êmulo comercial deve ser também o principal inimigo político. O passo errado seguinte da rainha foi a reconciliação com Roma, que tomou a forma de uma “súplica” do Parlamento, solicitando perdão e a admissão de um legado papal. Reviveram as velhas leis para a

---

Northumberland recusaram-se a se oporem ao povo, e ele foi preso e levado a Londres para ser executado. Sobre a conspiração de Northumberland, ver, por exemplo: Morton, 1970, p. 160-161.

<sup>39</sup> *Op. cit.*, p. 161.

<sup>40</sup> *Op. cit.*, p. 162.

queima de hereges e foram feitos planos para execução dos mais destacados religiosos protestantes.

Em 1557, a conexão com a Espanha levou a uma guerra contra a França, na qual Calais foi perdida depois de permanecer nas mãos dos ingleses durante 300 anos. O empório de lã que dera importância a Calais estava então reduzido a pequenas proporções, mas suas perdas causaram profundo ressentimento, em especial, na classe mercantil, que se opunha terminantemente a qualquer aliança com a Espanha. Apenas o conhecimento de que Maria estava morrendo e as posteriores medidas da sucessora Elisabete, impediu um levante, que provavelmente, seria seguido de uma invasão da Inglaterra pelo exército espanhol.

Assim, quando Elisabete I assume o trono inglês em 1558, a Inglaterra estava praticamente prestes a ser invadida pela Espanha e a se tornar um reino espanhol. Sua situação interna era de conflitos entre católicos e protestantes e o país estava com a situação econômica estagnada desde a época de Henrique, também pendente ao domínio espanhol. Uma das primeiras medidas de Elisabete para restaurar a ordem interna na Inglaterra e então torná-la novamente apta a disputar monopólios no exterior, foi estabelecer um compromisso religioso que apaziguasse as facções religiosas oponentes, isto é basicamente, aquela burguesia protestante prejudicada pelo governo de Maria e os católicos fortalecidos no mesmo reinado.

Por nascimento, protestante, Elisabete procurou devolver à Inglaterra a religião nacional outrora implantada por seu pai, mas em função da conjuntura de seu reinado, optou por uma religião protestante mais moderada e consensual,<sup>41</sup> o que significou assegurar o domínio político e religioso protestante, sem excluir o governo de bispos, a hierarquia eclesiástica e alguns cerimoniais católicos, de forma a não propiciar conflitos a um reino inglês chegado de um reinado católico. Na organização, assim como na doutrina, a Igreja da Inglaterra pretendeu ser católica, ou seja, manter a tradição da Igreja universal, mas também “reformada”, isto é, ter abandonado numerosas práticas e crenças deturpadas introduzidas durante a Idade Média.

---

<sup>41</sup> Embora hoje alguns dos historiadores modernos, como Marshall (2012), neguem a caracterização que Neale (1950; 1953) faz de religião “moderada” ou “consensual” ao protestantismo proposto por Elisabete, afirmando, ao contrário, que ele pendeu forçadamente para o catolicismo, parece mais razoável sustentar a opinião de Neale de religião moderada, visto que considerar uma tendência mais católica das resoluções da rainha seria quase adotar uma visão puritana que se verá surgir no seu reinado.

Dois atos parlamentares, estabelecidos em 1559, definiram o caráter da igreja elisabetana, o Ato de Supremacia e o Ato de Uniformidade. O primeiro aboliu a jurisdição do papa e restaurou a Supremacia Real, isto é, a soberania do monarca inglês na Igreja e no Estado; o segundo reimpôs como culto oficial da igreja o segundo Livro de Orações que Somerset (no reinado de Eduardo VI) instaurara em 1552, com pequenas modificações para torná-lo menos protestante.<sup>42</sup> Até onde Elisabete pôde prever esse reestabelecimento moderado da reforma eduardiana seria precisamente um acordo, um ponto final posto às questões contenciosas, e certamente um benefício às classes protestantes plebeias e nobres. Contudo, as formas mais inflexíveis e democráticas de protestantismo foram evitadas, e novamente as classes populares ficaram em desvantagem, a nobreza protestante foi beneficiada, mas ficou pouco contente com a manutenção de alguns cerimoniais e práticas católicas, e já os católicos ficaram desejosos de mais espaço na organização elisabetana.

Elisabete, contudo, diante do inconformismo, manteve suas medidas e as aplicou como questões de ordem e obediência. De imediato, surgiram clérigos que se recusaram a cumprir as determinações, e Elisabete suspendeu-os. Sua atitude de suspensão rapidamente resultou no nascimento (ou definição) de facções dentro da Igreja Estabelecida, constituindo-se agora em um espaço de protestantes elisabetanos, puritanos e católicos.

Essencialmente, os puritanos<sup>43</sup> almejavam uma religião protestante menos tolerante e de forma alguma herdeira de rituais ou tradições católicas. Contrapuseram-se aos demais párocos que se satisfizeram com a doutrina, organização e cerimoniais da Igreja estabelecidos por Elisabete (anglicanos; protestantes elisabetanos). Nas cidades em que presidiam capelas, deram início a modelos alternativos de organização religiosa: enquanto o modelo elisabetano seguia a forma hierárquica medieval, com os bispos

---

<sup>42</sup> As modificações foram: descartar a “Black Rubric” que assegurava que o ajoelamento em cerimônias implicava adoração; descartar orações contra a ladainha do papa e a adição de uma rubrica para os cultos da manhã prescrevendo o uso de vestimentas tradicionais. Cf. Booty, 1976, p. 100.

<sup>43</sup> Na historiografia existiu por muito tempo a divisão “anglicanos” e “puritanos”. Os “anglicanos” se referiam aqueles a favor do regime elisabetano, e os “puritanos”, contrários às suas determinações. Divisões como essa se encontra em livros da década de 1950-60, como no de John New (1964, p. 2). Todavia, hoje já se provou equivocada essa divisão, visto que anglicano é um termo que era desconhecido para os protestantes a favor de Elisabete na sua época e, quando usado, corre o risco de referir-se aos adeptos da Igreja Anglicana em geral. Além do mais, como sugere Patrick Collinson, um dos mais renomados historiadores do período elisabetano, o termo “puritano” foi uma das tendências ideológicas contidas no amplo segmento religioso e que não se dissocia ou opõe completamente às ideias de Elisabete. Para essa discussão sobre terminologia, ver, por exemplo: Collinson, 1982, p. 20.

presidindo muitas dioceses centradas em uma única catedral, eles começaram a eleger seus próprios presbíteros, diáconos e ministros, iniciando um processo gradativo de divórcio da Igreja Anglicana.

Ao lado dos puritanos e católicos, por volta de 1588 e 1589, esse movimento de oposição à Igreja estabelecida aparecerá bem marcado também no cenário popular, com a circulação nas ruas de publicações clandestinas anti-episcopais: panfletos e textos que satirizavam a política e o governo da Igreja elisabetana – os denominados “Marprelate Tracts”.<sup>44</sup> No mesmo ano, as autoridades anglicanas encarregam secretamente alguns escritores para responder os panfletos pela mesma via satírica. Entre eles John Lyly, Thomas Nashe e Robert Greene. O resultado desses atos populares e das atitudes de divórcio cerimonial iniciadas pelos puritanos, se por um lado, a partir de 1590, angariou um número maior de adeptos para seu grupo, por outro, aumentou a reação anti-puritana dos membros da Igreja estabelecida.

Ao mesmo tempo a essas contendas religiosas, às tentativas de Elisabete de saná-las, ou pelo menos amenizá-las, a rainha deu continuidade aos investimentos na economia fora do país. No tempo de Elisabete, o acontecimento econômico mais significativo foi o investimento para a formação de colônias e mercados estrangeiros. Foi época dos primeiros povoados ingleses na América, que tinham primordialmente um objetivo político; visavam estabelecer bases para a luta contra a Espanha e para a extração de ouro e prata. Conseqüentemente, foi bastante significativo o nascimento e consolidação de certo número de companhias privilegiadas, cada qual empenhada na promoção do comércio numa área específica, tal qual a mais importante delas, a Companhia das Índias Orientais, a verdadeira fundadora do domínio britânico na Índia.

Teoricamente, a Inglaterra e a Espanha estavam em paz, mas o governo inglês partilhava da pilhagem realizada por corsários nas incursões espanholas e ainda lhes emprestava, às vezes, navios da Marinha Real. Quando finalmente, em 1572, Filipe exigiu que a esquadra espanhola do Canal da Mancha<sup>45</sup> fosse expulsa dos portos ingleses, foi dado a essa esquadra um prazo suficiente para reunir todas as suas forças e

---

<sup>44</sup> O nome “Mar-prelate” ou “Marprelate” foi dado em função do pseudônimo assumido por um puritano Martin Marprelate. Há uma edição anotada e moderna dos panfletos feita por Joseph Black (2008).

<sup>45</sup> O Canal da Mancha é um braço do Oceano Atlântico que separa o sul da Inglaterra do norte da França, e junta o Mar do Norte ao Atlântico. É cerca de 560 km (350 milhas) de comprimento e varia em largura de 240 quilômetros (150 milhas) no seu mais largo para 33,1 km (20,6 milhas) no Estreito de Dover. É o menor dos mares rasos ao redor do plataforma continental da Europa, cobrindo uma área de cerca de 75.000 km<sup>2</sup>. Cf. “English Channel”, *Encyclopædia Britannica*, 2007.

levar a cabo um súbito e bem sucedido ataque à cidade holandesa de Brill. A captura de Brill foi o sinal para um levante geral ao longo da costa da Holanda e para o reinício, nos Países Baixos, de uma guerra que os espanhóis julgavam terminada havia anos. Nessa guerra, os melhores generais e as melhores tropas da Europa não puderam sobrepujar a resistência dos burgueses e camponeses da Holanda enquanto estes conseguiram manter aberto um caminho marítimo pelo qual o comércio e a ajuda do exterior, inclusive inglesa, puderam chegar até eles.

Um observador superficial, olhando a Europa em 1570, não teria visto um rival possível para a Espanha, que controlava não somente a Itália meridional, Áustria, Hungria e Holanda, mas também um vasto império colonial. Mas no Canal da Mancha e no Mar do Norte,<sup>46</sup> com seu quartel-general em Dover (Inglaterra), onde era oficiosamente encorajada pelas autoridades inglesas, havia uma armada indefinível, em parte holandesa, em parte inglesa, com um punhado de huguenotes,<sup>47</sup> dominando os Estreitos e realizando incursões em todas as direções, contra os barcos espanhóis e franceses. Outros assaltantes zarpavam dos portos de Devon, da Cornualha e do reduto huguenote de La Rochelle, apresando navios marcantes espanhóis e até ameaçando as Índias Ocidentais.

Por outro lado, o casamento de Filipe II com Maria Tudor parecera por um momento prometer à Espanha aquele controle sobre a Inglaterra, condição necessária para o êxito dos planos espanhóis de um império mundial. O acidente da morte de Maria frustrara esses planos e, a princípio, Filipe teve esperança de recuperar o trono perdido, através de um segundo casamento com Elisabete. Enquanto pode, Elisabete deixou-o acreditar nessa possibilidade, embora ela e seus conselheiros fossem argutos demais para repetirem o erro de Maria I. Quando Filipe compreendeu que seu plano de casamento falhara, começou muito lenta e insidiosamente a tentar outros métodos: diplomacia, intriga e finalmente guerra.

Enquanto isso, na Inglaterra, Elisabete e seus ministros enfrentavam a situação criada pela chegada indesejável de Maria Stuart em 1568. Durante 18 anos

---

<sup>46</sup> O Mar do Norte é um mar marginal do Oceano Atlântico situado entre a Grã-Bretanha, Escandinávia, Alemanha, Holanda, Bélgica e França. Um mar na plataforma continental europeia, ele se conecta com o Oceano através do Canal da Mancha ao sul, e com o Mar da Noruega ao norte. É mais de 970 quilômetros (600 milhas) de comprimento e 580 km (360 milhas) de largura, com uma área de cerca de 750.000km<sup>2</sup>. Cf. "North Sea", *op.cit.*

<sup>47</sup> Protestantes franceses.

Maria foi o centro de toda uma série de conspirações, todas visando o assassinio de Elisabete. Assim como o governo inglês encorajava as atividades dos corsários contra os barcos e as cidades espanholas, o embaixador espanhol e os padres jesuítas, enviados em grande número para reconverter a Inglaterra, encorajavam essas maquinações. Elisabete encontrava-se, como ocorreu frequentemente durante seu reinado, numa situação em que qualquer rumo possível de ação estava cheio de perigos. Nem ela nem Cecil, seu principal ministro, acreditavam ser possível desafiar a Espanha num conflito declarado, embora tal conflito fosse inevitável mais cedo ou mais tarde. Enquanto Maria vivesse, haveria conspirações, uma das quais provavelmente teria êxito.

O assassinio de Elisabete provavelmente deflagraria uma guerra civil e daria a Filipe a oportunidade esperada. Por outro lado, enquanto Maria e Elisabete vivessem, a guerra era pouco provável. Filipe não estava ansioso por entrar em guerra para tornar Maria rainha, uma vez que ela era meio francesa pelo sangue e mais do que meio francesa nos pontos de vista, e provavelmente governaria a Inglaterra mais no interesse da França do que da Espanha. Além disso, enquanto houvesse uma possibilidade de remover Elisabete pelo assassinato, Filipe preferia esperar.

Os anos foram passando, com cada lado procurando uma oportunidade. Elisabete enviou aos holandeses, homens e dinheiro em quantidade suficiente para lhes manter a revolta acesa, mas insuficiente para comprometer a si mesma além do ponto em que lhe fosse possível recuar. Em 1584, Elisabete teve de enfrentar novo dilema. Guilherme de Orange, o líder da revolta na Holanda, foi assassinado e os holandeses enviaram embaixadores com a solicitação de que seu país fosse incorporado à Inglaterra. Concordar significava a guerra declarada. Recuar significava, com todas as probabilidades, que os holandeses se submeteriam à Espanha e a Inglaterra ficaria sem um aliado. Como sempre, Elisabete adiou uma resposta definitiva enquanto pode. Quando finalmente se decidiu pela recusa, enviou um contingente de “voluntários” mais forte do que qualquer outro anterior, sob o comando do seu favorito, o conde de Leicester, para assegurar a continuação da guerra. No outono do mesmo ano, Drake saqueou as Antilhas.<sup>48</sup>

À medida que a guerra se tornava mais inevitável, as razões para manter viva Maria Stuart se enfraqueciam. Walsingham, que representava o setor protestante

---

<sup>48</sup> Porção da América Central que se encontra dividida entre diversas ilhas. É composta, entre outros, pelos seguintes países: Bahamas, Cuba, Jamaica, Haiti, República Dominicana.

radical no Conselho de Elisabete, ao defender uma aliança de todas as forças protestantes na Europa, com a Inglaterra à frente, para a guerra declarada à Espanha, tratou de preparar uma armadilha para Maria, levando-a a acumpliciar-se com uma das conspirações para matar Elisabete. Como sempre, Welsingham tinha um espião entre os conspiradores e toda a correspondência deles com Maria lhe passava pelas mãos. Em setembro de 1586 já possuía todas as provas de que necessitava. A conspiração explodiu prematuramente, e em fevereiro de 1587, Maria foi decapitada.

Maria legou seus direitos ao trono inglês a Filipe, que tinha agora todas as razões para se lançar a uma guerra de que somente ele sairia beneficiado. Essa guerra foi empreendida, no entanto, em condições políticas menos favoráveis a Filipe do que se Maria ainda estivesse viva, pois enquanto grande número de católicos moderados estava disposto a lutar para colocar Maria no trono, somente pequena minoria influenciada pelos jesuítas tinha probabilidade de fazer a mesma coisa por Filipe. Outro motivo para guerra foi o persistente fracasso espanhol no esforço para subjugar a Holanda. O plano original fora realizar isso como prelúdio a um ataque contra a Inglaterra: tornara-se agora óbvio que a Holanda jamais seria conquistada enquanto recebesse ajuda inglesa.

O verão de 1587 foi empregado por Filipe na reunião e preparação de uma grande esquadra – a Armada – para a conquista da Inglaterra. O plano de campanha previa que a Armada avançasse pelo Canal da Mancha até Dunquerque, onde o duque de Parma, comandante espanhol da Holanda, reunira um exército. Esse exército devia ser transportado para o outro lado do Estreito a fim de desembarcar na foz do Tâmis. Era um plano excelente, baseado na presunção de que não havia probabilidade de resistência séria. A partida da Armada foi protelada por uma incursão em que Drake destruiu grande quantidade de navios e provisões em Cádiz, pela morte do seu comandante e pela qualidade inferior do equipamento, o que o forçou a ancorar em Corunna para se reequipar; mas, em fins de julho de 1588, a Armada havia alcançado águas da Inglaterra.

A derrota da Armada tem sido encarada frequentemente como algo semelhante a um milagre; na realidade teria sido um verdadeiro milagre se ela tivesse sido vitoriosa. Depois de uma batalha contínua cerca de 15 dias, a Armada foi empurrada do Canal acima, posta em debandada por brulotes em Calais e afungentada de Durquerque para o Mar do Norte, graças aos inovadores meios de utilizar o navio da

esquadra inglesa: usavam os navios como baterias flutuantes e seu objetivo era velejar mais rapidamente que o adversário e inutilizá-lo com o fogo da artilharia. O prejuízo causado foi limitado apenas pela escassez de munição na esquadra inglesa e, uma vez no Mar do Norte, a Armada não conseguia retornar ao Canal contra o vento, mas foi forçada a velejar em torno da Escócia e Irlanda, em cujas costas dezenas de navios se despedaçaram. Os ingleses não perderam mais de cem homens, mortos em toda a ação.

Depois de 1588 a ofensiva passou às mãos dos ingleses, que continuaram a fazer incursões nas cidades costeiras da Espanha e das Antilhas e a atacar os navios inimigos. Surgiram duas teorias estratégicas conflitantes. A primeira defendia a busca e destruição da frota de combate do inimigo, e a segunda, que prevaleceu de modo geral, pedia o saque das suas colônias e a interrupção de suas rotas comerciais. Esse método de guerra, seguido nos séculos XVII e XVIII, firmou os alicerces do Império Britânico numa série de guerras cuja carga foi lançada principalmente sobre os aliados continentais da Inglaterra. Em 1589 Corunna foi tomada e saqueada, mas uma tentativa feita contra Lisboa fracassou.

### **2.3.1.3. A Casa Stuart: o reinado de Jaime I e os primeiros anos de Carlos I**

Elisabete, como todos os Tudor, compreendia a importância do comércio e do apoio da classe mercantil numa época em que essa classe cogitava desafiar o poder da Coroa. Jaime I, vindo da Escócia, cuja indústria estava por desenvolver e onde o comércio externo era irrisório, num período em que os êxitos econômicos começavam a dar aos mercadores londrinos uma nova noção de sua importância política, afastou-os prontamente ao adotar um programa cauteloso e finalmente pró-espanhol. Jaime externava de quando em quando o ponto de vista de que todos os monarcas europeus deviam unir-se contra os perigos de “rebelião”: não tinha nenhuma vontade de ver a monarquia espanhola humilhada para maior glória do comércio inglês.

Em 1604, a guerra contra a Espanha terminou com um tratado de paz que foi criticado porque não assegurava especificamente o direito de comércio com as colônias espanholas. Embora fosse impopular, suas condições eram provavelmente as melhores que podiam ser obtidas e a alternativa, a continuação de guerra longa e incerta

teria sido onerosa e poucos resultados teria produzido. Após a morte de Cecil, a paz com a Espanha transformou-se em uma política de verdadeira aliança, que enfureceu os comerciantes e os protestantes em geral, e não trouxe vantagem compensadora. A armada entrou em decadência, os velhos navios foram postos encostados, sem serem substituídos por novos. Os mercadores queixavam-se dos ataques de piratas no Canal da Mancha.

Essa alteração da política externa levou a uma inversão total da situação interna. No reinado de Elisabete e até a época da Conspiração da Pólvora (1605),<sup>49</sup> os católicos estiveram em oposição ativa e frequentemente desleal à Coroa. Depois de 1605 houve um breve período de perseguição, principalmente dirigido contra a ala extremista ou jesuíta dos católicos. Mas com o estabelecimento das relações amistosas com a Espanha e, mais tarde, em consequência do casamento de Carlos I com a francesa Henriqueta Maria, os católicos gozaram um período de tolerância e mesmo de favor da Corte. Daí por diante tornaram-se os mais constantes e ativos sustentáculos da monarquia e o único setor numeroso da população em que os Stuart podiam sempre confiar.

Os puritanos, saídos das classes que haviam sido os principais sustentáculos dos Tudor, foram conseqüentemente levados à oposição a um regime que segundo a sua convicção – embora não de todo correta – trabalhava para restaurar o catolicismo na Inglaterra e que entraria certamente em conflito cada vez maior com seus interesses. Desse modo, a oposição à Coroa identificou-se com o patriotismo e a monarquia com o setor da população que, segundo a crença geral, estava coligado com inimigos estrangeiros. Com sua política externa, os Stuart abandonaram o que fora a principal fonte de força da Coroa: sua aliança com a classe historicamente mais progressista do país e seu divórcio com a classe atrasada e medieval que era a Espanha e o catolicismo.

---

<sup>49</sup> A Conspiração da Pólvora foi um evento em que um grupo de católicos, chefiados por Robert Catesby planejaram o assassinato do rei Jaime (e junto a ele, a maior parte da aristocracia protestante) durante a cerimônia de abertura do Parlamento no dia 5 de novembro de 1605. No dia anterior, a terra abaixo da casa dos lordes foi preenchida com 36 barris de pólvora, contendo 1800 libras de material explosivo. Como os conspiradores notaram que o ato poderia levar à morte de diversos inocentes e defensores da causa católica, enviaram avisos para que alguns deles mantivessem distância do parlamento no dia do ataque. Para infelicidade dos conspiradores, um dos avisos chegou aos ouvidos do rei, o qual ordenou uma revista no prédio do parlamento. Assim acabaram encontrando Guy Fawkes guardando a pólvora. Ele foi preso e torturado, revelando o nome dos outros conspiradores; foi condenado a morrer na forca, por traição e tentativa de assassinato. O evento ficou conhecido como Conspiração da Pólvora. Sobre ele, ver, por exemplo: Fraser, 2005.

Para os puritanos, Jaime I, educado na teologia calvinista e presbiteriana da Igreja escocesa, inicialmente pareceu uma promessa de mudança. Segundo Marshall (2012), as expectativas sobre ele aumentaram ainda mais quando, no ano seguinte que assumiu a regência (1604), convocou uma reunião na Hampton Court, com os bispos da Igreja estabelecida e os líderes puritanos. Para esses últimos, o encontro com rei os permitiria ser ouvidos e obter o apoio real. No entanto, Jaime I os decepcionou, pois, ao atender as observações que os puritanos fizeram de passagens da Bíblia que para eles estavam erroneamente escritas, encomendou uma nova tradução da Bíblia (conhecida mais tarde como a “versão autorizada de 1611”), mas, como afirma Daniell (2003, p. 439), com alterações a fim de espelhar a estrutura episcopal e sua defesa do clero. Além disso, a declaração da frase “no Bishop, no king” (MARSHALL, 2012, p. 136) na mesma reunião, por Jaime, deixou claro aos puritanos que ele defenderia o episcopado e não a facção de oponentes a essa classe. Jaime completou a série de desapontamentos aos puritanos quando, em 1615, emitiu a “Declaração dos Esportes” ou “Livro dos Esportes” (*Book of Sports* ou *Declaration of Sports*) documento que listou os esportes e recreações permitidos aos domingos e outros dias santos. O documento representou uma grande ofensa aos puritanos, pois, aos sábados, eles se resguardavam, sem praticar qualquer exercício, para cumprir o sabá.

O que se nota, portanto, em relação às medidas religiosas do governo Jaime I é mesmo o que afirma Collinson (1984, p. 194): quase nenhuma diferença em relação ao de Elisabete. Todavia, embora o rei ainda procurasse manter a estrutura religiosa com bispos, o formato da Igreja Anglicana elisabetana, nenhuma outra medida foi tomada para atender os puritanos. Elisabete mantinha os interesses equilibrados, favorecendo os puritanos e a classe mais popular mercantil, incentivando o comércio exterior. Entretanto, a negligência de Jaime ao comércio exterior e demais medidas opostas à estabilidade elisabetana do período anterior, contribuíram para o surgimento de uma antipatia nacional em relação a ele e ao seu governo, iniciando uma série de conflitos que estourariam no governo de seu filho e sucessor Carlos I, culminando, por fim, na deposição do regime monárquico pelo líder protestante Oliver Cromwell.

Ao assumir o trono em 1603, Jaime I, também rei da Escócia, traz consigo alguns nobres da casa real escocesa para compor o Conselho Privado - desde o reinado de Elisabete, formado apenas por Robert Cecil. Jaime inclui Henry Howard e mais

cinco nobres pró-católicos. A inclusão desses nobres, e católicos, desagradaram o Parlamento, composto em grande parte por protestantes. Além da inclusão dos nobres, outra ação desagradou os parlamentares: na última sessão do primeiro Parlamento, ocorrida em 1610, o conselheiro de Jaime, Salisbury, propôs o “Grande Contrato” que exigiu uma taxa anual do parlamento para livrar a coroa de dívidas. Somente uma parte do dinheiro que ele pediu foi votada e os Comuns passaram muito tempo discutindo a política interna e externa dos reis. Jaime ordenou-lhes que deixassem os assuntos de Estado ao rei e ao Conselho, os únicos qualificados para entendê-los. Mas o Parlamento respondeu afirmando o seu direito de debater livremente todos os assuntos, o resultado foi a dissolução do Parlamento em 1611.

De 1611 a 1621 foi convocado apenas um Parlamento, o “Parlamento Confuso” de 1614, necessário quando um descontrole ainda maior da finanças ocorreu após a morte de Salisbury (em 1612). Nesse Parlamento, os Comuns começaram imediatamente a criticar a política do governo e foi dissolvido antes de se tomar qualquer decisão. Durante esse período, Jaime tentou uma série de expedientes para equilibrar o orçamento. Estes incluíram empréstimos compulsórios, novos direitos alfandegários e a venda de títulos de nobreza. Enquanto houve paz essas fontes de receita foram apenas suficientes para evitar uma crise. Após a morte de Cecil, filho do principal ministro de Elisabete, em 1621, Jaime começou a cair cada vez mais sob influência e favores da Espanha e durante alguns anos o embaixador espanhol, Gondomar, foi a eminência parda do governo.

Em 1620, a Guerra dos Trinta Anos na Alemanha criou novas dificuldades. O Eleitor do Palatinado renano, um dos mais destacados príncipes protestantes e genro de Jaime, aceitara a coroa da Boêmia, cujo povo se revoltara contra o Imperador. O Eleitor foi prontamente expulso da Boêmia e do seu próprio Palatinado, apelando para o sogro. Jaime ansiava por ajudar e a cidade puritana de Londres ansiava pela guerra. Jaime, no entanto, preferiu reintegrar o genro nos seus domínios através de negociações com a Espanha, propondo um casamento espanhol para seu filho Carlos e a tolerância para os católicos ingleses em troca da evacuação de Renânia pelas tropas do imperador. Como considera Schama (2001, p. 59), essa política do acordo espanhol, como era chamada, também seria atraente para Jaime para evitar os custos adicionais de uma

guerra. A paz poderia ser mantida de forma eficaz, tanto mantendo as negociações em contínuo e postergado acordo, quanto o consumando.

Contudo, essas negociações só poderiam ter êxito se fossem apoiadas por uma demonstração de força e Jaime foi compelido a convocar um Parlamento em 1621. Solicitou 500 mil libras. O Parlamento votou cerca de 150 mil, exigiu a guerra contra a Espanha. Na sessão seguinte, Jaime pediu 900 mil libras e teve aprovação de apenas 70 mil, enquanto os Comuns atacavam abertamente o pretendido casamento espanhol. Sobre essas exigências, Willson (1963, p. 422) nos relata que Jaime respondeu o Parlamento exigindo que não interferissem em matéria de prerrogativa real ou eles correriam o risco de punição. Diante da ameaça, os parlamentares emitiram um comunicado protestando pelos seus direitos, incluindo a liberdade de expressão. Instigado pelo duque de Buckingham e o embaixador espanhol Gondomar, Jaime rasgou do livro de registro o protesto e dissolveu o Parlamento, novamente, em 1621.

Nessa época, o Conselho se encontrava inteiramente dominado por George Villiers, duque de Buckingham, cujas únicas qualidades para governar eram sua imensa vaidade e a atração pessoal que exercia sobre Jaime. Completamente ignorante da política europeia, não compreendeu que a Espanha dominava e não tinha intenção alguma de fazer qualquer concessão real. Quando entendeu isso, após uma visita a Madri, mudou repentinamente de atitude, orientando-se para uma política de guerra, sem levar em conta o fato de que a armada estava totalmente arruinada e de que não havia exército nem meio de criá-lo. Os Comuns estavam igualmente mal informados, e quando um novo Parlamento se reuniu, em 1624, manifestou-se entusiasticamente pela guerra e votou a elevada quantia de 300 mil libras. A guerra que se seguiu foi um fiasco e Buckingham logo perdeu a súbita e transitória popularidade. Exércitos miseráveis, constituídos de conscritos depredados, procedentes dos quarteirões mais pobres das cidades ou de desempregados da zona rural foram enviados ao exterior para serem aniquilados ou morrer de febre. Os navios decrepitos e mal aparelhados não conseguiram uma única vez reproduzir os feitos navais da geração anterior.

Não só por ter iniciado uma guerra sem aprovação unânime, mas por ter aumentado ainda mais o rivalismo espanhol, os Comuns deram início a procedimentos para o *impeachment* do duque. O desgosto contra Buckingham aumentou ainda mais quando Carlos, em 1627, decide voltar atrás no acordo para fornecer aos franceses

navios ingleses e, ao contrário de posicionar-se do lado dos franceses, opta por comandar uma frota, liderada por Buckingham, para defender os huguenotes de La Rochelle. De acordo com Gregg (1981, p. 173- 174), a tentativa de proteção aos huguenotes é fracassada e aumenta o ódio do povo e do Parlamento contra o duque. Em 23 de agosto de 1628, ele é assassinado. Embora a morte de Buckingham efetivamente pusesse fim à guerra contra a Espanha, não acabou com os conflitos entre Carlos e o Parlamento sobre tributação e questões religiosas - cada vez mais intensificados após 1625, ano da morte de Jaime.

O primeiro Parlamento do novo reinado (o de Carlos I), reunindo-se em junho de 1625, recusou-se a aprovar fundos para a guerra que ele mesmo exigira no ano anterior, a menos que Buckingham fosse afastado do comando. Em lugar dos impostos que não haviam sido aprovados, o governo impôs um empréstimo compulsório, recolhido sistematicamente como um subsídio regular. A Câmara dos Comuns limitou a sua autorização para a coleção real de tonelagem e poundage (duas variedades de direitos aduaneiros) para um período de um ano, a fim de que o Parlamento pudesse manter um controle sobre os gastos, forçando Carlos a buscar a renovação da concessão de cada ano. Os aliados de Carlos na Câmara dos Lordes, liderados pelo duque de Buckingham, recusaram-se a aprovar o projeto.

O empréstimo compulsório não teve êxito, e em 1628, Carlos foi forçado, pela terceira vez, a convocar um Parlamento. Este se reuniu num estado de espírito ainda mais inflexível do que os anteriores e com uma ideia mais nítida das exigências políticas que pretendia fazer. Sob a liderança de um *squire* da Cornualha, Sir John Eliot, os Comuns formularam prontamente suas exigências no documento conhecido como “Petição dos Direitos”. Esta evitou qualquer tentativa de formular teorias, atendo-se a pontos específicos. Um deles exigia que o costume de manter os presos na cadeia “sem serem acusados de algo pelo qual possam responder perante a lei” cessasse e que “nenhum homem de agora em diante seja compelido a fazer ou pagar qualquer donativo, empréstimo, contribuição, imposto ou ônus semelhante, sem consentimento comum através de Lei do Parlamento”.

A maioria das queixas contidas na Petição referia-se a coisas que a Coroa vinha fazendo havia muitas gerações sem encontrar reação. O importante foi que as queixas foram formuladas e os atos proibidos exatamente no momento em que a Coroa

se arrogava o privilégio de executá-los por direito absoluto e soberano. A Petição era de fato, senão na forma, uma resposta à tentativa do rei de fundar uma base teórica para um absolutismo concreto. O Parlamento foi então dissolvido e só voltou a se reunir onze anos depois. Eliot, juntamente com outros líderes, foi jogado no cárcere, onde morreu em 1632.

Após a dissolução do Parlamento as guerras com a França e a Espanha foram rapidamente encerradas e Carlos e seus conselheiros trataram de arquitetar um meio de conseguir receita suficiente para atender as despesas necessárias. De acordo com a resolução final aprovada pelos Comuns, os comerciantes londrinos a princípio se recusaram a pagar os direitos aduaneiros não autorizados. A crença no caráter sagrado da propriedade privada ganhava força a medida que a burguesia crescia no século XVI. Somente através de um ataque direto contra ela poderiam os Stuart criar o novo aparelho estatal necessários ao despotismo absoluto, e um ataque dessa espécie só poderia levar diretamente a uma decisiva batalha de classes. Este é o núcleo de todo o conflito e o motivo pelo qual os Stuart e seus Parلامentos estiveram sempre em atrito sobre o problema da tributação. A Coroa se arrogava o direito de lançar os impostos que julgasse necessários à administração do Estado. Os Comuns defendiam o direito de não pagar mais do que aquilo que consideravam necessário para o mesmo fim. Em essência era esta uma reivindicação de poder político direto, uma vez que na prática só estavam dispostos a conceder à Coroa o suficiente para governar da maneira que eles queriam e, se ela recusasse, a não lhe conceder coisa alguma.

Essa reivindicação de direitos e lutas pela conquista do poder e impedimento do absolutismo monárquico, se acentuou ainda mais com a política religiosa de Carlos. De acordo com Gregg (1981, p. 130- 131), o conflito com a política religiosa de Carlos se deu, sobretudo, pelo seu apoio a um grupo anti-calvinista e o seu líder eclesiástico, Richard Montagu, que estava em descrédito entre os puritanos. Em seu panfleto *A New Gag for an Old Goose* (1624) uma resposta para o panfleto católico *A New Gag for the new Gospel*, Montagu argumenta contra a predestinação calvinista, isto é com a doutrina de que a salvação e a condenação foram predestinadas por Deus. Os anti-calvinistas, conhecidos como Arminianos, acreditavam que os seres humanos poderiam influenciar o seu próprio destino, através do exercício do livre arbítrio. Para proteger Montagu da rivalidade dos membros puritanas do Parlamento, Carlos tornou o

clérigo um de seus capelães reais; a proteção contribuiu para aumentar as suspeitas de muitos puritanos de que Carlos favorecia o arminianismo como uma tentativa clandestina de ajudar o ressurgimento do catolicismo.

Segundo Cust (2005, p. 97), a simpatia de Carlos aos ensinamentos do Arminianismo, e especificamente o seu desejo de mudar a Igreja da Inglaterra abdicando de seus vínculos com calvinismo, atribuindo-lhe um sentido mais tradicional e sacramental, levantou suspeita nos puritanos sobre as tendências irreligiosas da coroa. Além do mais, a seus fracassos em defender os protestantes fora e seu vínculo com países católicos, culminariam no grande ódio puritano e sua decapitação no futuro.

O que se nota é que enquanto os Stuart lutavam para alcançar um objetivo claramente definido e tendo uma posição teórica plenamente desenvolvida, isto é, instaurar um regime absolutista monárquico, a burguesia guiava-se principalmente pelo instinto, tal qual análise de Morton (1970). Segundo ele, a clareza teórica só veio, se é que veio, no processo da luta, mas no princípio a burguesia contentou-se com vagas afirmações de liberdade do súdito e da cooperação de uma lei fundamental que se situava acima da Coroa, uma lei que não podia ser posta de lado sem violar a Constituição. Ninguém, em 1640, previa ou podia prever a monarquia parlamentar que emergiu finalmente dos compromissos de 1660 e 1688.

Nem se tornou evidente que uma pequena revolução havia sido feita quando o Longo Parlamento aboliu a Câmara Estrelada, o Tribunal da Alta Comissão e os outros tribunais privilegiados. A intenção era apenas destruir os órgãos que se tinham convertido em instrumentos de tirania monárquica. No entanto, o que se fez foi cortar a principal artéria do velho aparelho estatal. Coroa, Conselho, Tribunais Privilegiados, Justiça de Paz formavam uma cadeia viva. Agora o elo entre o órgão central e as extremidades fora removido e nem o Conselho nem os Juizes jamais readquiriram a mais leve sombra de uma antiga importância. Um novo aparelho estatal tinha de ser criado, não em torno de um Conselho responsável perante o rei, mas em torno de um Gabinete responsável perante a burguesia no Parlamento e tendo um novo e mais flexível sistema de finanças e governo local. Esse foi um dos objetivos da Guerra Civil de 1640.

### 2.3.1.4. Revisão dos acontecimentos desde os Tudor aos primeiros Stuart

Entre os acontecimentos políticos, econômicos e religiosos relatados nesse corte histórico que partiu do governo de Henrique VIII, cobriu o de Eduardo VI, Maria I e Elisabete, passou pelo de Jaime I e terminou nos cinco primeiros anos do governo de Carlos I, em geral, notamos que as contendas políticas estiveram muitas vezes justificadas nos conflitos religiosos e a opção religiosa passou a definir os interesses de classe e do regime político que ela esperava para o seu país.

Viu-se a ascensão da classe puritana, e da própria ética protestante, a maior realização da sociedade burguesa europeia no curso dos séculos XVI e XVII.<sup>50</sup> Os “homens sem senhor”<sup>51</sup> clamaram por seu espaço na disputa política-religiosa e também os católicos estiveram na disputa pelo poder político. Alguns eventos foram decisivos para o fortalecimento e o destaque dessas classes. Os investimentos em comércio exterior e a negligência de Jaime deram força à classe puritana; a Conspiração da Pólvora, não obstante seu insucesso deixou claro para os protestantes que os católicos locais tinham não só intenções de se reunir para depor o governador político, como também condições internas e externas para realização da proeza. E as desobediências em seguir os rituais religiosos anglicanos, observados pelos prelados nas Igrejas, mostravam que uma nova ala protestante popular estava apta a contestar os dogmas religiosos e fundar novos de acordo com seus interesses comunais e democráticos.

Puritanos, classes populares e católicos na Inglaterra, no início do século XVII, passaram a ser os maiores entraves do governo monárquico inglês e também os maiores obstáculos para a preponderância da Igreja Estabelecida e sua fortificação no exterior. Se, como atesta Marshall (2012, p. 141) em meio aos protestantes mais fervorosos, despontou a propaganda ao anti-catolicismo, espalhando a crença de que o real inimigo da Inglaterra eram os católicos, pois eram adversários do desenvolvimento do comércio inglês no exterior, entre os anglicanos elisabetanos, além da aversão às potências católicas, também se começou a espalhar as propagandas contra os puritanos e

---

<sup>50</sup> Conforme estudo de Weber (2004).

<sup>51</sup> Expressão cunhada por Christopher Hill, na obra *O mundo de ponta-cabeça: ideias radicais durante a Revolução de 1640*, para designar a classe popular de protestantes que também ganhava espaço no cenário das disputas religiosas. Eram eles desejosos de um protestantismo a favor da causa popular, e, portanto, desvinculado dos interesses dos anglicanos elisabetanos, puritanos e católicos.

as classes populares que estavam progressivamente pondo em risco o poder do anglicanismo no interior do país e toda a sua organização e intenção ao absolutismo monárquico. Foi em função dessa conjuntura que Francis Godwin, um escritor da ala direita da Igreja elisabetana, vislumbrou a necessidade de o governo Stuart seguir os passos da companhia de Jesus, mas sem aliar-se a ela. Como esse grupo da Igreja, Godwin igualmente defendia que somente uma política ativista de esforço missionário, combinado com apoio diplomático e militar das potências protestantes, poderia voltar a Inglaterra para a fé anglicana, e, conseqüentemente, o regime monárquico de tipo elisabetano.

#### **2.4. *Man in the Moone*: proteção da Igreja estabelecida, contenção do triunfo católico e do protestantismo radical**

A tradição dos leitores de Godwin sempre procurou ler as suas obras de viés historiográfico desvinculadas das suas obras de ficção literária. Também, essa mesma tradição considerou as atividades de bispo, historiador e ficcionista de Francis Godwin, como exercícios separados e sem ligação entre si. Entretanto, embora as obras de Godwin realmente pertençam a gêneros distintos, e suas funções também sejam desempenhos diferentes um dos outros, nosso estudo objetiva demonstrar que as suas obras guardaram semelhança entre si, e que as suas funções de bispo, historiador e ficcionista não foram exercidas tão isoladamente uma da outra: situações vividas ou debatidas em textos advindos de cada um desses cargos, no geral, trataram de questões semelhantes e tiveram afinidades em intenções.

Quando Godwin escreve seu *Catalogue* (1601), elencando a biografia de todos os bispos e arcebispos da Inglaterra desde a implantação do cristianismo no país, ele procura restaurar a reputação geral dos preladados anglicanos e estabelecer a história da Igreja Anglicana em face aos ataques católicos e puritanos.<sup>52</sup> Mais tarde, em 1616, ao publicar seus *Annales*, se empenhou em perpetuar a história dos Tudor. A mesma

---

<sup>52</sup> “Godwin’s most important work was his *A catalogue of the bishops of England, since the first planting of Christian religion in this island, together with a briefe history of their lifes and memorable actions, so neere as can be gathered out of antiquity*, published by George Bishop in 1601. [...] This book may be seen as another entry in the Church of England’s attempt to establish its history in the face of Catholic and puritan attacks, but it was also a personal attempt by Godwin to restore the general reputation of the church’s prelates, in particular pre-Reformation bishops whose names had been sullied in the harsher treatments by protestant apologist such as John Foxe” (WOOLF, 2004, p. 2).

preocupação com a reputação da igreja e com o protestantismo à maneira dos reis Tudor, será percebida em dois textos seus escritos na posição de bispo de Llandaff, uma carta e uma injunção – os quais foram fundamentais e muito responsáveis por levar nosso estudo a afirmar os interesses e as preocupações de Godwin já aludidos anteriormente.

Preocupado com a iminente perda de posição dos clérigos anglicanos para leigos,<sup>53</sup> e conseqüentemente, o desaparecimento da autoridade confiada aos bispos pela Igreja Anglicana estabelecida pelos Tudor, em uma carta a Jaime I, em 1609, Godwin reclama do crescimento da laicização e queixa-se de ser obrigado a apontar pregadores leigos para algumas curas em Llandaff. Nela, ele diz: “as minister will not accept thereof, as not being able to live by it” (GODWIN apud FINCHAM, 1994, p. 186).

Em uma injunção<sup>54</sup> escrita para a diocese de Llandaff, no ano de 1603, Godwin também demonstrará preocupação com a reputação da igreja anglicana e se incomodará com presença de clérigos que não seguiam as normas da igreja estabelecida. Notícia no documento alguns comportamentos que julgava ofensivos às leis eclesiásticas e defende a necessidade de punição. Pelo documento, nota-se que as infrações apontadas por Godwin são comportamentos característicos de membros internos da igreja e externos que não estavam mais interessados em seguir as normas da igreja estabelecida, e que, portanto, nesse período começavam a criticar, ou mesmo se opor, às normas estabelecidas, dando início à formação de grupos independentes e adversários dentro e fora da igreja – os grupos serão de puritanos, “homens sem senhor” e católicos romanos.<sup>55</sup> Nas injunções 10, 11 e 12 do documento, ele diz:

---

<sup>53</sup> Graças ao trabalho de Hill no sentido de contar a história da Revolução Inglesa de 1640 também pelo ponto de vista das classes populares, isto é, não justificar todo o evento como uma luta apenas entre duas classes de alto calão, que eram os puritanos e os anglicanos elisabetanos, hoje sabemos que, sobretudo a partir do governo de Elisabete, houve o despontar de uma classe plebeia “formada em meio a gente simples do povo, para imporem suas próprias soluções aos problemas de seu tempo, em oposição aos propósitos dos seus melhores, que os haviam chamado a ingressar na ação política” (HILL, 1991, p. 30). Esses grupos populares, com convicções religiosas distintas, transitariam entre opiniões religiosas radicais e iniciaram vários conflitos em sés no sentido de impor sua ideologia. Entre as alcunhas recebidas, essas pessoas foram chamadas de leigos e é a eles que Godwin possivelmente faz referência em sua carta ao rei.

<sup>54</sup> Uma injunção como essa era geralmente o resultado de uma visita episcopal a alguma diocese: elas são ordens designadas para reformar os abusos detectados no curso das visitas. Cf. Gruffydd, 1954, p. 14.

<sup>55</sup> Após a sucessão de Elisabete ao trono da rainha Maria I, dona de um reinado católico, foram vários os bispos católicos que se recusaram a seguir o protestantismo reestabelecido. Entre esses, estavam os que se submetem ao reestabelecido regime protestante de Elisabete sem abdicar completamente do catolicismo. Eles se diziam protestantes, mas nas celebrações religiosas e no dia-a-dia, se portavam como católicos, se nos hábitos religiosos (vestimentas, discursos, etc) ou manifestações de ideias. Quando descobertos pelos protestantes, foram chamados de “papistas anglicanos” ou “hermafroditas litúrgicos”.

10. Whereas many outrages are dayly committed against Preachers, & Ministers of Gods Word, not only in reprochfull and contemptuous speeches, but in laying violent hands vpon them: you are to admonish your parishioners from mee, that they take heede of offending in that kind of fault (which by to much lenity in those that ought to punish it, is growen intollerable) And if you know of any such, to signifie y same vunto mee.

11. Whereas many heinous offences are daily committed against the laws Ecclesiastical of his Maiesty, which being notoriously knowen in all the country, yet for feare, favour, or some other respect are never present in any of our Generals or Visitations: Let notize be given vnto your Wardens, Protors, and such other to whom it may appertaine, that if hereafter they be found negligent in their presentments, they shal assuredly find that punishment which by the law Ecclesiasticall is appointed vnto periured persons.

12. Moreover that the offences aboue specified may not escape vnpunished, to the great dishonor of God, & the increase of sinne: I shall pray you to intimate vnto mee the names of such of your neighbor-hood as are defamed for any of the saide Offences, with the quality of their crimes, that I may take order for the punishment of the same as appertaineth. (GODWIN, 1954, p. 19-20).

Na injunção 10, Godwin destaca o problema dos discursos desdenhosos e infames dirigidos contra os pregadores anglicanos (“ministers of Gods Word”) e pede aos prelados que denunciem a ele qualquer tipo de ofensa nesse sentido. Na injunção 11, ele afirma que muitos crimes estão sendo cometidos contra as leis eclesiásticas e afirma que podem não estar sendo denunciados, nem apontados pelos clérigos nos artigos de visitação, por causa de medo ou relações de favor. Novamente ele pede a denúncia e punição daqueles que estão sendo negligentes na sua representação. Por fim, na última injunção do documento, a de número 12, ele reforça a defesa de que as ofensas especificadas não devem escapar às punições, pois isso representaria uma grande desonra a Deus e geraria a propagação do pecado. Ele pede para que a declaração dos nomes dos ofensores seja apresentada seguida dos crimes, a fim de que possa aplicar a punição cabível a cada crime. No mesmo documento, há outras injunções nas quais Godwin aponta outros problemas. Na de número 6, por exemplo, ele denuncia

---

Cf. Marshall, 2012, p. 191. Por outro lado, também houve entre os protestantes, aqueles que esperavam que Elisabete, sucessora de um regime católico, impusesse um protestantismo mais radical, apoiado em leis severas e anticatólicas, esse grupo ficou conhecido como puritano. Os puritanos clamavam por mudanças na estrutura da igreja, pressupondo inclusive os cargos hierárquicos (tais como a centralização nos bispos), para eles sinônimos da igreja romana. Sobre esses grupos de opositores à igreja estabelecida consultar: New, 1954, p. 2; Collison, 1984, p. 194 e Marshall, 2012, p. 124-127. Mais adiante, falaremos mais detalhadamente dessas questões.

casamentos clandestinos feitos na diocese, e na injunção 3, Godwin queixa-se da escassez de sermões ocasionadas pelo pouco número de pregadores - a diocese contava com apenas 50 pregadores para servir 177 paróquias e 15 capelas.<sup>56</sup>

Como considera Gruffydd (1954), todos esses problemas apontados por Godwin, além de ser um resultado esperado de uma das tarefas de bispo (no caso, a redação de injunções para apontar os problemas de sua diocese), revelavam seu esforço de querer anunciar uma consequência mais geral e não limitada à sua diocese de que: se esses problemas fossem perpetuados, eles enfraqueceriam a autoridade da Igreja Anglicana e diminuiriam o status dela na estima do público. Segundo o mesmo Gruffydd, quando Godwin divulgou essas injunções, cerca de 380 católicos se recusaram a tomar as medidas ordenadas. Como nos informa, em muitas dioceses de Llandaff era ainda grande o número de católicos vindos do reinado da católica Maria I, por isso a ousadia da recusa. No entendimento de Godwin, a grande proporção de recusantes não só demonstrava a sua força em Llandaff, como também indiciava o perigo da sua multiplicação, e conseqüentemente, fortalecimento da religião católica, bem como, é plausível inferir ainda, o fortalecimento dos “homens sem senhor” que estavam já burlando as leis eclesiásticas, pregando com suas próprias leis religiosas e com força para enfrentar o clero anglicano estabelecido.

Logo, o que se identifica com o conhecimento do *Catalogue*, do *Annales*, da carta ao rei Jaime, e por fim, da injunção à diocese de Llandaff, é uma preocupação comum a Francis Godwin escritor e bispo: defender o status da Igreja Anglicana, de forma a afirmar sua estrutura tradicional (lembre-se da preocupação com a manutenção do clericalato ao invés dos leigos, na carta a Jaime I), assegurar seu status público (propósito das obras *Catalogue* e *Annales*, bem como das declarações das 12 injunções) e resguardar seu poder frente aos católicos e classe popular, obtendo-o através de denúncias de suas infiltrações (provadas pelas injunções citadas) e perigo do seu domínio sobre a igreja estabelecida (preocupação essa que, obviamente tocava também a questão econômica, que no interior e no exterior da Inglaterra estava constantemente

---

<sup>56</sup> Esse documento é outro exemplo característico que demonstra a postura contraventora do povo em relação à Igreja estabelecida, e é quase idêntico às passagens em que Hill comenta a postura do povo em relação ao clero anglicano e seu tribunal eclesiástico - confirmando que Godwin estaria enfrentando problemas e denunciando a plebe protestante. Segundo Hill, “o povo também se irritava com o rigor com que uns e outros eram citados aos tribunais eclesiásticos, por trabalharem em feriados ou se casarem sem licença, ou ainda por suspeitas infundadas de faltas contra a castidade. Muitas dessas acusações ocas faziam os funcionários desses tribunais só para esvaziarem as bolsas do povo” (HILL, 1991, p. 48).

em perigo pelo embate entre protestantes e católicos pelo comércio). Tais propósitos, ou preocupações de Godwin assinalam mais uma vez para sua afinidade à igreja estabelecida, na forma proposta por Henrique VIII - e continuada anos mais tarde pela sua filha Elisabete I -, como também sua inclinação anticatólica e contrária ao puritanismo e ao protestantismo mais revolucionário que circulava entre o grupo popular.

Quando nos voltamos para obra ficcional de Godwin, representada por *The Man in the Moone*, conseguimos identificar essas mesmas preocupações declaradas nos textos aludidos; há a preocupação com a manutenção do anglicanismo e, sobretudo, a alerta para o domínio religioso (e econômico), sempre iminente, das potências católicas e dos protestantes radicais, a resultar no triunfo do catolicismo ou protestantismo de tipo não elisabetano. No entanto, como característico de um texto de ficção, essas questões virão um tanto quanto veladas, no caso do texto godwiniano, passíveis de serem reconhecidas através de referências a episódios históricos, como os embates seculares entre Espanha e Inglaterra, os relatos de viagens à lugares significativos economicamente (como a Ilha de Santa Helena e a China), a forma de debates de assuntos astronômicos, a proposição de um inusitado meio de comunicação universal e as inúmeras alegorias de que Godwin se vale ao longo da narrativa.

A descrição pormenorizada de cada um desses elementos do enredo, bem como suas relações com essa defesa do anglicanismo e alerta ao catolicismo e ao protestantismo de tipo radical, se o puritanismo ou as ideologias das seitas populares, é apresentada a seguir.



### 3. Análise do enredo

#### 3.1. O encontro de Domingo Gonsales com o duque de Alba e a Revolta Holandesa

*Man in the Moone* se inicia com o narrador-personagem, Domingo Gonsales,<sup>57</sup> um espanhol, contando ter sido pretendido à Igreja e enviado às guerras nos Países Baixos com o duque de Alba, no ano de 1568:

É bem e suficientemente conhecido em todos os países da *Andaluzia*, que eu, *Domingo Gonsales*, nasci de linhagem nobre, e na renomada cidade de *Sevilha*, a saber, no ano 1552. Meu pai chamava-se *Servando Gonsales* (que era parente próximo por parte de mãe de *Dom Pedro Sanchez*, o respeitável conde de *Almenara*); quanto à minha mãe, era filha do reverendo e famoso advogado *Otho Perez de Sallaveda*, governador de *Barcelona* e *corregedor de Biscaia*. Sendo o mais jovem dos 17 filhos que tiveram, fui colocado na escola e pretendido por eles à Igreja. Todavia, nosso Senhor, com intenção de usar meus serviços em assunto de natureza e qualidade bem diversas, me estimulou a passar algum tempo nas guerras. Era o momento em que *Dom Fernando*, o nobre e terceiro duque *D'Alba*, fora enviado aos Países Baixos, a saber, no ano da Graça de 1568 (GODWIN, p. 126-127).<sup>58</sup>

Desde já notamos que o bispo Godwin se valeu de um personagem (sintomaticamente) espanhol, católico, envolvido nos embates pela repreensão do protestantismo e esforços para vitória do domínio católico. A referência à pretensão de Gonsales à Igreja nos informa que o personagem é católico e, em seguida, a referência ao seu envio a uma expedição aos Países Baixos, em 1568, ao lado do duque de Alba, nos conta que ele esteve envolvido com a repreensão do protestantismo, já que o duque

---

<sup>57</sup> Godwin escolheu para seu protagonista um nome espanhol comum, mas sua escolha pode ter sido influenciada pelo personagem histórico, Dominicus Gundissalinus, mais conhecido como Domingo Gundisalvo ou Gonsales (1110-1181), como considera McColley (1937). Gundissalinus é considerado o primeiro diretor a ser nomeado na famosa Escola de Tradutores de Toledo e, junto com os demais membros da escola, seria responsável pela tradução de obras em diferentes ciências, como astronomia, astrologia, álgebra, medicina e filosofia. Alberto Magno e Tomás de Aquino usaram as traduções dos tratados de Aristóteles feitas nessa escola, bem como Copérnico tomou conhecimento do *Almagesto* de Ptolomeu e das Tábuas Afonsinas (esquema para calcular a posição do Sol, da Lua e dos planetas de acordo com o sistema de Ptolomeu), textos basilares para posteriormente desenvolver seu sistema heliocêntrico, através das traduções de Toledo. Um dado particular ao trabalho de tradução de Gundissalvo, que será sempre mencionado nas suas notas biográficas, é sua ousadia de eliminar passagens e adicionar seus próprios comentários às obras originais. Gonsales, personagem de Godwin, terá a mesma iniciativa quando tratar de astronomia e, sobretudo, das ideias de Copérnico no seus relatos posteriores. Sobre Gundissalinus e a Escola de Tradutores de Toledo ver: Popkin, 1998, p. 232-233.

<sup>58</sup> Todas as citações de *The Man in the Moone* serão feitas a partir da tradução desta obra que se encontra na segunda parte deste trabalho.

de Alba, nesta data citada por Godwin, é encarregado de ir aos Países Baixos conter uma manifestação protestante.

Como relata Parker (1977), quando Filipe II sucede o pai Carlos V, em 1556, ele adota um governo mais rigoroso nos Países Baixos. Eleva taxas e repreende mais assiduamente o protestantismo. Na época que adotou essas medidas, os Países Baixos estavam passando por dificuldades econômicas e abrigando as rebeliões dos líderes calvinistas. De agosto a outubro de 1566, a "Tempestade das imagens" (em holandês, *beeldenstorm*) teve lugar na Holanda, durante a qual os seguidores protestantes calvinistas saquearam e destruíram uma série de mosteiros e igrejas, desfigurando ou destruindo imagens católicas. Para combater os rebeldes civis e religiosos, o rei Filipe II enviou o Duque de Alba para Bruxelas, em 22 de agosto de 1567, à frente de um exército poderoso.

À sua chegada, Alba substituiu Margarida de Parma, a irmã do rei espanhol, como chefe da jurisdição civil. Ele acreditava que a nobreza local estava apoiando os novos ensinamentos protestantes (calvinistas). Poucos dias depois, em 05 de setembro de 1567, Alba estabeleceu o "Conselho dos Transtornos", popularmente conhecido na Holanda como o "Tribunal do Sangue", para processar os responsáveis pelos motins de 1566. Alba também condenou a nobreza católica local, que favoreceu o diálogo e a intervenção externa. O tribunal agiu com rigor extraordinário e condenou os líderes à morte, juntamente com um grande grupo de outros "hereges". Os condenados foram executados em 05 de junho de 1568 na Praça do Município, em Bruxelas. Essas campanhas militares sangüinárias e a dura repressão dos rebeldes flamengos rendeu ao III Duque de Alba o apelido de "Duque de Ferro", na Holanda. No entanto, Alba ficou muito popular com as tropas espanholas, ganhando o seu respeito através da liderança militar e os discursos empolgantes. Embora as ações militares fossem constantes, a situação política em Flandres não melhorou. Após cinco anos de repressão, mais de três mil execuções e inúmeras reclamações ao tribunal espanhol, Filipe II decidiu mudar a política e aliviar o duque de Alba. O monarca enviou Luis de Requesens para substituir o duque. Requesens optou por usar métodos menos agressivos e dar mais concessões aos rebeldes. Alba retornou à Espanha em 1573.

Gonsales ainda completa a referência a esse episódio particular da revolta dos protestantes nos Países Baixos, contando que esteve ao lado de Alba exatamente no

momento em que o Príncipe de Orange intervém nos embates entre católicos e protestantes:

A primeira expedição de que participei foi contra o Príncipe de *Orange*, no momento em que o marechal, meu amigo supracitado, encontrou-o fazendo uma incursão na *França*, e, colocando-o em fuga, o perseguiu até os muros de *Cambrai*. (GODWIN, p. 130).

Ainda segundo Parker (1977), William, o Silente, o Príncipe de Orange, vai aos Países Baixos no momento em que se inicia uma rebelião contra as imposições do duque. A manutenção das tropas de Alba em Flandres implicou custos econômicos substanciais que o forçaram impor novos impostos sobre a população. Algumas cidades, incluindo Utrecht, recusaram-se a pagar o "dízimo" e declarou uma rebelião, que rapidamente se espalhou através dos Países Baixos. A rebelião levou à intervenção externa do Príncipe de Orange, que contou com a ajuda dos huguenotes franceses. William e os huguenotes defenderam muitas cidades holandesas pela força das armas, iniciando mais um embate entre católicos, espanhóis contra protestantes, mas, em 1572, os Tercios<sup>59</sup> realizaram a fúria espanhola em Mühlberg, retomando a cidade com uma força brutal. A partir daí, a Espanha reconquistou Zutphen, Alkmaar e Naarden (províncias dos Países Baixos). O cerco espanhol de Haarlem, caracterizado pela brutalidade e selvageria em ambos os lados, culminou com a rendição da cidade e para a execução de toda a guarnição.

Gonsales, o personagem espanhol, apesar de sua linhagem e sua participação nas missões de Alba de repreender o protestantismo nos Países Baixos, bem como seu interesse inicial na figura do duque, não demonstra muito interesse em orientar o seu relato na descrição das guerras e dos méritos de Alba. A sua postura é curiosa, e parece dialogar com as figuras políticas de Jaime I e Carlos I. Como Alba, os dois reis Stuart esforçaram-se por repreender o protestantismo, se posicionaram contra os espanhóis em alguns momentos (no caso de Alba, lembre-se sua postura de oposição à irmã do rei espanhol), mas por fim, como o duque, acabaram aliados aos espanhóis.

---

<sup>59</sup> Tropas espanholas da elite. Lutaram na batalha de Mühlberg. A batalha de Mühlberg foi uma grande batalha em Mühlberg no eleitorado da Saxônia em 1547, durante a Reforma Protestante. Os príncipes católicos do Sacro Império Romano, liderados pelo imperador Carlos V, derrotaram a Liga Luterana Schmalkaldic, dos príncipes protestantes, sob o comando de João Frederico I da Saxônia e Felipe I de Hesse. Sobre a batalha, ver: Blocksmans, 2002, p.83.

Domingo Gonsales termina sua referência à Alba, destacando principalmente as ofensas que o duque, um nobre francês e os membros das respectivas cortes faziam a ele, e o seu desejo imenso de afastar-se desses nobres e também das suas campanhas bélicas. Alba o humilha em função da sua pequena estatura, e o marechal francês, Cossey, inicialmente, não reconhece sua descendência nobre, provocando em Gonsales profunda antipatia pelas duas figuras e a referência constante a eles como patifes e mesquinhos.<sup>60</sup>

Essa postura inicial do narrador espanhol, desde já é uma referência ao fato de que teremos um espanhol zombando e/ou se opondo a atitudes e posicionamentos espanhóis, franceses, e, por extensão, católicos. O personagem será uma espécie de inglês disfarçado em espanhol em liberdade de sacanear, atentar ou mesmo cutucar seus pares (ingleses), sem ser reconhecido e sem entregar com muita exposição os criticados no seu discurso, como foi já, inicialmente, Jaime I e Carlos I na sua sinonímia com a figura de Alba. Tal opção por velar ou disfarçar em personagens e situações, os personagens e situações realmente tratados, provavelmente se deva a cada um, ou simultaneamente a todos estes fatores: ao receio de Godwin pela censura elisabetana, o medo da perda do cargo de bispo ou mesmo a escolha pela obediência aos recursos literários mais sutis.

Por fim, esse episódio inicial abordando a Revolta Holandesa e seus mais notáveis personagens, como Alba, William, o Silente (Príncipe de Orange) e os franceses, remete ao fato do interesse do escritor por acerrar os embates entre protestantes e católicos e mostrar sua contrariedade às medidas de apoio aos católicos e suas nações; em outras palavras, e de forma inferida, a oposição de Godwin às posturas e medidas pró-Espanha adotadas pelos dois primeiros reis Stuart nos seus reinados, bem como de destacar, ou deixar em evidência uma das revoltas financiadas pelos ingleses

---

<sup>60</sup> Referência à Alba: “[...] com o passar do tempo, passei a gozar de grande favor junto ao duque, que às vezes se excedia nas pilhérias que me fazia, mais do que eu podía suportar. Pois, embora deva reconhecer que minha estatura seja muito pequena, como a de nenhum homem que há vivo imagino inferior, na medida em que ela foi obra de Deus e não minha, ele não a deveria ter feito um meio de desonrar um cavalheiro perante a todos. [...] Bem, por mais que as pilhérias do duque me revirassem o estômago, me esforcei o melhor que pude para dissimular meu descontentamento, e, agindo assim, minha paciência foi acostumando-me também a suas outras extravagâncias. Assim ganhei seu favor (GODWIN, p. 131-132). Referência à Cossey e demais membros da corte espanhola e francesa: “Tão logo estava o dinheiro na minha bolsa, comeci a recuperar a aparência de minha nobreza, e oferecendo ao senhor Cossey a *besa los manos*, me dirigi imediatamente à corte do duque, onde estavam muitos dos meus, os quais (agora que viram minha bolsa cheia de boas coroas) estavam bem prontos para tomar conhecimento de mim” (GODWIN, p. 130-131).

no tempo de Elisabete que foi sinônima da manutenção da rivalidade aos espanhóis e também prova da capacidade, cada vez maior, dos ingleses expandir seus domínios e contar com aliados políticos.

### 3.2. Viagem às Índias e alusão à Companhia das Índias Orientais

Os relatos das aventuras de Domingo Gonsales após sua participação nas guerras dos Países Baixos continuam com ele de volta à sua casa na Espanha, casando-se com uma portuguesa e vivendo uma desavença com um português (Pedro Degaldes), a qual o obriga a deixar a Espanha e seguir na primeira nau que parte para fora do país, rumando às Índias Orientais. Nas Índias, ele provê seu estoque com joias e pedras preciosas<sup>61</sup> - as quais servirão posteriormente como presentes aos nobres dos lugares que visitará – e tem uma viagem com o fito de oferecer tempo para seus pares esquecerem as desavenças ocorridas entre ele e o português (Pedro Degaldes), e na qual aproveita para angariar fundos para seu estoque.

Esse relato da viagem às Índias e o júbilo pela atividade que dela resultou, isto é, a acumulação de joias e bens, faz forte alusão às atividades da Companhia das Índias Orientais, companhia inglesa empenhada na promoção do comércio não só na Índia como no oriente e que foi responsável pelo acúmulo e interesse nas joias e produtos do oriente. Como nos relata Morton (1970, p. 175), a Companhia das Índias Orientais foi a que teve vida longa maior nos mares, foi a verdadeira fundadora do domínio britânico na Índia e, desde o início, foi uma companhia de novo tipo, melhor adaptada ao comércio em grande escala e fazendo um uso mais flexível de seu capital,<sup>62</sup> em suma, um órgão imprescindível para a economia inglesa.

O nascimento e consolidação de certo número de companhias, como essa das Índias Orientais, foi o acontecimento econômico mais significativo do fim do

---

<sup>61</sup> “Nas Índias prosperei muito bem, provendo meu estoque com *joias*, na sua grande maioria, *diamantes*, *esmeraldas*, e a famosa pérola, com as quais obtive bom negócio, de modo que tendo meu estoque retornado a salvo para *Espanha* (assim ouvi dizer que foi), deve ter rendido dez por um” (GODWIN, p. 138).

<sup>62</sup> Ao contrário de organizações como os Aventureiros do Comércio, que consistia na associação de comerciantes que realizavam negócios em áreas iguais, operando cada um com seu capital próprio, obtendo seus próprios lucros e arcando com seus próprios prejuízos, a Companhia das Índias Orientais foi a primeira sociedade anônima importante, cujos membros investiam um capital determinado, que formava um fundo comum e era utilizado conjuntamente, e recebiam um quinhão proporcional do lucro comum. Sobre esse assunto ver: Morton, p. 175.

reinado Tudor, já que cada uma se destinava ao comércio em uma área específica e, em função disso, avultou o comércio inglês no exterior, abrindo espaços para futuros monopólios comerciais. As companhias exportavam tecidos e importavam seda, medicamentos e outros produtos orientais. A atividade da Companhia das Índias Orientais não se limitou à Índia, estendeu até a Pérsia, e mesmo até o Japão, onde a Companhia teve uma feitoria de 1613 a 1623. Contudo, a partir do governo de Jaime, as incursões da Companhia não mais foram financiadas e incentivadas tão assiduamente, como no reinado anterior, sendo bancadas e assumidas muitas vezes exclusivamente pelos mercadores. O programa de governo cauteloso e finalmente pró-espanhol de Jaime, impediu a glória do comércio inglês além-mar. Num momento em que os êxitos econômicos começavam a dar aos mercadores londrinos uma nova noção de sua importância política, Jaime opta por aliar-se ao adversário deles e a partir de então, dar início às inúmeras animosidades entre os mercadores, a classe puritana e seu governo.

O júbilo e a referência elogiosa aos mercados orientais feitos por Domingo Gonsales parecem intentar resgatar os benefícios e a importância das atividades comerciais nas Índias. O diálogo com Jaime I e Carlos I parece querer ser retomado pelo personagem, de forma a lembrá-los da importância da manutenção e investimento nas atividades comerciais das companhias, visto que além de favorecerem os tesouros reais, elas seriam uma forma de manter relações amistosas com a classe puritana e de mercadores londrinos, que despontavam nas suas investidas comerciais além-mar.

Tal foco na atividade econômica inglesa, que o relato de Gonsales assume marcadamente nessa passagem, colocando em evidência a política desastrosa de Jaime nesse sentido, continuará a ser abordada no próximo destino do personagem: a ilha de Santa Helena. Na viagem de volta à Espanha, ao dobrar o Cabo de Boa Esperança, ele fica gravemente doente, como seus companheiros de bordo, e, então, a tripulação resolve fazer uma parada para cura na arejada ilha de Santa Helena.

### 3.3. Ilha de Santa Helena

#### 3.3.1. Santa Helena: espaço para debate sobre colonização, exportação de lã e tráfico de negros

A ilha de Santa Helena está entre os espaços descritos mais detalhadamente entre todos aqueles que Domingo Gonsales perpassa na sua narrativa. Nela é abordado um grande número de questões ligadas à economia inglesa e à política inglesa de fins do governo de Elisabete e início do reinado Tudor. Igualmente em Santa Helena, Gonsales parece almejar advertir Jaime I e Carlos I sobre alguns das atividades comerciais negligenciadas em seus reinados por causa da aliança com a Espanha, e as desvantagens que tal aliança trazia (ou traria) para a economia e política inglesa.

A primeira das questões abordadas por Godwin na passagem de seu personagem pela ilha é a da colonização. Como já dito, porém faz-se necessário repetir, após a política de aliança com a Espanha, os reis Stuart, sobretudo Jaime I, estava deixando de incentivar colonizações em áreas de preponderante domínio católico, como a América e a África, para evitar contendas com os aliados. Todavia, como a Espanha tinha colônias espalhadas por todos esses dois continentes, se os ingleses não disputassem os territórios com os espanhóis, a corrida pela colonização americana e africana terminaria em hegemonia espanhola e enfraquecimento da economia inglesa no interior e exterior da Inglaterra.

Com uma passagem da obra em que o personagem Gonsales, com boa dosagem de ironia, e inconformado, se pergunta como ainda “nosso rei” não pensou em planificar uma colônia em Santa Helena: “Não posso senão ponderar como nosso rei, em sua sabedoria, não considerou apropriado fundar ali uma colônia e fortificá-la, sendo um lugar tão necessário para a revitalização de todos os viajantes em direção às *Índias*, visto que é dificilmente possível fazer uma viagem para lá sem abordá-la.” (GODWIN, p. 139), Gonsales/Godwin parece querer demonstrar a Jaime I como algo tão óbvio pode estar sendo desconsiderado por ele. O inconformismo do narrador e autor parece culminar na conclusão de que estava evidente que a Inglaterra deveria implantar colônias em territórios também tomados por espanhóis, como a ilha de Santa Helena, espaço descrito por Gonsales como adâmico e repleto de materiais ou condições básicos para manufaturas comerciais, como o clima agradável, a abundância nas espécies de

frutas, plantas e animais. A postura de Jaime I de evitar aniquilar a monarquia espanhola a favor do comércio inglês, não era admissível para os bons rumos da economia do país, estava deixando grandes paraísos para o comércio aos seus adversários mercantis.

Outra questão vinculada à economia inglesa e que também merecia ganhar mais exploração por parte dos Stuart em benefício do comércio inglês era o tráfico de negros e/ou a mão-de-obra negra. Na passagem de Domingo Gonsales por Santa Helena, ele parece mostrar o quanto a companhia e o auxílio de um negro ajudou-o a desenvolver suas atividades, e o quanto ele foi indispensável para o empreendimento de se transportar um carneiro (possível metáfora do comércio de lã) com o transporte de pássaros exóticos – uma sugestiva referência ao fato de que a mão-de-obra negra poderia favorecer a indústria de produção de lã, por exemplo.

No início do século XVII, como relata Morton (1970, p. 172), o tráfico de escravos ainda era exercido em pequena escala; somente após meados do mesmo século, a mão-de-obra negra começou a fornecer a base para as imensas fortunas produzidas pelas fazendas de açúcar e fumo. Entretanto, o direito de fornecer escravos às colônias da Espanha na América foi sempre um dos objetivos mais desejados pelos comerciantes ingleses. Durante algum tempo, o comércio com essas colônias foi considerado mais importante do que a colonização independente, dado o seu resultado oneroso. Logo, frente a todos esses benefícios que o tráfico e a mão-de-obra de negros poderiam oferecer para o comércio inglês, parece não ter sido aleatória a iniciativa de Godwin de colocar seu protagonista em companhia de Diego, um negro, a seu serviço, sintomaticamente na região africana de Santa Helena, então colônia espanhola.

Por fim, o comércio de lã, que foi rapidamente mencionado acima, é outro dado da economia inglesa referenciado na ficção<sup>63</sup> e que poderia estar entre os recursos comerciais a ser usados pelos Stuart, segundo concepção de Francis Godwin. Vem sutilmente aludido em uma passagem do texto que simultaneamente sugerimos pode estar fazendo referência à exportação de lã e também alertando para o perigo da Inglaterra estar sobre subserviência católica, espanhola ou francesa. A passagem é aquela em que Gonsales resolve domar alguns pássaros exóticos encontrados na ilha de Santa Helena a fim de que se tornassem capazes de carregar alimentos, cargas e,

---

<sup>63</sup> Aponto essa hipótese pela primeira vez no meu artigo “História das viagens à lua: um percurso e uma apresentação de ‘Man in the Moone’ de Francis Godwin”. In: *Remate de Males*. Campinas/UNICAMP, Vol. .32.2, 2012.

posteriormente, pessoas de um lugar a outro da ilha. A escolha por fazer a experiência de exportação de objetos mais pesados com um carneiro faz-nos considerar a hipótese de que a escolha desse animal estivesse aludindo à exportação de um dos produtos mais importantes do comércio inglês no século XVII: a lã. De acordo com Morton (1970, p. 138), nesse século, a principal exportação da Inglaterra era de tecido e os dois principais objetivos de exploração, de acordo com a teoria mercantilista, eram a obtenção de ouro e prata e a descoberta de novos mercados para os panos ingleses. Na atitude de negligenciar a descoberta de novos mercados e explorar colônias, Jaime I, bem como seu filho Carlos, poderiam mais uma vez estar sendo advertidos para a consideração de um elemento importante para a economia inglesa.

Esses pássaros que conduzirão o carneiro e, por fim, o próprio engenheiro Domingo Gonsales, oferecem outras imagens que sugerem curiosas e significativas alegorias. Passamos a tratar delas.

### **3.3.2. O paraíso terrestre e o significado alegórico dos animais metade peixe metade pássaro**

Santa Helena é descrita por Godwin como um espaço adâmico. Como afirma Knowlson (1968, p. 358): uma terra ainda mais idílica do que realmente é. Knowlson afirma que Godwin tomou licença por si mesmo de acrescentar mais animais e plantas do que os realmente existentes, a fim de conseguir essa imagem ideal.<sup>64</sup> Gonsales descreve a ilha de Santa Helena desta forma:

Está situada na latitude de 16 graus ao sul, e tem cerca de três léguas em abrangência, não tendo nenhuma terra firme ou continente a mais de 300 léguas, nem algo que se compare a uma *ilha* a 100 léguas da mesma; logo, parece ser um milagre da Natureza que de dentro de um oceano tão vasto e tempestuoso, tenha surgido e se revelado tal pequeno pedaço de terra. Ao lado sul, há um bom porto, e próximas a ele, diversas edificações construídas pelos *portugueses* para entreter os viajantes, entre as quais, uma bela capela embelezada elegantemente por uma torre, na qual se encontra um belo sino.

---

<sup>64</sup> “Most of the animals, birds, trees, fruit, and herbs that are mentioned by Cavendish, Barker, or Linschoten are also referred to by Godwin, but with additions that are not found in these or any other travel books I have examined. It seems in fact that Godwin allowed himself considerable license in his presentation of the island, which appears in his story as an even more idyllic land of plenty. But, though he clearly felt no obligation to maintain complete accuracy, he did portray the island much as it had appeared in the standard accounts of the time and it had been shown visually in contemporary maps and woodcuts” (KNOWLSON, 1968, p. 358).

Perto dessa habitação há um lindo riacho de excelente água fresca, muitos caminhos agradáveis feitos à mão, ladeados de ambos os lados por árvores frutíferas, especialmente laranjeiras, limoeiros, romãzeiras, amendoeiras, e similares, que dão frutas o ano todo, como também fazem as figueiras, videiras, pereiras (das quais há diversos tipos), palmeiras, coqueiros, oliveiras, ameixeiras. Ainda, vi por lá aquilo que nomeamos *damasqueiro*, mas poucos; quanto às macieiras, ousou dizer que não há nenhuma. Há uma grande quantidade de hortaliças, como salsa, repolho, alecrim, melões, abóboras, alface e similares; o milho parece crescer sozinho, em incrível abundância, assim como *trigo*, *ervilhas*, *cevada* e quase todo tipo de leguminosas. Mas, principalmente, ela abunda em *rebanhos* e *aves*, tais como *cabritos*, *porcos*, *ovelhas* e *cavalos*, *perdizes*, *galinhas* silvestres, *faisões*, pombos e *aves* selvagens mais do que se possa imaginar. Especialmente, é possível observar durante os meses de *fevereiro* e *março*, numerosos rebanhos de uma certa espécie de *cisnes* selvagens (dos quais terei razões para falar mais adiante), que, como nossos *cucos* e *rouxinóis*, em certa estação do ano, desaparecem e não podem ser mais vistos. (GODWIN, p. 140-142).

A opção pela descrição da ilha de forma “mais idílica do realmente é” é necessária, entre outras funções, para abrigar uma descoberta inusitada e ficcional que Gonsales faz na ilha – a qual se fosse apresentada na real ilha de Santa Helena, tornaria o enredo inverossímil. Domingo Gonsales se depara com uma espécie exótica de animais, que ele mesmo não consegue se decidir pela definição se de cisnes ou gansos. Em uma passagem, ele diz que os animais são “certa espécie de *cisnes* selvagens” (GODWIN, p. 142), mas prefere chamá-los até o fim da estória por “gansas”, palavra da língua espanhola que significa “gansos”. Em realidade, os animais com os quais Gonsales se deparará não são nem cisnes nem gansos, mas uma espécie de animal fictícia, que é metade peixe e metade pássaro, tendo garras em uma pata e pés de aves aquáticas na outra. Ele conta:

Junto à costa do mar, especialmente sobre a foz do nosso rio, encontrei grande quantidade de certa espécie de *cisne* selvagem (mencionada anteriormente) se alimentando quase todos juntos em cima da presa, e eram (o que é um pouco estranho) parcialmente *peixe*, parcialmente *pássaro*, tendo (o que não é menos estranho) uma pata com unhas afiadas, garras e presa, como uma *águia*, e a outra inteira como a de um cisne ou ave aquática. Como esses pássaros costumavam procriar-se em número infinito, apanhei cerca de 30 ou 40 jovens deles e os alimentei com as mãos, em parte para minha recreação, em parte também por ter em minha mente alguns rudimentos daquele dispositivo que depois coloquei em prática. (GODWIN, p. 146-147).

Esses animais exóticos, que Godwin adestrará para trocar mensagens e alimentos com seu companheiro de viagem Diego, e mais tarde o conduzirá à lua, mais

do que meramente um produto da imaginação do autor e/ou uma escolha aleatória e desprovida de sentido, defendemos, guardam um significado alegórico.

Se tivermos mantido em vista a abertura inicial do enredo, que trata da tentativa dos países católicos (França e Espanha), sobretudo a Espanha de Filipe II e Alba, erradicarem o protestantismo para impor a soberania católica (no domínio religioso e econômico), surgirá o sentido do desenho de um animal exótico parte peixe parte pássaro. Os animais encontrados por Gonsales, na sua parte pássaro - descrita como uma ave com garras de águias -, parecem remeter um dos brasões Habsburgos (figura 2, abaixo), no qual há duas águias com as garras à mostra; e na sua parte peixe, caracterizada, no entanto, com patas, e de animais aquáticos (em geral), parece afirmar o aspecto aquático, por extensão, sugerimos, marítimo, dos animais, de forma que essa metade pode aludir à Espanha, potência marítima naquele momento. Logo, a união das metades das aves exóticas, resulta na representação das duas potências católicas, França e Espanha, no seu modelo imperialista, o qual representou a casa Habsburgo.



**Figura 2:** *Coats of arms of an emperor of the Holy Roman Empire, 1605, Wappenbuch von Johann Siebmacher.* Brasão Habsburgo rodeado pelos brasões dos territórios dominados pelo império e centrado na mitra católica.

### 3.3.3. O significado alegórico cristão do cordeiro

Essas suposições sobre o sinônimo de cada metade das aves, além de partirem da crença de que não foi aleatória e sem propósitos a escolha do autor por um

animal exótico em uma narrativa que tem por abertura a menção aos embates entre católicos e protestantes, se completa, ou mesmo se afirma, em outra passagem que o autor menciona outro animal, agora não exótico, mas igualmente simbólico - que julgamos também não produto de uma escolha aleatória e destituída de sentido. Gonsales usa como cobaia para o primeiro transporte de cargas pesadas dos seus *Gansas*, um cordeiro.

Isso ocorrendo de acordo com minha esperança e anseio, fiz a prova depois, usando, entretanto, o apoio de 2 ou 3 pássaros a mais em um cordeiro, cuja felicidade eu muito invejei, pois ele deveria ser o primeiro ser vivo a tomar posse de tal dispositivo. (GODWIN, p. 150).

Na arte e na simbologia icônica cristã, o cordeiro é o representante do *Agnus Dei/Lamb of God* (Cordeiro de Deus), ou seja, Jesus Cristo identificado como o salvador da humanidade, ao ter sido sacrificado em resgate pelo pecado original. No Novo Testamento, no Evangelho de João, João Batista diz: “Eis o Cordeiro de Deus, Aquele que tira o pecado do mundo” (João, 1:29). O cordeiro, então, por ser um ícone de Jesus Cristo na iconografia cristã, pode ser estendido para o cristianismo, filosofia que carrega a mensagem de Cristo.

Logo, se unirmos a simbologia de cada animal (os *Gansas* mais o cordeiro) à passagem textual dos animais carregando o cordeiro, teremos a seguinte imagem: o cristianismo, sendo carregado pelas aves exóticas representantes das duas superpotências católicas, França (representada na metade pássaro com pata de águia) e Espanha (representada na metade peixe com pata aquática). O resultado da alegoria de Godwin, portanto, significaria: o cristianismo está sobre o domínio (sobre porte) católico. Tal resultado tem uma implicação de sentido que dialoga tanto com a religião quanto com a economia. Com o cristianismo em posse de países católicos, tem-se a supremacia religiosa católica e, por tabela, a supremacia econômica dos católicos (estando o cordeiro na sua simbologia cristã ou na sua simbologia do produto principal do mercado exterior inglês, a lã).

### **3.3.4. O significado alegórico de Gonsales na posição de cordeiro e mensageiro**

Em seguida à condução do cordeiro, Gonsales ocupa o lugar do *agnus* e é transportado pelos pássaros. O próprio Gonsales colocado na mesma posição do cordeiro indica que eles têm semelhanças de propósito e, portanto, ele também recebe o sentido icônico que João Batista atribui ao animal: “daquele que tira o pecado do mundo”. A sua apresentação inicial – exposta na capa do livro – de Domingo Gonsales como o “mensageiro veloz”, evidencia que Gonsales está em missão de mensageiro. E a referência ao fato de ser veloz tanto parece referir-se à urgência de revelar sua mensagem, quanto à capacidade do mecanismo desenvolvido com os pássaros poder ajudar a transmitir mensagens rapidamente ou capacitar o mensageiro a ser veloz – propriedades mecânico-científicas que serão analisadas a seguir.

No que diz respeito às mensagens a serem reveladas, a primeira, e até agora já possível de ser identificada pelas aventuras picarescas seguidas da simbologia dos animais e completada pelo ângulo de abordagem dos episódios históricos mencionados na ficção, é a de que o cristianismo está em possessão católica e os países católicos estão cada vez mais se esforçando para firmar-se como a religião e a economia de maior domínio e poder. Por inferência e ligando esse fato à história inglesa abordada por Godwin, tal fato é o mesmo que dizer: aliar-se aos católicos é perpetuar o cristianismo de tipo católico, liquidar o de tipo anglicano e não abrir espaço para o florescimento desta religião; o mesmo ocorre para a questão econômica: aliar-se ao time de países católicos significaria enriquecer a economia deles, o seu poder supremo nos mares mundiais, e anular a possibilidade de enriquecimento e vitória inglesa. O projeto de usar a religião e a economia para a garantia da soberania política esvair-se-ia.

### **3.3.5. O mecanismo “mecânico” de transmissão de mensagens**

A temática da transmissão de mensagens de forma veloz, à longa distância e através de métodos cada vez mais privados e independentes da troca física de um objeto que carrega a mensagem, será outra tópica da estadia de Gonsales na ilha de Santa Helena, outra finalidade dos *Gansas* – ou a finalidade primeira (acompanhada da

condução de cargas) e mais evidente deles, e, sobretudo, outro assunto de demorado interesse e preocupação do escritor e bispo Francis Godwin.

Em Santa Helena, Gonsales, inicialmente, treina uma perdiz e uma raposa para conduzir conversas entre ele e Diego através de bilhetes amarrados em seus pescoços. Deixa os animais famintos e educa-os a buscar alimento apenas na sua casa ou na caverna de Diego; quando desejava que levassem mensagens, os açoitava para realizar o trabalho. Depois, tendo descoberto os pássaros, resolve testar com eles um mecanismo que não envolvia açoite ou barulho para a troca de cargas. Ele adentra algumas das aves mais jovens do bando da espécie exótica para levar de uma ponta a outra da ilha, da sua casa, a casa de seu parceiro Diego, comidas e conversas, apenas através de um sinal.<sup>65</sup> Ele nos conta, através de um relato passo a passo de cientista, como primeiro adestrou os pássaros para serem convocados a vir de longe sem usar nenhum barulho, apenas a exposição de um tecido branco e, depois relata como, em seguida, experimentou atrelar pequenas cargas nos animais (como pães ou outro alimento leve) e usar o mesmo recurso de sinalização para testar se eles seriam aptos a realizar o mesmo percurso com cargas. Obtendo êxito em ambas as experiências, ele resolve evoluir o seu experimento; decide-se por fazer com que cerca de 30 pássaros fossem atrelados em um mecanismo que os permitiriam voar simultaneamente carregando uma carga mais pesada. Em um verdadeiro caderno de experimentos científicos, Gonsales conta como chegou ao mecanismo mais evoluído e que mecanismo é esse, de que é feito:

Como esses pássaros costumavam procriar-se em número infinito, apanhei cerca de 30 ou 40 jovens deles e os alimentei com as mãos, em parte para minha recreação, em parte também por ter em minha mente alguns rudimentos daquele dispositivo que depois coloquei em prática. Esses, sendo fortes e aptos a aguentar um voo longo, os ensinei primeiro a vir convocados de longe, sem fazer uso de barulho algum, mas apenas pela exposição de um tecido branco. E com certeza neles encontrei a verdade que é transmitida por Plutarco: como esses *animalia carnivora dociliora quam alterius cuiusuis generis*. Seria uma maravilha contar quais truques lhes ensinara naquela

---

<sup>65</sup> Essa ideia de adestrar pássaros para transportar cargas não é inédita. Uma das fontes de Godwin certamente foi Francis Bacon. Na sua obra *Sylva Sylvarum* de 1626, Bacon declara: “It is reported, that amongst the Leucadians, in ancient time, upon a superstition they did use to precipitate a man from a high Cliff into the sea, tying about him with strings, at some distances, many great fowls, and fixing unto his body divers feathers, spread, to break the fall. Certainly many birds of good wing, as kites, and the like, would bear up a good weight as they fly, and spreading of feathers thin and close, and in great breadth, will, likewise, bear up a great weight, being even laid, without tilting upon the sides” (BACON apud MONTAGU, 1842, p. 122).

época em que estavam no quarto de idade; entre outras coisas, eu os usei para, pouco a pouco, voar com cargas - no que encontrei-os aptos acima de toda confiança -, e os trouxe para aquela passagem de forma que um pano branco sendo disposto a eles, por *Diego*, sobre a encosta de uma colina, fazia com que carregassem, de mim até ele, pão, carne ou qualquer outra coisa que desejava enviar, e pela mesma convocação, retornassem para mim novamente.

Tendo assim prevalecido até aquele momento, comecei a projetar na minha cabeça como poderia fazer para atrelar uma quantidade deles juntos para o transporte de uma carga grande: o que se eu conseguisse levar a efeito, poderia capacitar um homem a voar e ser carregado no ar para qualquer lugar, com segurança e sem se machucar. Nessa cogitação tendo trabalhado muito minha inteligência, e feito alguma tentativa, descobri, por experiência, que se muitos fossem colocados para o transporte de uma carga grande, certamente não seria possível que todos eles se erguessem juntos em apenas um instante, o primeiro que se erguesse em suas asas, achando-se tolhido por um peso maior do que o que poderia mover ou deslocar, iria pouco a pouco ceder, como também o segundo, o terceiro e todo o resto. Eu criei (em consequência disso), por fim, um meio por que cada um deles pudesse erguer-se carregando apenas sua proporção de peso, e foi do seguinte modo.

Prendi sobre todos os meus *Gansas* uma pequena polia de cortiça, e colocando uma corda entre ela, com comprimento adequado, prendi uma de suas extremidades a um bloco de quase oito libras em peso. Na outra extremidade da corda, amarrei um prumo pesando cerca de duas libras, o que sendo feito, e fazendo sinal para que se erguessem, logo subiram todos (sendo quatro em quantidade) e carregaram meu bloco ao lugar apontado. Isso ocorrendo de acordo com minha esperança e anseio, fiz a prova depois, usando, entretanto, o apoio de 2 ou 3 pássaros a mais em um cordeiro, cuja felicidade eu muito invejei, pois ele deveria ser o primeiro ser vivo a tomar posse de tal dispositivo.

Por fim, após várias experiências, fui surpreendido com um grande desejo de fazer com que eu mesmo fosse carregado. *Diego*, meu mouro, estava igualmente tomado de semelhante desejo, e embora eu o amasse muito e necessitasse de sua ajuda, deveria lidar mal com essa sua afeição ambiciosa, já que contê-la, muito mais honra receberia, pois que considero muito mais honrado ter sido o primeiro homem voador, ao invés de ser outro *Netuno* que primeiro aventurou-se a velejar sobre o mar. Todavia, não parecendo tomar conhecimento do seu objetivo, apenas disse a ele (o que também tomo como verdadeiro) que todos os *Gansas* não tinham força suficiente para carregá-lo, sendo um homem, embora de estatura não grande, contudo, pelo menos duas vezes meu peso. Logo, após um tempo tendo provido todas as coisas necessárias, me posicionei com todos os meus apetrechos sobre o topo de uma rocha na foz do rio, e, me colocando em mar aberto sobre uma máquina (cuja descrição segue), ordenei *Diego* a prosseguir com seu sinal, por meio do qual meus pássaros logo se ergueram, em número de 25, e me carregaram mais que avidamente para a outra rocha, no outro lado, estando a cerca de um quarto de légua. (GODWIN, p. 147- 151).

Gonsales também menciona outro recurso usado por ele e *Diego* para comunicarem-se. Revela que, cansado da inconveniência de usar os animais famintos para realizar a transmissão de conversas entre ele e seu parceiro, e antes de descobrir a aptidão conjunta dos pássaros para carregar, inclusive, ele mesmo de um lugar a outro, decide usar duas das formas mais antigas de comunicação: a fumaça e a luz.

Se no período da noite eu quisesse comunicar-lhe algo, costumava lançar uma luz na torre ou no lugar onde ficava pendurado nosso sino; é um cômodo muito grande, contendo uma janela clara de vidro, e as paredes no interior, estando rebocadas, eram extremamente brancas, por esse motivo, embora a luz fosse pouca, reverberava intensamente, e o mesmo efeito teria sido obtido caso fosse preciso alcançar uma distância maior. Depois de deixar irradiar essa luz cerca de meia hora, costumava encobri-la, e em seguida, se eu visse novamente qualquer sinal de luz do meu companheiro no cabo, saberia que ele esperava pela minha notícia, que percebendo, através da exposição e omissão da minha luz de acordo com certa regra e acordo entre nós, lhe comunicava com facilidade tudo o que desejava. Do mesmo procedimento usava durante o dia para informá-lo sobre o que quisesse, algumas vezes através de fumaça, outras, através de vento, e outras, por uma forma mais refinada e eficaz. (GODWIN, p. 144-145).

Esses dois recursos de comunicação apresentados por Domingo Gonsales, a saber, o dos pássaros através da sinalização, e os da fumaça ou luz, intentam um mesmo fim: a transmissão de mensagens de forma veloz, à longa distância, através de métodos cada vez mais privados e independentes da troca física de um objeto que carrega a mensagem.<sup>66</sup> Embora Gonsales não obtivesse com suas experiências na ilha a transmissão de forma absolutamente privada e independente de um objeto, a evolução que persegue para o seu mecanismo (a troca do sinal pelo barulho, por exemplo) e logo mais, na lua, a descoberta de uma linguagem musical que encerra todos esses propósitos, parece confirmar que eram esses os seus objetivos.

É de se questionar por que razão Gonsales, no enredo, e Francis Godwin, com a ficção, estavam interessados em desenvolver esse mecanismo de comunicação. No enredo, Gonsales parece procurar traçar um histórico das formas de comunicação mais usadas e primitivas (e principalmente experimentá-las), tais como a fumaça, a luz e o uso de animais açotados, com o objetivo de ressaltar a maior eficiência e celeridade do mecanismo de comunicação que desenvolveu através do uso de pássaros. Logo mais, na lua, com a descoberta da linguagem musical lunar, na qual veremos estarem encerrados todos os objetivos que Gonsales almejava para o seu projeto de comunicação (a velocidade, a privacidade e a independência de objetos), o mecanismo dos pássaros passa a funcionar como padrão de comparação entre os pássaros como mensageiros e a linguagem lunar, de forma a supervalorizar a linguagem lunar.

---

<sup>66</sup> Esta é a definição moderna de “telegrafia”, palavra desconhecida para Godwin e seus contemporâneos. Segundo Morse, o inventor de um dos mais famosos códigos telegráficos, a telegrafia data de 1832, quando o primeiro telégrafo elétrico foi inventado por Schilling. Ver: Morse, 1869, p. 4-5.

Já quanto ao autor Francis Godwin, ainda que não tenha declarado, ou mesmo não se acha em um dado biográfico ou obras suas, sua verdadeira intenção com o projeto de uma forma nova de comunicação, podemos levantar uma hipótese de acordo com os dados e informação do propósito dele, que temos sobre o conjunto de suas obras e o texto da injunção ao bispado de Llandaff. Se considerarmos que ele foi sugerido em uma obra como *Man in the Moone*, que faz as abordagens do tema da alerta do domínio religioso (que pressupunha o político, econômico, etc) católico ou espano-francês, e ainda, que ele tenha se empenhado nas duas obras de caráter historiográfico e na injunção ao bispado de Llandaff a resguardar o status do anglicanismo e tomar cuidado com o domínio católico (e também com as ameaças de tomada de poder dos protestantes radicais), o desenvolvimento de um mecanismo de comunicação privado, veloz, e independente poderia tanto favorecer a Inglaterra nas suas empresas bélicas para enriquecer-se e tornar-se potência, quanto a Igreja Anglicana nas suas atividades religiosas, na sua continuidade e fortalecimento.

A engenharia, isto é, a forma prática e os mecanismos técnicos que Godwin pudesse estar pensando em usar (se é que chegou a imaginar), são desconhecidos, pois nem ele mesmo chega a detalhar mais sua ideia em termos práticos quando de fato a propõe ao rei Jaime em início de seu reinado – ele apenas se atém a enumerar os benefícios gerais e não especificamente em como realizá-los em uma situação determinada. No entanto, tendo em mente suas preocupações de bispo e escritor, além de outras informações do enredo, conseguimos levantar uma hipótese para a real finalidade do mecanismo proposto ao rei - dela falaremos a seguir.

### **3.3.6. A ficção levada a sério: a proposta a Jaime I de um meio de comunicação**

A hipótese do projeto de um meio de comunicação que estaria a favor dos embates bélicos e da transmissão e fortificação do anglicanismo, ganha mais força quando comparamos esse projeto apresentado em *Man in the Moone* com outros dois textos que Godwin também o evocou. O primeiro deles é a sua obra *Nuncius Inanimatus* (literalmente, “Mensageiro Inanimado”). Nela Godwin, na esteira dos relatos de Santa Helena, faz um histórico das principais formas de comunicação já usadas na

humanidade, expondo os mesmos meios da fumaça, luz e pássaros, todavia, um detalhe relevante, ele oferece como exemplo para cada um desses meios de comunicação, embates bélicos e fortificação de domínios. Também em *Nuncius*, Godwin voltará a destacar o que entendia como as vantagens do seu projeto: a mensagem ser transmitida sem o trabalho de algo ou alguém; sem a ajuda de outros e em um lugar não perigoso e distante, que pudesse fazer o transmissor não ser capaz de resistir ao inimigo<sup>67</sup> e, resumindo todas essas propriedades (como o título da obra propõe), a importância do “mensageiro inanimado”, isto é, não de corpo presente. Portanto, em *Nuncius* é evidenciado o interesse de usar o projeto comunicativo para fins bélicos. Esse fim bélico se aplicado a um enredo de discussões religiosas e econômicas, com atenção para o perigo do domínio católico, como o de *Man in the Moone*, muito plausivelmente poderia estender sua finalidade bélica para atender também finalidades econômico-religiosas.

O outro texto que atesta que Godwin estava direcionando o seu projeto para fins de utilidade dos ingleses é uma petição escrita em 1612, ao que tudo indica, a Jaime I. Pelo simples fato de ter sido encaminhada a Jaime, já se vê comprovado o interesse do bispo inglês para a aplicação, ou pelo menos, consideração do seu projeto pelo governo inglês. Nesta petição, Godwin propõe que a transmissão de uma mensagem seja feita por uma pessoa em um lugar remoto e privado; que o interlocutor seja capaz de receber e retornar a mensagem; que seja feita uma combinação de horários para transmitir a mensagem; e, finalmente, que o interlocutor seja apto a saber de onde parte a mensagem que virá de muitos lugares. Aqui é transcrita, na íntegra, a petição:

I shall undertake to certify [i.e., pass information] into any town or fortresse, never so streightly beseiged any errand needfull, and to receive na answer of the same upon these condicions,  
1. that I be brought to some place, where I may see the saide fortres, and have liberty to performe there what is requisite in that case, as safety of person, and an howers tyme.  
2. that I have in the saide fortres on that is not ignorant of this art, and is provided to receive and return notice.

---

<sup>67</sup> “24. You have here 3 promises of this Nuncio [...] 26. That in the first place will easily be performed without any cost or labour of any one [...] 27. That in the second place, without any help from others [...] 28. As concerning the third, truly it requireth no great charge, but it must be observed, that he that doth act, be settled in a place without danger, and that not too far distant, where he may resist his enemis force [...]” (GODWIN apud POOLE, 2009, p. 132-133).

3. that my saide consort bee appointed certain tymes, as such an hower in the morning, or such in the evening, or some such hower of the day, when to expect the notice.
4. that hee may be able to guesse at the place, from whence it is to bee had, either this, or that, of 6, 7, 8 ou 10 places, within the compasses of eight miles.

Franciscus Herefordensis  
Thomas Godwin  
(GODWIN apud POOLE, 2009, p. 126).

William Poole (2009) conta que Godwin (na companhia do filho Thomas) escreveu essa petição e a encaminhou para o governo inglês em 1621.<sup>68</sup> Poole não especifica quem representaria esse governo inglês, cabendo-nos supor, pela data do documento, que seria Jaime I ou algum membro de sua comitiva, visto que de 1603 a 1625 a Inglaterra esteve sob seu reinado. O mais curioso desse documento é que, como afirma o próprio Poole, ele prova que Godwin estava levando a sério e almejando a realização seu projeto telegráfico, visto que chegou a sugeri-lo para os membros do governo inglês.<sup>69</sup> Logo, conclui-se que ainda que não exista registrada alguma declaração de Godwin para o fim que ele realmente estava pensando aplicar a seu projeto, o documento demonstra seu interesse de que as autoridades inglesas tomassem conhecimento, ou mesmo, fizessem uso, o mais provável, a favor da Inglaterra naquele período de expansão territorial e embate com os católicos (aqui referidos tanto enquanto países quanto a própria religião), em empresas bélicas e religiosas.

Como certa vez afirmou Bertrand Russell (1957, p. 45), com o passar do tempo, as guerras de religião, sobretudo após a experiência da Guerra dos Trinta Anos, fez com que surgisse o desgosto pela guerra teológica. Tal fenômeno “voltou cada vez mais a atenção dos homens capazes para o ensino secular, principalmente as matemáticas e as ciências” (idem). A partir de então, e também de alguns exemplos bem-sucedidos de vitória religiosa e colonização no exterior, como a forma de catequização usada pelos jesuítas no oriente, sobretudo na China (basicamente realizada

---

<sup>68</sup> O documento aparece registrado no *The National Archives*, em Londres “7 março 1620/21”. Poole o reproduz no apêndice da sua moderna edição (2009) de *The Man in the Moone* e deixa a referência de busca do documento: London, The National Archieves, SP 14/120/17. Cf. Poole, 2009, p. 126.

<sup>69</sup> “We know, too, that in 1621 Godwin petitioned the state in the names of both himself and his son Thomas with similar proposal [that of *Nuncius Inanimatus*], dated 7 March 1620/21. In other words, Godwin was serious about his telegraphy, a point worth pondering when we compare the fictional activities of Gonsales, the cagey Latin anonymous manifesto of 1629, and his own formal 1621 plea to the English government” (POOLE, 2009, p. 126).

pela introdução da matemática ocidental e objetos tecnológicos, tais como o relógio solar e o calendário ocidentais, novidades para os orientais), pareceu evidente que uma alternativa afortunada para disputar territórios ou mesmo colonizar legiões seria adotar mecanismos científicos ou mesmo a ciência, na sua acepção geral, para as empresas fora do país. Os jesuítas, a que, inclusive, Godwin faz referência no seu texto em mais de uma passagem, ainda lembrando a estratégia dos padres de conquistar os inimigos (ou pelo menos, não amigos) por meio do relógio e de outros objetos científicos, é uma forte referência a tal sugestão de usar a ciência para benefício da religião, da economia e política do país. Francis Godwin, muito provavelmente inspirado pelo exemplo dos jesuítas, estivesse pensando em uma aplicação deste tipo quando sugeriu ao rei o mecanismo de transmissão de mensagens.

### **3.4. Batalha entre frotas inglesas e espanholas: o episódio da Invencível Armada**

Assim que inventa sua engenhoca de pássaros, Gonsales fica ansioso para retornar à Espanha para “encher o mundo com a fama da minha glória e renome” (GODWIN, p. 152), todavia, no caminho de volta para casa, ocorre uma batalha naval entre sua frota e frotas inglesas, que novamente o impede de voltar à Espanha. Gonsales relata que a batalha ocorre em 1599, a dez léguas da Ilha de Tenerife, uma das Canárias. Embora 1599 não seja a data exata do memorável conflito entre ingleses e espanhóis, conhecido como Invencível Armada, que é datado de 1588, os relatos de Gonsales são muito semelhantes ao evento.

Segundo Trevelyan (1973), a Armada foi um ataque naval à Inglaterra planejado por Filipe II para por fim aos investimentos que a rainha Elisabete fazia para a independência dos Países Baixos da Espanha, e, conseqüentemente, depor o regime protestante de Elisabete. Filipe e os espanhóis, no entanto, são vencidos pelos ingleses, pela vantagem dos navios ágeis desses últimos. Se compararmos uma passagem que Martin & Parker (1999) descrevem o combate, com outra do enredo godwiniano percebemos as semelhanças, e tomamos conhecimento do episódio da Armada.

Na quinta-feira, 21 de *junho*, a saber, no ano de 1599, zarpamos para a *Espanha*, tendo-me sido concedida muito conveniente cabine para os meus

*pássaros* e também armazenamento para minha máquina, que o capitão teria que ter deixado atrás de mim, e foi um portento que não tive; entretanto, minha boa sorte ainda assim salvou a minha vida e me deu aquilo que estimo mais que cem vidas, se as tivesse. Pois, aconteceu que, depois de dois meses velejando, nos defrontamos com uma frota dos *ingleses*, a dez léguas da *Ilha de Tenerife*, uma das *Canárias*, que é famosa em todo mundo por um monte chamado *El Pico*, que pode ser visto e reconhecido desde o mar não a menos de 100 léguas de distância. Nós tínhamos a bordo cinco vezes o número de pessoas que eles tinham; estávamos bem providos com munições e nossos homens em boa saúde. Contudo, vendo-os dispostos a guerrear, e sabendo quantas riquezas infinitas trazíamos conosco, pensamos que a maneira mais sábia seria voar, se pudéssemos, ao invés de defrontar com um grupo de homens perigosos a arriscar não somente nossas vidas (o que um homem de valor nessa situação não estima), mas as propriedades de muitos comerciantes pobres, os quais, receio, ficaram totalmente arruinados pelo malogro daquela atividade. Nossa frota, nesta ocasião, consistia de cinco velas, a saber, três naus, um barco e uma caravela, que vindo da Ilha de São *Tomás* (em uma má hora para ela), alcançou-nos alguns dias antes.

Os *ingleses* tinham três navios muito bem posicionados, e tão logo entrevistados, começaram a nos perseguir, e mudando seu curso, como bem pudemos perceber, empreenderam caminho reto para nos trazer sob seu sotavento, o que eles puderam fazer bem (pela forma como se apresentava o vento), especialmente sendo os seus navios leves, ágeis e dotados de vela, como, em sua maioria, todos os navios *ingleses* o são, enquanto os nossos são pesados, muito carregados, impróprios para o mar. Nosso capitão, portanto, resolveu, porventura sabiamente o suficiente (mas estou certo, nem valente nem afortunadamente) a fugir, ordenando que nos dispersássemos. A caravela, por causa de muita velocidade, chocou-se com uma das naus e a estilhaçou, de modo que um dos *ingleses* que se encarregava dela, facilmente a alcançou e tomou-a. Quanto à caravela, afundou-se imediatamente à vista de todos nós. O barco (pelo que pude perceber), nenhum homem o seguindo, escapou intacto; e outra de nossas naus, após alguma perseguição, escapou aos *ingleses*, os quais, calculando como tirar de nós um butim satisfatório, e tendo-nos entre si e sua terceira companhia, nos atacou com força e energia. Diante disso, nosso capitão, que estava a nosso bordo, deu ordem para correr à terra, em direção à *ilha*, cujo porto não podíamos alcançar, dizendo ele que esperava salvar alguns dos bens e algumas das nossas vidas, e o resto ele preferia deixar que se perdesse, ao invés de entregar tudo à mercê do inimigo. Quando ouvi essa resolução, vendo o mar alto e sabendo que toda a costa era cheia de rochas ocultas e escolhos tais, que nosso barco não podia, sequer, chegar perto de terra antes de necessariamente espatifar-se em mil pedaços, dirigi-me ao capitão, mostrando-o a irremediabilidade do curso que intentava, esperando que ele tentasse a misericórdia do inimigo ao invés de se naufragar e, juntamente consigo, muitos homens corajosos. Mas ele não quis me ouvir de forma alguma, diante do que, notando que era a hora necessária de deslocar-me primeiro por mim mesmo, procurei pela minha caixa ou pequeno estojo de pedras, e colocando-os em minha manga, em seguida, apanhei meus *Gansas*, coloquei-os na máquina, e eu mesmo nela, confiando (como de fato isso felizmente ocorreu) que quando o navio estivesse prestes a cindir, meus *pássaros*, embora necessitassem de seus sinais, por si mesmos, e para salvaguardo de suas próprias vidas (o que a natureza tem ensinado toda criatura viva a preservar com todas as suas forças) iriam em direção à terra, o que de fato aconteceu (agradeço a Deus) de acordo com minha expectativa. As pessoas do nosso navio admiraram-se com o que fiz, nenhuma delas estando familiarizadas com o emprego de meus *pássaros*, exceto o capitão, pois *Diego* estava no *Rosária*, o navio que escapou ileso (como antes dissemos). Estávamos a cerca de meia légua quando nossa nau se chocou com uma rocha e espatifou imediatamente (GODWIN, p. 155-160).

On 20 July the English fleet was off Eddystone Rocks, with the Armada upwind to the west. That night, in order to execute their attack, the English tacked upwind of the Armada, thus gaining the weather gage, a significant advantage. At daybreak on 21 July the English fleet engaged the Armada off Plymouth near the Eddystone rocks. The Armada was in a crescent-shaped defensive formation, convex towards the east. The galleons and great ships were concentrated in the centre and at the tips of the crescent's horns, giving cover to the transports and supply ships in between. Opposing them the English were in two sections, Drake to the north in *Revenge* with 11 ships, and Howard to the south in *Ark Royal* with the bulk of the fleet. Given the Spanish advantage in close-quarter fighting, the English ships used their superior speed and maneuverability to keep beyond grappling range and bombarded the Spanish ships from a distance with cannon fire. However the distance was too great for this to be effective, and at the end of the first day's fighting neither fleet had lost a ship in action, although the Spanish carrack *Rosario* and galleon *San Salvador* were abandoned after they collided. When night fell, Francis Drake turned his ship back to loot the Spanish ships, capturing supplies of much-needed gunpowder, and gold. However, Drake had been guiding the English fleet by means of a lantern. Because he snuffed out the lantern and slipped away for the abandoned Spanish ships, the rest of his fleet became scattered and was in complete disarray by dawn. It took an entire day for the English fleet to regroup and the Armada gained a day's grace. The English ships then used their superior speed and manoeuvrability to catch up with the Spanish fleet after a day of sailing. (MARTIN & PARKER, 1999, p. 153).

No enredo, o episódio da Armada, apesar de narrado por um espanhol, é apresentado ressaltando a qualidade dos navios e das estratégias de guerra marítimas inglesas. É um dos mais comprovativos exemplos de que o narrador espanhol, apesar da sua nacionalidade adversária, é inteiramente um inglês e a favor da Inglaterra. E, por causa disso, os episódios narrados por ele sempre dialogarão com a Inglaterra, tratando-a positivamente - e desfavoravelmente a Espanha. Em particular, essa opção de apresentar o episódio da Armada preocupando-se mais em destacar as prodigalidades marítimas inglesas, é um gesto ufanista de reafirmação de um fato conhecido por todos os viajantes dessa época (da qualidade naval inglesa), mas mais ainda, sugere um aceno sutil do autor para a iminente perda da evidência desse fato – inicialmente de responsabilidade de Jaime I, e continuado pelo filho, Carlos I - e, portanto, mais um aceno para os primeiros reis Stuart.

Como nos relata Trevelyan (1973), a vitória das frotas de Elisabete sobre as de Filipe II pôs fim na Espanha como cabeça da reação católica na Europa e monopolizadora das rotas oceânicas para o Novo Mundo. A partir de então, a Inglaterra viu-se livre para navegar, comercializar e colonizar, inclusive, algumas das colônias

espanholas. Esses acontecimentos serviram para firmar a ideia de reforço do poderio naval inglês a favor do seu iminente domínio comercial e, conseguintemente, político do Novo Mundo. Portanto, o caminho aberto por Elisabete deveria ser levado à frente por Jaime I, mas o seu reinado deixou que a Marinha Real entrasse em declínio e que o reinado iniciasse relações amistosas com espanhóis, correndo sério risco de ser legado aos católicos. Esses fatos justificam a preocupação de Godwin em acenar a Jaime para a iminente perda dos domínios ingleses e para o triunfo de um país espanhol.<sup>70</sup>

Como nos afirma Morton (1970, p. 171), a guerra contra a Espanha, especialmente nos seus estágios iniciais, foi não apenas uma guerra nacional, mas também a luta de uma classe contra seus inimigos em casa e no exterior. Foi levada a cabo principalmente pela classe mercantil inglesa e seus aliados oriundos da pequena nobreza, contra a Espanha como centro das forças reacionárias e feudais na Europa e também contra os aliados dessas forças na Inglaterra: o setor católico da aristocracia. A burguesia inglesa compôs uma imagem do catolicismo como sendo a origem de todos os males e o inimigo contra o qual estava obrigada a empenhar-se numa luta de vida e de morte. O fanatismo religioso reforçou o interesse comercial, dando à burguesia um inimigo que era não apenas combatido, mas sinceramente odiado. E foi na luta contra a Espanha que ela adquiriu consciência da própria força.

Ainda, como avalia o mesmo Morton (1970, p. 172), a guerra contra a Espanha, portanto, pode ser melhor compreendida como a primeira fase da Revolução Inglesa. Primeiro, porque foi a derrota da reação feudal na Europa e consolidou a vitória da Reforma naquelas áreas onde esta já havia triunfado. Segundo, porque as classes dentro da Inglaterra que derrotaram Filipe foram exatamente as que mais tarde lideraram a oposição a Carlos. Foi impressionante o fato de que, ao se iniciar a Guerra Civil, toda a Marinha e todos os portos marítimos de importância estavam do lado do Parlamento. Na guerra contra a Espanha essas classes se avigoraram, se mobilizaram e adquiriram a convicção de que constituíam um povo especial, o “eleito”, segundo a teologia deles, que fez do seu protestantismo um credo político tão formidável.

---

<sup>70</sup> Uma passagem da obra que chama a atenção para a preocupação de Godwin com a colonização é aquela em que o personagem Gonsales, com boa dosagem de ironia, e inconformado, se pergunta como ainda “nosso rei” não pensou em planificar uma colônia em Santa Helena. O episódio comprova a atenção de Godwin para a perda de atenção de Jaime à colonização de territórios. A passagem é a seguinte: “Não posso senão ponderar como nosso rei, em sua sabedoria, não considerou apropriado fundar ali uma colônia e fortificá-la, sendo um lugar tão necessário para a revitalização de todos os viajantes em direção às Índias, visto que é dificilmente possível fazer uma viagem para lá sem abordá-la.” (GODWIN, p. 139).

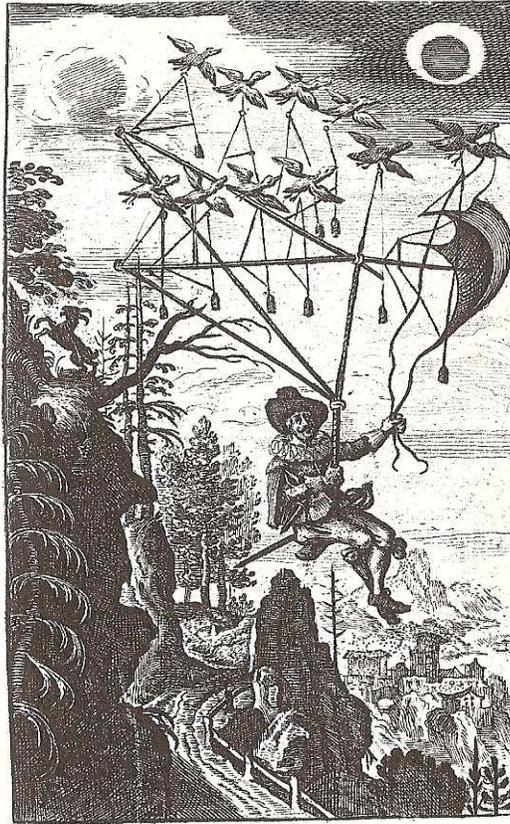
Saído da pena de um anglicano preocupado com os rumos da política e religião de tipo elisabetana, o episódio da Armada parece afirmar o poder de dois grandes adversários da monarquia e religião de tipo elisabetana: os católicos, espanhóis e os ingleses que representavam a classe burguesa no país e fora dele, identificados por puritanos ou mercadores da classe popular. A Armada foi o grande evento e exemplo de confirmação da existência do poder dos inimigos e sua iminente cobrança por ele na posição de inimigo da Inglaterra, principalmente do rei e do regime monárquico. Nem a burguesia inglesa estava mais interessada no regime monárquico que a negligenciava, não auxiliava o comércio e a Marinha no exterior, nem os católicos interessavam-se por uma aliança amistosa com os ingleses, os tomavam como mais um território colonizado. Jaime e Carlos se iludiam achando que seu governo estaria em acordo com o de Filipe II. Certamente Filipe assumiria o trono inglês e dispensaria os reis, pois não era de seu interesse a divisão de poderes. Logo, Francis Godwin parece demonstrar mais uma vez que aliar-se à Espanha ou mesmo continuar negligenciando a classe burguesa do país não eram medidas sensatas e não muito tarde, como a Revolução Inglesa contaria, a Inglaterra e o rei seriam vencidos.

Logo mais à frente na estória, com a continuidade das aventuras de Gonsales, a ideia da Espanha como inimiga da Inglaterra é novamente aludida. Ao ser salvo dos embates navais do episódio da Armada, pelos seus pássaros - que Gonsales pressupôs, corretamente, iriam voar no momento que o barco deles espatifasse -, eles o conduz à Ilha de Tenerife, colônia espanhola. Ao pisar na ilha, Gonsales supõe que será bem recebido por estar em um território espanhol.<sup>71</sup> Todavia, seus anfitriões o tratam mal. O episódio, muito breve, parece uma simples passagem para alfinetar os espanhóis e mais uma vez os tomar como inimigos. Logo, por ter sido mal recebido e correr risco de vida naquele lugar, Gonsales parte com seus pássaros para a colina da Ilha de Tenerife, o Pico das Neves. Nele ele se depara com outra espécie de povos bárbaros (provavelmente os aborígenes Guanches) que o tomam por uma presa e novamente o obrigam a fugir com os pássaros. Os animais então perfazem um voo bem mais alto, chegando ao espaço e indo em direção à lua.

---

<sup>71</sup> “Quanto a mim, estando agora em terra firme, em um país habitado na maior parte por *espanhóis*, considere-me em segurança. Todavia, rapidamente verifiquei essa avaliação que então havia feito, tendo os meus anfitriões não me tratado com familiaridade” (GODWIN, p. 41).

### 3.5. A passagem pelo espaço: o debate astronômico e as teorias de Copérnico, Galileu, Gilbert e Kepler



**Figura 3:** Frontispício da edição alemã da obra de Godwin, *Der Fliegende Wandersmann nach dem Mond*, 1659.

Com a chegada de Domingo Gonsales ao espaço, novamente a narrativa assume outro tom: abandona os embates bélicos, a carta de viajante e o diário de cientista, e passa a constituir-se em um debate de teorias astronômicas. Gonsales assume a posição de uma testemunha ocular dos astros e, a partir disso, procura confrontar as observações advindas da sua experiência de testemunha, com as teorias de filósofos ou matemáticos que desenvolveram suas concepções acerca do espaço - sem nunca terem estado nele.

O procedimento é um grande exemplo da nova metodologia adotada pela ciência em meados do século XV e aprofundada nos séculos XVI e XVII. Nessa época, procurou-se tratar das questões científicas por experiências empíricas. A época inaugurou uma série de experimentos que revisará, e, sobretudo, alterará muitas das

teorias de filósofos e estudiosos anteriores baseadas em especulações de natureza religiosa ou mística, como as de Aristóteles e Ptolomeu, por exemplo, e dará início ao movimento conhecido como Revolução Científica, que segundo Luiz Soares, foi responsável pela “articulação de diversas tradições e práticas do conhecimento, originando uma nova Ciência Física e Astronômica que serviriam como referências para a constituição posterior de novos campos do saber científico” (SOARES, 1999, p. 222).

Aponta-se como marco inaugurador da Revolução Científica, o livro *De revolutionibus orbium coelestium*, publicado em 1543, de Nicolau Copérnico. Nesta obra, Copérnico apresenta o seu modelo de configuração do universo, no qual o sol vem a ser o centro da Terra; o modelo substitui o sistema geocêntrico proposto por Ptolomeu. Acompanhando a teoria heliocêntrica, várias outras teorias são inauguradas, com base em experimentos empíricos, e substituem antigas suposições. Boa parte das teorias *astronômicas* que sofriam alterações nessa época é abordada por Gonsales; e foram numerosos os leitores de Francis Godwin que se ocuparam de enumerar as teorias citadas por ele e procurar a fonte delas.<sup>72</sup> Graças a esses estudos, sobretudo os de McColley (1937b) e Sarah Hutton (2005), sabemos que as teorias abordadas em *Man in the Moone* apresentam coincidência com algumas dos mais recentes estudos, ou descobertas, de Copérnico, Galileu, William Gilbert e Kepler.

Segundo estudo de McColley (1937b, p. 53) são seis as teorias astronômicas abordadas por Gonsales. Citaremos as seis teorias apresentadas por McColley e adicionaremos, completando o trabalho de McColley, as passagens das obras a que Godwin estaria fazendo menção. São elas:

- 1) A superfície da lua contém pequenas irregularidades ou manchas que não são visíveis da Terra.

[...] e mesmo na lua discernimos certas manchas, ou sombras, como por assim dizer, eram na Terra. [...] Quanto àquela parte que reluz tão claramente a nossos olhos, é outro oceano, todavia intercalado aqui e ali com ilhas, as quais devido à pequenez, não conseguimos notá-las muito distantes. (GODWIN, p. 186).

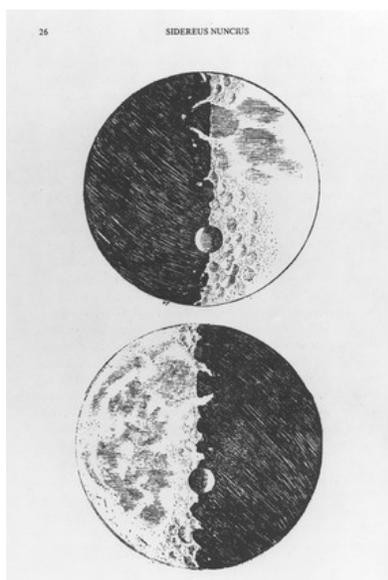
---

<sup>72</sup> Alguns pesquisadores procuraram verificar o que poderia haver de irreal no texto de Godwin em comparação com a verdade científica de determinada teoria matemática, física ou astronômica. Simoson, por exemplo, que procurou provar não ser provável uma viagem ao espaço em linha reta, como é feita a de Gonsales com os *Gansas*. Para conferir esse trabalho, ver: Simoson, 2007. Também, para as mesmas questões, conferir Empson, 1993, p. 230-232.

Esta concepção está de acordo com os resultados das observações que Galileu fez da lua a partir do telescópio, as quais estão reunidas na obra *Siderius Nuncius* (1610). Em uma passagem da obra, Galileu atesta que a lua possui uma superfície irregular e também manchas:

The surface of the Moon is not even, smooth and perfectly spherical, as the majority of philosophers have conjectured that it and the other celestial bodies are but, on the contrary, rough and uneven, and covered with cavities and protuberances just like the face of the Earth, which is rendered diverse by lofty mountains and deep valleys (GALILEO, 2009, p. 58).

Ele também demonstra a tese a partir de um desenho da superfície da lua:



**Figura 4:** Superfície lunar. *Drawings of the Moon*, Galileo Galilei.

Essa observação rebate a tese aristotélica da perfeição dos corpos celestes, apresentada na obra *De Caelo et Mundo* (358 a.C) que, entre outras coisas, assegurava que todos os astros supralunares, isto é, que estivessem acima da lua, possuíam formas perfeitas, e, portanto, não eram irregulares.

2. A rotação diurna da Terra pode ser demonstrada pela observação do movimento de suas manchas grandes, estando o observador em algum ponto no espaço.

[...] Mas, enquanto a forma dessas manchas na lua continuava constantemente uma e a mesma, estas, pouco a pouco, mudavam a cada hora. A razão disso compreendi ser esta: que, enquanto a Terra, de acordo com seu movimento natural (sobre esse tipo de moção que ela tem, me vejo agora obrigado a adotar a opinião de *Copérnico*) gira em torno de seu eixo a cada vinte quatro horas do *oeste* para o *leste* (GODWIN, p. 178).

Essa concepção está de acordo com Kepler,<sup>73</sup> na obra *Somnium*, escrita de 1620 a 1634, que diz: “earth turns like wheel in its own place and displays a remarkable variety of spots, one after the other, these spots moving along constantly from east to west” (KEPLER, 1965, p. 135). E também, como nota McColley (1937b) está bastante de acordo com ideia apontada em *A short treatise of magneticall bodies and motions* (1613), de Marke Ridley - de quem seja mais provável que Godwin tenha lido-a, visto que Ridley foi um dos primeiros ingleses a publicar trabalhos com as teorias galileanas e keplerianas. Nessa obra, Ridley diz: “but how the Earth doth turne circularly we cannot well see it, with the sence of our eyes, unless we had them placed in another globous body or starre, as if they were in the Moone” (RIDLEY, 1613, p. 15).

3. Corpos pesados não vão em direção da Terra pela sua qualidade natural pesada, mas são atraídos por uma propriedade secreta que opera em maneira similar a de um ímã.

Descobri depois, por essa experiência, o que nenhum filósofo sequer sonhou, a saber, que aquelas coisas que denominamos pesadas não afundam em direção ao centro da Terra como seu lugar natural, mas são puxadas por uma propriedade secreta do globo da Terra, ou antes, algo dentro da mesma, de igual espécie da que um ímã atrai um ferro, estando no alcance dos raios de atração (GODWIN, p. 168-169).

A comparação do centro da Terra como um enorme ímã, que Gonsales faz, denuncia a sua fonte: William Gilbert, que na sua obra *De magnete* (1600), dedicou-se inteiramente a estudar o magnetismo da Terra, designando essa propriedade por “loadstone”/ímã, tal qual Godwin/Gonsales. No capítulo cinco, Gilbert nega o peso

---

<sup>73</sup> Para ver um estudo comparativo detalhado da influência de Kepler em Godwin, consultar: Hutton, 2005, p. 5-13.

intrínseco dos corpos como motivo de sua “queda” em direção ao centro da Terra. Nas suas palavras:

This is the case in all primary bodies – the sun, moon, earth, - the parts betaking themselves to their origin and founts, whereunto they are attached with the same appetence with which what we call heavy bodies are attached to earth (GILBERT, 1958, p. 340).

4/5. Essa propriedade secreta ou atração é também encontrada na lua. No entanto, a atração da Terra, pelo seu tamanho maior, é mais intensa que a da lua, astro menor que a Terra. “[...] o globo da lua não é completamente destituído de poder de atração, mas ele é tão mais fraco que aquele da Terra” (GODWIN, p. 81).

Esta teoria foi apresentada pelo mesmo Gilbert.

The force which emanates from the moon reaches to the earth, and, in like manner, the magnetic virtue of the earth pervades the region of the moon: both correspond and conspire by the join action of both, according to a proportion and conformity of motions, but the earth has more effect in consequence of its superior mass (GILBERT apud WHEWELL, 1858, p. 394).

6. A atração varia com a distância como também com o peso e o tamanho.

[...] se um homem saltar para cima com toda sua força (como os dançarinos fazem quando se apresentam através de salto), ele deve ser capaz de elevar-se a 50 ou 60 pés de altura, ficando muito além de toda atração da terra da *lua*, não mais descendo, senão com a ajuda desses leques, que como asas, eles se transportam no ar a curto prazo (embora não com aquela velocidade que os pássaros fazem) até onde eles almejam. (GODWIN, p. 202).

Segundo McColley (1937b), essa concepção Godwin adotou de Francis Bacon, na sua obra *Sylva sylvarum* (1626), na qual se acha a seguinte afirmação:

It is very probable that the Motion of Gravity worketh weaketh, both farre from the Earth, and also within the Earth: The former, because of the Appetite of Union of Dense Bodies with the Earth, in respect of the distance, is more dull; The later, because the Body hath in part attained his Nature, when it is some Depth in the Earth. For as for the moving to a point or place

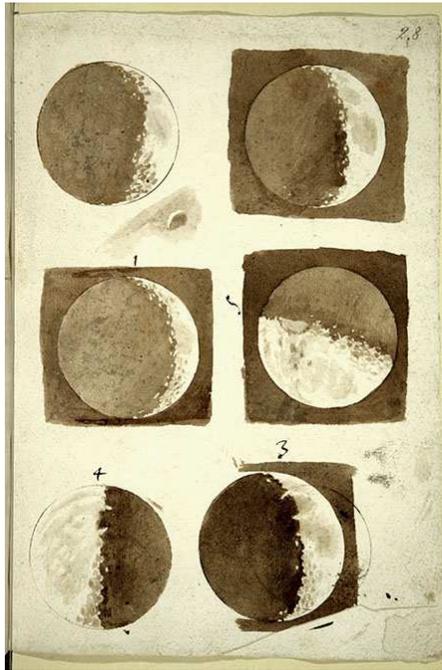
(which was the opinion of the Ancients) it is a mere Vanity (BACON apud MCCOLLEY, 1937b, p. 57).

Além dessas seis teorias apontadas por McColley, também se deve acrescentar duas mais a que Godwin faz referência. Uma delas se refere à inexistência da região do fogo no espaço. Gonsales diz:

Quanto à região do fogo de que nossos *filósofos* falam, não tive nenhuma notícia dela; meus olhos me informaram suficientemente que lá não pode haver tal coisa. (GODWIN, p. 188)

De acordo com Ronaldo Souza (2007), os filósofos gregos haviam percebido que, embora o mundo fosse formado por objetos dos mais distintos, havia algo de comum na matéria que os compunha, onde havia quatro elementos primordiais: o ar, a terra, a água e o fogo. Euclides propôs que os quatro elementos tenderiam, pela natureza a se agrupar em esferas. Desta forma a esfera mais pesada ficaria no centro, uma esfera de terra. Após essa, uma esfera de água a envolvendo, uma esfera de ar e por fim uma esfera de fogo envolvendo as demais. Godwin refuta essa suposição.

A outra teoria a que Godwin pareceu estar familiarizado é com as das fases da lua, primeiro apresentadas por Galileu em *Siderius Nuncius* (1610). Quando seu personagem visita o astro e nos relata que em certa época do ano os lunares precisam dormir por 15 dias, pois a luz do sol atinge uma das regiões da lua, ele faz referência à fase denominada quarto-minguante da lua, em que uma metade inteira das suas fica iluminada pelo sol. Essa fase é representada pela segunda imagem da lua (à direita) nas representações das fases da lua que Galileu fez a partir de seu telescópio. Veja figura 5, abaixo:



**Figura 5:** *Drawings of the Moon*, Galileo Galilei. November-December 1609  
Florence, Biblioteca Nazionale Centrale, Ms. Gal. 48, f. 28r

Embora Gonsales tenha uma opinião atualizada das teorias astronômicas citadas acima, dado o seu vínculo com os responsáveis (Copérnico, Galileu, Gilbert, Kepler) por modernizá-las, ele não afirma o modelo heliocêntrico de Copérnico, apenas contenta-se em afirmar a opinião copernicana de que a Terra gira em seu próprio eixo.

Não irei tão além como *Copérnico*, que estabeleceu o sol imóvel e no centro da Terra, nem irei determinar qualquer coisa de uma maneira ou de outra. Somente digo isto: consentir com o movimento da Terra (o que esses meus olhos puderam testemunhar ser sua propriedade), e que esses absurdos sejam totalmente retirados, cada um tem somente seu único e próprio movimento. (GODWIN, p. 182).

Muito já se conjecturou sobre a razão de Godwin não se posicionar em relação ao heliocentrismo, bem como também qual teria sido objetivo de Godwin em envolver-se com discussões astronômicas no seu enredo ficcional. Lawton (1931) afirma que Godwin opta por ser prudente em aderir o sistema heliocêntrico, para ser fiel

à tradição episcopal anglicana que ainda tinha seus receios quanto ao heliocentrismo.<sup>74</sup> A suposição é bem plausível, visto que as religiões mais semelhantes ao cristianismo católico tinham receio de ter a verdade da Bíblia contestada e, conseqüentemente, perder sua soberania religiosa e política. Contudo, deve-se lembrar de que muitos dos contemporâneos de Godwin - aquelas primeiras pessoas a receberem o novo modelo de configuração espacial - não o aceitaram, ou adotaram opiniões cautelosas, que suportavam ideias do antigo modelo geocêntrico com o mais recente, o heliocêntrico. O exemplo mais famoso desse caso é o de Tycho Brahe, cujo sistema espacial combinava geocentrismo com heliocentrismo, refutando, por exemplo, a rotação diurna da Terra.<sup>75</sup> Portanto, não se deve desconsiderar também a hipótese de que Godwin pode ter optado por não afirmar o heliocentrismo simplesmente por uma reserva comum aos homens de sua época em divorciarem-se por completo das verdades científicas antigas.

Entretanto, essa última hipótese, consideramos a menos provável. Um homem com tantas convicções políticas, e certamente defensor do uso da ciência para benefício das causas religiosas, políticas e econômicas do país, provavelmente estivesse mesmo receoso de enfrentar problemas com as autoridades anglicanas. O interesse por abordar muito detida e prolongadamente as teorias astronômicas em seu enredo, além de terem o objetivo evidente de se colocar em mais um aspecto contra a forma de pensar do seu adversário, os católicos, medievalistas, regressos e avessos à ciência, sobretudo astronômica, que naquela época era responsável pelas maiores reviravoltas nas mentes humanas, parecem também posicionar Francis Godwin ao lado de homens como Francis Bacon, preocupados não só com a propaganda dos benefícios da ciência como também com a sua divulgação em vernáculo – esse poderia ser outro projeto e intenção de Godwin ao tratar tão demoradamente das teorias astronômicas.

### **3.5.1. A divulgação em vernáculo das teorias astronômicas**

A escolha de Godwin por descrever as novas teorias, afirmando inteiramente boa parte delas, abrindo um espaço na estória para apresentá-las

---

<sup>74</sup> “It is a little disappointing that Godwin does not, like Cyrano, accept the Copernican heliocentric universe. He was prudent as well as bold thinker, and his determination not to “define any thing one way or another” is, of course, true to the Anglican episcopal tradition” (LAWTON, 1931, p. 30).

<sup>75</sup> Hutton, 2005, p. 8.

detalhadamente, primeiro no espaço e depois na lua, como a aproximar seu texto de um tratado científico, parece um gesto, similar e comum a outros escritores da época, em popularizar a *new astronomy*<sup>76</sup> a partir de textos literários ou de outros gêneros dados ao público em vernáculo - lembre-se que *Man in the Moone* foi a única obra que Godwin escreveu em inglês, todas as demais tiveram sua primeira edição em latim. Kepler intentou popularizar suas novas teorias com a ficção *Somnium*, e Francis Bacon com o tratado de história natural, *Sylva Sylvarum*.

Como conta Hill (1992, p. 27- 28), na Inglaterra do século XVI e início do século XVII havia uma busca insaciável de informação científica e o país parece ter sido o único em disponibilizar uma grande quantidade de textos tratando da literatura científica em vernáculo e nível de compreensão popular da ciência. O desejo de tornar públicas as informações científicas pode ter parecido cara a Godwin, que achou pertinente compartilhar com o rei um projeto de transmissão de mensagens. Godwin parecia firmemente convicto da importância da divulgação do conhecimento científico - e a esta hora alia-se aos contemporâneos com os mesmos interesses -, bem como na exploração da ciência no aspecto que atualmente denominamos tecnológico, como ao propor, por exemplo, a construção de um maquinário que possibilitasse a viagem do homem ao espaço. Esse objetivo geral, certamente comunicava com seus objetivos específicos, ao pensar na defesa dos mercados ingleses e do anglicanismo no exterior. Mais uma vez, o bispo anglicano oferecia uma sugestão a Jaime para investir na ciência, sua popularização e uso em benefício do país – empregos já bem avançados pelos mercadores e puritanos,<sup>77</sup> fator que poderia deixá-los à frente na disputa política futuramente.

---

<sup>76</sup> Robert Philmus chegou a afirmar que esse era o propósito central da narrativa *Man in the Moone*, em uma revisão que fez da edição de Anthony Butler da obra. Ver: Philmus, 1996, p. 260-269. Já Sarah Hutton defende que Godwin usa as teorias para conferir maior verossimilhança ao texto e mudar a perspectiva de como eram recebidas: “Godwin reverses fact and fiction to give his ‘essay of fancy’ the semblance of verisimilitude, in order to shift in perspective on received cosmological notions” (HUTTON, 2004, p. 13). Ruth Menzies acredita que *The Man in the Moone* é um pretexto para explorar as teorias científicas contemporâneas: “Since Gonsales’ experiences are primarily a pretext for the exploration of contemporary scientific theories, the traveler is constantly at pains to point out that his personal testimony invalidates the traditional worldview upheld by the writings of scholars” (MENZIES, 2009, p. 8).

<sup>77</sup> De acordo com Hill, a ciência no reinado de Elisabete foi obra de mercadores e artesãos, não de doutores, praticada em Londres, não em Oxford e Cambridge, em vernáculo, não em latim. “Os melhores manuais em vernáculo eram superiores, em alcance e qualidade, aos mais modernos usados nas universidades. Também eram relativamente baratos. Em 1576, Martin Frobisher pagou uma libra por uma Bíblia de bordo; por dois manuais científicos, pagou dez pence. Entre os autores desses manuais

### 3.5.2. O encontro com os demônios perversos: as potências católicas

Ainda na sua viagem pelo espaço, Domingo Gonsales é abordado por demônios, cujas aparências, ele nos narra, eram muito semelhantes à de seres humanos. Esses demônios falavam idiomas estranhos, e alguns deles, conversavam em espanhol, alemão e italiano.<sup>78</sup> Viviam em um lugar onde se dedicavam aos prazeres, e onde tinham boas bebidas e alimentos.<sup>79</sup> Eles recebem Gonsales com cordialidade e oferecem-lhe a chance de ter perpétuo acesso àqueles prazeres, ou também, o levar seguramente de volta à sua casa, caso fizesse o mesmo pacto que tinham feito com seus chefes demônios. Gonsales não aceita a proposta e logo entende que as ofertas de prazeres daqueles demônios eram uma simples ilusão, já que, mais tarde, na lua, ao procurar pelos alimentos fornecidos por eles, encontra apenas restos de folhas e estrumes.<sup>80</sup>

Se por um lado a crença de demônios no espaço foi comum entre os contemporâneos de Francis Godwin, entre eles Robert Burton, que na seção “Digression of the air”, da sua obra *Anatomy of Melancholy* (1621) se refere a eles,<sup>81</sup> o tratamento dado por Godwin a eles parece conter igualmente uma referência ao imaginário cristão (típico de um bispo anglicano), e uma escárnio aos católicos, a quem os demônios

---

encontravam-se os mais capazes cientistas da época, muitos dos quais eram autodidatas que nunca haviam frequentado as universidades ou ocupado cargos acadêmicos nas mesmas. Destinavam-se conscientemente a um público constituído por mercadores, artesãos, marinheiros, artilheiros, agrimensores” (HILL, 1992, p.28- 29).

<sup>78</sup> “E outra coisa que aconteceu, e mais que aconteceu, me perturbou, foi a ilusão de demônios e espíritos perversos, os quais, no primeiro dia de minha chegada, vieram sobre mim em grande quantidade, portando as formas e feições de homens e mulheres, rodeando-me como muitos pássaros sobre uma coruja, e falando muitos tipos de idiomas que não compreendi, até que, afinal, deparei-me com os que falavam *espanhol* muito bem, alguns *alemão* e alguns outros *italiano*, pois que todas esses idiomas entendi” (GODWIN, p. 170).

<sup>79</sup> “e me trouxeram carne e peixes muito frescos, de vários tipos bem preparados, embora fossem demasiadamente cruas e sem qualquer gênero de sabor de sal. Vinho, eu lá também experimentei de diversos tipos tão bons quanto qualquer um na *Espanha*, e cerveja, não há melhor em toda a *Antuérpia*.” (GODWIN, p. 172).

<sup>80</sup> “Tão logo estava posto ao chão, fui surpreendido com a mais voraz fome e o mais merecido desejo de comer. Por isso, caminhando à próxima árvore, prendi nela minha máquina com meus *Gansas*, e com grande pressa comecei a procurar em meus bolsos pelos mantimentos que tinha guardado, como mencionado anteriormente, mas para minha grande surpresa e desconsolo, encontrei, ao invés da *perdiz* e *capão* que imaginava ter posto lá, uma mistura destrocada de folhas secas, de pêlo de cabrito, estrume de ovelha ou cabra, musgo e lixos desse tipo. Quanto ao meu vinho canário, foi transformado em uma espécie de líquido fedorento e sujo, como a urina de algum animal. Oh, as ilusões dos espíritos perversos, cuja ajuda teria surgido apenas se tivesse invocado; vejas como eu tinha sido servido!” (GODWIN, p. 190-191).

<sup>81</sup> “The air is not so full of flies in Summer as it is at all times of invisible devils” (BURTON, 1857, p. 121).

poderiam se referir. A referência ao imaginário cristão é a mais evidente: considerar uma vida dedicada aos prazeres carnavais (como o da boa vida, de bebidas e exageros de comida) advinda de pactos com entidades diabólicas; já que na filosofia cristã não se considera digna uma vida somente de prazeres, e a felicidade proporcionada por ela é falsa, ilusória. Uma passagem que comprova essa presença do imaginário cristão, é a da aclamação que Gonsales à constância da espera pelo momento da morte de um dos lunares, que acreditava que “chegada aquela hora, pudesse então deixar os falsos prazeres do mundo e ser participante de todas as verdadeiras alegrias e felicidade perfeita” (GODWIN, p. 230). Já o escárnio aos católicos poderia vir expresso na identificação desses seres demoníacos com eles, pois que, acreditamos, não coincidentemente, o idioma que alguns deles falam e Gonsales escolhe destacar, são daqueles países católicos, Espanha, Itália e Alemanha (Habsburga) e o que oferecem caracteriza como ilusão. A passagem constitui-se, portanto, em outra referência maliciosa aos adversários.



#### 4. Uma civilização na lua: a descoberta de *Simiri*

Após o encontro com os demônios, e a passagem pelo espaço, Gonsales chega à lua, onde depara-se com uma civilização utópica, de nome *Simiri*. Ele apresenta essa civilização brevemente e sem muitos detalhes. Conta que seus habitantes são de cor diferente dos nossos e possuem tamanhos variados, alguns são do tamanho normal de um homem, e outros, que correspondem à maioria, são gigantes. A altura é relacionada à posição social, isto é, aqueles que são mais altos, entre os já altos lunares, ocupam posições de soberania. É o caso de Irdonozur, Imozes e dos príncipes Pylonas.

O primeiro é descrito como o mais alto e mais velho de todos e é o monarca supremo, tendo abaixo dele 29 outros monarcas e 24 príncipes, do qual o Pylonas faz parte. Esses monarcas são responsáveis pela provisão de todas as necessidades do país lunar, contudo, essa provisão não pressupõe ausência de trabalho por parte dos selenitas, que, todavia, o fazem pouco e com prazer. Quanto à Imozes, é o monarca supremo responsável pelos assuntos concernentes à religião, e sua função é comparada à do papa italiano. Não se define nem se comenta qual a religião dos lunares, mas sabemos que eles usam a palavra Martin para referirem-se a Deus e fazem reverência quando ouvem o nome de Jesus Cristo, e o mesmo não ocorre quando ouvem nomes de santos – o que assinala para o fato de serem cristãos, mas protestantes. Martin, na lua, dá nome a uma ilha isolada, Insula Martini, ou Ilha de Deus, na qual há um soberano próprio, Hiruch, que nunca deixa a ilha. Qualquer um que for a essa ilha durante o período da manhã lunar adormece imediatamente.

Também nada é dito da forma como os lunares são ou foram educados, mas é informado que valorizam a verdade, vivem em paz e em relações amistosas. Supõe-se que boa parte desta harmonia vem do ótimo clima da região, que é perpetuamente de primavera, nunca havendo inverno ou verão e conseqüentemente, mudanças climáticas. Em função disso, todos os habitantes são saudáveis e dispensam o uso de médicos. Também, dispensam advogados, pois que uma pequena discórdia nascida é imediatamente contida pelos soberanos. Eles também procuram manter a conformidade do país através da qualidade moral dos habitantes, dispensando à América do Norte aqueles que apresentam disposição enviesada desde o nascimento.

Possuem curiosos meios de transporte e comunicação. Locomovem-se com um dispositivo descrito como um leque gigante e se comunicam através de uma linguagem musical, na qual as palavras são dispensadas e somente há uso de melodias. Também, nem sempre a comunicação entre eles ocorre de forma presencial. Além desses artefatos incomuns e avançados, os selenitas contam com outros de mesma qualidade, como algumas pedras e ervas especiais. Gonsales é presenteado (por Irdonozur) com três tipos dessas pedras inusitadas: uma é chamada *poleastis*, tem a propriedade de reter o calor por muito tempo e desempenhar a função de uma chaminé para uma casa, isto é, aquecê-la; outra é chamada *malchrus*, que pelo seu brilho intenso, ilumina espaços, fornecendo uma luz equivalente a de cem lâmpadas; e, por fim, outra é chamada *ebelus*, que tira ou repõe o peso do corpo de um homem. Entre as ervas especiais há uma capaz de juntar membros fraturados ao corpo novamente, assim, para dar um exemplo que eles mesmos apresentam, se ocorrer de uma cabeça ser retirada do corpo, com o suco dessa erva, ela é posta no lugar novamente, voltando o corpo ao seu estado perfeito original.

Na lua, os habitantes ainda tem a tradição de passarem quinze dias dormindo em função do reflexo do sol em determinada região do astro. Todavia, não são todas as regiões que são iluminadas pelo sol ou somente por ele. Há outras duas regiões que recebem luzes diferentes; uma recebe a luz de estrelas e outros planetas, e outra recebe simultaneamente a luz do sol e da Terra. Aqueles lunares do tamanho normal dos humanos não conseguem suportar a luz do sol, por isso passam os quinze dias de irradiação dos raios de sol na lua, dormindo. Já os lunares 10 ou 12 metros de altura superior ao tamanho normal humano conseguem suportar o dia da lua, mas somente quando é iluminada por uma luz, se do sol ou da Terra. E, finalmente, há aqueles lunares de 20 metros ou mais de altura que conseguem suportar ambas as luzes. Os lunares menores, isto é, do tamanho humano, além de serem mais irresistíveis à luz do sol, são empregados nos ofícios mais vis (os quais não são especificados) da lua; e os habitantes os chamam de “falsificações”, “bastardos”, “inconstantes”.

Outra tradição entre os lunares é de receber com constância o momento da morte e celebrá-la com felicidade, visto que se alegram por finalmente terem a oportunidade de viver o que consideram a autêntica felicidade, crendo que em vida apenas existe uma falsa felicidade.

Na sua estadia entre os selenitas, Gonsales é muito bem tratado e recebe de Pylonas a recomendação de aprender o idioma local. Ele o faz em dois meses - o que assinalou Gonsales para o fato de que o idioma não é difícil de ser aprendido. Pylonas também coloca à disposição de Gonsales alguns lunares para ajudá-lo e vigiá-lo, recomendando a eles não permitirem que os lunares menores se aproximassem do espanhol e nem que ele desejasse algo a mais do que lhe era permitido. Somente quando Gonsales aprende o idioma deles é que mais coisas lhe são apresentadas (também não se menciona quais), mas mesmo assim muitas outras ele continua sem poder saber.

Depois de passar dois anos junto à civilização lunar, Gonsales decide partir para reencontrar os filhos e a esposa, bem como tentar angariar a fama pela sua invenção do dispositivo dos *Gansas*. Os lunares despedem de Gonsales com uma cerimônia alegre e durante ela, Pylonas pede que ele cumprimente a rainha Elisabete em seu nome e entregue a ela um presente de não pequeno valor, para demonstração da sua grande admiração pela monarca, quem considerava a “excelente rainha da Inglaterra”. Gonsales promete ir conceder esses cumprimentos à rainha inglesa, apesar de Elisabete ser uma grande inimiga de sua nação. Tendo encerrado a cerimônia, Domingo Gonsales parte da lua, por meio de seus *Gansas*, no mês de março de 1601 e segue em direção à China.

#### **4.1. Comunidade simultaneamente ideal e imperfeita**

Embora a comunidade de habitantes da lua seja descrita por Gonsales como um “outro paraíso”, ela está longe de ser um lugar ideal à maneira de outras comunidades perfeitas de que a literatura dá notícia, como, por exemplo, a ilha de Utopia, da obra *Utopia* (1516) de Thomas Morus – livro-parâmetro para desenhos de cidade ideais em textos literários. Mesmo que em *Simiri* haja: um estado provedor, a vida pacífica em comunidade, abundância de comida, a desnecessidade de advogados, habitantes educados, donos de um conhecimento científico mais avançado que o da civilização europeia, não haja crime nem doença - tudo igualmente à obra de Morus -, *Simiri* apresenta divisão de classes (pelos tamanhos), desfavorecendo aqueles que têm altura similar a de seres humanos - os relegado para posições servis -, além de diferenciação de tratamento a esses últimos - tidos como “falsificações”/”bastardos”/”inconstantes”. Entre a comunidade lunar ainda existe a

disparidade de uns conseguirem suportar a luz do sol e Terra, outros só a do sol, outros só uma dessas duas, e outros ainda que suportam todas. Logo, embora seja uma comunidade harmônica e igualada em atitudes civis e de moral – todos são cultuadores da verdade e são bem educados – existem essas diferenças de classificação (legítimos – falsificações) e resistência (resistentes à luz – irresistíveis à luz).

O que se nota é que ao mesmo tempo em que a comunidade godwiniana reúne características e indivíduos com qualidades ideais e ela também seja ideal, igualmente abriga disparidades que nos impede de qualificá-la como modelo social ideal à maneira da ilha de Utopia de Morus. Como houve pouca dedicação por parte do autor/narrador de descrever, ou mesmo desenvolver com mais detalhes, cada instância do *organum* civil, isto é, as instâncias religiosa, educacional, econômica e política, e optar por tratar, ao contrário, das disparidades, bem como das qualidades científicas dos artefatos criados pelos simirianos, fica evidente que a intenção da cidade utópica lunar não era constituir-se um modelo de sociedade ideal. A comunidade lunar presta-se a ser mais uma peça de construção do cenário dos conflitos religiosos da época de Godwin e também à fecundação das ideias científicas que Godwin inicia, em *Man in the Moone*, na ilha de Santa Helena, e nos textos de *Nuncius Inanimatus* e a petição ao rei Jaime I. É um espaço para fazer sátira religiosa (aqui, especialmente dirigida aos puritanos) e propor ideias inovadoras no campo das descobertas científicas vinculadas ao transporte aéreo e aos meios de comunicação.

#### **4.2. Sátira religiosa: ataque aos puritanos e leigos**

Godwin compõe o cenário inglês dos desacordos religiosos, desta vez fazendo referência aos próprios protestantes, puritanos e da classe popular, os quais iniciaram no governo de Elisabete um movimento de oposição à organização da igreja estabelecida, às hierarquias e figuras clericais que, na visão deles, eram condizentes com o sistema católico, e, por essa razão, traiçoeiros ao protestante. Mais conhecidos como puritanos e leigos, eles logo passaram a atacar os membros simpáticos ao modelo de igreja estabelecido por Elisabete, através de panfletos jocosos e ofensivos, entre os mais famosos, figurando aqueles assinados pelo pseudônimo Martin Marprelate, e também a espalhar a sua filosofia, simpática às doutrinas de Calvino, que entre outros

dogmas, defendia a “eleição incondicional”, isto é, a salvação somente dada aos eleitos por Deus, não conquistada através de méritos ou fé.

A primeira passagem em que Godwin recupera a figura dos puritanos é aquela na qual se refere aos lunares de tamanho humano como “falsificações”/”bastardos”/”inconstantes”. As alcunhas são claras referências às acusações que os puritanos e leigos faziam aos defensores da igreja de Elisabete, bem como também, à maneira que os anglicanos elisabetanos os via, e, portanto, o discurso denuncia quem são seus titulares: os protestantes radicais, da esquerda parlamentar ou dos mercados do centro londrino. Esses selenitas menores, coincidentemente, também são aqueles que não suportam a luz do sol e precisam passar 15 dias em sono profundo. Como é sabido, a luz, ou a iluminação, foram metáforas muito utilizada pelos escritores do período renascentista como equivalente ao conhecimento, à sensatez. A inaptidão para suportar a luz, portanto, é o mesmo que sugerir inaptidão para suportar o conhecimento e a sensatez. A construção de uma ilha de nome Martin, onde, se as pessoas adentrarem durante a manhã lunar, isto é, no momento de luz, imediatamente caem em sono profundo, quer dizer que a ilha provoca a mesma inaptidão de aturá-la.

Se por um lado, as alcunhas “falsificações”/”bastardos”/”inconstantes” por sua representação das acusações feitas por protestantes radicais, os representaram, por outro, uma ilha que provoca o mesmo efeito e tem o nome de Martin, o que sugere Clark (2007, p. 167), e estamos de acordo, refere-se ao martinistas - agitadores do movimento panfletário puritano contra a igreja elisabetana (“Martin Marprelate”) -, também aludem aos puritanos e leigos. Logo, ambas as experiências de inaptidão à luz, a dos lunares bastardos de não a suportarem, bem como a da ilha Martin de provocá-la, é o mesmo que dirigir-se aos protestantes radicais como desarrazoados ou sem conhecimento. A sátira ao comportamento dos “bastardos”, isto é, às agitações sociais e atitudes de negação e desaprovação à igreja estabelecida, assinalando para sua feição desarrazoada é uma crítica bastante característica de um bispo a favor da igreja elisabetana, e, portanto, anti-martinista.

A ilha Martin também pode ser uma referência à “Casa São Martinho”, que Lacouture (1991, p. 273) dá notícia de ter sido a nomeação da residência em Macau dos primeiros franciscanos e jesuítas em missão na China. Essa casa funcionou como uma academia linguística e um instituto etnográfico e foi o centro de experiência de diálogo

com a China. Os jesuítas, assim como os protestantes radicais, representavam uma classe de adversários para os anglicanos elisabetanos. Como o enredo de *Man in the Moone* vem mostrando, os católicos, sobretudo a classe militante deles, os jesuítas, representavam grande ameaça aos anglicanos e é plausível considerar que a crítica pudesse estar se direcionando a eles também.

Outro comportamento tipicamente puritano parece ser aludido e criticado na civilização lunar, o da crença na “eleição incondicional”. A atitude radical, e um tanto quanto estranha, dos lunares de reconhecerem logo no nascimento aqueles que são mal dispostos e propensos a corromper a comunidade, e, em função disso, despachá-los para América do Norte antes que cresçam, parece uma alusão jocosa à crença calvinista da “eleição incondicional”, que acredita na eleição ou seleção daqueles que devem ser salvos desde o nascimento.

Essa passagem também parece aludir a um fato ligado à implantação das primeiras colônias inglesas na América do Norte. Segundo relato de Morton (1970, p. 173), grupos de agricultores e artesãos puritanos, afugentados pelas perturbações religiosas da época dos Stuart, levaram consigo as virtudes da diligência e da economia que os caracterizavam na metrópole para a Nova Inglaterra (América do Norte, ou Norte dos Estados Unidos). Mais ao sul, na Virgínia, colonizadores com maior capital fundaram grandes fazendas para o cultivo do fumo, operadas por mão-de-obra contratada, em parte forçada, em parte desempregada, vinda da Inglaterra, e em número muito maior, constituída por camponeses irlandeses que haviam sido despejados de suas terras e substituídos pelos recém-chegados da Inglaterra e da Escócia. O fato de Gonsales descrever os selenitas bastardos com a mesma cor e o mesmo apreço pelo fumo dos povos da América do Norte parece igualá-los aos puritanos fugidos dos Stuart e fazendeiros de fumo, em uma sugestão bastante jocosa de que o melhor lugar para ele seria ir viver colônias na América do Norte, ao invés de perturbar a ordem nacional.

#### **4.3. A comunidade ideal dos anglicanos elisabetanos**

Se por um lado os puritanos são aludidos jocosamente, por outro, os anglicanos elisabetanos, ou suas práticas, que também são referenciados, são representados seriamente. Visivelmente, são quatro as referências a eles. A primeira está

na construção de uma comunidade ideal habitada por protestantes – que se macula apenas pelos puritanos. A segunda está na figura de Imozes, o soberano dos assuntos concernentes à religião, clérigo semelhante ao papa da Itália. Através de Imozes se reconhece que há a simpatia por uma figura clerical responsável pelo domínio dos assuntos religiosos e pela ideia de soberania religiosa em consonância com o regime político monárquico. Imozes pertence ao grupo de soberanos e nota-se que a sua atuação é parte do sistema político lunar. A terceira está em propor para a sociedade ideal um regime monárquico com Estado e Igreja atuando juntos e suportando a comunidade; centrada em um monarca e amparada pelos seus príncipes. Por fim, a quarta referência aos anglicanos elisabetanos vem na maneira que os lunares recepcionam a morte: encaram-na como o momento de oportunidade para viver uma vida autenticamente feliz, finalmente livre das ilusões da vida terrena. Essa ideia pertence ao imaginário cristão e é defendida por anglicanos.

#### **4.4. Ciência na lua: cenário e mecanismos tecnológicos**

Ainda, ao lado da apresentação de um espaço ideal anglicano e da mofa aos puritanos e leigos há na apresentação da comunidade lunar, o tratamento da ciência. Na lua, a ciência aparece como cenário de *Simiri* e em mecanismos tecnológicos avançados de transporte, comunicação, cura, aquecimento e iluminação.

Como cenário, ela está concebida por algumas teorias astronômicas, que são: a existência de fases da lua – na fase em que o sol ilumina a Terra, os alguns lunares dormem; as variações da duração do tempo na lua, que se diferencia daquela da Terra, pois é regido pelo ciclo da lua – as idades dos lunares (ainda que sejam hipotéticos os números) intentam indicar uma mensuração conforme o ciclo lunar; o equilíbrio das temperaturas do clima – na lua não há excesso de calor ou frio; e a existência de menor atração gravitacional – os lunares se locomovem por simples leques gigantes, que não exigem deles muito esforço físico, visto que eles são ajudados pela quase mínima força gravitacional. Assim, vê-se que a organização dos hábitos e costumes de vida dos simirianos foi arquitetada através das teorias astronômicas aludidas, e que, nesse caso, a ciência cumpriu o papel de cenário na narrativa. A escolha de Godwin por usar as modernas teorias como cenário cumpre igual e novamente a intenção de usar a ficção

para divulgar a ciência a nível popular e, portanto, nota-se que mais uma vez ele se valeu de outra passagem do texto para fazê-lo.

Já a ciência apresentada em mecanismos tecnológicos é representada pelo transporte aéreo dos leques gigantes, a linguagem musical que dispensa o uso de palavras, que é veloz e privada; a cura através de ervas que são capazes de devolver ao corpo uma parte arrancada e tratar fraturas diversas; e os mecanismos (pedras mágicas) para o aquecimento, a iluminação e controle de peso. A abordagem desses itens tecnológicos demonstra afinidade do autor para o desenvolvimento científico e parece também sugerir demais projetos “modernos” que Francis Godwin tinha em mente para mais fácil e eficientemente atender as necessidades humanas, entre elas, as que o autor destaca: aquecimento, iluminação e controle de peso (para o caso de viagens com mecanismos voadores).

Embora Godwin use como objetos portadores da aptidão para aquecer, iluminar e gerar equilíbrio de peso, pedras mágicas, isto é um objeto que não se acha na realidade, a simples menção aos benefícios das propriedades de cada uma, já é uma sugestão do autor para o desenvolvimento tecnológico, para utilização de mecanismos inovadores e com propriedades que atendem algumas das necessidades humanas, e, portanto, tem conexão com a realidade e dirige-se para as necessidades reais. As propriedades das pedras são sugestões profundamente tecnológicas – assim como a propriedade dos pássaros voadores que são capazes de conduzir mensagens, alimentos e, o melhor, pessoas; e também, a propriedade de cura ou “cola” das ervas.

A abordagem de mecanismos tecnológicos é outra tópica recorrente ao enredo e pareceu também estar entre as propostas científicas (ou pseudo-científicas) de Francis Godwin – ainda que não tenha ido além e proposto os mecanismos, ou mais exatamente, a propriedade deles para os governantes ingleses, como fez com o projeto do novo método de comunicação. São eles mais uma peça que integra os objetivos de Francis Godwin com o incentivo e a popularização da ciência, de maneira geral e específica às necessidades inglesas do período. E, embora a linguagem lunar possa ser incluída entre essas propostas tecnológicas e de avanço, ela não parece ter sido produto da ideia de invenção de uma nova língua para comunicação, mas simplesmente uma forma de exemplificar o mesmo projeto telegráfico proposto por Gonsales/Godwin em

Santa Helena, que atendia as aspirações que o autor tinha em *Nuncius* e na petição de 1612 – é o que se analisa a seguir.

#### 4.5. O projeto telegráfico: a linguagem musical lunar

A língua falada pelos simirianos é uma espécie de linguagem musical, baseada em melodias e não palavras. Ela é apresentada como uma espécie de linguagem e língua evoluída e especial. Apesar de evidentemente ter se valido da tradição de ideias dos escritores seiscentistas de desenvolvimento de uma linguagem superior e universal, como atesta Seeber (1945, p. 586), Godwin parece “inventar” essa linguagem musical para representar o modelo ideal do seu método de comunicação iniciado na ilha de Santa Helena, proposto na obra *Nuncius Inanimatus* e na petição de 1612 a Jaime. Portanto, menos preocupado em propor uma nova linguagem “superior e universal”, ele a desenvolve para prestar-se como exemplo bem acabado do projeto telegráfico iniciado na ilha de Santa Helena.

A linguagem lunar é o método que estaria acima dos primitivos meios de comunicação através de fumaça, dos pássaros e da luz ou outra sinalização qualquer, pois conteria todas as propriedades que um ou outro desses meios não tinha; ela seria simultaneamente rápida, privada e independente. Ela teria a capacidade de ser rápida, porque no momento em que fosse executada seria possível que o interlocutor de imediato já tomasse conhecimento do que poderia expressar; privada, porque consistindo em sons e não palavras poderia, por exemplo, expressar somente o que fosse acordado antes entre os falantes; e, por fim, independente porque não usaria nem um animal ou sinalização, apenas o homem, para realizar-se.

A linguagem musical, além de conter a característica das linguagens ficcionais de outros romances, segundo Neville Davies (1967, p. 298) parece ter sido inspirada no mandarim chinês, que atribui importância frugal para entonações e tons. Logo, percebe-se que Francis Godwin adaptou a ideia de linguagem universal dos demais escritores seiscentistas com as características peculiares do mandarim, sobretudo em sua versão de “linguagem musical”<sup>82</sup> criada pelos jesuítas para facilitar o ensino do

---

<sup>82</sup> “Kircher explains that the Jesuits have been in the habit of teaching the tonal pronunciation of Chinese by equating each of the diacritics with an appropriate solmisation syllable so that they are, as it were, a crude form of musical notation” (DAVIES, 1967, p. 303). Davies se refere a Kircher. Athanasius Kircher

idioma aos demais jesuítas, para desenhar seu projeto telegráfico e mostrá-lo em prática eficazmente funcionando (com os simirianos).

Mais essa outra menção e proveito de uma prática jesuíta parecem autenticar uma hipótese que apresentamos a seguir, de que Francis Godwin estaria tomando a conduta jesuíta como exemplo e parâmetro de elaboração de eficazes meios para colonização e manutenção da religião. Se o bispo estivesse pensando em uma linguagem ou em um meio de comunicação que poderia servir de benefício para os ingleses em empresas bélicas ou de natureza religiosa, como uma linguagem posta a serviço da transmissão do anglicanismo, à maneira dos jesuítas com o catolicismo, não se sabe com certeza. Todavia, orientando-se em uma via repleta de influências dos jesuítas e com objetivos de assegurar o domínio inglês anglicano, enquanto ética religiosa e econômica, na Inglaterra e fora dela, pode ser que como os jesuítas, Godwin estivesse pensando na telegrafia para favorecer o anglicanismo, e, conseqüentemente, o regime monárquico e a economia de tipo elisabetana.

As frequentes referências elogiosas aos membros da Companhia de Jesus, mais do que um elemento para conferir verossimilhança ao texto (um espanhol obviamente deveria falar bem dos jesuítas) é um ponto de encontro em intenções e necessidades de ação de Francis Godwin com os padres católicos. Na descrição da estadia de Domingo Gonsales na China, onde tem contato com os jesuítas e permanece com eles, episódio que trataremos a seguir, procuraremos identificar as semelhanças entre as intenções de Godwin e as atividades realizadas pelos jesuítas em seu trabalho de missão na China.

---

é autor da obra *China Monumentis qua Sacris qua Profanis, Nec non variis Naturae & Artis Spectaculis, Aliarumque rerum memorabilium Argumentis illustrata* (1667), na qual há referência aos cinco tons ou inflexões usadas para ensinar o chinês pelo alfabeto romano.

## 5. A China, os mandarins e os jesuítas

Na China, Gonsales surpreende os nativos aportando no país com *Gansas*. Logo que aterrissa, alguns chineses o agarram, prendem em um transporte de madeiras e o conduzem até um oficial local, chamado de Mandarim. Diante desse oficial, os chineses acusam Gonsales de infringir as leis da China, pedem que ele sofra punições severas por entrar no país sem permissão, e também o acusam de mágico, dado o seu mecanismo de transporte. O Mandarim, no entanto, em conversa com Gonsales, em que pergunta de onde ele veio, qual seu rei, sistema de governo e hábitos de vida, entende que ele não é mágico e não o pune como os chineses gostariam. Pelo contrário, trata Gonsales muito cortesmente e aclama sua inteligência. Gonsales logo nota que o Mandarim tinha afinidade e interesse pelas invenções e o descreve como “estudioso das novidades”.

Em uma de suas viagens à Pequim, o Mandarim convida Gonsales para ir junto, e através dela, não só toma conhecimento da política e da vida na China, como também tem contato com o padre Pantoja (Diego de Pantoja), jesuíta, que havia se instalado na China e era responsável por apresentar “extraordinárias raridades”, como relógios e outros objetos semelhantes, para os chineses. Gonsales inicia uma relação estreita com os jesuítas, conversa com eles “muitos segredos” e deixa arranjado seu retorno para visitá-los futuramente. Pela recomendação de padre Pantoja, escreve as suas aventuras e as encaminha à Macau e daí para Espanha, antes de ele retornar ao país natal. *Man in the Moone* se encerra com esta última jornada de Gonsales à China e à sua permanência em Pequim entre os jesuítas.

### 5.1. As missões jesuítas na China

O relato de Gonsales referente à sua estadia na China é muito semelhante às experiências dos padres jesuítas Matteo Ricci e Diego de Pantoja nos seus esforços de implantação das primeiras missões jesuítas na China. Quem primeiro apontou essa semelhança foi Lawton,<sup>83</sup> que, em seu estudo pioneiro de *Man in the Moone*, identificou alguns nomes de padres jesuítas famosos na missão da China, como Pantoja e Pasio,

---

<sup>83</sup> Lawton, 1931, p. 36.

ambos assistentes de Ricci, e a partir de então, tomou conhecimento dos relatos de viagem do jesuíta italiano fundador da missão jesuíta na China, Matteo Ricci, no qual há o relato das experiências vivenciadas por ele e seus companheiros de missão no Império Vermelho.

Pelo relato de Ricci e Pantoja sabemos que desde que o pioneiro das missões jesuítas no Oriente, o padre português Francisco Xavier, chega à China e reporta ao seu mestre Inácio de Loyola o país que encontrou, a China é vista como um país de sábios, e as missões destinadas à região, segundo recomendação do próprio Xavier, deveriam relevar esse dado como condição indispensável para formular um projeto de catequização do lugar. Nas palavras de Xavier:

A China é um país imensamente grande, povoado por pessoas muito inteligentes e por muitos sábios [...] São tão dados ao estudo que o mais instruído é o mais nobre [...]. Se Deus quiser, descreveremos detalhadamente por carta o que se passa na China, como fomos recebidos, quais são as condições oferecidas por este país para que nele se acrescente a nossa santa fé (XAVIER apud LACOUTURE, 1991, p. 269).

Tendo morrido meses depois da redação da carta-programa da China, Xavier deixa traçado o plano da missão para seu sucessor, ainda indeterminado, mas que viria a ser Matteo Ricci. Quando esse italiano chega ao país, os portugueses tinham obtido permissão para tomarem parte na feira de Cantão toda primavera e instalarem-se em uma minúscula ilha de Macau, na famosa “casa de São Martinho”, após serviços prestados às autoridades cantonesas na sua luta contra os piratas sino-japoneses. Nesse tempo também, as missões jesuítas ganhavam corpo com as grandes linhas da missão traçadas pelo visitador da Companhia de Jesus na Ásia, Alessandro Valignano, quem não apenas determinou os temas e autores para a empreitada, como também apontou as duas condições fundamentais para o trabalho dos padres: o domínio do dialeto cantonês meridional e o mandarim, língua do poder, e uma assimilação profunda da civilização. Segundo nos contará mais tarde Ricci, Valignano calculou também que os chineses, engenhosos e dados ao estudo de todas as belas artes e ciências, poderiam ser finalmente bem persuadidos a deixar viver no seu reino alguns personagens excelentes em virtudes e em letras.

Foi ele, Matteo Ricci, jesuíta de formação sólida, o escolhido pelo procurador das missões no Oriente a ir à China. Ricci nascera na pequena cidade de

Macerata em 1552. Não completara dez anos de idade quando os jesuítas abriram o colégio em Macerata e é enviado ao local para fazer seus estudos secundários. Aos 19 anos, entra no noviciato dos jesuítas romanos, em Roma, e é aluno de professores como Robert Bellarmin, advogado por excelência de um cristianismo de luz e tolerância, e Christophonus Clavius, o célebre matemático alemão. Com 25 anos de idade deixa Roma e segue até Portugal, em Coimbra, para receber uma formação missionária para o oriente. Em Coimbra, assiste a lições de um dos áugures do pensamento jesuíta, Luís de Molina, e encontra três dos seus futuros companheiros na Ásia, Rodolfo Aquaviva, Francesco Pasio e Michele Ruggiere, de quem será lugar-tenente: é na sua companhia que Matteo Ricci e dez outros jesuítas embarcam para Goa (Índia) em 29 de março de 1578. Ricci conhece primeiro do oriente, a Índia, e passa três anos na região (1578-1582). Lá ensina grego, gramática e redige uma *História das Índias Portuguesas*, à solicitação do Padre Maffei. À pedido de seu colega Ruggiere, que não passou mais de um ano na Índia e viveu trinta meses em Macau, Ricci deixa a Índia e embarca para Macau em 1582, no mês de agosto, e chega à casa de São Martinho, onde residirá com os jesuítas.

Entusiasmado, o recém-chegado se lança ao estudo do chinês e, a pedido de Alessandro Valignano, inicia a redação de uma ampla descrição da China destinada a ser inserida no livro que o padre visitador prepara sobre Francisco Xavier. Em meio a esse trabalho, surge em Macau, um estranho despacho assinado pelo vice-rei do Kuangtung, e residente em Shiu-hing: tendo sabido que Matteo Ricci trouxera consigo de Goa um relógio para oferecer a algum notável do império, pedia ao padre Ruggiere que lhe levasse, enviando-lhe ao mesmo tempo autorizações para instalar-se na sua cidade e lá construir duas casas, uma sagrada e uma particular. Não vindo a durar mais do que quatro meses, a primeira tentativa de implantação permanente da Companhia na China é barrada pela demissão do vice-rei que concedera à autorização aos padres, obrigando-os a retornar a Macau. No entanto, poucas semanas após o triste regresso dos missionários, viram desembarcar juntamente com eles um simples guarda do palácio desse mesmo vice-rei que acabava de expulsá-los, e que era portador de uma autorização para se instalarem em Shiu-hing. Como se pergunta retoricamente Locouture (1991, p. 282), uma pequena manobra de um alabardeiro em busca de gorjeta? É assim que vai começar a imensa expedição cristã na China.

Tendo à disposição um terreno perto do rio que banhava a cidade, onde desde há pouco se erguia uma torre dita florida, construíram sua minúscula casa e a igreja que batizaram de “Templo da Flor dos Santos”. Neste local, Ricci deu intensa continuidade aos seus trabalhos de aprendizagem da língua chinesa, a fim de que os pontos principais da fé pudessem ser bem expressos por escrito mais do que por palavras, visto que, como soube inclusive dos primeiros jesuítas na China, os chineses eram autênticos devoradores de livros. Esboça-se assim toda uma estratégia de catequização entre a “gente do livro”. Contudo, é em um terreno diferente que Matteo Ricci fará sua primeira contribuição conceitual e receberá a atenção dos mandarins, o terreno da cartografia.

Pois os chineses, que quase não tinham contato com povos estrangeiros, eram muito ignorantes das partes do mundo. Os seus próprios mapas cosmográficos tinham o título de descrição universal mas reduziam a extensão de toda a terra às suas quinze províncias; e no mar pintado à volta colocavam algumas ilhas pequenas, acrescentando os nomes dos reinos que por vezes tinham ouvido nomear, os quais reunidos num só mal igualavam a província mais pequena do império chinês. [...] Assim, quando ouviram e viram que a sua China se confiava a um canto do Oriente, admiraram com algo nunca ouvido e desejaram poder ler o que lá estava escrito para melhor julgarem a verdade. O governador aconselhou então Matteo Ricci a fazer com que, por seu intermédio, o mapa falasse chinês (LACOUTURE, 1991, p. 286).

Como relatará Ricci depois, esse mapa, ao mostrar a imensidade das extensões de terra e de mar que separam a China da Europa, teve como efeito atenuar o receio que os chineses pudessem sentir de hipotéticas invasões, e reforçar por isso mesmo as oportunidades de atrair os mandarins para o cristianismo “pois não há nada que nos impeça como estas sombras de suspeita” (RICCI apud LACOUTURE, 1991, p. 287).

O prestígio de Matteo Ricci, cuja missão se personalizava dia a dia, não se baseou apenas nos livros e nos mapas e nos seus progressos em chinês, mandarim, mas também naquilo a que chamou de seus “passatempos”: com a ajuda de um habilidoso irmão “canarim” (indiano de Goa), dedica-se ao fabrico de esferas metálicas, relógios de sol, prismas e outros relógios a partir daquele que trouxera em 1583 e do qual o governador Wang P’an, da província de Shiu-hing, dissera que “nenhum presente poderia agradar mais o imperador”. Sabe-se que nada fez mais pela sua lenda, a ponto

de dar dele a imagem de um feiticeiro da relojoaria para uns, de príncipe da astrologia para outros, e ainda para outros de um alquimista genial. Como considera Lacouture (1991, p. 289), Ricci conquistou para si uma espécie de glória como relojoeiro, cartógrafo e manipulador de mecanismos, os seus passatempos. Estabeleceu uma primeira aliança com o mundo dos eruditos e compreendeu que a civilização chinesa é uma civilização do livro, da escrita, dos caracteres.

Ao completar seis anos (1589-1595) de estadia em Shiu-hing, norte de Kuang-tung, Wang P'an se viu obrigado, pelas constantes ameaças e receios quanto à presença de um estrangeiro por parte de outras autoridades chinesas, a oferecer a Ricci uma quantia de sessenta escudos para deixar sua província e se possível a China. Graças à fama obtida nesse período de estadia em Shiu-hing e também à amizade com Kiu-Taisu, uma espécie de libertino erudito influente, Ricci não só consegue permanecer na China, como também passa por uma ampla transformação em suas formas de trabalho e relacionamento com os mandarins, chegando, por fim, a instalar-se na cobiçada Pequim e lançar as bases definitivas para todas as posteriores missões que o sucederão.

Aconselhado por Kiu-Taisu, a partir de 1595 Ricci adota as vestes luxuosas dos eruditos confucianos e inicia trabalhos, como a redação do *Tratado da Amizade* (1595), que versam sobre um tema muito caro para os chineses: a moral. De acordo com a ideia de Kiu-Taisu, a vinculação a mais a essa área não só permitiria a Ricci enfileirar-se entre os eruditos, mas, melhor ainda, entre aqueles que são respeitados acima de tudo, os moralistas. A mudança que Ricci fez graças ao conselho de seu amigo Taisu modificou radicalmente as suas perspectivas, os seus métodos, a sua estratégia de imersão cultural. Fez-se chinês e daí por diante passou a viver entre os detentores do poder. Ricci entendeu que o seu longo percurso de evangelizador da China seria antes de tudo uma longuíssima caminhada em direção ao imperador. Fez-se notável entre os Sábios, inaugurando a empresa de aliar o confucionismo ao cristianismo e discutindo assuntos morais ao gosto dos confucianos.

Enquanto Kiu-Taisu se esforçava por convencer as autoridades chinesas a entregar a Li Mateu (nome que ganhou após certa parcela de respeito adquirida na China), um adjunto, o jovem padre espanhol Diego de Pantoja,<sup>84</sup> chega a Macau para

---

<sup>84</sup> Diego de Pantoja (1571-1618) nasceu em Valdemoro, Espanha. Em 1589 ingressa na Casa Profesa de Toledo, escola de jesuítas. Nela é incentivado pelo arcebispo (e posteriormente amigo íntimo) Luis de Gúzman a participar da missão de Ricci na China para obter mais informações para a sua obra *Historia de*

lhe servir de companheiro de viagem, e aprende a tocar espineta para melhor seduzir os cortesãos. Apresenta-se por fim a um eunuco imperial chamado Lé Pusi, que põe o seu barco à disposição deles para irem para a capital: e é assim que, em 18 de maio de 1600, Li Mateu inicia a viagem para o canal imperial e a bordo de um junco encimado por um gigantesco relógio de bronze que marca as horas em caracteres chineses.

Na estrada para Pequim, os jesuítas tem uma última provação que porá mais uma vez em risco a permanência de sua missão na China. À entrada de T'ien-Tsin, caminho para Pequim, havia o eunuco Ma-tang que, sabendo que Li Mateu se propunha a entrar em sua cidade e daí ir para Pequim, mandou dizer-lhe que queria ver os presentes destinados ao imperador. O eunuco não só ficou com os presentes, como também fechou Ricci e Pantoja durante meses em um templo-prisão. Certo dia, o imperador de Pequim, Wan-li, lembrando-se de que os jesuítas iriam lhe levar um relógio, mobilizou a sua corte para descobrir “onde está o tal relógio que diziam bater as horas sozinho e que uns estrangeiros me haviam trazido?” (TRIGAULT apud LACOUTURE, 1991, p. 311). Ma-tang, então, foi obrigado a soltar os seus prisioneiros, a restituir os presentes e as bagagens, que incluíam livros de matemáticas,<sup>85</sup> madonas, um Cristo, relógios de bronze, um grande mapa-múndi, instrumentos musicais e copos triangulares.

---

*las misiones de la Compañía de Jesús en la India Oriental, en la China y Japón.* Pantoja chega à Macau e é escolhido pelo líder local a ir à Pequim acompanhar Matteo Ricci. Pantoja enfrenta dificuldades para entrar na cidade, pois havia naquele momento resistência para entrada de estrangeiros em Pequim, em função das determinações da dinastia Ming, e só a acessa em 1599, entrando (ilegal) como parte de uma delegação comercial portuguesa e consegue se estabelecer pelo encantamento que seus presentes ao imperador proporcionou, sobretudo alguns relógios. Pantoja deu continuidade ao trabalho iniciado por Ricci, como o do sistema de transcrição do mandarim para as línguas românicas. Durante a sua estada em Pequim também organizou a fabricação de relógios de sol ao modo europeu, os quais tiveram muito sucesso na China por serem mais precisos que os relógios tradicionais dos chineses. Pantoja foi coautor, com o erudito sino Sun Yuanhua, na redação do *Libro ilustrado sobre el reloj de sol*, que contribuiu para o conhecimento técnico para fabricação de relógios e a medida do tempo. Diego de Pantoja também empreendeu a elaboração de um tratado sobre geografia mundial, mas não a terminou em função da sua expulsão de Pequim em 1617, provocada por um grupo de intelectuais controversos as suas ideias astronômicas e continuação da propagação do cristianismo. Em 1604 é difundida a suas cartas relatando os costumes chineses. Sobre a biografia de Diego de Pantoja, ver: Moncó, 2011; Moncó, 2012.

<sup>85</sup> Com a ajuda de um intelectual chinês convertido, Xu Guangqi, Ricci traduziu para o chinês a obra *Os Elementos* de Euclides, livro fundamental da geometria, que apresenta o método da construção lógica e dedutiva, o qual se confrontava com o método chinês de indução. Além dessa obra de Euclides, Ricci e Xu traduziram e publicaram várias obras de astronomia, sobre eclipses, sobre o fato de a Terra ser redonda, entre outros assuntos. Também traduziram obras sobre trigonometria, geometria e aritmética. Uma das principais intenções de Ricci na tradução dessas obras era, com ajuda dos novos conceitos, reformar o calendário lunar chinês, em um calendário gregoriano, para os chineses saberem as datas das festividades católicas. Cf. Gallagher, 1953, p. xvii-xxii e *Evangelization Dictionary Online*. Disponível em: <http://evschool.net/eng/diction.pl?terms=/Ricci>.

A partir de então, o imperador não tolerou a partida de Ricci e de Pantoja, fosse porque poderiam ir divulgar entre os bárbaros o segredo da China, fosse porque eram os únicos capazes de fazer funcionar “os relógios que tocam sozinhos”.<sup>86</sup> Quando o augusto desejo foi claramente conhecido, Li Mateu viu-se não só aceite, mas também festejado, acarinhado, recebido a sós pelo *kalao* (primeiro-ministro), e promovido o maior entre os letrados da capital. Daí em diante, ele foi o “protegido do imperador”, um protegido que finalmente pôde receber a posição privilegiada e usá-la para cumprir a sua missão de pregar a lei de Deus. Assim o fez e converteu grande número de chineses. Ricci passou vinte anos entre os mandarins. Depois da sua morte, fez-se a assimilação entre jesuítas e eruditos dos seus métodos de trabalho; os missionários adquiriram uma espécie de cidadania chinesa, tornando-se discípulos do mestre.

Segundo Lacouture (1991, p. 316) o que constituiu a originalidade do “método Ricci” em relação às orientações dadas pelos mestres Francisco Xavier e Valignano (adaptação, imersão, “inculturação”) é o papel que ele lhe atribuiu na sua abordagem à ciência e à técnica. “Se disseres a verdade sobre a geografia, acreditar-te-ão sobre o resto”, haviam-lhe declarado os seus primeiros amigos do Kuang-tung em 1585. Ricci nunca esqueceu que é era a ciência, sobretudo a ciência ocidental, que poderia impressionar os chineses, reabilitar a civilização dos europeus e assim sugerir a ideia de conversão.

## **5.2. Domingo Gonsales, Matteo Ricci e Diego de Pantoja: experiências afins**

Se compararmos os relatos de viagem de Ricci e Pantoja com a totalidade da narrativa de Godwin, bem como, principalmente com essa última relativa à sua estada na China, perceberemos muitas semelhanças. Além de passagens idênticas às experiências vividas por Ricci e Pantoja no Império do Meio, também defenderemos,

---

<sup>86</sup> Como nos relata Miller, “na manhã seguinte [a entrega do presente], o relógio cessou, de repente, de caminhar. O Imperador chamou um de seus funcionários a fim de que ele pusesse o instrumento outra vez em marcha, mas os esforços do mandarim foram em pura perda. A corte inteira, uma pessoa depois a outra, experimentou a sorte, mas nenhuma única conseguiu por em marcha o mecanismo. Então o Imperador mandou, finalmente, chamar o Doutor Li. [...] Na manhã do dia imediato, para grande pesar do Imperador, o relógio parou de novo e os funcionários da corte se viram obrigados a chamar o Doutor Li outra vez. Isso se repetiu uma terceira vez, e agora Li trouxe ainda consigo dois quadros religiosos e um relicário ornamentado com pedras preciosas” (MILLER, 1946, p. 277- 278).

existe uma semelhança de intenções entre a ficção godwiniana e o modo de catequização inaugurado por Ricci, de acordo em levar o catolicismo aos orientais através da afeição despertada neles pelas ciências ocidentais.

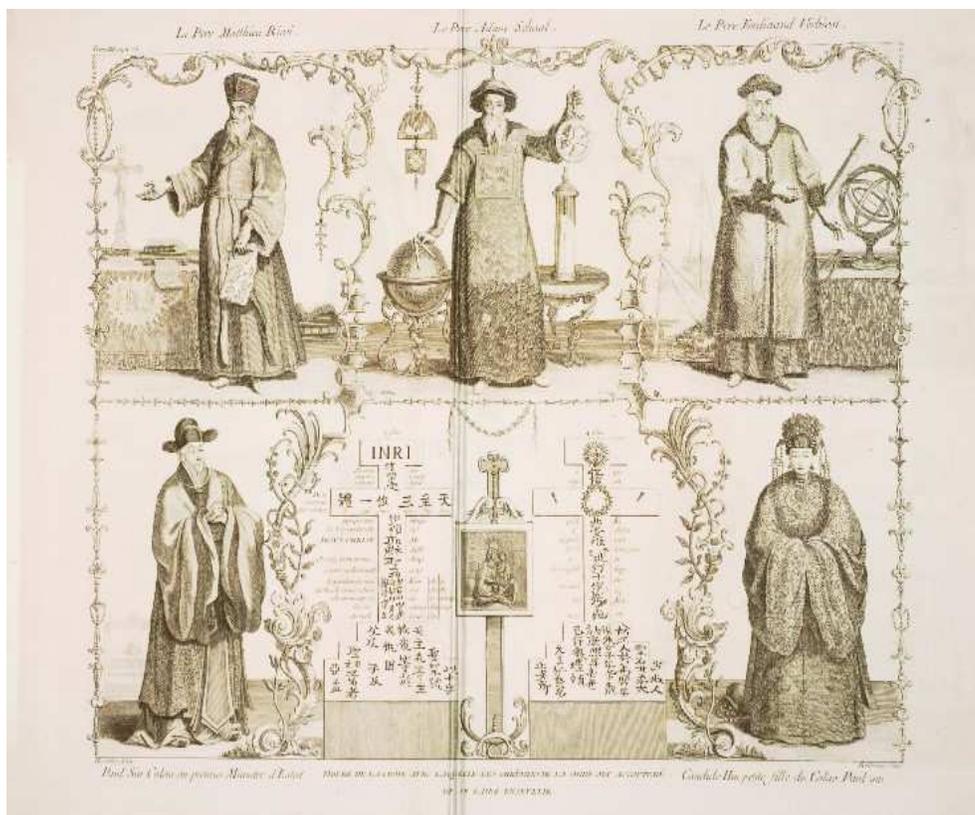
Em *Man in the Moone*, além de ser mencionada a surpresa e o interesse chinês pelos relógios, revelada para nós a partir dos relatos de viagem pessoais de Ricci e Pantoja,<sup>87</sup> segundo Moncó (2012), os soberanos chineses também fizeram exatamente as mesmas perguntas à Ricci e Pantoja, que o Mandarim faz a Gonsales, quando têm seu primeiro encontro: de onde vieram, quem era seu rei, qual era seu país e quais seus hábitos. Ainda, a referência à suposição de Gonsales como um mágico e as acusações que sofre quando aterrissa no país, como a de entrar sem autorização, são fatos biográficos de que se dá notícia da vida de Ricci e Pantoja e que foram mencionados acima e na nota 84. Como relata Zhang Kai (1997, p. 28), além de inicialmente Ricci e Pantoja terem sido vistos como feiticeiros e intrusos de índole perigosa em Pequim, Pantoja sofreu acusações de um grupo chinês anticatólico que era contra as suas ideias de aliar a teologia cristã com o confucionismo (perpetuando o trabalho iniciado por Ricci). Esse grupo, liderado por Shen Que, fez uma série de acusações à Pantoja, entre as que envolviam o desrespeito pela moral chinesa ao unir as filosofias, ainda havia a da ilegalidade da entrada dos missionários estrangeiros no país e a da inimizade aos astrônomos chineses.

Outro episódio similar à biografia de Ricci e a de Domingo Gonsales é seu perfil cientista, o interesse pelo fabrico de objetos científicos em seus passatempos e a adoção de um servo de cor escura (no caso de Gonsales, um negro; no de Ricci, um indiano) para auxiliá-los no desenvolvimento de seus instrumentos científicos. O interesse pela ciência, o investimento da propagação da fé em territórios estrangeiros pouco explorados, a adoção de estratégias de imersão em países através da ciência e da linguagem, são objetivos que Francis Godwin parece ter em comum com o padre jesuíta Matteo Ricci. A relação de Godwin e de sua ficção *Man in the Moone* com as missões na China, com os trabalhos de Ricci, serão detalhadas a seguir.

---

<sup>87</sup> *Carta del Padre Diego de Pantoja, Religioso de la Compañía de Jesús, para el Padre Luis de Guzmán, Provincial de la Provincia de Toledo.* Há uma versão moderna dessas cartas feita por Beatriz Moncó, que intitula-se *Relación de la Entrada de Algunos Padres de la Compañía de Jesús en la China y Particulares Sucesos que tuvieron y de cosas muy notables que vieron en el mismo Reino. Carta del Padre Diego de Pantoja, Religioso de la Compañía de Jesús, para el Padre Luis de Guzmán, Provincial de la Provincia de Toledo.* Ver: Moncó, 2011.

### 5.3. Jesuitismo oriental: o simulacro ideal de *Man in the Moone*



**Figura 6:** *Mission Chinoise des Jésuites*. Na imagem se vê padre Matteo Ricci e outros jesuítas portando objetos cinéticos e papeis - certamente de conteúdo catequético. Ilustração encontrada em: DU HALDE, Jean-Baptiste. *Description géographique, historique, chronologique, politique et physique de l'empire de la Chine et de la Tartarie chinoise*. Tome 3. Paris: P.G. Lemercier, 1735, p. 98.

Como considera Merchant (1955, p. 45), pelas injunções de Godwin à diocese de Llandaff, nós nos deparamos com um clérigo disciplinado, que se achará obrigado a usar medidas e punições extraordinárias; um diocesano concernente com a pregação e propagação da palavra. Como ainda completará uma fala de Morgan Godwin sobre o próprio pai, Francis Godwin era estimado como bispo por ser um severo seguidor das normas e leis de seu noviciato e um interessado nas matemáticas.<sup>88</sup> Essa pintura biográfica de um homem disciplinado e preocupado com os rumos que o anglicanismo poderia assumir e deveria assumir é bastante semelhante à dos padres aludidos em sua ficção e aos trabalhos deles no oriente. Como afirma Russell, os

<sup>88</sup> Ver Poole, 2009, p. xx.

jesuítas “eram disciplinados, capazes, inteiramente dedicados à causa e hábeis propagandistas. [...] Politicamente, eram um corpo único e disciplinado, que não recuava diante de perigos e de trabalhos” (RUSSELL, 1957, p. 44).

Godwin parece que não só incorporava o espírito jesuíta, mas era um defensor do jesuitismo enquanto ideologia de trabalho da religião – é claro, sabendo separar a admiração pela forma de trabalho de um órgão católico sem apoiar a religião católica e outras vertentes da mesma Igreja. Igualmente aos pais da Companhia de Jesus, que “insistiam com os príncipes católicos a que praticassem uma perseguição incansável, seguindo as pegadas dos exércitos espanhóis vitoriosos” (RUSSELL, 1957, p. 44), Godwin na sua insistência das injunções à punição e à ordem do seu bispado, parecia desejar de fazer com que seus reis Stuart se inspirassem no modelo de trabalho severo dessa organização religiosa, para garantir a sobrevivência do anglicanismo em uma Europa completamente antipatizada com as atitudes de Carlos I, e uma Inglaterra prestes a liquidar sua religião nacional. Era necessário a esses reis, pulso firme para contornar a situação catastrófica a que a economia, a política e a religião de seu país chegaram, com as medidas pró- espanholas e pró- católicas de seus reinados.

Uma medida promissora para resolver os problemas partiria não apenas de uma maior severidade no cumprimento das normas internas do país, como a vinculada à religião, que Godwin acusou através das injunções em suas dioceses, como o espírito aventureiro e interessado na expansão colonial que os jesuítas tinham à frente até dos reis espanhóis líderes das colonizações. O investimento em mercados prósperos para os tecidos ingleses, como provou a experiência da Companhia das Índias Orientais no Japão, onde manteve uma feitoria por dez anos, era a forma de contornar a situação interna e externa inglesa; interna porque o investimento no comércio seria sinônimo de satisfação dos puritanos e da classe popular e mercantil londrina, e externa, porque amenizaria um pouco as guerras com as potências católicas pelas colônias nos visados territórios americanos e africanos. A opção, por seguir os passos de Matteo Ricci em usar a ciência e a linguagem ou mesmo mecanismos tecno-científicos para a empresa, era valiosa porque não só possibilitaria a inauguração de formas mais eficientes para conduzir as mercadorias (como o projeto de Gonsales com os *Gansas* também intentaram), mas beneficiaria a riqueza econômica do país precursor e, conseqüentemente, seu poderio político no continente e no mundo.

A ciência, segundo visão e interesse de Francis Godwin, significaria a atualização da Marinha Inglesa, a mudança das estratégias de propagação do anglicanismo, a busca por mercados, pela manufatura de mercadorias novas, em suma a revisão das estratégias Stuart e a atualização das estratégias Tudor para colonização e soberania inglesa na Europa. Como desde o princípio o plano de alcançar a China para os jesuítas tratou-se de um plano de trabalho de uma expedição científica, em que o saber, a inteligência, o conhecimento era a condição do progresso da fé, da mesma forma o plano para se alcançar o sucesso político inglês, segundo visão de Godwin, teria a mesma feição, deveria partir do investimento na propagação das novas descobertas astronômicas, dos novos recursos da mecânica, da atualização da inteligência em todas as áreas. Uma proposição de reinado através de medidas feudais, como alianças políticas por meio de casamentos com potências iminentemente rivais e católicas, não só impediria a independência da economia inglesa, como também atrasaria seu desenvolvimento científico e mercadológico, visto que sua economia e mentalidade ficariam enraizadas em uma forma de vida e pensamentos já atrasados para as novas ideias de Copérnico e Galileu, como era a mentalidade de países católicos, feudais.



## 6. Palavras finais

A primeira e a última impressão que se fica da leitura da ficção *The Man in the Moone* de Francis Godwin, no seu aspecto formal e de conteúdo, é que se trata de uma narrativa episódica, fragmentária, cujos episódios podem ser sequenciados a partir das principais aventuras vividas pelo protagonista Domingo Gonsales, as quais obedecem a seguinte sequência: 1) Revolta Holandesa/ participação na campanha de Alba; 2) Ilha de Santa Helena/construção do maquinário com os *Gansas*; 3) Viagem à Lua/ descoberta da cidade utópica *Simiri*; 4) China/ encontro com os jesuítas e suas missões no Oriente. Aparentemente, e talvez em leituras primárias, esses episódios que integram *Man in the Moone* possam parecer desconectados e sem relação entre si, no entanto, ao longo do desenvolvimento deste trabalho, percorremos cada episódio procurando demonstrar sua ligação com os demais, a fim de que se pudesse mostrar que os episódios dessa narrativa fragmentária não só se interrelacionam, como em seu conjunto são complementares e buscam um único ponto.

Em outras palavras, e retomando a explicação dos fatos históricos apresentados ao longo do desenvolvimento do trabalho, poderíamos fazer o seguinte arremate dos episódios: a experiência de Gonsales ao lado de Alba, na guerra dos Países Baixos para conter uma revolta protestante, almeja reavivar os empreendimentos outrora feitos pela rainha Elisabete de ajudar os protestantes holandeses na guerra, como forma de manter-se inimiga da Espanha e entrar na disputa europeia pelos territórios. A ida do personagem às Índias e sua parada em Santa Helena, que sucedem esses embates nos Países Baixos, ressaltam a campanha inglesa, também do reinado de Elisabete, pela obtenção de metais preciosos e comercialização da lã - a criação de um maquinário multitarefas que possibilitaria o transporte, e, conseqüentemente, o comércio da lã enfatiza a importância de ir à busca de mercados para obter ouro e comercializar a lã. Em seguida, a chegada à civilização lunar altamente avançada no uso da ciência (falam uma linguagem que dispensa palavras, se transportam por leques gigantes, possuem pedras que possibilitam iluminação, equilíbrio de peso e calefação, além de ervas com propriedades de curas milagrosas) e cujo sistema sócio-político é uma espécie de monarquia bem ordenada por protestantes e pouco espaçosa e onerosa para puritanos e católicos, ainda, com um rei que tem por referência a rainha Elisabete I, poderia ser

descrita como uma pálida sugestão de uma sociedade inglesa Tudor com o diferencial de ser dotada de ciência, portanto, uma sugestão à ideia de que uma sociedade ideal seria uma sociedade inglesa do reinado de Elisabete I, avançada, com a presença da ciência. E por fim, a estadia na China e o contato com a missão jesuíta nesse país, o exemplo de vitória colonial por meio da reunião de ciência, religião e política imperialista; o modelo de ação a ser perseguido pelos reis Stuart para salvar sua política monárquica desastrosa.

Fica manifesto, a partir da sùmula dos eventos centrais do enredo, que eles convergem, juntos, para deixar em evidência a política colonialista e de tipo imperial de Elisabete I, com a novidade e a adição da ciência aliada à religião e à política, como modelo de sociedade bem sucedida e ideal para a Inglaterra. Esse arquétipo de sociedade, em suma, tirada à prova por meio de sua comparação com os problemas que a Inglaterra passava no momento (o que fizemos no trabalho), representa uma solução exata para os aspectos da política inglesa que os dois primeiros reis Stuart estavam negligenciando e, em consequência disso, provocando sérios conflitos na Inglaterra e fora dela, pondo a nação e todos os avanços e conquistas internacionais que obtivera até então com os Tudor, à falência. Como, acreditamos, o enredo de Godwin procurou frisar que a principal negligência desses reinados era com a colonização – seja pela opção dos reis por não manter os domínios nos Países Baixos, seja pela negligência de não buscar ouro nas Índias ou comercializar a lã nas colônias, seja por não implantar colônia em Santa Helena ou em outros lugares, entre outros -, a colonização, repito, é a peça-chave do enredo de Francis Godwin. Ele busca demonstrar que somente cuidando para a sua manutenção e atualização, seria possível a reconfiguração da sociedade inglesa.

A manutenção dessa sociedade se daria pela retomada e continuidade de alguns aspectos da política de Elisabete; e sua atualização, por meio do projeto que Godwin traçou a partir do exemplo de implantação das missões jesuítas na China. Assim como Elisabete teve o papel de retomar o ponto da política inglesa até onde seu pai, Henrique VIII, havia avançado, após dois regimes antecessores ao seu que estagnaram o desenvolvimento da Inglaterra por causa de seus radicalismos religiosos, Francis Godwin parece sugerir que Jaime I deveria avançar o ponto até onde Elisabete deixara a política, senão, como nos reinados de Eduardo VI e Maria I, a Inglaterra não

progrediria, e o pior, e já iminente, sucumbiria tanto pelos esforços dos puritanos ingleses, quanto dos católicos espanhóis e franceses, àquela altura fortes adversários ingleses. O rei deveria, então, partindo do ponto onde Elisabete parara, dar continuidade ao investimento para a formação de colônias e mercados estrangeiros (o que previa, entre outras ações, a consolidação de certas companhias comerciais no estrangeiro, como a Companhia das Índias Orientais), ao investimento nas guerras em que havia adversários da Espanha, como nos Países Baixos, e ao saque das colônias espanholas e a interrupção de suas rotas comerciais, como foi possível depois do episódio da Invencível Armada; para tanto, o rei deveria se valer das armas da religião, da política e da ciência juntas.

Portanto, na contramão da política amistosa que Jaime I assumia com a Espanha, e outras potências mundiais, Godwin sugere que ele deveria percorrer uma política externa imperial, colonialista e antiespanhola/anticatólica. Exatamente a mesma política que os jesuítas estavam assumindo no Império Vermelho, mas às avessas, obviamente, pois deveria no caso da proposição de Godwin, favorecer os ingleses (e não os espanhóis, como os jesuítas faziam). Então, se retomamos as constantes e mais evidentes preocupações de Francis Godwin enquanto bispo e escritor, a sua preocupação com o estatuto da religião anglicana, com a política colonialista inglesa e com a utilização de aparatos tecnológicos para o benefício de empresas bélicas e/ou comerciais, teríamos que a religião deveria ser um meio para a manutenção do domínio inglês além-mar, a ciência deveria ser um meio de manter a religião e o desenvolvimento econômico, e, em síntese, a união dessas três esferas, a política, a religiosa e a científica deveriam resultar numa saída para o reinado Stuart. Tais articulações integram um plano de política para a Inglaterra que encontra ressonância nas atividades missionárias dos jesuítas, sobretudo naquelas missões na China, na qual os membros da Sociedade de Jesus se valeram da força da aliança de religião, ciência e política para conquistar seu espaço e se fixar entre os mandarins; nas empresas missionárias dos padres, a cartografia, as madonas e a vitória dos empreendimentos econômicos e imperiais espanhóis atuaram sempre juntos, com o mesmo objetivo de dominação territorial. Logo, a metodologia adotada pelos jesuítas nas missões do Oriente parece ter funcionado para Godwin como um rico material de reflexão sobre pontos como a propagação da fé cristã, a política colonialista e maior abertura e

oportunidades para o empreendimento comercial inglês, de forma a levá-lo a deixar uma sugestão latente em *Man in the Moone* de que uma adequação das estratégias e ações dos jesuítas ao contexto inglês reordenaria a Inglaterra novamente, bem como a tornaria apta a disputar espaço com os imperialistas mundiais.

O episódio da China, na narrativa, é bastante particular da utopia de Francis Godwin, seja como um núcleo narrativo a mais na maquete comum dos textos utópicos do gênero, seja pelo que sugere de proposta política a ser colocada em prática. Nas utopias contemporâneas à *Man in the Moone*, ou mesmo utopias anteriores, o texto ficcional era constituído basicamente de duas grandes partes, uma correspondendo ao “mundo real”, e outra, ao “mundo utópico”. Basta lembrar como exemplo desta organização textual o livro *Utopia* (1516) de Thomas Morus. Ele apresenta essa divisão, é posta na forma de um hiato, uma separação entre os dois mundos – inclusive, em Morus, separada pelo Livro I e Livro II, dedicados, respectivamente, ao “mundo real” e ao “mundo utópico”. Em *The Man in the Moone* parece haver a supressão desse hiato, da divisão entre os dois mundos, o real e o utópico. Embora a narrativa vá apresentá-los na sua forma episódica, ao fim do texto temos a verificação de uma história cujos episódios convergiram para o episódio da China. Tal passagem que fecha o livro, responde e ata as pontas deixadas em todos os episódios anteriores; em outros termos: com a passagem da China é feita uma ponte entre os dois mundos, o real e o utópico, que, por sua vez, encontram fundamento e possibilidade de solução real nas lições que são extraídas da missão jesuíta na China.

Tal possibilidade de solução no real, a que Helvio Moraes (2012, p. 33-39) caracterizará como “tensão projetual”, oferecerá um caráter de proposta política a ser colocado em prática, além de reforçar a hipótese, também de Helvio, de que de exercício filosófico, a utopia vai adquirindo, gradualmente, ao longo do tempo, um caráter mais ativo, de interferência mais direta e imediata na cena política a partir da qual ganha vida. *The Man in the Moone*, então, pela explicação supracitada, certamente se enquadra no rol das utopias seiscentistas que são marcadas por essa “tensão projetual”: anseia a realização da proposta política embutida na ficção utópica.

Em particular, poderíamos concluir que a utopia de Francis Godwin ocupou-se da composição de um plano político para os primeiros reis Stuart, cujo escopo é a colonização e a vitória nos mares pelo domínio de territórios. A proposta que poderia

sanar os conflitos particulares aos primeiros reinados Stuart também se manifesta como um grande projeto político imperialista e colonial na qual o objetivo é a Inglaterra colocar-se como o império mundial. O fim último das proposições de Francis Godwin seria o triunfo inglês na Europa e no mundo. É plausível afirmar, contudo, que *The Man in the Moone*, é a utopia burguesa da Inglaterra. Escrita e publicada no século XVII, o século para muitos historiadores, entre eles Hill, marco da primeira Revolução Industrial, a ficção guarda os planos que mais tarde serão os instrumentos de vitória da Inglaterra nas mãos dos trabalhadores londrinos. Está contida nela todos os planos centrais, ou os pré-requisitos de que a Inglaterra fará uso para impor-se no cenário mundial como a grande potência mundial.

O interesse pela publicação da obra de Godwin apenas dois anos antes da deflagração da Guerra Civil Inglesa de 1640, que levaria a vitória do Parlamento sobre a monarquia, e por pouco tempo, deixaria a Inglaterra sobre um regime republicano, parece bastante curioso para um texto que abordará os erros Stuart mais motivadores da guerra (e uma contraproposta a eles): a aliança política com a Espanha, a desconsideração dos puritanos e da classe popular, a negligência ao anglicanismo e ao desenvolvimento da economia inglesa no exterior e a definição de sua posição política na Europa. Quem sabe, *The Man in the Moone* à aquela altura já chegasse tarde para atentar Jaime I e Carlos I sobre seus reinados catastróficos. Todavia, certamente, no ano em que Godwin o compôs e engavetou, por volta de 1629, o conjunto de temas e piscadelas aos reis seriam de enorme auxílio para enxergar a situação de seus reinados em uma condição iminente, quais seriam as consequências de seus atos a longo (mas não tanto assim) prazo, representada, por fim, pela Guerra Civil. Se por um lado a publicação da ficção de Godwin chegava em cima da hora dos eventos da revolução, por outro, independentemente do contexto Stuart, não deixava de oferecer, com sua proposta de aliança entre religião, ciência e política, uma base certa e atemporal (pelo menos enquanto reis e Igreja comandassem juntos) para o triunfo inglês na cena mundial.

Por fim, *Man in the Moone* mostra-nos o quanto Francis Godwin era uma personalidade de consciência aguda da situação inglesa do período, e conseguiu não só, por meio de uma ficção, apresentar os problemas centrais do seu país, mas pensar numa possível solução para saná-los de forma a elevar a Inglaterra para a condição de

potência mundial. Por essa razão, poderíamos aventar para Godwin uma posição de pensador lúcido da Inglaterra pré-Revolução Inglesa, ou mesmo, pré- Revolução Industrial, e para sua obra *The Man in the Moone*, um rico acervo para o trabalho de historiografistas e utopistas no seu esforço de conhecer e desvendar o imaginário das sociedades no século XVII.

## REFERÊNCIAS

### Edições de *The Man in the Moone*:

#### 1ª edição:

*The Man in the Moone or a discourse of a voyage thither by Domingo Gonsales the speed messenger*. Printed by John Norton to be sold by Joshua Kirton and Thomas Warren. London, 1638.

#### 2ª edição:

*The Man in the Moone or a discourse of a voyage thither by Domingo Gonsales the speed messenger*; by F.G.B of H. to which is added *Nuncius Inanimatus*, written in Latin by the same Author, and now Englished by a person of Worth. London, 1657.

#### 3ª edição:

*The Man in the Moone or a discourse of a voyage thither by Domingo Gonsales the speed messenger, A view of the island of St. Helena, in A view of the English Acquisitions in Guinea and The East Indies*, by R.B. (Richard Burton, pseudônimo de Nathaniel Crouch). London, 1768.

### Traduções de *The Man in the Moone*:

Jean Boudoin. *L'Homme dans la Lune*, 1648. (Francês)

Bürger, Thomas; Schmidt-Glitzner, Helwig. *Der Fliegende Wandersmann nach dem Mond: Faksimiledruck der deutschen Übersetzung*. Herzog August Bibliothek, 1969. (Alemão)

Filip Verbeek. [\*De man in de maan, of, Een verhaal van een reyse derwaarts\*](#). Luterse Bybel, 1718. (Holandês)

### Obras de Francis Godwin:

GODWIN, Francis. *The Man in the Moone*. Edited by William Poole. Canada: Broadview Editions, 2009. (Edição mais recente da obra).

GODWIN, Francis. “Injunctions for the Diocese of Llandaff, 1603”. In: *Journal of the Historical Society of the Church in Wales*, vol. IV, n. 9, 1954.

GODWIN, Francis. *Nuncius Inanimatus*. In: POOLE, William. *The Man in the Moone*. Canada: Broadview Editions, 2009. (Edição mais recente da obra).

GODWIN, Francis. *Rerum Anglicarum Henrico VIII. Edwardo VI et Maria regnantibus, annales nunc primum editi*. Ex Officina Nortoniana apud Ioan Bill, 1616.

GODWIN, Francis. *A catalogue of the bishops of England, since the first planting of Christian religion in this island, together with a briefe history of their lives and memorable actions, so neere as can be gathered out of antiquity*. Printed for Andrew Hebb. London, 1601.

## **Tratados científicos e ficções literárias concernentes à *The Man in the Moone*:**

- ANÔNIMO. *Lazarillo de Tormes*. Edición, estudio y notas de Francisco Rico. Barcelona: Galaxia Gutenberg: Círculo de Lectores, 2011.
- BACON, Francis. *Sylva Sylvarum*. In: MONTAGU, Basil (ed). *The works of Francis Bacon, Lord Chancellor of England*. Vol. II. Philadelphia: Carey and Hart, 1842.
- BACON, Francis. *New Atlantis*. In: BRUCE, Susan (ed.). *Thomas More – Utopia; Francis Bacon – New Atlantis; Henry Neville – The Isle of Pines*. Oxford University Press, 1999.
- BURTON, Robert. *The Anatomy of Melancholy*. Philadelphia: J. W. Moore, 1857.
- GALILEI, Galileo. *Sidereus Nuncius. Galileo's Sidereus Nuncius, or, A sidereal message*. Translated from the Latin by William R. Shea. Sagamore Beach, MA/USA: Watson Publishing International LLC, 2009.
- GILBERT, William. *De Magnete*. Translated by P. Fleury Mottelay. New York: Dover Publications, 1958.
- KEPLER, Johannes. *Kepler's Dream: With the Full Text and Notes of Somnium, Sive Astronomia Lunari*. Translated by P. F. Kirkwood. Berkeley and Los Angeles: UCLA Press, 1965.
- MONCÓ, Beatriz. *Relación de la Entrada de Algunos Padres de la Compañía de Jesús en la China y Particulares Sucesos que tuvieron y de cosas muy notables que vieron en el mismo Reino. Carta del Padre Diego de Pantoja, Religioso de la Compañía de Jesús, para el Padre Luis de Guzmán, Provincial de la Provincia de Toled*. Madrid: Instituto de Estudios Históricos del Sur de Madrid Jiménez de Gregorio, 2011.
- MORE, Thomas. *Utopia*. In: *The Complete Works of St. Thomas More*, vol. 4. Edited by E. Surtz and J. H. Hexter. New Haven: Yale University, 1965.
- NASHE, Thomas. *The unfortunate Traveller or the life of Jack Wilton*. Edited by John Berryman. New York: G. P. Putnam's Sons, 1960.
- RICCI, Matthew. *China in the Sixteenth Century: The Journals of Matthew Ricci: 1583-1610*. Translated from the Latin by Louis J. Gallagher. New York: Random House, 1953.
- RIDLEY, Marke. *A short treatise of magneticall bodies and motions*. London: Printed by Nicholas Okes, 1613.
- WILKINS, John. *Mercury, or the Secret and Swift Messenger*. Printed by I. Norton, for John Maynard, and Timothy Wilkins, and are to be sold at the George in Fleetstreet, neere Saint Dunstans Church. London, 1641.
- WILKINS, John. *The Discovery of a World in the Moone*. Printed by E. G. for Michael Sparke and Edward Forrest. London, 1638.
- WILKINS, John. *The Discovery of a World in the Moone*. Printed by John Norton for John Maynard, and are to be sold at the George in Fleetstreet, neere St Dunstans Church. London, 1640.

## **Sobre História Inglesa e os reinados de Elisabete, Jaime I e Carlos I:**

- BLACK, Joseph L. (ed.). *The Martin Marprelate Tracts*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- BLOCKMANS, Wim. *Emperor Charles V (1500–1558)*. Translated by Isola van den Hoven-Vardon. New York: Oxford University Press, 2002.

- BOOTY, John E. (ed.). *The Book of Common Prayer, 1559: The Elizabethan Prayer Book*. Virginia: University Press of Virginia, 1976.
- COLLINSON, Patrick. "The Elizabethan Church and the New Religion". In: HAIGH, Christopher (ed.). *The Reign of Elizabeth I*. Basingstoke: Macmillan, 1984.
- COLLINSON, Patrick. *The Religion of Protestants: The Church in English Society 1559-1625*. New York: Oxford University Press, 1982.
- CROFT, Pauline. *King James*. Basingstoke and New York: Palgrave Macmillan, 2003.
- CUST, Richard. *Charles I: A Political Life*. Harlow: Pearson Education, 2005.
- DANIELL, David. *The Bible in English: its history and influence*. New Haven: Yale University Press, 2003.
- FRASER, Antonia. *The Gunpowder plot*. London: Phoenix, 2005.
- GOVETT, L. A. *The King's Book of Sports: A History of the Declarations of King James I. and King Charles I. as to the Use of Lawful Sports on Sundays*. London, 1890.
- GREGG, Pauline. *King Charles I*. London: Dent, 1981.
- HILL, Christopher. *Origens intelectuais da Revolução Inglesa*. Trad. Jefferson Luís Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- HILL, Christopher. *O mundo de ponta-cabeça: ideias radicais durante a Revolução Inglesa de 1640*. Trad. Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- MARSHALL, Peter. *Reformation England: 1480-1642*. New York: Bloomsbury Academic, 2012.
- MARTIN, Colin & PARKER, Geoffrey. *The Spanish Armada*. London: Penguin Books, 1999.
- MORTON, Arthur. L. *A História do Povo Inglês*. Trad. José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.
- NEALE, John. E. "The Elizabethan Acts of Supremacy and Uniformity". In: *English Historical Review*, n. 65, 1950.
- NEALE, John. E. *Elizabeth I and Her Parliaments, 1559-1581*. London: Jonathan Cape, 1953.
- NEW, John F. H. *Anglican and Puritan: the Basis of their opposition, 1558-1640*. California: Stanford University Press, 1964.
- PARKER, Geoffrey. *The Dutch revolt*. London: Penguin books, 1977.
- SCHAMA, Simon. *A History of Britain. Vol. II*. New York: Hyperion, 2001.
- STURDY, David J. *Fractured Europe 1600-1721*. Oxford: Blackwell, 2002.
- TREVELYAN, George M. *História concisa de Inglaterra. Vol. II*. Portugal: Publicações Europa-América, 1990.
- TREVELYAN, George M. *Historia Política de Inglaterra*. Trad. Ramón Iglesia. México: Fondo de Cultura Económica, 1943.
- WILLSON, David H. *King James VI & I*. London: Jonathan Cape, 1963.
- WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Trad. Antônio Flávio Pierucci. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

## Estudos:

AÏT-TOUATI, Frédérique. "Godwin, Wilkins, Cyrano: from the optical voyage to the mechanical voyage". In: *Fictions of the Cosmos: science and literature in the Seventeenth Century*. Translated by Susan Emanuel. Chicago: The University of Chicago Press, 2011.

- ARBER, Edward. *A transcript of the Registers of the Company of Stationers of London, 1554-1640. Vol. 4.* London, 1877.
- BARRETT, Pam. *Insight Guide Tenerife and Western Canary Islands.* Insight Guides, 2000.
- BRANDÃO, Jacyntho L. “Cyrano de Bergerac e a tradição luciânica”. In: BERGERAC, Cyrano. *Viagem à Lua.* Trad. Fulvia Moretto. São Paulo, Editora Globo, 2007.
- BRUNNER, Bernd. *Moon: a brief history.* New Haven: Yale University Press, 2010.
- CAIXETA, Bruna P. “História das viagens à lua: um percurso e uma apresentação de ‘Man in the Moone’ de Francis Godwin”. In: *Remate de Males.* Campinas/UNICAMP, Vol. 32.2, 2012.
- CLARK, John. “Bishop Godwin’s ‘The Man in the Moone’: the other Martin”. In: *Science Fiction Studies*, vol. 34, n. 1, 2007.
- DAVIES, H. Neville. “Bishop Godwin’s ‘Lunatique Language’”. In: *Journal of the Warburg and Courtauld Institutes*, vol. 30, 1967.
- DUGARD, Martin. *The last voyage of Columbus.* New York: Little, Brown and Company, 2005.
- EMPSON, William. "Godwin's Voyage to the Moon." In: *Essays on Renaissance Literature.* Ed. John Haffenden. Cambridge, UK: Cambridge UP, 1993.
- FINCHAM, Kenneth. *Visitation Articles and Injunctions of the Early Stuart Church,* vol. I. Suffolk: The Boydell Press, 1994.
- FORSTER, Edward Seymour (ed). *The Turkish Letters of Ogier de Busbecq.* Louisiana: Louisiana State University, 2005.
- GRUFFYDD, Geraint. “Bishop Francis Godwin’s Injunctions for the Diocese of Llandaff, 1603”. In: *Journal of the Historical Society of the Church in Wales*, vol. IV, n. 9, 1954.
- HUTTON, Sarah. “*The Man in the Moone* and the New Astronomy: Godwin, Gilbert, Kepler”. In: *Estudes Epistémè*, n.6, 2004.
- JANE, Cecil. *The journal of Christopher Columbus.* London: Anthony Blond, 1968.
- KAI, Zhang. *Diego de Pantoja y China (1597-1618).* Beijing: Editorial de la Biblioteca de Beijing, 1997.
- KERR, Robert. *A General History and Collection of Voyages and Travels.* London: James Ballantyne and Company, 1813.
- KNOWLSON, James R. “A note on Bishop Godwin’s ‘Man in the Moone’: The East Indies Trade Route and a ‘Language’ of Musical Notes”. In: *Modern Philology*, vol. 65, n. 4, 1968).
- LACOUTURE, Jean. *Os jesuítas – I. A Conquista.* Trad. Maria Fernanda Gonçalves de Azevedo. Lisboa: Editorial Estampa, 1991.
- LAWTON, Henry.W. "Bishop Godwin's *Man in the Moone*". In: *The Review of English Studies*, v.7, nº 25, 1931.
- MAGIRUS, Johannes. *Physiologiae Peripateticae Libri Sex.* London: John Bill, 1619.
- MAGNY, Françoise. *Cambrai ville fortifiée.* Cambrai: Maison Falleur, 1991.
- MCCOLLEY, Grant. “Introduction”. In: *Smith College Studies in Modern Language/ The Man in the Moone and Nuncius Inanimatus:* for the first time edited, with introduction and notes, from unique copies of the first editions of London, 1629 and London, 1638. Vol. 19, n.1, oct. 1937a.
- MCCOLLEY, Grant. “The Date of ‘Domingo Gonsales’”. In: *Modern Philology*, vol. 35, n.1, 1937b.

MCCOLLEY, Grant. "The Pseudonyms of Bishop Godwin. In: *Philological Quarterly*, n. 16, 1937c.

MENZIES, Ruth. "The Bishop and the Braggart: truth and fiction in Francis Godwin's *The Man in the Moone*. In: *Représentations*, Hors série 3, novembre 2009.

MERCHANT, W.M. "Bishop Francis Godwin, historian and novelist". In: *Journal of the Historical Society of the Church in Wales*, vol. V, n. 10, 1955.

MILLER, René F. *Os jesuítas: seus segredos e seu poder*. Trad. Alvaro Franco. Rio de Janeiro: Livraria do Globo, 1946.

MONCÓ, Beatriz. "The China of the Jesuits: Travels and Experiences of Diego Pantoja and Adriano de las Cortes". In: *Culture & History Digital Journal*, vol. 1, n.2, 2012. Disponível em: <http://cultureandhistory.revistas.csic.es/index.php/cultureandhistory/article/viewArticle/11/53#NOTE0003> Acesso em: 1 de julho de 2013.

MORSE, Samuel F. B. *Examination of the Telegraphic Apparatus and the Processes in Telegraphy*. Philip & Solomons, 1869.

PHILMUS, Robert M. "Murder Most Fowl: Butler's Edition of Francis Godwin". In: *Science Fiction Studies*, vol. 23, nº 2, jun. 1996.

POOLE, William. "Introduction". In: *The Man in the Moone*. Edited by William Poole. Canada: Boadview Editions, 2009.

POOLE, William. "Kepler's *Somnium* and Francis Godwin's *The Man in the Moone*: births of Science-Fiction 1593-1638". In: *New Worlds Reflected: travel and Utopia in the Early Modern Period*. England: Ashgate Publishing, 2010.

POPKIN, Richard H. *The Columbia History of Western Philosophy*. New York: MJF Books, 1998.

RASHDALL, Hastings. *The Universities of Europe in the Middle Ages*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

RUSSELL, Bertrand. *História da filosofia ocidental: livro terceiro*. Trad. Brenno Silveira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957.

SEEBER, Edward D. "Ideal Languages in the French and English Imaginary Voyage". In: *PMLA*, vol. 60, n.2, 1945.

SIMOSON, Andrew. "Pursuit Curves for the *Man in the Moone*". In: *The College Mathematics Journal*, Vol. 38, nº. 5, nov. 2007.

SOARES, Luiz Carlos. *Do novo mundo ao universo heliocêntrico*. São Paulo, Hucitec, 1999.

SOUZA, Ronaldo E. *A Evolução Histórica da Cosmologia*. Departamento de Astronomia da USP, 2007. Disponível em: <http://www.astro.iag.usp.br/~ronaldo/introcosm/Notas/Cap1.pdf> Acesso em: 11 de junho 2013.

TILLYARD, Eustace M. W. *The Elizabethan World Picture*. London: Penguin Books, 1963.

WHEWELL, William. *History of the inductive sciences from the earliest to the present time*. New York: D. Appleton and Company, 1858.

WOOD, Anthony. *Athenae Oxonienses: an exact history of all the writers and bishops who have had their education in the University of Oxford*. London, 1721.

WOOLF, D. R. "Godwin, Francis (1562-1633)". In: *Oxford Dictionary of National Biography*. Oxford University Press, 2004. Disponível em: <http://www.oxforddnb.com.silk.library.umass.edu/view/article/10890> Acesso em: 12 maio 2013.

## Sobre os gêneros da utopia e da ficção científica

- ALKON, Paul K. *Science fiction before 1900: imagination discovers technology*. New York and London: Routledge, 2002.
- BERRIEL, Carlos Eduardo O. “Editorial”. In: *MORUS: Utopia e Renascimento*. n. 1, 2004.
- BERRIEL, Carlos Eduardo O. “Campanella: A consciência possível da Contrarreforma. Considerações sobre o *Appendice della política detta La Città del Sole di fra’ Tommaso Campanella – Dialogo poetico (1602)*”. In: *MORUS – Utopia e Renascimento*, Campinas, n. 5, 2008.
- BACCOLINI, Raffaella ; FORTUNATI, Vita; MINERVA, Nadia. *Viaggi in utopia*. Longo Editore, 1996.
- CARNEIRO, André. *Introdução ao Estudo da Science-Fiction*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura/Comissão de Literatura, 1967.
- CAUSO, Roberto de Sousa. *Ficção científica, fantasia e horror no Brasil, 1875 a 1950*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- DUBOIS, Claude-Gilbert. *Problemas da Utopia*. Trad. Ana Cláudia Romano Ribeiro. Campinas: UNICAMP- IEL –Setor de Publicações, 2009. (Coleção Work in Progress).
- FIKER, Raul. *Ficção Científica: ficção, ciência ou uma épica da época*. Porto Alegre: L&PM, 1985.
- FIRPO, Luigi. “A utopia política na Contrarreforma”. *MORUS –Utopia e Renascimento*, Campinas, n. 5, 2008.
- MORAES, Helvio. “Liberdade política e tensão projetual na utopia inglesa do século XVII”. In: *Anais do Congresso Utopia, Controle social e livre-arbítrio (U-TOPOS/UFF)*. Niteroi, nov. 2012.
- RACAULT, Jean-Michel. “Longe da quimera, perto do real”. In: *Jornal da Unicamp*, ano XXIII, 2009, n. 427.
- RIBEIRO, Ana Cláudia Romano. “Utopia e Sátira”. In: *MORUS – Utopia e Renascimento*. Campinas, n.6, 2009.
- QUARTA, Cosimo. “Utopia: gênese de uma palavra-chave”. In: *MORUS – Utopia e Renascimento*, Campinas, n. 3, 2006.
- SARGENT, Lyman Tower. “What is a Utopia?” In: *MORUS – Utopia e Renascimento*, Campinas, n. 2, 2005.
- SARGENT, Lyman Tower. “Eutopias e Distopias da Ciência”. In: *MORUS – Utopia e Renascimento*, Campinas, n. 4, 2007.
- TROUSSON, Raymond. “Utopia e Utopismo”. In: *MORUS – Utopia e Renascimento*, Campinas, n. 2, 2005.

## Sobre tradução:

- ARROJO, Rosemary. *Oficina de tradução: a teoria na prática*. São Paulo: Ática, 1986. (Série Princípios).
- BENEDETTI, Ivone. *Tradução do Decameron: tônus e público*. Disponível em: <http://ivonebenedetti.wordpress.com/2013/08/19/traducao-do-decameron-tonus-e-publico-texto-da-palestra-feita-na-unicamp-durante-o-coloquio-700-anos-de-boccaccio/?contact-form-id=1214&contact-form-sent=1222&wpnonce=bedac30467#contact-form-1214> Acesso em: 24 de agosto de 2013.

RÓNAI, Paulo. *Escola de tradutores*. Rio de Janeiro: EDUCOM, 1976.

### **Dicionários e enciclopédias:**

*Biographie universelle, ancienne et moderne, ou Histoire, par ordre alphabétique, de la vie publique et privée de tous les hommes*. 2e éd. Tome 2. Paris: Michaud, 1843.

*Chambers's Encyclopaedia: a dictionary of universal knowledge*. Vol VII. London and Edinburgh: William & Robert Chambers, 1897.

COLLINS, William. *Collins Portuguese Concise Dictionary*. 3<sup>rd</sup> edition. New York: Harper Collins Publishers, 2010.

*Enciclopedia Italiana di Scienze, Lettere ed Arti – XVII*. Pubblicata sotto l'alto patronato di S. M. Il Re D'Italia. Milano: S.A. Treves –Treccani – Tumminelli, 1933.

*Encyclopaedia Britannica*. Disponível em: <http://www.britannica.com/> Acesso em: 3 de junho de 2013.

*Evangelization Dictionary Online from FOJP School of Evangelization*. Disponível em: <http://evschool.net/eng/diction.pl?terms=/Ricci> Acesso em: 2 de julho 2013.

*LEME: Lexicons of Early Modern English*. Disponível em:

<http://leme.library.utoronto.ca/index.cfm> Acesso em: 20 de setembro de 2013.

*Library of Congress Name Authority File*. “John Norton”. Disponível em:

<<http://id.loc.gov/authorities/names/nr98017177.html>>. Acesso em: 10 maio 2013.

MITCHELL, Bruce & ROBINSON, Fred C. *A guide to Old English: revised with texts and glossary*. Toronto: University of Toronto Press, 1982.

*Oxford English Dictionary*. Disponível em: <http://www.oed.com.silk.library.umass.edu/>

*Oxford Dictionary of National Biography*. Disponível em:

<http://www.oxforddnb.com.silk.library.umass.edu/>

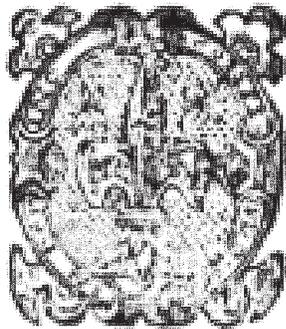
PLOMER, Henry R. *A dictionary of the booksellers and printers who were at work in England, Scotland and Ireland from 1641 to 1667*. London: Bibliographical Society, 1968.

THE  
MAN IN THE  
MOONE:

OR  
A DISCOURSE OF A  
Voyage thither  
BY

DOMINGO GONSALES

*The speedy Messenger.*



LONDON,  
Printed by JOHN NORTON, for  
Joshua Kirton, and Thomas Warren, 1638.

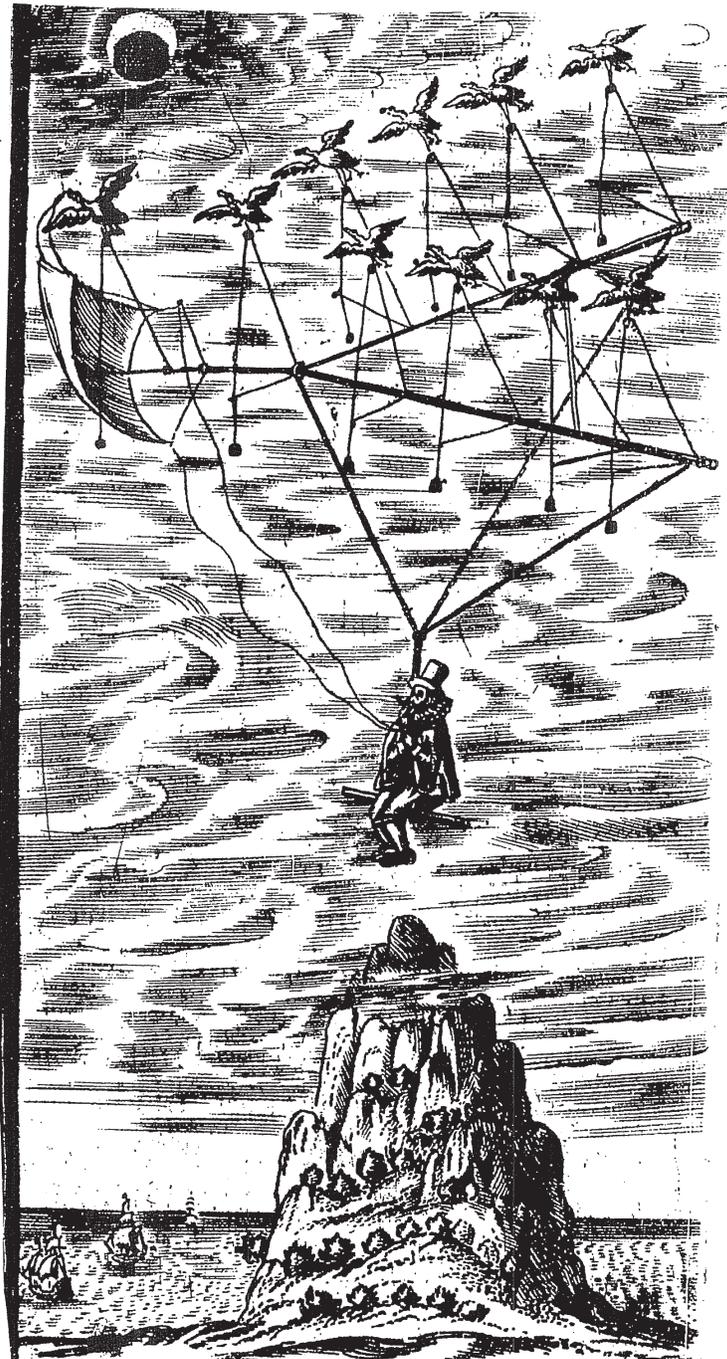
O Homem na Lua

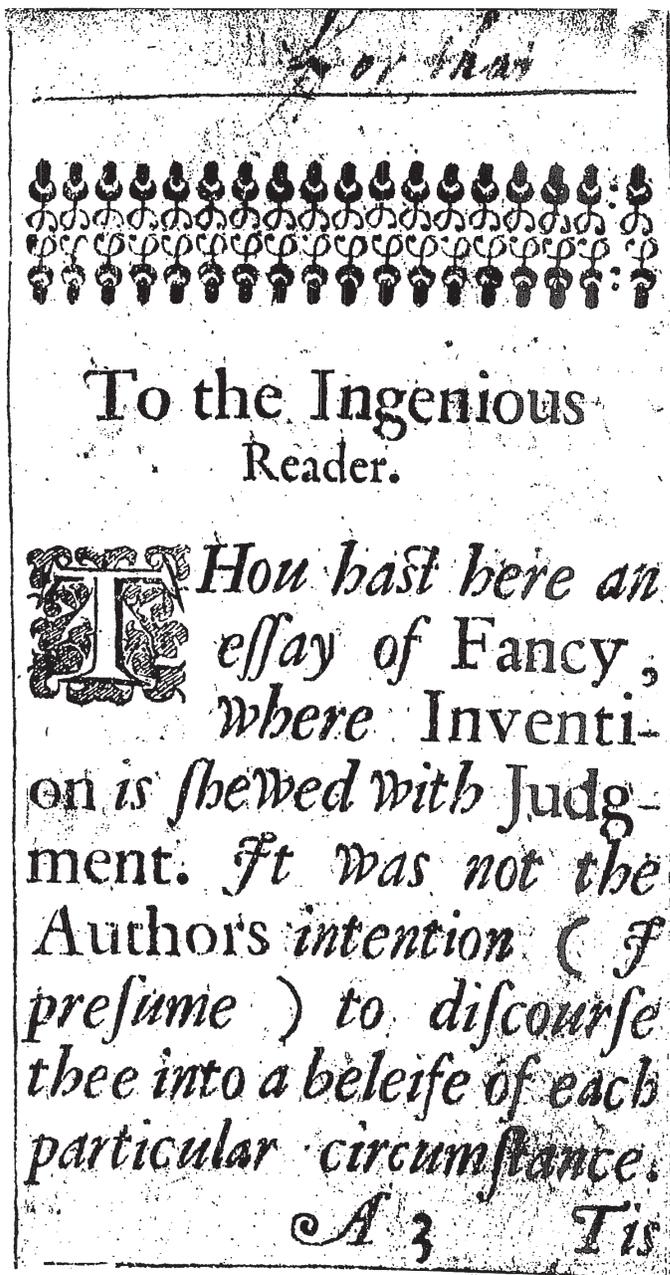
ou  
um relato de uma viagem para lá  
por

Domingo Gonsales

O mensageiro veloz

Londres  
Impresso por John Norton  
para Joshua Kirton e Thomas Warren  
1638.





Ao Leitor Arguto

Tens aqui um ensaio de *imaginação*,<sup>1</sup> no qual a *invenção* é mostrada com *discernimento*. Não foi intenção do *autor* (presumo) induzi-lo a acreditar em cada circunstância particular.

<sup>1</sup> No inglês do século XVII, os substantivos eram iniciados por maiúsculas. No entanto, em algumas passagens do texto de Godwin, além de serem grafados em maiúsculas, alguns substantivos são escritos em um estilo diferente ao do corpo do texto, isto é, se este se encontra sem itálico, alguns substantivos aparecem com itálico; se o corpo do texto é escrito com itálico, os substantivos sem. Optei por manter em destaque, e diferenciadas do estilo do restante do texto, as palavras que assim o autor grafou, mas adequando os substantivos para o estilo moderno de escrita, sem serem iniciados por maiúsculas. Em muitas passagens, as palavras que Godwin destaca do restante do texto parecem fazer explícitas referências ao que se constitui o pontos-chave de sua discussão.

## The Epistle

*Tis fit thou allow him a liberty of conceite; where thou takest to thy selfe a liberty of judgment. In substance thou hast here a new discovery of a new world, which perchance may finde little better entertainment in thy opinion, than that of Columbus at first, in the esteeme of all men. Yet his than but poore espiall of America, betray'd unto knowledge soe much as bath*

Dessa maneira, cabe a tu consentir-lhe liberdade de concepção, tomando por ti mesmo liberdade de julgamento. Em essência, tens aqui uma nova descoberta de um novo *mundo*,<sup>2</sup> que talvez encontre, em tua opinião, um acolhimento um pouco melhor do que aquele obtido primeiramente por *Colombo*, na estima de todos os homens. Ainda que limitada, sua investigação da *América*, tanto não impediu, quanto,

---

<sup>2</sup> Godwin, nesta “Carta ao Leitor”, destaca a palavra “world”, “mundo”, como havia fazendo com outras: grafando-a em um estilo diferente ao do corpo do texto, isto é, sem itálico. No entanto, além de ele a deixar sem o itálico, como em outras palavras, ele não coloca “world” com a primeira letra em maiúsculo, o que deveria ocorrer, sendo ela um substantivo e também obedecendo a maneira de redigi-la de outros autores contemporâneos, como John Wilkins (autor de *The Discovery of a New World*), por exemplo; a opção justifica-se, certamente, pela intenção do autor de que o leitor relativize o sentido fixo existente para essa palavra e leia-a em sentidos figurativos de mundos outros, imaginados.

to the Reader.

hath since encreast into a  
vaste plantation. And the  
then unknowne, to be now  
of as large extent as all  
other the knowne world.

That there should be  
Antipodes was once  
thought as great a Para-  
dox as now that the  
Moon should bee habit-  
able. But the knowledge  
of this may seeme more  
properly reserv'd for this  
our discovering age : In  
which our Galilæusses,  
can

desde então, ampliou-se para uma vasta colonização. E o então desconhecido, passou a ser agora tão grande em extensão quanto o outro *mundo* conhecido.<sup>3</sup>

A existência de *antípodas* uma vez foi julgada como um grande *contrassenso*, como é agora que a *lua* possa ser habitável. Entretanto, tal conhecimento pode parecer mais apropriadamente reservado à nossa época de descobertas, na qual nossos *Galileus*

---

<sup>3</sup> É sabido que Colombo, ao atingir a América, esteve convicto de que chegara à Ásia, onde pretendia aportar. Ainda que ele não tenha sido o primeiro a atingir o continente americano, e tenha acreditado que o continente era o asiático, suas viagens e seus relatos proporcionaram o primeiro contato europeu duradouro com a América, inaugurando um período de exploração, conquista e colonização do continente que durou vários séculos e foi decisivo para o desenvolvimento do mundo ocidental. Ver os relatos de Colombo em Jane, 1968, p. 191-203; e sobre o legado do viajante em Dugard, 2005, p. 9-67 e 213-244.

The Epistle, &c.

can by advantage of their  
spectacles gaze the Sunne  
into spots, & descry moun-  
taines in the Moon. But  
this, and more in the en-  
suing discourse I leave to  
thy candid censure, & the  
faithfull relation of the  
little eye-witnesse, our  
great discoverer.

E. M.

podem, pela vantagem das suas lentes, ver manchas no sol e divisar montanhas na lua.<sup>4</sup> Mas isso, e mais no subsequente discurso, deixo para tua cândida censura, e para o relato fiel de uma pequena testemunha ocular, nosso grande descobridor.

E. M.<sup>5</sup>

<sup>4</sup> Galileu publica em 1610 sua obra *Sidereus Nuncius*, na qual compila suas observações astronômicas da Lua e estrelas, através do recém-inventado telescópio. A partir de suas observações da Lua, ele deduziu que as regiões mais escuras são áreas planas e baixas, enquanto as regiões mais brilhantes são ásperas e cobertas por montanhas. Foi também por intermédio do telescópio que pôde identificar manchas no sol e observar o céu. Cf. Galilei, 2009.

<sup>5</sup> As opiniões sobre a quem pertenceriam as iniciais “E.M.” são controversas. Anthony Wood (1721) considera que as letras teriam sido de um editor da Igreja católica que publicou o texto de Godwin após sua morte. Já Edward Arber (1877) afirma que elas se referem a Edward Mahon, tradutor de *The Man in the Moone* do espanhol para o inglês. Todavia, segundo Lawton (1937) hoje já se comprova que o responsável pela edição da obra foi o filho de Godwin, Thomas Godwin, e que não há registros de que a obra tenha tido versão em espanhol. Para Lawton e McColley (1937), o que parece mais provável é que as iniciais seriam um pseudônimo de Francis Godwin.



I

THE  
M A N I N  
T H E  
M O O N E .



T is well enough and  
sufficiently knowne  
to all the countries  
of *Andaluzia*, that I  
*Domingo Gonsales*,  
was borne of Noble  
parentage, and that in the renowned  
City of *Sivill*, to wit in the yeare  
1552. my Fathers name being *Ther-  
ranão Gonsales*, (that was neere kinf-  
man by the mothers side unto *Don*  
B Pedro

O homem na Lua

É bem e suficientemente conhecido em todos os países da *Andaluzia*, que eu, *Domingo Gonsales*, nasci de linhagem nobre, e na renomada cidade de *Sevilha*, a saber, no ano 1552. Meu pai chamava-se *Servando Gonsales* (que era parente próximo por parte de mãe de *Dom Pedro*

*Pedro Sanchez* that worthy Count of *Almenara,*) and as for my Mother, she was the daughter of the Reverend and famous Lawyer, *Otho Perez de Sallaveda,* Governour of *Barcellona,* and *Corrigidor of Biscaya;* being the youngest of 17 Children they had, I was put to school, and intended by them unto the Church. But our Lord purposing to use my service in matters of farre other nature and quality, inspired me with spending sometime in the warres. It was at the time that *Don Ferrando,* the Noble and thrice renowned Duke *D'Alva,* was sent into the Low Countries, viz. the yeare of Grace 1568. I then following the current of my foresaid desire, leaving the Vniversitie of *Salamanca,* (whether my Parents had sent mee) without giving knowledge unto any of my dearest friends, got mee through *France,* unto *Antwerp,* where in the moneth

*Sanchez,* o respeitável conde de *Almenara*); quanto à minha mãe, era filha do reverendo e famoso advogado *Otho Perez de Sallaveda,* governador de *Barcelona* e *corregedor de Biscaia*. Sendo o mais jovem dos 17 filhos que tiveram, fui colocado na escola e pretendido por eles à Igreja. Todavia, nosso Senhor, com intenção de usar meus serviços em assunto de natureza e qualidade bem diversas, me estimulou a passar algum tempo nas guerras. Era o momento em que *Dom Fernando,* o nobre e terceiro duque *D'Alba,* fora enviado aos Países Baixos, a saber, no ano da Graça de 1568.<sup>6</sup> Eu, então, seguindo o curso do meu referido desígnio, deixei a Universidade de *Salamanca*<sup>7</sup> (para onde meus pais haviam me enviado), sem dar notícia para nenhum dos meus mais queridos amigos, e atravessei a *França,* em direção a *Antuérpia,* onde, no mês

<sup>6</sup> Fernando Alvarez de Toledo, duque de Alba, em 1566 é enviado, às ordens de Felipe II da Espanha, aos Países Baixos para repreender manifestações protestantes. Nesta data, acontecia a "Fúria Iconoclasta" (*Beeldenstorm*), na Holanda, movimento no qual os protestantes calvinistas saquearam e destruíram uma série de mosteiros e igrejas. Cf. Parker, 1977.

<sup>7</sup> Essa universidade é a mais antiga da Península. Foi fundada aproximadamente em 1230 por Afonso IX de Leon e em 1242 refundada por Ferdinand de Castela. É geralmente aceito que Colombo discursou nessa universidade durante suas descobertas e que a universidade foi a primeira a ensinar astronomia de acordo com as teorias copernicanas. Cf. Rashdhal, 2010, p.i.

*The Man in the Moone.* 3

moneth of *June* 1569, I arrived in something poore estate. For having sold my Bookes and Bedding, with such other stuffe as I had, which happily yeelded me some 30 duckats and borrowed of my Fathers friends some 20 more, I bought mee a little nagge with which I travailed more thrittily than young Gentlemen arc wont ordinarily to doe: Vntill at last arriving within a league of *Amwerp*, certaine of the cursed *Geuses* set upon mee, and bereaved me of Horse, monie, and all: Whereupon I was faine (through want and necessitie,) to enter into the service of Marshal *Cossey* a French Noblerman, whom I served truly in honourable place, although mine enemies gave it out to my disgrace that I was his horse-keepers boy. But for that matter I shall referre my selfe unto the report of the Count *Mansfield*, *Monsieur Tavier*,

B 2

and

de junho de 1569, cheguei em estado de pobreza. Por ter vendido meus livros e roupas de cama, com outras coisas que tinha, o que felizmente me rendeu 30 ducados, e pegando emprestado dos amigos do meu pai mais 20, comprei um pequeno cavalo, com o qual viajei mais parcimoniosamente do que jovens cavalheiros estão habitualmente acostumados a fazer, até que, chegando a uma légua da *Antuérpia*, alguns dos malditos *geuses*<sup>8</sup> me atacaram e me despojaram do cavalo, do dinheiro e de tudo o mais. Por essa razão, fui forçado (pela carência e necessidade) a entrar para o serviço do marechal *Cossey*,<sup>9</sup> um nobre francês, a quem servi lealmente e em posição de honra - embora meus inimigos difundissem, para minha desonra, que eu era o seu cavaleiro. Todavia, no que diz respeito a esse assunto, devo me referir ao relato do conde *Mansfield*,<sup>10</sup> do senhor *Tavier*

<sup>8</sup> *Geus* (do francês “gueux”) significa “mendigos”. Assim eram chamados, pela nobreza opressora, as famílias francesas de origem nobre, mas que empobreceram porque tiveram seus bens confiscados pelo estado por motivos religiosos (protestantes) e políticos. Essas famílias formaram uma aliança, chamado de Pacto dos Nobres, e, em 1566, entregaram para a governadora espanhola Margaretha de Parma, em Bruxelas, um pleito para serem indenizados pelos bens confiscados, ocasião em que o Presidente do Conselho de Finanças teria dito à governadora “Ce ne sont que des gueux” (“não passam de mendigos”). A partir desse acontecimento, o apelido depreciativo se transformou em brado de guerra contra os opressores espanhóis, e eles (logo conhecidos como *Geuses*) se tornaram áduos combatentes na guerra contra a Espanha. Cf. <http://www.las.ic.unicamp.br/paulo/family/Carambei-20021109.pdf>

<sup>9</sup> Artus de Cossé-Brissac (1512-1582), conde de Secondigny e marechal de Cossé. Em 1569 comanda o exército católico do rei Carlos IX da França, na Batalha de Moncontour. Esta batalha ocorreu em 3 de outubro de 1569 entre católicos e huguenotes, durante as inúmeras guerras religiosas francesas. Cf. *Biographie universelle*, 1843-1865, p. 134.

<sup>10</sup> Apesar de Godwin grafar Mansfield, provavelmente se referia ao Conde de Mansfield, Peter Ernest (1517-1604). Na eclosão da guerra nos Países Baixos, ele fez seu nome como um dos generais mais hábeis a serviço da Espanha. Tendo sido enviado por Alba para dar assistência ao rei Carlos IX contra os protestantes, ele torna-se famoso na Batalha de Moncontour. Cf. *Chambers's Encyclopaedia*, 1897, p.26.

4 *The Man in the Moone.*

and other men of knowne worth and estimation; who have often testified unto many of good credit yet living, the very truth in that behalfe, which indeed is this, that *Monsieur Cossey*, who about that time had been sent Embassador unto the Duke *D'Alva*, Governour of the Low Countries, he I say, understanding the Nobility of my birth, and my late misfortune; thinking it would bee no small honour to him, to have a Spaniard of that qualitie about him, furnished mee with horse, armour, and whatsoever I wanted, using my service in nothing so much (after once I had learned the French tongue) as writing his Letters, because my hand indeed was then very faire. In the time of warre, if upon necessitie I now and then dressed mine owne Horse, it ought not to be cast in my teeth, seeing I hold it the part of a Gentleman,  
for

e ao de outros homens de conhecida excelência e estima, os quais muitas vezes testemunharam a muitos de boa reputação ainda vivos, a autêntica verdade desse serviço, que de fato era a seguinte: o *senhor Cossey*, quem nesse tempo tinha sido enviado embaixador ao duque *D'Alva*,<sup>11</sup> governador dos Países Baixos, ele, declaro, conhecedor da nobreza do meu nascimento e de minha última desventura, julgando que não seria pequena honra ter um espanhol daquele valor sob suas ordens, proveu-me com cavalo, armadura e tudo quanto quis, usando meus serviços em nada mais (uma vez que tinha aprendido a língua francesa) do que escrever suas cartas, porque minha caligrafia era de fato então muito bela. Na época da guerra, se necessário, eu às vezes selava o meu próprio cavalo – pelo que não devo ser repreendido -, visto que considero ser dever de um cavalheiro,

<sup>11</sup> Quem é enviado por Alba aos Países Baixos não é Cossé, mas o conde de Mansfeld. Provavelmente, Godwin confundiu os designios dos dois nobres. Ver nota anterior.

for setting forward the service of his Prince, to submit himselfe unto the vilest office. The first expedition I was in, was against the Prince of Orange, at what time the Marshall my friend aforesaid, met him making a roade into France, and putting him to flight, chased him even unto the walls of Cambray. It was my good hap at that time to defeat a horseman of the enemy, by killing his Horse with my pistoll, which falling upon his leg, so as he could not stirre, hee yeelded himselfe to my mercie ; but I knowing mine owne weaknesse of bodie, and seeing him a luttie tall fellow, thought it my surest way to dispatch him, which having done, I rifled him of a chaine, monie, and other things to the value of 200 ducats : no sooner was that money in my purse, but I began to resume the remembrance of my nobilitie, and

B 3 giving

ao colocar em primeiro lugar o serviço de seu príncipe, submeter-se ele mesmo às tarefas mais vis. A primeira expedição de que participei foi contra o Príncipe de Orange,<sup>12</sup> no momento em que o marechal, meu amigo supracitado, encontrou-o fazendo uma incursão na França, e, colocando-o em fuga, o perseguiu até os muros de Cambray.<sup>13</sup> Foi minha boa sorte nessa hora derrotar o cavaleiro do inimigo, matando com minha pistola seu cavalo que, caindo sobre sua perna, de forma que não pudesse se mexer, submeteu-se a minha mercê. Mas eu, consciente da fragilidade de meu corpo, e notando-o um sujeito alto e vigoroso, ponderei a forma mais segura de executá-lo, o que tendo feito, saqueei-lhe um colar, dinheiro e outras coisas no valor de 200 ducados. Tão logo estava o dinheiro na minha bolsa, comecei a recuperar a aparência de minha nobreza, e oferecendo

<sup>12</sup> William o Silente, conde de Nassau e príncipe de Orange (1533-1584). Em 1566, intervém na luta entre as tropas de Alba e os huguenotes, a favor do huguenotes. Cf. Parker, 1977.

<sup>13</sup> Cambray foi um dos locais privilegiados para guerra dos espanhóis. Essa cidade, situada nas fronteiras da França, serviu de posição avançada para combate e lhes permitiu imposição no meio de seus triunfos. Os reis da Espanha consideravam esse lugar mais importante do que todo o resto de Flandres juntos. Era famosa pelo número de afrontas dirigida aos franceses. Cf. Magny, 1991, p. 58.

## 6 The Man in the Moone.

giving unto *Monsieur Cossey* the *Besa Los Manos*, I got my selfe immediately unto the Dukes court, where were divers of my kindred, that (now they saw my purse full of good Crownes) were ready enough to take knowledge of mee; by their meanes I was received into pay, and in proesse of time obtained a good degree of favour with the Duke, who sometimes would jest a little more broadly at my personage than I could well brook. For although I must acknowledge my stature to be so little, as no man there is living I thinke lesse, yet in asmuch as it was the work of God, and not mine, hee ought not to have made that a meanes to dishonour a Gentleman with all. And those things which have happened unto mee, may bee an example, that great and wonderfull things may be performed by most unlikely bodies, if  
the

ao senhor Cossey a *besa los manos*,<sup>14</sup> me dirigi imediatamente à corte do duque, onde estavam muitos dos meus, os quais (agora que viram minha bolsa cheia de boas coroas<sup>15</sup>) estavam bem prontos para tomar conhecimento de mim. Por intermédio deles, recebi remuneração, e com o passar do tempo, passei a gozar de grande favor junto ao duque, que às vezes se excedia nas pilhérias que me fazia, mais do que eu podia suportar. Pois, embora deva reconhecer que minha estatura seja muito pequena, como a de nenhum homem que há vivo imagino inferior, na medida em que ela foi obra de Deus e não minha, ele não a deveria ter feito um meio de desonrar um cavalheiro perante a todos. E aquelas situações que ocorreram comigo, podem ser um exemplo de que grandes e admiráveis ações podem ser executadas pelo mais improvável dos corpos, se

<sup>14</sup> Forma educada de despedida espanhola, que consiste em beijar as mãos.

<sup>15</sup> Moeda.

the mind be good, and the blessing of our Lord doe second and follow the endeavours of the same. Well, howsoever the Dukes merriments went against my stomacke, I framed my selfe the best I could to dissemble my discontent, and by such my patience accomodating my selfe also unto some other his humors, so wan his favour, as at his departure home into *Spaine*, (whither I attended him) the Year 1573 by his favour and some other accidents, (I will say nothing of my owne industry, wherein I was not wanting to my selfe) I was able to carry home in my purse the value of 3000 Crownes. At my returne home my Parents, that were marvellously displeas'd with my departure, receiv'd mee with great joy; and the rather, for that they saw I brought with mee meanes to maintaine my selfe without their charge,

B 4 having

a mente é boa e a benção de nosso Senhor ampara e acompanha os lances da fortuna. Bem, por mais que as pilhérias do duque me revirassem o estômago, me esforcei o melhor que pude para dissimular meu descontentamento, e, agindo assim, minha paciência foi acostumando-me também a suas outras extravagâncias. Assim ganhei seu favor, de modo que na sua partida de casa para a *Espanha* (para onde lhe acompanhei), no ano 1573,<sup>16</sup> pelo seu favor e alguns outros acidentes (não direi nada sobre minha própria diligência, que não me faltava mesmo), pude levar na minha bolsa, para casa, o valor de 3000 coroas. No meu retorno, meus pais, que estavam surpreendentemente descontentes com minha partida, receberam-me com grande alegria, muito porque notaram que eu trouxera comigo recursos para me manter sem sobrecarregá-los,

<sup>16</sup> Esse é o ano do retorno do duque de Alba à Espanha, após os combates aos huguenotes nos Países Baixos.

## 8 The Man in the Moone.

having a portion sufficient of mine owne, so that they needed not to defalke any thing from my brethren or sisters for my setting up. But fearing I would spend it as lightly as I got it, they did never leave importuning mee, till I must needs marry the daughter of a Portugais a Merchant of Lisbon, a man of great wealth and dealings, called *John Figueres*. Therein I satisfied their desire, and putting not onely my marriage money, but also a good part of mine owne Stock into the hands of my father in Law, or such as hee wished mee unto, I lived in good fort, even like a Gentleman, with great content for divers yeares. At last it fell out, that some disagreement happened between me and one *Pedro Delgades* a Gentleman of my kinne, the causes whereof are needlesse to be related, but so farre this dissention grew betweene us,

a 3

tendo uma quantia suficiente para mim mesmo; desta forma eles não precisavam desfalcara nada aos meus irmãos ou irmãs para meu estabelecimento. Todavia, receando que eu pudesse gastá-la tão rapidamente quanto a havia obtido, eles nunca deixaram de me importunar até eu ter necessariamente de me casar com a filha de um *português*, um mercador de *Lisboa*, rico homem de negócios, chamado *João Figueira*.<sup>17</sup> Com isso, satisfiz seus desejos, e colocando não somente meu dinheiro do matrimônio, mas também boa parte do que já era meu, nas mãos de meu sogro, como ele esperava de mim, vivi confortavelmente, ainda como um cavalheiro, com grande satisfação, por muitos anos. Por fim, tudo isso acabou, por causa de um desacordo, cujas causas creio serem desnecessárias relatar, ocorrido entre eu e um tal *Pedro Delgado*,<sup>18</sup> cavalheiro de minha parentela. Mas, essa dissensão nos levou tão longe,

<sup>17</sup> A Figueira, ao lado das árvores oliveira e videira é, frequentemente, símbolo da fertilidade e da abundância. Cf. Lexikon, 1990, p. 96.

<sup>18</sup> “Delgadez” no vocabulário espanhol tem o significado de “magreza”. E “delgado” tem o sinônimo de “magro”, também no sentido de “fraco”.

*The Man in the Moone.* 9

as when no mediation of friends could appease the same, into the field wee went together alone with our Rapiers, where my chance was to kill him, being a man of great strength, and tall stature. But what I wanted of him in strength, I supplied with courage, and my nimblenesse more then counterbalanced his stature. This fact being committed in *Carmona*, I fled with all the speed I could to *Lisbone*, thinking to lurke with some friend of my Father in-lawes, till the matter might bee compounded, and a course taken for a sentence of Acquittall by consent of the prosecutors. This matter fell out in the Yeare 1596. even at that time that a certaine great Count of ours came home from the West-Indies, in triumphant manner, boasting and sending out his declarations in print, of a great

como quando nenhuma mediação de amigos seria capaz de apaziguá-la, entramos juntos e sós em um campo com nossos espadins, onde a sorte quis que o matasse, ainda que ele fosse um homem de grande força e estatura. Mas o que me faltava de sua força, supri com coragem, e minha agilidade mais do que contrabalanceou sua estatura. Tendo esse fato acontecido em *Carmona*, fugi com toda a velocidade que pude para *Lisboa*, planejando esconder-me na casa de algum amigo de meu sogro até que o caso fosse resolvido, e uma sentença de absolvição tomasse curso por meio do consentimento dos promotores. O caso ocorreu no ano de 1596, exatamente na época em que determinado grão-conde dos nossos regressou para casa, das Índias Ocidentais, em maneira triunfante, alardeando e emitindo impressas suas declarações sobre uma grande

10 *The Man in the Moone.*

great victory hee had obtained against the *English*, neere the *Iste of Pines*. Whereas the truth is, he got of the *English* nothing at all in that Voyage, but blowes and a great losse.

Would to God that lying and Vanitie had beene all the faults he had; his covetousnesse was like to be my utter undoing, although since it hath proved a meanes of eternizing my name for ever with all Posteritie, (I verily hope) and to the unspeakeable good of all mortall men, that in succeeding ages the world shall have, if at the least. wif it may please God that I doe returne safe home againe into my Countrie, to give perfect instructions how those admirable devices, and past all credit of possibilitie, which I have light upon, may be imparted unto publique use. You shal  
then

vitória obtida contra os *ingleses*, próximo à *Ilha dos Pinheiros*;<sup>19</sup> enquanto a verdade é que na viagem ele obteve dos *ingleses* nada mais que pancadas e uma grande derrota.

Quisera Deus que a mentira e a vaidade fossem as únicas faltas que possuía! Sua cobiça viria a ser minha total ruína; embora, graças a ela, tenha se revelado um meio de eternizar meu nome para toda a posteridade (eu de fato espero), e para o bem inexprimível de todos os homens mortais, que o mundo em épocas sucessivas deverá ter, se ao menos Deus desejar que eu novamente retorne seguro para casa, ao meu país, para dar instruções exatas de como esses dispositivos admiráveis, e que ultrapassam todo crédito de possibilidade que já vislumbrei, podem ser concedidos ao uso público. Você deverá então

<sup>19</sup> No dia primeiro de março de 1596, o almirante espanhol Don Bernardino de Avellaneda encontrou com um frota inglesa, comandada por Sir Thomas Baskerville, próximo à Ilha dos Pinheiros. A vantagem parece ter ficado com os ingleses, mas a doença enfraqueceu tanto as tripulações, que a vitória não foi feita conclusiva, e tendo repellido o ataque espanhol, a frota inglesa continuou a sua viagem de volta para a Inglaterra. Cf. McColley, 1937a, p. xx.

then see men to flie from place to place in the ayre; you shall be able, (without moving or travailling of any creature,) to send messages in an instant many Miles off, and receive answer againe immediately; you shall bee able to declare your minde presently unto your friend, being in some private and remote place of a populous Citie, with a number of such like things: but that which far surpasseth all the rest, you shall have notice of a new World, of many most rare and incredible secrets of Nature, that all the Philosophers of former ages could never so much as dreame off. But I must be advised, how I be over-liberall, in publishing these wonderfull mysteries, till the Sages of our State have considered how farre the use of these things may stand with the Policy and good government of our  
Coun-

ver homens voar de um lugar a outro no ar, será capaz (sem movimento ou trabalho de nenhuma criatura) de enviar mensagens em instantes, a milhas de distância, e de receber imediatamente uma resposta; com inúmeros desses dispositivos, poderá expor suas ideias a um amigo em pouco tempo, estando em algum lugar privado e remoto de uma cidade populosa. Mas o que supera todo o resto: você terá notícia de um novo mundo, de muitos dos segredos mais raros e incríveis da Natureza, com que todos os filósofos de idades passadas nunca puderam sequer sonhar. Mas devo ter cautela em ser muito liberal ao publicar esses mistérios maravilhosos até os sábios de nosso Estado<sup>20</sup> terem avaliado a que ponto o uso dessas coisas podem conformar-se à política e ao bom governo de nosso país,

<sup>20</sup> Muito provavelmente o autor faça aqui referência aos censores do reinado Elisabete I. Em 1589, Elisabete toma medidas de censura após a circulação de panfletos puritanos contra a Igreja Anglicana instituída no seu reinado. Ela estabelece a norma de que todas as publicações deveriam ser aprovadas pelos bispos e membros do seu reinado. Cf. McColley, 1937a, p. xiii.

Countrey, as also with the Fathers of the Church, how the publication of them, may not prove prejudiciall to the affaires of the Catholique faith and Religion, which I am taught ( by those wonders I have seen above any mortall man that hath lived in many ages past ) with all my best endeavours to advance, without all respect of temporall good, and soe I hope I shall.

But to goe forward with my narration, so it was that the bragging Captaine above named, made shew of great discontentment, for the death of the said *Delgades*, who was indeed some kinne unto him. Howbeit hee would have been intreated, so that I would have given him no lesse then 1000. Ducats ( for his share ) to have put up his Pipes, and surceased all suite in his  
Kin.

bem como aos padres da Igreja, para que a publicação delas não se torne prejudicial aos assuntos da religião e fé católicas, a qual ensinei (por meio daquelas maravilhas que vi para além de qualquer homem mortal que viveu em muitas eras passadas) a propagar, com todos os meus melhores esforços, sem qualquer consideração aos bens temporais; e assim espero continuar.<sup>21</sup>

Mas para ir adiante com minha narração, aconteceu que o capitão gabão, mencionado acima, deu mostra de grande discontentamento com a morte do referido *Delgado*, de quem era por certo parente. Desse modo, ele solicitou-me que lhe desse não menos que 1000 ducados para protelar suas intenções e cessar toda rogativa

<sup>21</sup> Nesta passagem, o narrador Gonsales destaca sua intenção de contribuir com a propagação da fé católica. O curioso é que essa intenção na voz do narrador espanhol parece estar disposta a favorecer a Igreja Católica, no entanto, é preciso, e fundamental, lembrar que o autor da obra é um bispo anglicano que está usando um personagem espanhol para compor uma sátira, e então, implícito, o interesse e o esforço de propagação da fé católica mais provavelmente esteja se referindo à sua intenção de propagação da fé cristã, mas de tipo anglicana. Por fim, o mais revelador desta passagem é que o narrador afirma que é através das maravilhas que ele vê, e que serão logo mais relatas, é que ele propaga a fé. Ou seja, o Novo Mundo que nos será revelado tem a intenção de propagar a religião (anglicana).

Kinsmans behalfe ; I had by this time ( besides a wife ) two sonnes, whom I liked not to beggar by satisfying the desire of this covetous braggart and the rest, and therefore constrained of necessity to take another course, I put my selfe in a good Caricke that went for the East Indies, taking with me the worth of 2000. Ducats to traffique withall, being yet able to leave so much more for the estate of my wife and children, whatsoever might become of me, and the goods I carried with me. In the Indies I prospered exceeding well, bestowing my stocke in Jewells, namely, for the most part in Diamonds, Emeraulds, and great Pearle ; of which I had such peniworths, as my stocke being safely returned into Spaine, (so I heard it was) must needs yeeld ten for one. But my selfe upon my way homeward

de interesse de seus parentes. Eu tinha nessa época (além da esposa), dois filhos, os quais não gostaria de empobrecer para satisfazer o desejo desse gabão ambicioso e todo o resto, e, portanto, fui obrigado, pela necessidade, a tomar outro curso. Embarquei em uma boa nau que seguiu para as Índias Orientais, levando comigo a quantia de 2000 ducados para comerciar, sendo ainda capaz de deixar muito mais para o patrimônio de minha esposa e filhos, caso ocorresse algo comigo e com os bens que levava. Nas Índias prosperei muito bem, provendo meu estoque com joias, na sua grande maioria, *diamantes, esmeraldas*, e a famosa pérola, com as quais obtive bom negócio, de modo que tendo meu estoque retornado a salvo para *Espanha* (assim ouvi dizer que foi), deve ter rendido dez por um. Mas, em meu caminho de regresso,

14 *The Man in the Moone*

ward soone after we had doubled the East of *Buena Speranza*, fell grievously sicke for many daies, making account by the same sicknesse to end my life, as undoubtedly I had done, had we not (even then as we did) recovered that same blessed *Isle of S. Hellens*, the only paradise, I thinke, that the earth yeeldeth, of the healthfulnesse of the Aire there, the fruitfulnessse of the soile, and the abundance of all manner of things necessary for sustaining the life of man, what should I speake, seeing there is scant a boy in all *Spaine*, that hath not heard of the same? I cannot but wonder, that our King in his wisdome hath not thought fit to plant a Colony, and to fortifie in it, being a place so necessary for refreshing of all travaillers out of the *Indies*, so as it is hardly possible to make a Voyage thence, without touching there.

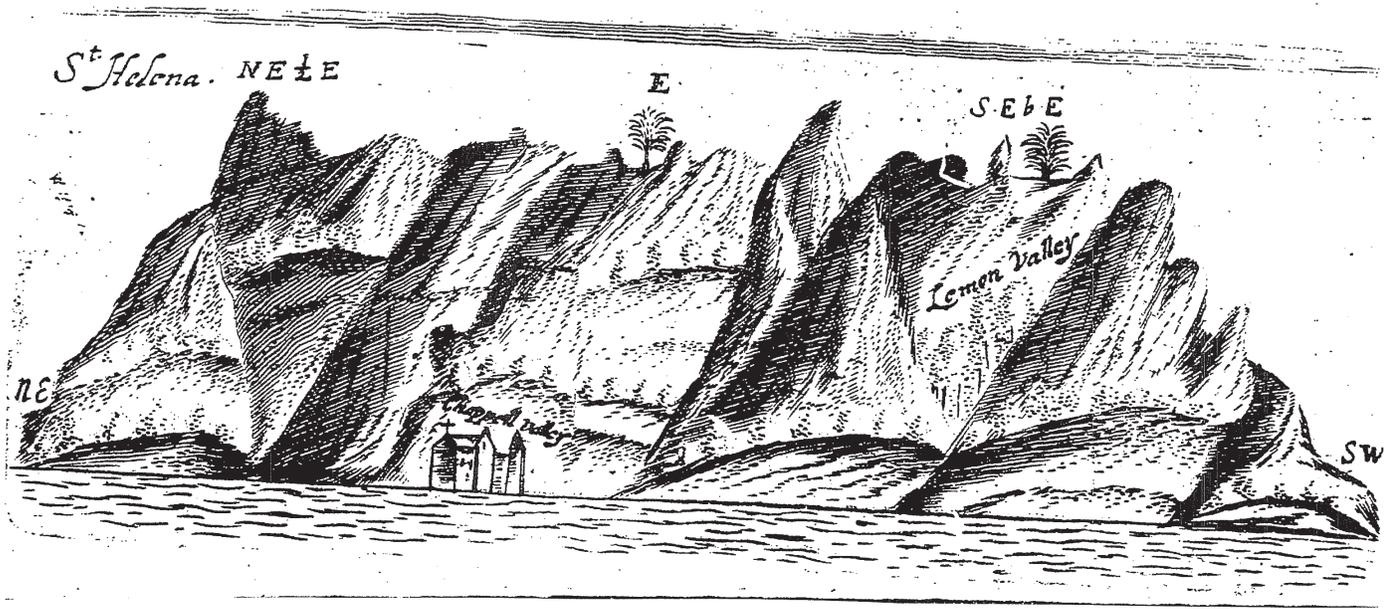
It

logo depois que dobramos o leste de *Boa Esperança*,<sup>22</sup> fiquei gravemente doente por muitos dias, contando acabar minha vida pela mesma doença, como indubitavelmente teria acontecido, se não tivéssemos alcançado (como, de fato, o fizemos) aquela abençoada *Ilha de Santa Helena*,<sup>23</sup> o único paraíso, acho eu, que a terra gerou, dada a pureza do ar, a fertilidade do solo e a abundância de toda espécie de coisas necessárias para manter a vida do homem; o que devo dizer, considerando que é raro um garoto em toda a *Espanha* que dela não tenha ouvido falar! Não posso senão ponderar como nosso rei, em sua sabedoria, não considerou apropriado fundar ali uma colônia e fortificá-la,<sup>24</sup> sendo um lugar tão necessário para a revitalização de todos os viajantes em direção às *Índias*, visto que é dificilmente possível fazer uma viagem para lá sem abordá-la.

<sup>22</sup> Cabo de Boa Esperança, ou primitivamente conhecido como Cabo das Tormentas, localiza-se ao sul da Cidade do Cabo e a oeste da baía de Falsa, na província do Cabo Ocidental, na África do Sul. Ao contrário do que comumente se acredita, este cabo não é o extremo meridional do continente africano, que é o cabo Agulhas. É considerado um dos grandes cabos dos oceanos meridionais, e teve especial significado para os marinheiros durante muitos séculos.

<sup>23</sup> Godwin, no enredo, transformará a famosa Ilha de Santa Helena em um espaço ficcional e paradisíaco. A verdadeira Ilha de Santa Helena é o principal componente do território britânico ultramarino de Santa Helena, Ascensão e Tristão da Cunha, localizado praticamente a meio do Atlântico Sul, mas geralmente englobada nos territórios africanos por se encontrar mais perto de África do que da América do Sul.

<sup>24</sup> Possível referência a Jaime I, e também à sua negligência em manter ou fixar colônias nas regiões africanas ou americanas (então boa parte já colonizadas pela Espanha), por causa de sua adoção à “paz do rei”, política que intentava não disputar territórios com a Espanha para evitar conflitos políticos e ter a aliança com esse país.



16 *The Man in the Moone.*

It is situate in the Altitude of 16. degrees to the South, and is about 3. leagues in compasse, having no firme land or continent within 300. leagues, nay not so much as an *Island* within 100. leagues of the same, so that it may seeme a miracle of Nature, that out of so huge and tempestuous an Ocean, such a little peece of ground should arise and discover it selfe. Upon the South side there is a very good harborough, and neere unto the same divers edifices built by the *Portingals* to entertaine passengers, amongst the which there is a pretty Chappell handsomly beautified with a Tower, having a faire Bell in the same. Neere unto this housing there is a pretty Brooke of excellent fresh water, divers faire walkes made by hand, and set along upon both sides with fruit-Trees, especially Oranges  
Limmons

Está situada na latitude de 16 graus ao sul, e tem cerca de três léguas em abrangência, não tendo nenhuma terra firme ou continente a mais de 300 léguas, nem algo que se compare a uma *ilha* a 100 léguas da mesma; logo, parece ser um milagre da Natureza que de dentro de um oceano tão vasto e tempestuoso, tenha surgido e se revelado tal pequeno pedaço de terra. Ao lado sul, há um bom porto, e próximas a ele, diversas edificações construídas pelos *portugueses* para entreter os viajantes, entre as quais, uma bela capela embelezada elegantemente por uma torre, na qual se encontra um belo sino. Perto dessa habitação há um lindo riacho de excelente água fresca, muitos caminhos agradáveis feitos à mão, ladeados de ambos os lados por árvores frutíferas, especialmente laranjeiras, limoeiros,

Limmons, Pomgranats, Almonds, and the like, which beare Fruit all the yeare long, as doe also the fig-Trees, Vines, Peare-Trees, (whereof there are divers sorts,) Palmittos, Cocos, Olives, Plumms; also I have seene there such as wee call *Damascenas*, but few; as for Apples I dare say there are none at all; of garden Hearbs there is good store, as of Parsely, Cole-worts, Rosemary, Mellons, Gourds, Lettice, and the like; Corne likewise growing of it selfe, incredible plenty, as *wheate*, *Pease*, *Barley*, and almost all kinde of Pulse; but cheifly it aboundeth with *Cattell*, and *Fowle*, as *Goates*, *Swine*, *Sheepe*, and *Horses*, *Partridges*; wilde *Hens*, *Pheasants*, *Pigeons*; and wild *Fowle*, beyond all credit: especially there are to be seene about the Moneths of *February*, and *March*; huge flocks

C of

romãzeiras, amendoeiras, e similares, que dão frutas o ano todo, como também fazem as figueiras, videiras, pereiras (das quais há diversos tipos), palmeiras, coqueiros, oliveiras, ameixeiras. Ainda, vi por lá aquilo que nomeamos *damasqueiro*, mas poucos; quanto às macieiras, ousou dizer que não há nenhuma. Há uma grande quantidade de hortaliças, como salsa, repolho, alecrim, melões, abóboras, alface e similares; o milho parece crescer sozinho, em incrível abundância, assim como *trigo*, *ervilhas*, *cevada* e quase todo tipo de leguminosas. Mas, principalmente, ela abunda em *rebanhos* e *aves*, tais como *cabritos*, *porcos*, *ovelhas* e *cavalos*, *perdizes*, *galinhas* silvestres, *faisões*, *pombos* e *aves* selvagens mais do que se possa imaginar. Especialmente, é possível observar durante os meses de *fevereiro* e *março*, numerosos rebanhos

of a certaine kinde of wild *Swans* ( of which I shall have cause heer-after to speake more ) that like unto our *Cuckoes* , and *Nightingales*, at a certaine season of the yeare, doe vanish away, and are no more to be seene.

On this blessed *Island* did they set mee ashore with a *Negro* to attend me, where, praised bee God, I recovered my health, and continued there for the space of one whole yeare, solacing my selfe ( for lacke of humane society ) with *Birds*, and brute beasts, as for *Diego* ( so was the *Blackmoore* called, ) he was constrained to live at the West end of the *Island* in a *Cave*. Because being alwayes together, victuals would not have fallen out so plenty: if the Hunting or Fowling of the one had succeeded well, the other would finde means to invite him,  
but

de uma certa espécie de *cisnes* selvagens (dos quais terei razões para falar mais adiante), que, como nossos *cucos* e *rouxinóis*, em certa estação do ano, desaparecem e não podem ser mais vistos.

Nesta *ilha* abençoada, me puseram em terra, com um *negro* para me atender; nela, louvado seja Deus, recobrei minha saúde e permaneci pelo período de um ano inteiro recreando-me (por falta de companhia humana) com *pássaros* e animais brutos. Quanto a *Diego*<sup>25</sup> (assim foi chamado o *mouro*), foi compelido a morar no extremo oeste da *ilha*, em uma caverna, pois se tivéssemos ficado sempre juntos, não teríamos vitualhas muito abundantemente. Se a caça ou as armadilhas de um tivesse êxito, o outro acharia meios para convidá-lo,

<sup>25</sup> A escolha do nome Diego pode intentar remeter a Diego Mendez, o companheiro de Colombo, também responsável por relatos notáveis sobre a América; ou, a Diego de Pantoja, fiel subordinado do Padre Ricci. Pantoja será citado no final do enredo por Gonsales. Inclusive, o personagem Gonsales terá na lua e na China muitas experiências similares às do padre Pantoja.

but if it were scant with both, we were faine both to bestirre our selves; marry that fell out very seldome, for that no creatures there doe any whit more feare a man, then they doe a *Goate* or a *Cow*; by reason thereof I found meanes easily to make tame divers sorts both of *Birds* and *Beasts*, which I did in short time, onely by muzzeling them, so as till they came either unto me, or else *Diego*, they could not feede. At first I tooke great pleasure in a kinde of *Partridges*, of which I made great use, as also of a tame *Fox* I had. For whensoever I had any occasion to conferre with *Diego*, I would take me one of them, being hungry, and tying a note about his necke, beat him from me, whereupon strait they would away to the Cave of *Diego*, and if they found him not there, still would they

C 2                      beat

mas se fossem escassas para ambos, nós dois seríamos obrigados a nos compensar. Mas isso ocorreu muito raramente, pois que nenhuma criatura lá teme o homem mais do que teme a uma *cabra* ou *vaca*; por essa razão encontrei facilmente meios para domar diversas espécies de *pássaros* e *animais*, o que fiz em pouco tempo, somente amordaçando-os, de modo que se não viessem nem a mim nem a *Diego*, não poderiam se alimentar. A princípio, tive grande deleite com uma espécie de *perdizes*, das quais fiz bom uso, como também de uma *raposa* mansa que tinha. Portanto, quando tinha qualquer necessidade de conversar com *Diego*, tomava uma delas, estando faminta, e, prendendo um bilhete sobre seu pescoço, açoitava-a para longe de mim, depois do que ela ia em linha reta para a caverna de *Diego*, e se não o encontrasse lá, ainda

beat up and downe all the West end of the *Island*, till they had hunted him out; yet this kinde of conveyance not being without some inconvenience needlesse heere to be recited; after a certaine space I perswaded *Diego* ( who though hee were a fellow of good parts, was ever content to be ruled by me, ) to remove his habitation unto a promontory or cape upon the North-West part of the *Island*, being, though a league off, yet within sight of my house and Chappell, and then, so long as the weather was faire, we could at all times by signalls, declare our minds each to other in an instant, either by night, or by day, which was a thing I tooke great pleasure in.

If in the night season I would signifie any thing to him, I used to set up a light in the Tower or  
plac:

sobrevoaria acima e abaixo todo o extemo oeste da *ilha* até que o tivesse achado. Porém, esse tipo de comunicação não deixava de ter seus inconvenientes, o que não é necessário relatar aqui, e após certo tempo, persuadi *Diego* (que, apesar de ser um companheiro de boa compleição física, mostrava-se sempre contente em ser governado por mim) a deslocar sua habitação para um promontório ou cabo na parte noroeste da *ilha*, permanecendo, embora a uma légua de distância, ainda ao alcance da vista de minha casa e da capela; e então, tão logo o clima estivesse razoável, nós poderíamos a todos os momentos, através de sinais, dizer o que queríamos um para outro, se à noite ou se dia; o que foi algo pelo que tomei grande prazer.

Se no período da noite eu quisesse comunicar-lhe algo, costumava lançar uma luz na torre ou no lugar

place where our bell hung : It is a pretty large roome, having a faire window well glased, and the walls within being plaistered, were exceeding white ; by reason thereof, though the light were but small it gave a great shew, as also it would have done much further off if need had beene. This light after I had let stand some halfe houre, I used to cover : and then if I saw any signall of light againe from my companion at the cape, I knew that he waited for my notice, which perceiving, by hiding and shewing my light, according to a certaine rule and agreement between us, I certified him at pleasure what I list : The like course I tooke in the day to advertise him of my pleasure, sometimes by smoake, sometimes by dust, sometimes by a more refined and more effectual way.

C 3

But

onde ficava pendurado nosso sino; é um cômodo muito grande, contendo uma janela clara de vidro, e as paredes no interior, estando rebocadas, eram extremamente brancas, por esse motivo, embora a luz fosse pouca, reverberava intensamente, e o mesmo efeito teria sido obtido caso fosse preciso alcançar uma distância maior. Depois de deixar irradiar essa luz cerca de meia hora, costumava encobri-la, e em seguida, se eu visse novamente qualquer sinal de luz do meu companheiro no cabo, saberia que ele esperava pela minha notícia, que percebendo, através da exposição e omissão da minha luz de acordo com certa regra e acordo entre nós, lhe comunicava com facilidade tudo o que desejava. Do mesmo procedimento usava durante o dia para informá-lo sobre o que quisesse, algumas vezes através de fumaça, outras, através de vento, e outras, por uma forma mais refinada e eficaz.

22 *The Man in the Moone.*

But this Art containeth more mysteries then are to be set downe in few words ; Hereafter I will perhaps afford a discourse for it of purpose , assuring my selfe that it may prove exceedingly profitable unto mankind , being rightly used and well employed : for that which a messenger cannot performe in many dayes, this may dispatch in a peece of an houre. Well, I notwithstanding after a while grew weary of it, as being too painfull for me, and betooke me againe to my winged messengers.

Upon the Sea shore, especially about the mouth of our River, I found great store of a certain kinde of wild *Swan* ( before mentioned) feeding almost altogether upon the prey, and (that which is somewhat strange,) partly of *Fish*, partly of *Birds*, having (which is also no lesse strange)

one

Mas essa arte<sup>26</sup> contém mais mistérios do que se possa registrar em poucas palavras. Doravante, talvez aluda a ela deliberadamente, com a certeza de que possa revelar-se extremamente proveitosa para a humanidade, sendo corretamente usada e bem empregada: pois o que um mensageiro leva muitos dias para realizar, por este outro meio é possível ser feito em menos de uma hora. Bem, contudo, depois de um tempo, cansei-me disso, sendo tão penoso para mim, e recorri novamente às minhas mensagens aladas.

Junto à costa do mar, especialmente sobre a foz do nosso rio, encontrei grande quantidade de certa espécie de *cisne* selvagem (mencionada anteriormente) se alimentando quase todos juntos em cima da presa, e eram (o que é um pouco estranho) parcialmente *peixe*, parcialmente *pássaro*, tendo (o que não é menos estranho)

<sup>26</sup> Adiante se descobrirá que essa “arte” se refere à linguagem lunar.

one foote with Clawes, talons, and pounces, like an *Eagle*, and the other whole like a *Swan* or water fowle. These birds using to breed there in infinite numbers, I tooke some 30. or 40. young ones of them, and bred them up by hand partly for my recreation, partly also as having in my head some rudiments of that device, which afterward I put in practise. These being strong and able to continue a great flight, I taught them first to come at call affarre off, not using any noise but onely the shew of a white Cloth. And surely in them I found it true that is delivered by Plutarch, how that *Animalia Carnivora*, they are *dociliora quam alterius cuiusvis generis*. It were a wonder to tell what trickes I had taught them, by that time they were a quarter old, amongst other things I used them by little

C 4 and

uma pata com unhas afiadas, garras e presa, como uma *águia*, e a outra inteira como a de um cisne ou ave aquática.<sup>27</sup> Como esses pássaros costumavam procriar-se em número infinito, apanhei cerca de 30 ou 40 jovens deles e os alimentei com as mãos, em parte para minha recreação, em parte também por ter em minha mente alguns rudimentos daquele dispositivo que depois coloquei em prática. Esses, sendo fortes e aptos a aguentar um voo longo, os ensinei primeiro a vir convocados de longe, sem fazer uso de barulho algum, mas apenas pela exposição de um tecido branco. E com certeza neles encontrei a verdade que é transmitida por Plutarco: como esses *animalia carnivora dociliora quam alterius cuiusvis generis*.<sup>28</sup> Seria uma maravilha contar quais truques lhes ensinara naquela época em que estavam no quarto de idade; entre outras coisas, eu os usei para, pouco a pouco,

<sup>27</sup> Os animais encontrados por Gonsales, na sua parte pássaro - descrita como uma ave com garras de águias -, parecem remeter um dos brasões Habsburgos, no qual há duas águias com as garras à mostra; e na sua parte peixe, caracterizada, no entanto, com patas, e de animais aquáticos (em geral), parece afirmar o aspecto aquático, por extensão, sugerimos, marítimo, dos animais, de forma que essa metade pode aludir à Espanha, potência marítima naquele momento. Logo, a união das metades das aves exóticas, resulta na representação das duas potências católicas, França e Espanha, no seu modelo imperialista de domínio de territórios.

<sup>28</sup> "*animais carnívoros são mais dóceis do que qualquer outro tipo*". Plutarco, *Moralia*, vol. XII.

and little to fly with burthens, wherein I found them able above all credit, and brought them to that passe, as that a white sheet being displayed unto them by *Diego* upon the side of a hill, they would carry from me unto him, Bread, flesh, or any other thing I list to send, and upon the like call returne unto mee againe.

Having prevailed thus farre, I began to cast in my head how I might doe to joyne a number of them together in bearing of some great burthen: which if I could bring to passe, I might enable a man to fly and be carried in the ayre, to some certaine place safe and without hurt. In this cogitation having much laboured my wits, and made some triall, I found by experience, that if many were put to the bearing of one great burthen, by reason it was not possible

voar com cargas - no que encontrei-os aptos acima de toda confiança -, e os trouxe para aquela passagem de forma que um pano branco sendo disposto a eles, por *Diego*, sobre a encosta de uma colina, fazia com que carregassem, de mim até ele, pão, carne ou qualquer outra coisa que desejava enviar, e pela mesma convocação, retornassem para mim novamente.

Tendo assim prevalecido até aquele momento, comecei a projetar na minha cabeça como poderia fazer para atrelar uma quantidade deles juntos para o transporte de uma carga grande: o que se eu conseguisse levar a efeito, poderia capacitar um homem a voar e ser carregado no ar para qualquer lugar, com segurança e sem se machucar. Nessa cogitação tendo trabalhado muito minha inteligência, e feito alguma tentativa, descobri, por experiência, que se muitos fossem colocados para o transporte de uma carga grande, certamente não seria possível

ble all of them should rise together just in one instant, the first that raised himselfe upon his wings finding himselfe stayed by a weight heavier then hee could move or stirre, would by and by give over, as also would the second, third, and all the rest. I devised (therefore) at last a meanes how each of them might rise carrying but his owne proportion of weight only, and it was thus.

I fastned about every one of my *Gansas* a little pulley of Corke, and putting a string through it of meetly length, I fastened the one end thereof unto a blocke almost of eight Pound weight, unto the other end of the string I tied a poysse weighing some two Pound, which being done, and causing the signall to be erected, they presently rose all (being 4 in number,) and carried away my blocke unto the place  
appoin-

que todos eles se erguessem juntos em apenas um instante, o primeiro que se erguesse em suas asas, achando-se tolhido por um peso maior do que o que poderia mover ou deslocar, iria pouco a pouco ceder, como também o segundo, o terceiro e todo o resto. Eu criei (em consequência disso), por fim, um meio por que cada um deles pudesse erguer-se carregando apenas sua proporção de peso, e foi do seguinte modo.

Prendi sobre todos os meus *Gansas*<sup>29</sup> uma pequena polia de cortiça, e colocando uma corda entre ela, com comprimento adequado, prendi uma de suas extremidades a um bloco de quase oito libras em peso. Na outra extremidade da corda, amarrei um prumo pesando cerca de duas libras, o que sendo feito, e fazendo sinal para que se erguessem, logo subiram todos (sendo quatro em quantidade) e carregaram meu bloco ao lugar apontado.

<sup>29</sup> Godwin atribui o nome de "Gansas" para a espécie exótica de cisnes que encontra na ilha de Santa Helena. E usa esse mesmo nome também para referir-se ao seu dispositivo voador de forma geral. "Gansas" é uma palavra da língua espanhola cujo significado é "gansos". Como o autor optou por manter a palavra em espanhol, mantivemos sua escolha, afinal, seus animais não são nem gansos nem cisnes, são animais exóticos, por isso não defini-los somente por gansos.

26 *The Man in the Moone.*

appointed. This falling out according to my hope and desire, I made proof afterwards, but using the help of 2. or 3. birds more, in a Lamb, whose happiness I much envied, that he should be the first living creature to take possession of such a device.

At last after divers tryalls I was surprized with a great longing, to cause my selfe to be carried in the like sort. *Diego* my Moore was likewise possessed with the same desire, and but that otherwise I loved him well, and had need of his helpe, I should have taken that his ambitious affection in very evill part: for I hold it farre more honour to have been the first flying man, then to bee another *Neptune* that first adventured to sayle upon the Sea. Howbeit not seeming to take notice of the marke hee aymed at,

Isso ocorrendo de acordo com minha esperança e anseio, fiz a prova depois, usando, entretanto, o apoio de 2 ou 3 pássaros a mais em um cordeiro,<sup>30</sup> cuja felicidade eu muito invejei, pois ele deveria ser o primeiro ser vivo a tomar posse de tal dispositivo.

Por fim, após várias experiências, fui surpreendido com um grande desejo de fazer com que eu mesmo fosse carregado. *Diego*, meu mouro, estava igualmente tomado de semelhante desejo, e embora eu o amasse muito e necessitasse de sua ajuda, deveria lidar mal com essa sua afeição ambiciosa, já que contê-la, muito mais honra receberia, pois que considero muito mais honrado ter sido o primeiro homem voador, ao invés de ser outro *Netuno* que primeiro aventurou-se a velejar sobre o mar.<sup>31</sup> Todavia, não parecendo tomar conhecimento do seu objetivo,

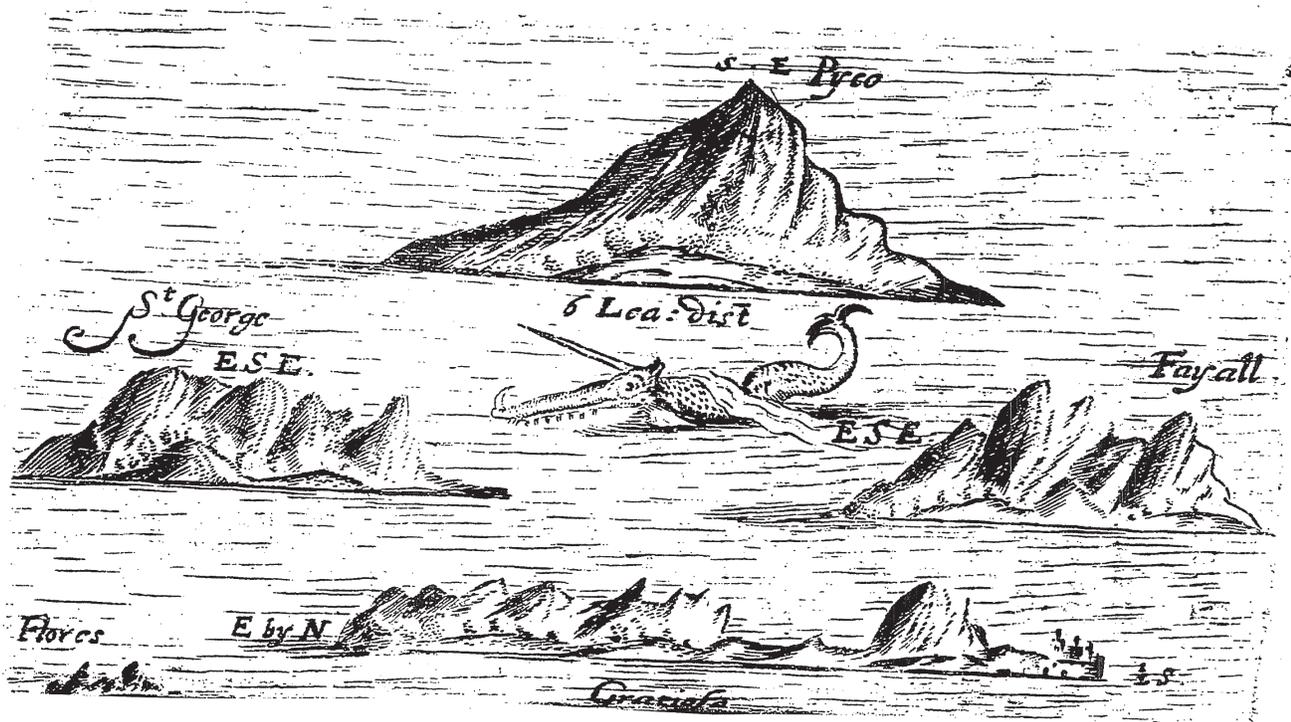
<sup>30</sup> É bem sugestiva a escolha do cordeiro para ser o primeiro animal a experimentar o dispositivo que construiu. Na arte e na simbologia icônica cristã, o cordeiro é o representante do *Agnus Dei/Lamb of God* (Cordeiro de Deus), ou seja, Jesus Cristo identificado como o salvador da humanidade, ao ter sido sacrificado em resgate pelo pecado original. No Novo Testamento, no Evangelho de João, João Batista diz: "Eis o Cordeiro de Deus, Aquele que tira o pecado do mundo" (João, 1:29). Gonsales escolhe o cordeiro para ser carregado pelos suas aves exóticas símbolo das duas potências católicas, Espanha e França. O cordeiro também remete ao comércio de lã, predominante na Inglaterra do século XVII.

<sup>31</sup> Gonsales faz aqui um comentário sarcástico, de forma a nos sugerir que se tivesse sido *Diego* a usar seu dispositivo voador, ele cairia na água, no meio do mar, pois os Gansas não conseguiriam suportar seu peso. Caindo no mar, se daria notícia de mais um viajante aventureiro sobre o mar e não ar. A seguir, Gonsales comenta isso.

at, I onely told him (which also I take to be true) that all my *Gansas* were not of sufficient strength to carry him, being a man, though of no great stature, yet twice my weight at least. So upon a time having provided all things necessary, I placed my selfe with all my trinckets, upon the top of a rocke at the Rivers mouth, and putting my selfe at full Sea upon an Engine (the description whereof ensueth) I caused *Diego* to advance his Signall: whereupon my Birds presently arose, 25 in number, and carried mee over lustily to the other rocke on the other side, being about a Quarter of a league.

The

apenas disse a ele (o que também tomo como verdadeiro) que todos os *Gansas* não tinham força suficiente para carregá-lo, sendo um homem, embora de estatura não grande, contudo, pelo menos duas vezes meu peso. Logo, após um tempo tendo provido todas as coisas necessárias, me posicionei com todos os meus apetrechos sobre o topo de uma rocha na foz do rio, e, me colocando em mar aberto sobre uma máquina (cuja descrição segue), ordenei *Diego* a prosseguir com seu sinal, por meio do qual meus pássaros logo se ergueram, em número de 25, e me carregaram mais que avidamente para a outra rocha, no outro lado, estando a cerca de um quarto de légua.



The reason why I chose that time and place, was that I thought somewhat might perchance fall out in this enterprize contrary to my expectation, in which case I assured my selfe the worst that could bee, was but to fall into the water, where being able to swim well, I hoped to receive little or no hurt in my fall. But when I was once over in safety, O how did my heart even swell with joy and admiration of mine owne invention ! How often did I wish my selfe in the midst of *Spaine*, that speedily I might fill the world with the fame of my glory and renowne ! Every hower wished I with great longing for the *Indian Fleet* to take mee home with them, but they stayed (by what mischance I know not) 3 Moneths beyond the accustomed time.

At last they came being in number

A razão pela qual escolhi aquela hora e lugar foi porque pensei que algo pudesse falhar nessa empresa contrariamente à minha expectativa, nesse caso me assegurando de que o pior que poderia acontecer seria cair na água, onde, estando apto a nadar bem, esperava receber pequeno, ou nenhum ferimento em minha queda. Mas, quando eu estava uma vez mais em segurança, oh, como meu coração se encheu de alegria e admiração pela minha própria invenção! Quantas vezes me desejei no centro da *Espanha*; assim, rapidamente poderia encher o mundo com a fama da minha glória e renome! A cada hora desejei, com grande ânsia, que a frota *Indiana* me levasse para casa com eles, mas demoraram (por que azar eu não sei) três meses além do tempo habitual.

Finalmente eles vieram, estando em número

ber 3 Carickes fore weather-beaten, their people being for the most part sick and exceeding weak, so as they were constrained to refresh themselves in our Island one whole moneth.

The Captaine of our Admirall was called *Alphonso de Xima*, a Valiant man, wise, and desirous of renowne, and worthy better fortune then afterward befell him. Unto him I opened the device of my *Gansa's*, well knowing how impossible it were otherwise to perswade him to take in so many Birds into the Ship, that would bee more troublesome (for the nicenesse of provision to be made for them,) then so many men; Yet I adjured him by all manner of Oaths, and perswasions, to afford mee both true dealing, and secrecy. Of the last I doubted not much, as assuring my selfe

de três naus, desgastadas pelas pancadas do vento, e sua tripulação, em grande parte, doente e muito fraca, por isso foram impelidos a se revigorar em nossa ilha por um mês inteiro.

O capitão de nosso navio chamava-se *Afonso de Xima*, um homem valente, sensato e desejoso de renome, digno de melhor fortuna do que a que mais tarde sobreveio-lhe. A ele revelei o dispositivo dos meus *Gansas*, bem ciente de quanto seria impossível convencê-lo, de outra maneira, a acolher tantos pássaros no navio, o que traria mais problemas (pela provisão particular a ser feita para eles) do que a um número equivalente de homens. Mesmo assim, supliquei-lhe, através de todo tipo de juras e persuasões, que mantivesse sua palavra e o segredo. Do último, não tinha dúvida, assim me afiançando que

elfe, he would not dare to impart  
the device to any other, before our  
King were acquainted with it. Of  
the first I feared much more,  
namely, lest Ambition, and the  
desire of drawing unto himselfe the  
honour of such an invention, should  
cause him to make mee away; yet  
I was forced to run the hazard, ex-  
cept I would adventure the losse of  
my Birds, the like whereof for my  
purpose were not to be had in all  
Christendome, nor any that I could  
be sure, would ever serve the turne.  
Well, that doubt in proofe fell out  
to be causelesse : the man I thinke  
was honest of himselfe ; but had  
he dealt treacherously with me , I  
had laid a plot for the discovery  
of him , as he might easily judge  
I would, which peradventure some-  
what moved him, yet God knowes  
how he might have used me, be-  
fore

não falaria do dispositivo a ninguém, antes que nosso rei estivesse inteirado dele. Já do primeiro, eu receei muito mais, a saber, que ambição e o desejo de atrair para si a honra de tal invenção deveriam fazê-lo dispensar-me. Contudo, fui forçado a correr o risco, não fosse isso, aventuraria a perda dos meus pássaros, os quais, para o meu propósito, não encontraria melhores em toda cristandade, assim como estava certo de não haver nenhuma espécie que lhes fosse equivalente. Bem, aquela dúvida, colocada à prova, mostrou-se injustificada; creio que o homem era honesto, mas se ele tivesse lidado traiçoeiramente comigo, eu teria preparado um ardil para desmascará-lo, como ele mesmo pôde ter facilmente julgado que poderia, se, porventura, tivesse agido assim; contudo, só Deus sabe como ele poderia ter me usado antes

fore my arrivall in *Spaine*, if in the meane course wee had not beene intercepted, as you shall heare. Upon Thursday the 21. of *June*, towit in the yeare, 1599. wee set saile towards *Spaine*, I having allowed me a very convenient Cabine for my *Birds*, and stowage also for mine Engine, which the Captaine would have had me leave behind me, and it is a mervaile I had not but my good fortune therein saved my life, and gave me that which I esteeme more then an hundred lives, if I had them: for thus it fell out, after 2. moneths saile, we encountered with a fleet of the *English*, some 10. leagues from the *Island of Tenevik* one of the *Canaries*, which is famous through the *World*, for a Hill upon the same called *el Pico*, that is to be discerned and kenned upon the Sea.

da minha chegada à *Espanha*, se no curso principal não tivéssemos sido interceptados, como deves ouvir. Na quinta-feira, 21 de *junho*, a saber, no ano de 1599, zarpamos para a *Espanha*, tendo-me sido concedida muito conveniente cabine para os meus *pássaros* e também armazenamento para minha máquina, que o capitão teria que ter deixado atrás de mim, e foi um portento que não tive; entretanto, minha boa sorte ainda assim salvou a minha vida e me deu aquilo que estimo mais que cem vidas, se as tivesse. Pois, aconteceu que, depois de dois meses velejando, nos defrontamos com uma frota dos *ingleses*, a dez léguas da *Ilha de Tenerife*,<sup>32</sup> uma das *Canárias*, que é famosa em todo mundo por um monte chamado *El Pico*,<sup>33</sup> que pode ser visto e reconhecido desde o mar

<sup>32</sup> Tenerife é maior ilha do arquipélago das Canárias e pertence à Espanha. A ilha está a pouco mais de 300 km do continente africano e a uns 1.300 km da Península Ibérica. Tem 2.034 km<sup>2</sup> de superfície e uma curiosa forma triangular. Cf. Barrett, 2000.

<sup>33</sup> Pico das Neves é o pico mais alto da ilha de Grã Canária, nas ilhas Canárias. Possui 1.949 metros acima do nível do mar. Seu nome foi dado em função do frequente acúmulo de neve que ocorre no seu topo.

esse then 100. leagues off. We had aboard us 5. times the number of people that they had ; we were well provided of munition, and our men in good health. Yet seeing them disposed to fight, and knowing what infinite riches wee carried with us, we thought it a wiser way to fly, if we might, then by encountering a company of dangerous fellowes to hazard not onely our owne lives, (which a man of valour in such a case esteemeth not ) but the estates of many poore Merchants, who I am affraid were utterly undone by miscarriage of that businesse. Our fleete then consisted of 5. sayle, to wit, 3. Carickes, a Barke, and a Caravell, that comming from the Isle of Saint *Thomas*, had ( in an evill houre for him ) overtaken us some few dayes before.

The *English* had 3. Ships very  
D well

não a menos de 100 léguas de distância. Nós tínhamos a bordo cinco vezes o número de pessoas que eles tinham; estávamos bem providos com munições e nossos homens em boa saúde. Contudo, vendo-os dispostos a guerrear, e sabendo quantas riquezas infinitas trazíamos conosco, pensamos que a maneira mais sábia seria voar, se pudéssemos, ao invés de defrontar com um grupo de homens perigosos a arriscar não somente nossas vidas (o que um homem de valor nessa situação não estima), mas as propriedades de muitos comerciantes pobres, os quais, receio, ficaram totalmente arruinados pelo malogro daquela atividade. Nossa frota, nesta ocasião, consistia de cinco velas, a saber, três naus, um barco e uma caravela, que vindo da Ilha de São *Tomás*<sup>34</sup> (em uma má hora para ela), alcançou-nos alguns dias antes.

Os *ingleses* tinham três navios muito bem

<sup>34</sup> Ilha do mar caribenho. É um município e um distrito componente das Ilhas Virgens Americanas.

well appointed, and no sooner spied, but they began to play for us, and changing their course, as we might well perceive, endeavoured straight way to bring us under their lee, which they might well doe (as the wind stood) especially being light nimble vessells, and yare of Sayle, as for the most part all the *English* shipping is, whereas ours was heavy, deepe laden, foule with the Sea: our Captaine therefore resolved peradventure wisely enough (but I am sure neither valiantly, nor fortunately) to flie, commanding us to disperse our selves: the Caravell by reason of too much hast fell foule upon one of the Carickes, and bruised her so, as one of the *English* that had undertaken her, easily fetcht her up and entred her: as for the caravell shee sanke immediately in the sight of us all. The  
Barke

posicionados, e tão logo entrevistados, começaram a nos perseguir, e mudando seu curso, como bem pudemos perceber, empreenderam caminho reto para nos trazer sob seu sotavento, o que eles puderam fazer bem (pela forma como se apresentava o vento), especialmente sendo os seus navios leves, ágeis e dotados de vela, como, em sua maioria, todos os navios *ingleses* o são, enquanto os nossos são pesados, muito carregados, impróprios para o mar. Nosso capitão, portanto, resolveu, porventura sabiamente o suficiente (mas estou certo, nem valente nem afortunadamente) a fugir, ordenando que nos dispersássemos. A caravela, por causa de muita velocidade, chocou-se com uma das naus e a estilhaçou, de modo que um dos *ingleses* que se encarregava dela, facilmente a alcançou e tomou-a. Quanto à caravela, afundou-se imediatamente à vista de todos nós. O barco

Barke ( for ought I could perceive ) no man making after her, escaped unpursued ; and another of our car-ickes after some chase , was given over by the *English* , that making account to finde a booty good enough of us , and having us betweene them and their third companion, made upon us with might and maine. Wherefore our Capitaine that was aboard us, gave direction to runne aland upon the *Ile*, the Port whereof we could not recover, saying that hee hoped to save some of the goods, and some of our lives, and the rest he had rather should bee lost, then commit all to the mercy of the enemy. When I heard of that resolution, seeing the Sea to worke high , and knowing all the coast to bee full of blind Rockes, and Shoales , so as our Vessell might not possibly

D 2

come

(pelo que pude perceber), nenhum homem o seguindo, escapou intacto; e outra de nossas naus, após alguma perseguição, escapou aos *ingleses*, os quais, calculando como tirar de nós um butim satisfatório, e tendo-nos entre si e sua terceira companhia, nos atacou com força e energia. Diante disso, nosso capitão, que estava a nosso abordo, deu ordem para correr à terra, em direção à *ilha*, cujo porto não podíamos alcançar, dizendo ele que esperava salvar alguns dos bens e algumas das nossas vidas, e o resto ele preferia deixar que se perdesse, ao invés de entregar tudo à mercê do inimigo. Quando ouvi essa resolução, vendo o mar alto e sabendo que toda a costa era cheia de rochas ocultas e escolhos tais, que nosso barco não podia, sequer, chegar

36 *The Man in the Moone.*

come neere land , before it must  
 needs be rent in a thousand peeces,  
 I went unto the Captaine , shew-  
 ing him the desperatenesse of the  
 course hee intended , wishing him  
 rather to trie the mercy of the e-  
 nemie , then so to cast away him-  
 selfe , and so many brave men : but  
 hee would not heare me by any  
 meanes ; whereupon discerning it to  
 be high time to shift for my selfe,  
 first , I sought out my Box or lit-  
 tle Casket of stones , and having  
 put it into my sleeve , I then be-  
 tooke me to my *Gansa's* , put them  
 upon my Engine , and my selfe  
 upon it , trusting ( as indeed it  
 happily fell out ) that when the  
 Shippe should split , my Birds , al-  
 though they wanted their Signall  
 of themselves , and for safegard of  
 their owne lives ( which nature hath  
 taught every living creature to pre-  
 serve

perto de terra antes de necessariamente espatifar-se em mil pedaços, dirigi-me ao capitão, mostrando-o a irremediabilidade do curso que intentava, esperando que ele tentasse a misericórdia do inimigo ao invés de se naufragar e, juntamente consigo, muitos homens corajosos. Mas ele não quis me ouvir de forma alguma, diante do que, notando que era a hora necessária de deslocar-me primeiro por mim mesmo, procurei pela minha caixa ou pequeno estojo de pedras, e colocando-os em minha manga, em seguida, apanhei meus *Gansas*, coloquei-os na máquina, e eu mesmo nela, confiando (como de fato isso felizmente ocorreu) que quando o navio estivesse prestes a cindir, meus pássaros, embora necessitassem de seus sinais, por si mesmos, e para salvaguardo de suas próprias vidas (o que a natureza tem ensinado toda criatura viva a preservar

serve to their power ) would make towards the Land ; which fell out well ( I thanke God , ) according to mine expectation. The people of our Ship mervailed about what I went, none of them being acquainted with the use of my *Birds*, but the Captaine ; for *Diego* was in the *Rosaria* , the Ship that fled away unpursued , (as before I told you : ) some halfe a league we were from the Land, when our Carick strake upon a Rocke, and split immediately : whereupon I let loose unto my *Birds* the raines, having first placed my selfe upon the highest of the Decke : and with the shock they all arose , carrying mee fortunately unto the Land, whereof, whether I were well apaide you need not doubt, but a pittifull sight it was unto me, to behold my friends and acquaintance in that miserable dis-

D 5

treffe

com todas as suas forças) iriam em direção à terra, o que de fato aconteceu (agradeço a Deus) de acordo com minha expectativa. As pessoas do nosso navio admiraram-se com o que fiz, nenhuma delas estando familiarizadas com o emprego de meus *pássaros*, exceto o capitão, pois *Diego* estava no *Rosária*, o navio que escapou ileso (como antes disse-vos). Estávamos a cerca de meia légua quando nossa nau se chocou com uma rocha e espatifou imediatamente; nesse momento, afrouxei as cordas dos meus *pássaros*, tendo primeiro me posicionado no mais alto do convés: e com o choque, todos eles se ergueram, carregando-me afortunadamente para a terra, com o que, não há dúvidas, fiquei bem satisfeito. Contudo, uma cena digna de piedade apoderou-se de mim ao ver meus amigos e conhecidos naquela miserável desgraça,

tresse of whom ( notwithstanding )  
 many escaped better then they had  
 any reason to hope for. For the  
*English* launching out their cock-  
 boates, like men of more noble  
 and generous disposition then we  
 are pleased to esteeme them, tak-  
 king compassion upon them, used  
 all the diligence they could, to helpe  
 such as had any meanes to save  
 themselves from the furie of the  
 waves and that even with their  
 owne danger : amongst many, they  
 rooke up our Captaine, who ( as Fa-  
 ther *Pacio* could since tell me ) having  
 put himselfe into his Cock with  
 12. others, was induced to yeeld  
 himselfe unto one Captaine *Rymun-  
 da*, who carried him together  
 with our Pilote along in their voy-  
 age with them, being bound for  
 the East *Indies*; but their hard hap  
 was by a breach of the Sea need  
 th

da qual (mesmo assim) muitos escaparam melhor do que tinham motivo para esperar. Pois os *ingleses*, lançando seus botes salva-vidas, como homens de disposição mais nobre e generosa do que estamos acostumados a estimá-los, tomando compaixão deles, usaram toda diligência que puderam para ajudar, tal como se possuíssem qualquer meio para se salvar da fúria das ondas, inclusive, correndo perigo por si mesmos. Entre muitos, eles içaram nosso capitão, quem (como o padre *Pasio*<sup>35</sup> depois me disse) tendo se colocado dentro do salva-vidas com 12 outros, foi induzido a se submeter a um capitão, *Raimundo*,<sup>36</sup> quem o carregou, junto com nosso timoneiro, ao longo de sua viagem, estando com destino às *Índias* Orientais. Mas, seu severo destino foi, por uma abertura do mar próxima

<sup>35</sup> Francesco Pasio, missionário jesuita companheiro de Matteo Ricci nas missões na China.

<sup>36</sup> Georg Raymond, quem afundou com seu navio, em 1591, após contornar o Cabo da Boa Esperança. Cf. Kerr, 1813, p.13.

the cape of *Buona Esperanca*, to be swallowed of the mercileffe Waves, whose fury a little before they had so hardly escaped. The rest of them (as I likewise heard) and they were in all some 26. persons that they tooke into their ship, they set them a land soone after at *Cape Verde*.

As for my selfe, being now a shore in a Country inhabited for the most part by *Spaniards*, I reckoned my selfe in safety. Howbeit I quickly found the reckoning, I so made, mine Host had not beene acquainted with all ; for it was my chance to pitch upon that part of the Isle, where the hill, before mentioned, beginneth to rise. And it is inhabited by a Savage kinde of people, that live upon the sides of that hill, the top whereof is alwayes covered with Snow, and held for the monstrous height and steepnesse not to

D 4 be

ao cabo de *Boa Esperança*, ser engolidos pelas impiedosas ondas, de cujas fúrias um pouco antes eles tinham escapado com dificuldade. O restante deles (como igualmente ouvi dizer), e eram ao todo cerca de 26 pessoas que eles puseram em seu navio, instalou-os em uma terra logo depois de *Cabo Verde*.

Quanto a mim, estando agora em terra firme, em um país habitado na maior parte por *espanhóis*, considerei-me em segurança. Todavia, rapidamente verifiquei essa avaliação que então havia feito, tendo os meus anfitriões não me tratado com familiaridade; por isso, quis o destino que eu me arremessasse sobre aquela parte da ilha onde o monte, anteriormente mencionado, começava a se elevar. É ele povoado por um gênero de pessoas selvagens que vivem sobre as margens daquela colina cujo topo está sempre coberto com neve e guardado pelo enorme cume e inclinação, não sendo

be accessible either for man or beast, Howbeit these Savages fearing the Spaniards, ) betweene whom and them there is a kinde of continuall warre) hold themselves as neere the top of that hill as they can, where they have divers places of good strength, never comming downe into the fruitfull Valleys, but to prey upon what they can finde there. It was the chance of a company of them to espie mee within some howers space after my Landing: They thinking they had light upon a booty, made towards mee with all the speed they could, but not so privily as that I could not perceive their purpose before they came neere to me by halfe a Quarter of a League; seeing them come downe the side of a Hill with great speed directly towards mee, divers of them carrying Long Staves, besides other weapons.

acessível nem para homens ou animais. Contudo, esses selvagens temendo os *espanhóis* (entre os quais há uma espécie de guerra contínua), se mantêm o mais próximo possível do topo daquele monte, onde eles têm diversos locais de bom apoio, nunca vindo para baixo, aos vales frutíferos, a não ser para se alimentarem do que podem achar por lá.<sup>37</sup> Por acaso, um grupo deles me espionou por algumas horas após minha aterrissagem. Eles, acreditando que tinham descoberto uma presa, se puseram em minha direção com toda velocidade que conseguiram, mas não tão discretamente que não pudesse perceber seu propósito antes deles se aproximarem de mim à metade de um quarto de légua. Vendo-os descer a encosta de uma colina com grande velocidade, precisamente em minha direção, muitos deles carregando bastões compridos, além de outras armas,

<sup>37</sup> Provavelmente os Guanches, que ocuparam as ilhas Canárias no tempo da invasão espanhola. Eles já não existem mais como uma raça separada. Cf. McColley, 1937a, p. xix.

pons, which because of their distance from mee I might not discern. I thought it high time to bestirre mee, and shift for my selfe, and by all meanes, to keepe my selfe out of the fingers of such slaves, who had they caught mee, for the hatred they beare to us *Spaniards*, had surely hewed me all to peeces.

The Country in that place was bare, without the coverture of any wood: But the mountaine before spoken of, beginning even there to lift up itselfe, I espied in the side of the same a white cliffe, which I trusted my *Ganza's* would take for a signall, and being put off, would make all that way, whereby I might quickly bee carried so farre, as those barbarous Cullions should not be able to overtake mee, before I had recovered the dwelling of some *Spaniard*, or at least-wise might have  
time

as quais, por causa da sua distância de mim, não pude discernir, julguei que era hora de fugir, e por todos os meios manter-me fora dos dedos de tais escravos, quem, se tivessem me pegado, pelo ódio que têm a nós *espanhóis*, certamente teriam me cortado todo em pedaços.

A aldeia naquele lugar era desprotegida, sem a cobertura de qualquer madeira, mas na montanha anteriormente mencionada, começando ainda ali a se erguer, avistei, no mesmo lado, um penhasco branco, o que confiei que meus *Gansas* iriam tomar por um sinal, e tendo de desembarcar fariam todo aquele percurso, por meio do que eu poderia rapidamente ser carregado para tão longe de modo que aqueles bárbaros patifes não conseguissem me alcançar antes que tivesse reencontrado a habitação de algum *espanhol*, ou pelo menos, pudesse ter tempo

## 42 *The Man in the Moone.*

time to hide my selfe from them, till that in the night, by helpe of the starres, I might guide my selfe toward *Las Læguna*, the City of that Island, which was about one league off, as I thinke. Wherefore with all the celeritie that might be I put my selfe upon mine Engine, and let loose the raines unto my *Gansa's*, It was my good fortune that they tooke all one way, although not just that way I aymed at. But what then, O Reader? *Arri-ge aures*, prepare thy selfe unto the hearing of the strangest Chance that ever happened to any mortall man, and that I know thou wilt not have the Grace to beleeve, till thou seest it seconded with Iteration of of Experiments in the like, as many a one, I trust, thou mayest in short time; My *Gansa's*, like so many horses that had gotten the bitt between.

de me esconder deles, até que à noite, com a ajuda das estrelas, eu pudesse me guiar em direção a *Las Laguna*,<sup>38</sup> a cidade daquela ilha, que estava a cerca de uma légua de distância, como suponho. Por isso, com toda a celeridade que podia ter, me coloquei sobre minha máquina e afrouxei as cordas dos meus *Gansas*; foi minha boa fortuna que todos eles tomaram um caminho, embora não exatamente aquele caminho que eu visava. Mas, então qual? Oh, leitor, *arri-ge aures*,<sup>39</sup> prepare-te para ouvir a mais estranha aventura que já sucedeu a todo homem mortal, e que sei que duvidarás, até ver isso secundado pela interação de experimentos semelhantes, como um, que creio, tu poderá ver em pouco tempo. Meus *Gansas*, como muitos cavalos que tivessem o freio

<sup>38</sup> San Cristóbal de La Laguna é um município da Espanha, na província de Santa Cruz de Tenerife.

<sup>39</sup> "prepare os ouvidos".

*The Man in the Moone.* 43

tweene their teeth, made (I say) not towards the cliffe I aymed at, although I used my wonted meanes to direct the Leader of the flocke that way, but with might and maine tooke up towards the top of *El Pico*, and did never stay till they came there, a place where they say never man came before, being in all estimation at least 15 leagues in height perpendicularly upward, above the ordinary levell of the Land and Sea.

What

entre seus dentes, foram (digo) não em direção ao penhasco que eu mirava, apesar de ter usado minhas maneiras habituais para dirigir o líder do rebanho para aquela direção, mas seguiram, com força e energia, em direção ao topo do *El Pico*, e de modo algum pausaram até chegar lá,<sup>40</sup> um lugar onde, dizem, nunca nenhum homem pisou antes, sendo em todas as estimativas, pelo menos quinze léguas em altura perpendicularmente para cima, acima do nível normal da terra e do mar.

<sup>40</sup> Aqui Gonsales se refere ao pico no qual aterrissa na lua.

What manner of place I found there, I should gladly relate unto you, but that I make hast to matters of farre greater Importance. There when I was set downe, I saw my poore *Gansa's*, fall to panting and blowing, gaping for breath, as if they would all presently have died; wherefore I thought it not good to trouble them a while, forbearing to draw them in, (which they never wont to indure without strugling) and little expecting that which followed.

It was now the season that these Birds were wont to take their flight away, as our Cuckoos and swallows doe in *Spaine*, towards the Autumne. They (as after I perceived) mindfull of their usuall voyage, even as I began to settle my selfe for the taking of them in, as it were with one consent, rose up, and having no other place higher to make

O tipo de lugar que encontrei lá deveria relatar-te com prazer, mas assim, me apresso a questões de importância muito maior. Lá, quando fui posto, percebi meus pobres *Gansas* precipitarem-se a arfar e bufar, abrindo os bicos para respirar como se todos em breve fossem morrer. Por isso imaginei não ser bom perturbá-los por um tempo, evitando movê-los (o que eles nunca [estavam] acostumados a fazer sem esforço) e pouco esperava o que seguiu.

Esta era a época em que esses pássaros estavam acostumados a fazer sua migração, como nossos cucos e andorinhas fazem na *Espanha* no outono. Eles (como depois percebi), cientes de sua viagem habitual, mesmo que eu começasse a acomodar-me para a sua decolagem, como se fosse em consentimento, alçaram voo, e, não tendo nenhum outro lugar mais alto para seguir

46 *The Man in the Moone.*

make toward, to my unspeakeable feare and amazement strooke bolt upright, and never did linne towering upward, and still upward, for the space, as I might guesse, of one whole hower; toward the end of which time, mee thought I might perceive them to labour lesse and lesse; till at length, O incredible thing, they forbare moving any thing at all! and yet remained unmoveable, as stedfastly, as if they had beene upon so many perches; the Lines slacked; neither I, nor the Engine moved at all, but abode still as having no manner of weight.

I found then by this Experience that which no Philosopher ever dreamed of, to wit, that those things which wee call heavie, do not sinke toward the Center of the Earth, as their naturall place, but as drawn by a secret property of the Globe of the

para o meu medo e admiração indescritíveis, seguiram a direção vertical; e elevando-se para cima sem parar, sem parar subiram para o espaço, como pude supor, por uma hora inteira; ao fim desse tempo, julguei poder percebê-los labutar cada vez menos, até que por fim, oh coisa incrível, eles deixaram de se movimentar e, ainda que permanecessem imóveis, tão firmemente, como se estivessem sobre muitos poleiros.<sup>41</sup> As cordas afrouxaram; nem eu nem a máquina nos movemos mais, mas continuamos firmes, como se não houvesse nenhuma espécie de peso.

Descobri depois, por essa experiência, o que nenhum filósofo sequer sonhou, a saber, que aquelas coisas que denominamos pesadas não afundam em direção ao centro da Terra como seu lugar natural, mas são puxadas por uma propriedade secreta do globo da

<sup>41</sup> Não há esforço por parte dos pássaros pela ausência de gravidade.

the Earth, or rather some thing within the same, in like sort as the Loadstone draweth Iron, being within the compasse of the beames attractive.

For though it bee true that there they could abide unmoved without the proppe or sustentation of any corporall thing other then the ayre, as easily and quietly as a fish in the middle of the water, yet forcing themselves never so little, it is not possible to imagine with what swiftnesse and celeritie they were carried, and whether it were upward, downward, or sidelong, all was one. Truly I must confesse, the horror and amazement of that place was such, as if I had not been armed with a true *Spanish* courage and resolution, I must needs have died there with very feare.

But the next thing that did most  
trouble

Terra, ou antes, algo dentro da mesma, de igual espécie da que um ímã atrai um ferro, estando no alcance dos raios de atração.<sup>42</sup>

Pois apesar de ser verdade que lá eles pudessem permanecer imóveis sem a propriedade ou sustentação de nenhuma outra matéria corporal que não o ar, com tanta facilidade e quietamente como um peixe na água, mesmo que se esforçassem tão pouco, não é possível imaginar com que rapidez e celeridade eram carregados, independente da direção que tomavam, seja para cima, para baixo ou de lado. Honestamente, devo confessar certo horror e espanto com aquele lugar, de forma que se eu não estivesse armado com as autênticas coragem e resolução dos *espanhóis*, inevitavelmente lá deveria ter morrido muito aterrorizado.

Mas a circunstância seguinte que me mais me perturbou

<sup>42</sup> Aqui Godwin compartilha das ideias que o médico e cientista inglês William Gilbert expõe na sua obra *De magnete* (1600). Gilbert afirma que a Terra é magnética e, como todos os outros corpos celestes, age como um ímã giratório gigante, com sua própria esfera de influência e centro, separada da esfera e do centro de outros corpos celestes giratórios.

48 *The Man in the Moone.*

trouble me, was the swiftnesse of Motion, such as did even almost stop my breath; If I should liken it to an Arrow out of a Bow, or to a stone cast downe from the top of some high tower, it would come farre short, and short.

An other thing there was exceeding, and more then exceeding, trouble some unto mee, and that was the Illusions of Devils and wicked spirits, who, the first day of my arrivall, came about mee in great numbers, carrying the shapes and likenesse of men and women, wondring at mee like so many Birds about an Owle, and speaking divers kindes of Languages which I understood not, till at last I did light upon them that spake very good *Spanish*, some *Dutch*, and othersome *Italian*; for all these Languages I understood.

And here I saw onely a touch of

foi a rapidez do movimento, tal qual, quase impediu minha respiração; se tivesse que compará-lo a uma flecha em direção a um arco, ou a uma pedra atirada abaixo do topo de alguma torre alta, seria muito aquém e limitado.

E outra coisa que aconteceu, e mais que aconteceu, me perturbou, foi a ilusão de demônios e espíritos perversos,<sup>43</sup> os quais, no primeiro dia de minha chegada, vieram sobre mim em grande quantidade, portando as formas e feições de homens e mulheres, rodeando-me como muitos pássaros sobre uma coruja, e falando muitos tipos de idiomas que não compreendi, até que, afinal, deparei-me com os que falavam *espanhol* muito bem, alguns *alemão* e alguns outros *italiano*, pois que todas esses idiomas entendi.<sup>44</sup>

E aqui percebi somente uma vez

<sup>43</sup> A maioria dos contemporâneos de Godwin acreditavam com "Digression of the Air", parte da *Anatomy of Melancholy* de Robert Burton, na existência desses demônios no espaço. "O ar não é só cheio de voantes no verão, como é todo tempo de demônios invisíveis". O curioso é que para Burton eles eram invisíveis, para Godwin, além de visíveis, semelhantes aos humanos.

<sup>44</sup> Não despropositalmente, os demônios falam o idioma das três potências católicas do período. E o relacionamento que se estabelece entre Gonsales e os demônios por um curto espaço de tempo, descrito mais, logo a seguir, parece mostrar que o autor estava, por intermédio dos perversos, se referindo às três potências católicas: Espanha, Itália e Alemanha (Habsburga).

the Sunnes absence for a little while once, ever after having him in my sight. Now to yeeld you satisfaction in the other, you shall understand that my *Gansas*, although entangled in my lynes, might easily find means to fease upon divers kinds of *flies* and *Birds*, as especially *Swallowes*, and *Cuckoes*, whereof there were multitudes, as Motes in the sunne; although to say the truth I never saw them to feed any thing at all. As for my selfe, in truth I was much beholding unto those same, whether men or *Divels* I know not, that amongst divers speeches, which I will forbear a while to relate, told me, that if I would follow their directions, I should not onely bee brought safely to my home, but also be assured to have the command of all pleasures of that place, at all times.

E To

a ausência de sol, por pouco tempo, tendo-o sempre depois em minha vista. Agora, para dar-te satisfação sobre outra coisa, tu deves ser informado que meus *Gansas*, embora intrincados nas minhas cordas, puderam facilmente achar meios de capturar diversas espécies de *voadores* e *pássaros*, especialmente *andorinhas* e *cucos*, dos quais havia grupos numerosos, como manchas no sol, apesar de que, para ser sincero, nunca os vi alimentarem-se de nada, o que pode parecer estranho. Quanto a mim, observava constantemente aqueles seres, se homens ou demônios, eu não sei, que entre discursos diversos, os quais evitarei por um tempo relatar, disseram-me que se eu seguisse suas direções, não deveria apenas ser levado seguramente para minha casa, como também ter a certeza de ter a posse de todos os prazeres daquele lugar, em todos os momentos.

To the which motions not daring to make a flat deniall, I prayed a time to thinke of it, and with all intreated them (though I felt no hunger at all, which may seeme strange) to helpe mee with some victualls, least in the meane while I should starve. They did so, readily enough, and brought me very good Flesh, and Fish, of divers sorts well dressed, but that it was exceeding fresh, and without any manner of relish of salt.

Wine also I tasted there of divers sorts, as good as any in *Spain* and Beere, no better in all *Antwerp*. They wished me then, while I had meanes to make my provision, telling me, that till the next Thursday they could not helpe me to any more, if happily then; at what time also they would find meanes to carry me backe and set mee safe in *Spain*.

Para essas propostas não ousando fazer uma negação absoluta, solicitei um tempo para pensar nelas, e, além disso, supliquei-lhes (embora não senti mais fome absolutamente, o que pode parecer estranho) para me ajudar com alguns mantimentos, visto que em pouco tempo ficaria faminto. Eles assim o fizeram, com prontidão o suficiente, e me trouxeram carne e peixes muito frescos, de vários tipos bem preparados, embora fossem demasiadamente cruas e sem qualquer gênero de sabor de sal.

Vinho, eu lá também experimentei de diversos tipos tão bons quanto qualquer um na *Espanha*, e cerveja, não há melhor em toda a *Antuérpia*. Eles me renunciaram então, enquanto tive recursos, para preparar minha provisão, dizendo-me que até a próxima quinta-feira não poderiam me ajudar com nada mais, se por acaso, então, naquele dia também pudessem encontrar formas de me conduzir de volta e acomodar-me seguro na *Espanha*.

payne where I would wish to be, so that I would become one of their fraternity, and enter into such covenants and profession as they had made to their Master and Captaine, whom they would not name. I answered them gently for the time, telling them, I saw little reason to be very glad of such an offer, praying them to be mindfull of me as occasion served.

So for that time I was ridd of them, having first furnished my Pockets with as much Victuall as I could thrust in, amongst the which I fail not to afford place for a little Botijo of good Canary wine.

Now shall I declare unto you the quality of the place, in which I then was. The Clouds I perceived to be all under me, betweene mee and the earth, The starres, by reason it was alwaies day, I saw at all times alike,

E 2 not

onde desejaria estar, para tanto teria que me tornar membro de sua fraternidade e estabelecer aqueles pactos e declarações como tinham feito para seu mestre e capitão, os quais não podiam nomear. Respondi-lhes gentilmente pelo momento, dizendo-lhes que vi pouco motivo para ficar muito satisfeito com tal oferta, solicitando-lhes estar atentos comigo, como a ocasião merecia.

Assim, desta vez me livreí deles, tendo primeiro provido meus bolsos com quantas munições pude estocar, entre as quais não falhei em dispor lugar para uma pequena garrafa de bom vinho canário.

Agora devo declarar-te a qualidade do lugar em que então estava. As nuvens, percebi estarem todas debaixo de mim, entre eu e a Terra. As estrelas, em razão de ser sempre dia,<sup>45</sup> vi em todos os momentos idênticas,

<sup>45</sup> Godwin perpetua a suposição medieval de que há luz no espaço. No final do século XVI, Thomas Digges em seu *A Perfit Description of the Caelestiall Orbes* (1576) compreendeu que a escuridão da noite não é apenas uma consequência da sombra da Terra, e que o espaço é ele mesmo normalmente escuro. Ele explicou isso pela presunção de que a luz das estrelas era muito fraca para preencher todo o céu com luz.

not shining bright, as upon the earth we are wont to see them the night time; but of a whitish Colour, like that of the Moone the day time with us: And such of them as were to be seene (which were not many) I shewed farre greater then with us, yea (as I should have said) no lesse then ten times so great. As for the Moone being then within two daies of the change she appeared of a huge and fearefull quantitie.

This also is not to be forgotten that no starres appeared but on that part of the Hemispheare that was next the Moone, and the neerer to her the bigger in Quantity they shewed. Againe I must tell you, that whether I lay quiet and rested, or else were carryed in the Ayre, I perceived my selfe still to be alwaies directly betweene the Moone  
and

não brilhando intensamente como da Terra estamos acostumados a vê-las à noite, mas com uma cor branca, como aquela da lua durante o dia para nós. E algumas delas que podiam ser vistas (as quais não eram muitas) mostraram-se muito maior do que para nós, sim (como pude supor) não menos que dez vezes maior. Quanto à lua, estando então a dois dias de sua mudança, surgiu com grandeza imensa e assustadora.

Isto também não é para ser esquecido: que nenhuma estrela apareceu senão naquela parte do hemisfério próxima à lua, e quanto mais próximo dela, maior em grandeza ela se mostrava. Novamente, devo dizer-lhe que se fiquei quieto e parado, ou senão carregado no ar, me percebi estar sempre precisamente entre a lua

nd the earth, Whereby it appeareth, not only that my *Gansas* took one other way then directly toward the Moone; but also, that when we rested (as at first we did for many hours,) either we were insensibly carryed, (for I perceived no such motion) round about the Globe of the Earth, or else that (according to the late opinion of *Copernicus*,) the Earth is carried about, and turneth round perpetually, from *West* to the *East*, leaving unto the Planets only that motion which Astronomers call naturall, and is not upon the Poles of the Equinoctiall, commonly termed the Poles of the World, but upon those of the Zodiacke; concerning which question; I will speake more hereafter; when I shall have leysure to call to my remembrance the *Astronomy* that I learned being a young man at *Salamanca*.

E 2 ca,

e a Terra, em razão do que não parecia somente que meus *Gansas* tomaram outro caminho diretamente para lua, mas também que quando repousávamos (como fizemos da primeira vez por muitas horas), éramos imperceptivelmente carregados (pois não percebi nenhum tipo de movimento) em redor do globo da Terra, ou de outro modo (de acordo com a mais recente opinião de *Copérnico*), a Terra se movimenta e gira perpetuamente do *oeste* ao *leste*, deixando aos planetas somente aquele movimento que os astrônomos denominam natural,<sup>46</sup> e não é em direção aos polos do equinócio, comumente denominados os polos do mundo, mas em direção àqueles do zodíaco.<sup>47</sup> Acerca dessa questão falarei mais adiante, quando tiver tempo para recordar a *astronomia* que aprendi, quando jovem, em *Salamanca*,

<sup>46</sup> O movimento orbital. No caso da Terra, ele corresponde à volta anual em torno do sol, ou, como Godwin o concebe, o movimento anual do sol sobre a Terra.

<sup>47</sup> Godwin esclarece que a rotação dos planetas não ser atribuída ao eixo da Terra, mas às suas posições do zodíaco. Segundo Tillyard "the Elizabethan believed in the pervasive operation of an external fate in the world. The twelve signs of the zodiac had their own active properties" (TILLYARD, 1963, p. 70).

54 *The Man in the Moore.*

ca, but have now almost forgotten.

The ayre in that place I found quiet without any motion of wind and exceeding temperate, neither hot nor cold, as where neither the Sunne-beames had any subject to reflect upon, neither was yet either the earth or water so neere as to affect the ayre with their natural quality of coldnesse. As for that imagination of the Philosophers attributing heat together with moystnesse unto the ayre, I never esteemed it otherwise then a fancy. Lastly now it is to be remembered that after my departure from the earth, I never felt any appetite of hunger or thirst. Whether the purity of the Ayre our proper element not being infected with any Vapor of the Earth and water might yet nature sufficient nutriment; or whether

mas tendo agora quase esquecido.

A atmosfera naquele lugar, achei quieta, sem qualquer agitação de vento, e extremamente temperada, nem quente nem fria, não tendo os raios de sol onde se refletir, tampouco estavam próximos à Terra ou à água de forma a afetar o ar com seu frio estado natural. Quanto à imaginação dos filósofos a atribuir calor em conjunto com umidade ao ar, nunca considerei isso de outro modo que uma fantasia.<sup>48</sup> Por fim, agora, deve ser lembrado que após a minha partida da Terra, nunca senti qualquer apetite de fome ou sede. Se por causa da pureza do ar, nosso elemento próprio, não sendo infectado com nenhum vapor de terra ou água, poderia oferecer nutriente natural suficiente, ou qualquer

<sup>48</sup> A filosofia peripatética ensinou que os quatro elementos: fogo, ar, água e terra combinam calor e frio com humidade e aridez para produzir quatro diferentes emparelhamentos. O ar era de fato o elemento “moderadamente quente e muito úmido” (MAGIRUS apud POOLE, 2009, p. 91).

else might be the cause of it, I cannot tell but so I found it, although I perceived my selfe in perfect health of body, having the use of all my Limmes and senses; and strength both of body and minde, rather beyond and above, then any thing short of the pitch, or wanted vigor. Now let vs goe on: and on we shall go more then apace.

Not many howers after the departure of that diuinish company from me, my *Gansas*'s began to bestir themselues, still directing their course toward the Globe or body of the Moone: And they made their way with that incredible swiftnesse, as I thinke they gained not so little as Fifty Leagues in every hower. In that passage I noted three things verry remarkeable: one that the further we went, the lesse the Globe of the Earth appeared unto us; whereas

E 4 still

que pudesse ser a causa disso, não sou capaz de dizer, mas assim encontrei-me em perfeita saúde de corpo, tendo o desempenho de todos os meus membros e sentidos, e a força do corpo e mente mais acima e além de qualquer coisa restrita ao tom e vigor habitual. Agora, deixe-nos continuar, e devemos ir mais rapidamente.

Não se passaram muitas horas desde que aquelas companhias diabólicas me deixaram, meus *Gansas* começaram a se agitar, ainda dirigindo seu curso em direção ao globo ou corpo da lua, e fizeram seu percurso com inacreditável rapidez, de forma que, suponho, eles percorriam não menos que cinquenta léguas a cada hora. Nesse trajeto, notei três coisas muito singulares: uma, que quanto mais longe nós íamos, menor o globo da Terra parecia para nós, ao passo que,

56 *The Man in the Moone.*

still on the contrary side the MOON<sup>ES</sup> shewed her selfe more and more monstrously huge,

Againe, the Earth (which ever I held in mine eye) did as it were mask it selfe with a kind of brightness like another Moone; and even as in the Moone we discerned certaine spots or Clouds, as it were, so did I then in the earth. But whereas the forme of those spots in the Moone continue constantly one and the same; these little and little did change every hower. The reason thereof I conceive to be this, that whereas the Earth according to her naturall motion, (for that such a motion she hath, I am now constrained to joyne in opinion with *Copernicus*,) turneth round upon her owne Axe every 24. howers from the West unto the East: I should at the first see in the middle of the body

de forma contrária, a lua se mostrava mais e mais monstruosamente imensa.

Novamente, a Terra (que sempre manteve à vista) fez como se fosse cobrir a si mesma com um tipo de brilho tal qual outra lua, e mesmo na lua discernimos certas manchas, ou sombras, como por assim dizer, eram na Terra. Mas, enquanto a forma dessas manchas na lua continuava constantemente uma e a mesma, estas, pouco a pouco, mudavam a cada hora.<sup>49</sup> A razão disso compreendi ser esta: que, enquanto a Terra, de acordo com seu movimento natural (sobre esse tipo de moção que ela tem, me vejo agora obrigado a adotar a opinião de *Copérnico*) gira em torno de seu eixo a cada vinte quatro horas do oeste para o leste,<sup>50</sup> eu veria, a princípio, no meio do corpo

<sup>49</sup> Godwin está afirmando uma ideia que Marke Ridley divulgou no seu *Short Treatise* de que se nos posicionarmos em outro astro, como na lua, poderíamos provar a rotação da Terra pelo movimento de suas manchas.

<sup>50</sup> Refere-se à rotação diurna da Terra.

*The Man in the Moone.* 57

of this new starre a spot like unto a Peare that had amorfell bitten out upon the one side of him ; after certaine howers, I should see that spot slide away to the *East* side. This no doubt was the maine of *Afrike*.

Then should I perceive a great shining brightnesse to occupy that roome, during the like time (which was undoubtedly none other then the great *Atlantick* Ocean). After that succeeded a spot almost of an Oval form, even just such as we see *America* to have in our Mapps. Then another vast cleernesse representing the *West Ocean* ; and lastly a medly of spots, like the Countries of the *East Indies*. So that it seemed unto me no other then a huge Mathematicall Globe, leasurely turned before me, wherein successively, all the Countries of our earthly world with-

desse novo astro, uma mancha tal como uma pera que teve uma parte mordida em um de seus lados; após certas horas, eu deveria ver aquela mancha deslizar para o lado *leste*. Isso, sem dúvida, era a forma da *África*.<sup>51</sup>

Então eu pude perceber um reluzente brilho ocupar aquele espaço, durante o mesmo tempo (o que indubitavelmente não era outra coisa senão o oceano *Atlântico*). Após isso, sobreveio uma mancha quase de formato oval, exatamente do modo como vemos a *América* produzida nos nossos mapas, em seguida, outra vasta limpidez representando o *oceano* ocidental, e, por fim, uma mistura de manchas tais como os países das *Índias Orientais*, assim, tudo me pareceu nada menos que um enorme globo exato, lentamente transformado diante de mim, em que, sucessivamente, todos os países do mundo terrestre,

<sup>51</sup> Godwin tenta comprovar pelo movimento das manchas na Terra, que ela se move. O curioso é que sua visão da Terra, mesmo como uma testemunha ocular posicionado na lua, é a mesma que encontramos nos mapas e livros. Perceba que ele enxerga um globo terrestre tal qual se dá notícia em mapas, e não tanto tão singular como poderia ser a de uma testemunha ocular.

58 *The Man in the Moone.*

within the compasse of 24 howers were represented to my sight. And this was all the meanes I had now to number the dayes, and take reckoning of time.

*Philosophers and Mathematicians* I would should now confesse the wilfulnesse of their owne blindnesse. They have made the world beleve hitherto, that the Earth hath no motion. And to make that good they are faine to attribute unto all and every of the celestial bodies, two motions quite contrary each to other; whereof one is from the *East* to the *west*, to be performed in 24 howers; (that they imagine to be forced, *per raptum primi Mobilis*) the other from the *west* to the *East* in severall proportions.

O incredible thing, that those same huge bodies of the fixed stars in the highest orbe, whereof divers  
are

no espaço de vinte e quatro horas, foram representados à minha visão. E esse era o meio que agora tinha para contar os dias e calcular o tempo.

*Filósofos e matemáticos*,<sup>52</sup> devo agora confessar a teimosia de sua própria cegueira, têm feito o mundo acreditar até agora que a Terra não tem movimento. E para tornar isso aceitável, são compelidos a atribuir a todos, e a cada um dos corpos celestes, dois movimentos muito contrários um do outro,<sup>53</sup> do quais um é do *leste* para o *oeste*, a ser realizado a cada vinte e quatro horas, que imaginam ser provocado *per raptum primi mobilis*,<sup>54</sup> e o outro, do *oeste* para o *leste*, em várias proporções.

Oh, coisa inacreditável, que aqueles mesmos corpos enormes das estrelas fixas no mais alto orbe, de que muitos

<sup>52</sup> Referência aos ptolomaicos.

<sup>53</sup> No sistema Ptolemaico, cada planeta é movido por um sistema de duas ou mais esferas: uma chamada de deferente, os outros, os seus epiciclos.

<sup>54</sup> Segundo Tillyard, os elisabetanos acreditavam na existência de um "primeiro motor" fora das estrelas fixas que ordena todos os demais. "[...] there was a sphere called the *primum mobile* outside that of the fixed stars, which dictated the motions proper to all the rest" (TILLYARD, 1953, p. 52).

are by themselves confessed to be more then one hundreth times as bigge as the whole earth, should as so many nayles in a Cart Wheele, be whirled about in that short space, whereas it is many thousands of Yeares (no lesse, I trowe, they say, then 30 thousand) before that orb do finish his Course from *west* to *East*, which they call the naturall motion. Now whereas to every of these they yeeld their naturall course from *west* to *East*; therein they doe well. The *Moone* performeth it in 27 daies; the *Sunne*, *Venus*, and *Mercury* in a Yeare or thereabouts, *Mars* in three Yeare, *Jupiter* in twelve Yeares, and *Saturne* in 8. But to attribute unto these celestiall bodies contrary motions at once, was a very absurd conceit, and much more; to imagine that same Orbe wherein the fixed stars are, (whose naturall course taketh

são considerados mais do que cem vezes tão maiores que toda a Terra, devem, como tantos pregos em uma roda de carroça, ser girados circularmente naquele pequeno espaço, ao passo que leva muitos milhares de anos (não menos, creio que dizem, que trinta mil) para que aquele orbe realmente termine seu curso do *oeste* para o *leste*, o que denominam movimento natural. Agora, visto que a cada um desses eles atribuem seu curso natural do *oeste* para o *leste*, aí fazem bem. A *lua* realiza-o em vinte e sete dias; o *sol*, *Vênus* e *Mercúrio*, em um ano ou perto disso; *Marte*, em três anos; *Júpiter*, em doze anos; e *Saturno*, em trinta. Contudo, atribuir a esses corpos celestes movimentos contrários de uma vez foi presunção admiravelmente absurda, e muito mais imaginar que aquele mesmo orbe onde as estrelas fixas estão (cujo curso natural leva

taketh so many thousand of yeares) should every 24 howers be turned about, I will not go so farre as *Copernicus*, that maketh the Sunne the Center of the Earth, and unmoveable, neither will I define any thing one way or other. Only this I say, allow the Earth his motion (which these eyes of mine can testifie to be his due) and these absurdities are quite taken away, every one having his single and proper Motion onely.

But where am I? At the first I promised an History, and I fall into disputes before I am aware. There is yet one accident more befell me worthy of especiall remembrance: that during the time of my stay I saw as it were a kind of cloud of a reddish colour growing toward me, which continually growing nearer and nearer, at last I perceived to be

muitos milhares de anos), realize um giro completo a cada vinte e quatro horas. Não irei tão além como *Copérnico*, que estabeleceu o sol imóvel e no centro da Terra, nem irei determinar qualquer coisa de uma maneira ou de outra.<sup>55</sup> Somente digo isto: consentir com o movimento da Terra (o que esses meus olhos puderam testemunhar ser sua propriedade), e que esses absurdos sejam totalmente retirados, cada um tem somente seu único e próprio movimento.

Mas, onde estou? A princípio, prometi uma história, e caio em disputas antes de estar ciente. Ainda há um acidente que me sucedeu, digno de lembrança especial; durante o período da minha estadia, notei algo como um tipo de nuvem de cor avermelhada crescendo em minha direção, que, continuamente crescendo mais e mais perto, por fim, percebi

<sup>55</sup> Godwin concorda com a parte da teoria copernicana que atribui à Terra rotação diurna no seu próprio orbe; e discorda com o restante das passagens que posicionam o sol no centro da Terra e atribui à Terra um movimento anual de rotação sobre ele.

be nothing else but a huge swarme of Locusts.

He that readeth the discourses of learned men, concerning them, and namely that of *John Leo*, in his description of *Affrike*, how that they are scene in the Ayre many dayes before they fall upon a countrey, adding unto that which they deliver, this experience of mine, will easily conclude, that they cannot come from any other place then the Globe of the Moone. But give me leave now at last to passe on my journey quietly, without interruption for Eleven or Twelve daies, during all which time, I was carried directly toward the Globe or body of of the Moone with such a violent whirling as cannot bee expressed.

For I cannot imagine that a bullet out of the mouth of a Cannon could  
make

não ser nada mais que um enorme enxame de gafanhotos. Aqueles que leem os discursos de homens ilustrados acerca deles, a saber, aquele de *John Leo*<sup>56</sup> em sua descrição da *África*, de que modo são vistos no ar muitos dias antes de atingir um país, acrescentando àquilo que ele transmitiu, essa minha experiencia, será facilmente levado à conclusão de que eles não podem vir de outro lugar senão do globo da lua. Mas permita-me agora seguir, finalmente, minha jornada com tranquilidade, sem interrupções, por onze ou doze dias, durante os quais fui carregado diretamente em direção ao globo da lua, com um rodopio tão violento, que não pode ser expresso.

Pois não pude imaginar que uma bala lançada da boca de um canhão pudesse fazer

<sup>56</sup> Gonsales se refere à Johannes Leo Africanus e à sua obra *Africae Descriptio IX libri absoluta* (1556). Africanus foi um geógrafo mouro que nasceu em Granada. Ele viajou constantemente para África e Ásia, e em 1526, escreveu em árabe a *Descriptio*. Uma tradução para o inglês desta obra foi feita por John Pory, impressa em Londres no ano 1600, com o título *A Geographical Historie of Africa*. Godwin certamente teve acesso a essa tradução.

62 *The Man in the Moone.*

make way through the vaporous and muddie aire neere the earth with that celerity, which is most strange, considering that my *Gansa's* moved their wings but even now, and then, and sometimes not at all in a Quarter of an hower together; only they held them stretched out, so passing on, as we see that *Eagles*, and *Kites* sometimes will doe for a little space, when (as one speakes, I remember) *contabundo volatu pene eodem loco pendula circumtuentur*; and during the time of those pauses I beleeve they tooke their napps and times of sleeping; for other (as I might easily note) they had none.

Now for my selfe, I was so fast knit unto my Engin, as I durst commit my selfe to slumbring enough to serve my turne, which I tooke with as great ease (although I am loath to speake it, because  
it

caminho através dos vapores e ar turvo próximos à Terra com aquela celeridade; o que é muito estranho, considerando que meus *Gansas* moviam suas asas apenas de vez em quando e, algumas vezes, de forma alguma durante um quarto de hora completo, apenas as mantinham estendidas, avançando, como vemos aquelas *águias* e *papagaios* fazerem em curto espaço de tempo, quando (como dizem, lembro): *contabundo valatu pene eodem loco pendula circumtuentur*,<sup>57</sup> e durante o momento dessas pausas, acredito que eles tiraram suas sonecas e tempo para dormir, pois (como pude facilmente notar) não tinham outro modo de fazê-lo.

Agora, quanto a mim, estava tão firmemente preso à minha máquina, que ousei arriscar-me a cochilar o suficiente para satisfazer minha necessidade, o que fiz com tamanha facilidade (embora esteja relutante a falar disso, porque

<sup>57</sup> "atrasando seu voo com o rabo pendurado, eles olham à sua volta".

*The Man in the Moone.* 63

it may seeme incredible) as if I had beene in the best Bed of downe in all *Antwerp*.

After Eleven daies passage in this violent flight, I perceived that we began to approach neare unto another Earth, if I may so call it, being the Globe or very body of that starre which we call the Moone.

The first difference that I found betweene it and our earth, was, that it shewed it selfe in his naturall colours: ever after I was free from the attraction of the Earth; whereas with us, a thing removed from our eye but a league or two, begins to put on that lurid and deadly colour of blew.

Then, I perceived also, that it was covered for the most part with a huge and mighty Sea, those parts only being drie Land, which shew  
unto

pode parecer inacreditável), como se tivesse estado na melhor cama, lá embaixo, em toda *Antuérpia*.

Após onze dias de transição nesse voo violento, notei que começamos a nos aproximar de outra Terra, se assim posso denominá-la, sendo o globo, ou o corpo autêntico daquele astro que chamamos lua.

A primeira diferença que encontrei entre ela e a nossa Terra, depois que estive livre da atração da Terra, foi a de que se revela em suas cores naturais; enquanto, para nós, algo afastado uma légua ou duas de nossos olhos, começa a assumir aquela lúgubre e tétrica cor azul.

Depois, também percebi que era coberta na sua maior parte por um enorme e poderoso mar, sendo aquelas partes somente terra seca, que aparecem

## 64 *The Man in the Moone.*

unto us here somewhat darker then the rest of her body (that I mean which the Country people call *el hombre della Luna*, the Man of the Moone.

As for that part which shineth so clearly in our eyes ; it is even another Ocean, yet besprinkled heere and there with *Islands*, which for the littlenesse, so farre off we cannot discern,

So that same splendor appearing unto us, and giving light unto our night, appeareth to be nothing else but the reflexion of the Sun beames returned unto us out of the water, as out of a glasse : How ill this agreeth with that which our *Philosophers* teach in the schooles I am not ignorant.

But alas how many of their Errors hath time and experience refuted in this our age, with the recital

a nós aqui um pouco mais escuras do que o restante do seu corpo, quero dizer, essas que as pessoas do campo chamam *el hombre della Luna*,<sup>58</sup> o homem da lua.

Quanto àquela parte que reluz tão claramente a nossos olhos, é outro oceano, todavia intercalado aqui e ali com ilhas, as quais devido à pequenez, não conseguimos notá-las muito distantes.

Logo, aquele mesmo esplendor que aparece para nós e concede luz à nossa noite, parece ser nada mais que o reflexo dos raios de sol retornados a nós da água, como também, de um espelho. Quão desfavoravelmente isso conforma com aquilo que nossos filósofos ensinam nas escolas – não sou ignorante.

Mas, convenhamos, quantos dos seus erros tem o tempo e a experiência refutado em nossa época, com a récita

---

<sup>58</sup> Não há referência a esse mito dos espanhóis denominarem a parte escura da lua de “o homem da lua”, todavia entre os vários mitos relacionados aos “desenhos” que a parte escura tem, há um mito do imaginário germânico que parece próximo de justificar tal expressão. Segundo Bernd Brunner “a German tale tells of a man Who went to collect Wood in the Forest, even though it was a Sunday, the Day of rest. Immediately sent to the moon for his sin, he has been visible there ever since, a warning to other humans that they too could end up imprinted on the moon’s face forever should they dare commit some unlawful act here on Earth” (BRUNNER, 2010, p.27).

tall whereof I will not stand to trouble the reader.

Amongst many other of their vaine surmises, the time and order of my narration putteth me in mind of one which now my experience found most untrue.

Who is there that hath not hitherto beleev'd the uppermost Region of the Ayre to be extreame hot, as being next forsooth unto the naturall place of the Element of Fire.

O Vanities, fancies, Dreames!  
After the time I was once quite free from the attractive Beames of that tyrannous Loadstone the earth, I found the Ayre of one and the selfe same temper, without Winds, without Raine, without Mists, without Clouds, neither hot nor cold, but continually after one and the same tenor, most pleasant, milde,

F and

dos quais não irei sustentar para incomodar o leitor.

Entre muitas outras de suas suposições vãs, o tempo e a sequência de minha narração me fazem recordar uma que minha experiência achou mais falsa.

Quem é que até agora não tem acreditado ser a região mais alta do ar extremamente quente, estando, na verdade, próxima ao lugar natural do elemento do fogo?<sup>59</sup>

Oh, vaidades, fantasias, sonhos! Depois do momento que fiquei completamente livre dos raios de atração daquele tirânico ímã da Terra, constatei o ar com um e mesmo temperamento, sem ventos, sem chuva, sem névoas, sem nuvens, nem quente nem frio, mas continuamente, após um e outro teor, mais agradável, moderado e

<sup>59</sup> Na cosmologia aristotélica, o fogo, o mais leve das quatro substâncias, tende à posição mais alta no mundo sublunar, e consequentemente é a esfera mais externa antes do imutável reino dos céus, abrangendo as esferas interiores do ar, da água, e por fim, da terra, é necessariamente composta de fogo. Cf. Souza, 2007.

and comfortable, till my arrivall in that new World of the Moone.

As for that Region of Fire our *Philosophers* talke of, I heard no newes of it; mine eyes have sufficiently informed me there can be no such thing.

The Earth by turning about had now shewed me all her parts twelve times when I finished my course: For when by my reckoning it seemed to be (as indeed it was) Tuesday the Eleventh day of *September*, (at what time the Moone being two daies old was in the Twentieth degree of *Libra*,) my *Gansas* staid their course as it was with one consent, and tooke their rest, for certaine hower; after which they tooke their flight, and within lesse then one hower, set me upon the top of a very high hill in that other world.

confortável, até minha chegada naquele novo mundo da lua.

Quanto à região do fogo de que nossos *filósofos* falam,<sup>60</sup> não tive nenhuma notícia dela; meus olhos me informaram suficientemente que lá não pode haver tal coisa.

A Terra, pela rotação, tinha mostrado todas as suas partes doze vezes quando terminei meu curso. Quando, pelos meus cálculos, parecia ser (e de fato era) terça-feira, o décimo primeiro dia de *setembro* (naquele momento, a lua, estando a dois dias em determinada fase, estava no vigésimo grau de *Libra*), meus *Gansas* continuaram seu curso como se fosse com um consentimento, e repousaram por muitas horas, depois do que levantaram seu voo, e dentro de menos de uma hora me instalaram no topo de uma colina muito alta naquele outro mundo,

<sup>60</sup> Os filósofos gregos haviam percebido que, embora o mundo fosse formado por objetos dos mais distintos, havia algo de comum na matéria que os compunha, onde havia quatro elementos primordiais: o ar, a terra, a água e o fogo. Euclides propôs que os quatro elementos tenderiam, pela natureza a se agrupar em esferas. Desta forma a esfera mais pesada ficaria no centro, uma esfera de terra. Após essa, uma esfera de água a envolvendo, uma esfera de ar e por fim uma esfera de fogo envolvendo as demais. Ver Souza, 2007.

world, where immediately were presented unto mine eyes many most strange and unwonted sights.

For first I observed, that although the Globe of the Earth shewed much bigger there then the Moone doth unto us, even to the full rebelling of her diameter, yet all manner of things there were of largeness and quantity, 10. 20. I thinke I may say 30 times more then ours.

Their trees at least three times so high as ours, and more then five times the breadth and thicknesse.

So their herbes, Beasts, and Birds; although to compare them with ours I know not well how, because I found not any thing there, any species either of *Beast* or *Bird* that resembled ours any thing at all, except *Swallows*, *Nightingales*, *Cuckoos*, *Woodcockes*, *Batts*, and some kindes

onde imediatamente foram apresentadas aos meus olhos muitas das mais estranhas e inusitadas visões.

De início, observei que, embora o globo da Terra lá aparecesse maior que a lua para nós, até mesmo com a triplicação completa de seu diâmetro, ainda toda espécie de coisa lá era em grandeza e quantidade, dez, vinte, penso que posso dizer, trinta vezes maior que as nossas.

Suas árvores eram pelo menos três vezes a altura das nossas e mais que cinco vezes a largura e espessura.

Do mesmo modo, suas ervas, animais e pássaros, embora não saiba como compará-los com os nossos, porque não encontrei lá nada, nenhuma espécie de *animal* ou *pássaro* que se assemelhasse aos nossos em nada, com exceção de *andorinhas*, *rouxinóis*, *cucos*, *galinhas*, *morcegos* e um tipo de

68 *The Man in the Moone.*

Of wild Fowle, as also of such Birds as my *Gansas*'s, all which, (as now I well perceived,) spend the time of their absence from us, even there in that world; neither do they vary any thing at all either in quantity or quality from those of ours heere, as being none other then the very same, and that not onely *specie*, but *numero*.

But of these novelties, more hereafter in their due places.

No sooner was I set downe upon the ground, But I was surprised with a most ravenous hunger, and earnest desire of eating. Wherefore stepping unto the next tree, I fastened thereunto my engine, with my *Gansa*'s, and in great haste fell to searching of my pockets for the Victuals I had reserved as afore said: but to my great amazement and discomfort, I found in stead of *Partridge*

*ave* selvagem, como também aqueles *pássaros* como meus *Gansas*, todos eles (como pude logo perceber), passando seu tempo de migração, igualmente lá, naquele mundo; eles também não variavam em nada em quantidade ou qualidade daqueles nossos aqui, não sendo outros, mas exatamente os mesmos, e não somente em *espécie*, mas em *quantidade*.

Todavia, sobre essas novidades, mais adiante, em seus devidos lugares.

Tão logo estava posto ao chão, fui surpreendido com a mais voraz fome e o mais merecido desejo de comer. Por isso, caminhando à próxima árvore, preendi nela minha máquina com meus *Gansas*, e com grande pressa comecei a procurar em meus bolsos pelos mantimentos que tinha guardado, como mencionado anteriormente, mas para minha grande surpresa e desconsolo, encontrei, ao invés da *perdiz*

tridge, and Capon which I thought to have put there, a mingle mangle of drye leaves, of Goats hayre, sheepe, or Goats-dung, Mosse, and such like trash.

As for my *Canary Wine*, it was turned to a stinking and filthie kind of liquor like the Urine of some *Beast*.

O the illusions of wicked spirits, whose helpe if I had beene faing only to rely upon, you see how I had beene served.

Now while I stood musing and wondering at this strange *Metamorphosis*, I heard my *Gansas* upon the sudden to make a great fluttering behind me. And looking back, I espied them to fall greedily upon a certaine shrub within the compasse of their lines, whose leaves they fed upon most earnestly; where heretofore, I had never seene them to eat

F 3 any

e *capão* que imaginava ter posto lá, uma mistura destroçada de folhas secas, de pêlo de cabrito, estrume de ovelha ou cabra, musgo e lixos desse tipo.

Quanto ao meu vinho canário, foi transformado em uma espécie de líquido fedorento e sujo, como a urina de algum animal.

Oh, as ilusões dos espíritos perversos, cuja ajuda teria surgido apenas se tivesse invocado; veja como eu tinha sido servido!

Então, enquanto estava meditando e me perguntando sobre essa estranha metamorfose, ouvi meus *Gansas* repentinamente fazer alvoroço atrás de mim. E olhando para trás, entrevi-os se precipitar avidamente sobre um arbusto no alcance de suas linhas, cujas folhas eles comeram o mais fervorosamente. Até este momento, nunca os havia visto comer

any manner of greene meate whatsoever. Whereupon stepping to the shrubb, I put a leafe of it between my teeth: I cannot expresse the pleasure I found in the tast thereof: such it was I am sure, as if I had not with great discretion moderated my appetite, I had surely suffred upon the same.

In the meane time it fell out to be a baite that well contented both my *Birds* and me at that time, when we had need, of some good refreshing.

Scarcely had I ended this banquet, when upon the sudden I saw my selfe environed with a kind of people most strange, both for their feature, demeanure, and apparel.

Their stature was most diverse but for the most part, twice the height of ours: their colour and  
count

qualquer espécie de polpa vegetal, seja o que for. Depois do que, caminhando para o arbusto, coloquei uma folha dele entre meus dentes, não consigo expressar o prazer que achei no seu gosto; de tal forma que, tenho a certeza, se eu não tivesse moderado meu apetite com grande prudência, tinha empanturrado-o.

Esse momento terminou por ser uma refeição que satisfez tanto a mim quanto a meus *pássaros*, quando tivemos necessidade de um bom revigoramento.

Mal eu tinha terminado esse banquete, repentinamente me vi rodeado de pessoas muito estranhas, tanto pela sua feição quanto pelo comportamento e vestuário.

Sua estatura era muito diversificada, mas na sua maior parte, duas vezes a altura dos nossos. Sua cor e

countenance most pleasing, and their habit such, as I know not how to expresse.

For neither did I see any kind of cloth, Silke, or other stuffe to resemble the matter of that whereof their Clothes were made; neither (which is most strange, of all other) can I devise how to describe the colour of them, being in a manner all clothed alike.

It was neither blacke, nor white, yellow, nor redd, greene nor blew, nor any colour composed of these.

But if you aske me what it was then; I must tell you, it was a colour never seen in our earthly world, and therefore neither to be described unto us by any, nor to be conceived of one that never saw it.

For as it were a hard matter to describe unto a man borne blind

F 4 the

semblante, mais aprazíveis, e seus hábitos tais, que não sei como expressar.

Porque nem vi qualquer tipo de *tecido*, *seda* ou outra coisa para assemelhar-se àqueles com os quais suas roupas são feitas; nem (o que é o mais estranho de tudo) posso imaginar como descrever a sua cor, sendo, de certa maneira, todos vestidos iguais.

Não era nem preta, nem branca, amarela ou vermelha, verde ou azul, nem qualquer cor composta por essas.

Contudo, se me perguntares qual era então, deverei dizer-lhe que era uma cor nunca vista no nosso mundo terrestre, e, portanto, não é possível ser-nos descrita por ninguém, nem ser compreendida por alguém que nunca a tenha visto.

Da mesma forma que seria tarefa difícil descrever para um homem nascido cego

the difference betweene blew and Greene, so can I not bethinke my selfe any meane how to decipher unto you this *Lunar* colour having no affinitie with any other that ever I beheld with mine eyes.

Onely this I can say of it, that it was the most glorious and delightfull, that can possibly be imagined; neither in truth was there any one thing, that more delighted me, during my abode in the new world, then the beholding of that most pleasing and resplendent colour.

It remaineth now that I speak of the Demeanure of this people who presenting themselves unto me upon the sudden and that in such extraordinary fashion as I have declared being strucke with a great amazement, I crossed my

a diferença entre azul e verde, não posso conceber eu mesmo qualquer meio de decifrar para ti essa cor *lunar*, que não tem nenhuma afinidade com qualquer outra que eu já contemplei com os meus olhos.

A única coisa que posso dizer dela é que era a mais gloriosa e encantadora que pudesse ser imaginada; nem, na verdade, houve outra coisa que mais me deleitou, durante minha estadia naquele novo mundo, do que a contemplação daquela cor tão agradável e resplandecente.

Resta agora que eu fale sobre o comportamento dessas pessoas, que, apresentando-se diante de mim repentinamente, e naquela maneira extraordinária como declarei, fizeram com que me sentisse tomado por uma grande admiração, ao que me benzi

my selfe, and cried out, *Iesus Maria.*

No sooner was the word *Iesus* out of my mouth, but young and old, fell all downe upon their knees, (at which I not a little rejoyced) holding up both their hands on high, and repeating all certaine words which I understood not.

Then presently they all arising, one that was farre the tallest of them came unto me, and embraced me, with great kindnesse, and giving order (as I partly perceived) unto some of the rest to stay by my *Birds*, he tooke me by the hand, and leading me downe toward the foote of the hill, brought me to his dwelling, being more then halfe a league from the place where I first alighted.

It was such a building for beauty and hugenesse, as all our world cannot

e gritei, *Jesus Maria.*

Tão logo a palavra *Jesus* saiu de minha boca, jovens e velhos ficaram de joelhos (com o que não me regozizei pouco), segurando ambas as mãos ao alto e repetindo, todos, determinadas palavras que não pude entender.

Então, tendo todos rapidamente se levantado, um que estava distante, o mais alto deles, veio até mim e me abraçou, com grande afabilidade, e dando ordem (como percebi parcialmente) a alguém do restante para ficar com meus *pássaros*, me tomou pela mão, e, levando-me para baixo em direção ao pé da colina, conduziu-me à sua residência, sendo mais que uma légua do lugar onde pousei.

Era um edificio de tal beleza e grandeza, que todo nosso mundo não é capaz de mostrar

74 *The Man in the Moone.*

cannot shew any neere comparable to it.

Yet such I saw afterwards elsewhere, as this might seeme but a Cottage in respect of them.

There was not a doore about the house, that was not 30 foote high, and twelve in breadth.

The roomes were betweene 40, and 50 foote in height, and so all other proportions answerable.

Neither could they well be much lesse, the Master inhabiting them, being full 28 high.

As for his corporature, I suppose verily that if we had him here in this world to be weighed in the ballance, the poyse of his body would shew it selfe more ponderous then Five and Twenty, peradventure thirty of ours.

After I had rested my selfe with him the Value of one of our dayes;  
he

nenhum comparável aproximadamente a esse.

Contudo, semelhante, vi depois, em outro lugar, algo que podia parecer uma casinha em relação ao deles.

Não havia nenhuma porta na casa que não fosse de 30 pés de altura e doze em largura.

Os quartos eram entre 40 e 50 pés de altura, e assim todas as outras proporções que podiam ser mensuradas.

Nem poderiam ser muito menores, o mestre a habitá-los sendo inteiro 28 [pés] de altura.

Quanto ao seu físico, suponho, verdadeiramente, que se nós o tivéssemos aqui nesse mundo para ser pesado na balança, o peso de seu corpo se mostraria maior que cinco, vinte, porventura, trinta dos nossos.

Após ter me descansado com ele o equivalente de um dos nossos dias,

he led me some Five leagues off, unto the *Palace* of the *Prince* of the Country.

The stateliness of the building whereof I will leave unto the second part of this worke, as also many other particulars, which will minister more pleasure to the reader, then yet I may afford him, being desirous in this first part to set down no more then what the processe of my story concerning my Journey doth necessarily draw from me.

This *Prince* whose stature was much higher then the former, is called (as neere as I can by Letters declare it, for their sounds are not perfectly to be expressed by our Characters) *Pylonas*, which signifieth in their Language, *First*, if perhaps it be not rather a denotation of his dignity and authority, as being the prime Man in all those parts.

In,

me levou a umas cinco léguas de distância, ao *palácio* do *príncipe* do país.

A imponência desse edificio, deixarei para a segunda parte dessa obra, como também muitas outras particularidades, que vão fornecer mais prazer ao leitor do que ainda posso proporcioná-lo, estando eu desejoso, nesta primeira parte, por registrar não mais que o desenvolvimento de minha história relativo à minha viagem.

Esse *príncipe*, cuja estatura era mais alta que a do primeiro, era chamado (tão próximo consiga declarar isso em palavras, pois seus sons não são adequadamente expressos por nossos caracteres), *Pylonas*, que significa, no idioma deles, *primeiro*, que porventura, não é mais do que a denotação de sua dignidade e autoridade por ser o primeiro homem em todas aquelas regiões.

76 *The Man in the Moone.*

In all those parts, I say. For there is one supreme *Monarch* amongst them, of stature yet much more huge then hee, commanding over al that whole *Orbe* of that world, having under him 29 other Princes of exceeding great power, and every of them 24 others, whereof this *Pylonas* was one.

The first ancestor of this great *Monarch* came out of the earth (as they deliver) and by marriage with the inheretrix of that huge Monarchy, obtaining the government, left it unto his posteritie, who ever since have held the same, even for the space of 40 thousand daies or *Moones*, which amounteth unto 3077. Yeeres.

And his name being *Irdonozur*, his heires, unto this day, doe all assume unto themselves that name, hee, they say, having continued there  
well

Digo, em todas aquelas regiões há um *monarca* supremo entre eles, de estatura ainda bem maior que a [de Pylonas], comandando tudo, o *orbe* inteiro daquele mundo, tendo abaixo dele 29 outros príncipes de grandíssimo poder, e cada um desses, 24 outros, dos quais esse *Pylonas* era um.

O primeiro ancestral desse *monarca* supremo procedeu da Terra (como reportaram), e, pelo casamento com uma herdeira daquela monarquia imensa, obteve o governo, legou-o a sua posteridade, que desde então, tem mantido o mesmo, exatamente pelo espaço de 40 mil dias ou *luas*,<sup>61</sup> o que equivale a 3077anos.

E seu nome, sendo *Irdonozur*, todos os seus herdeiros, até os dias atuais, assumem-no, sendo que ele, dizem, tendo permanecido lá bem

<sup>61</sup> A contagem de anos dos selenitas parece indicar que está de acordo com a duração de um dia lunar, embora esses números sejam ficcionais.

well neere 400 *Moones*, and having begotten divers children, returned (by what meanes they declare not) unto the Earth againe: I doubt not but they may have their Fables, as well as we.

And because our Histories afford no mention of any earthly man to have ever beene in that world before my selfe, and much lesse to have returned thence againe, I cannot but condemne that tradition for false and fabulous; yet this I must tell you, that learning seemeth to be in great estimation among them: And that they make semblance of detesting all Lying and falshood, which is wont there to be severely punished.

Againe, which may yeeld some countenance unto their historicall narrations) many of them live wonderfull long; even beyond all credit,

por volta de 400 *luas*, e tendo gerado muitos filhos, retornou (por que meio não declararam) à Terra novamente. Eu não duvido, mas eles podem ter suas fábulas, assim como nós.

E porque nossas histórias não fazem nenhuma menção de algum homem terrestre que já esteve naquele mundo antes de mim, e muito menos de ter retornado novamente, não posso, entretanto, condenar aquela tradição por falsa e fabulosa. Ainda mais, devo dizer-te, que o conhecimento parece ser de grande estima entre eles, e que aparentam detestar toda mentira e falsidade, que são lá punidas com severidade.

Mais uma vez, algo que pode dar certo vulto às suas narrativas históricas: muitos deles vivem espantosamente por muito tempo; mesmo para além de todo crédito,

78 *The Man in the Moone.*

dit, to wit even unto the age as they professed unto mee of 30000 *Moones*, which amounteth unto 1000 Yeares and Upwards, (so that the ages of 3. or 4. men might well reach unto the time of the first *Jr-daxozur*,) and this is noted generally, that the taller people are of *Stature*, the more excellent they are for all indowments of mind, and the longer time they doe live.

For whereas (that which before I partly intimated unto you) their *stature* is most divers, great numbers of them little exceeding ours, such seldome live above the age of a 1000 *moones*, which is answerable to 80. of our Yeares, and they account them most base creatures, even but a degree before brute beasts, employing them accordingly in all the basest and most servile offices, terming them by a word that signifieth

a saber, até a idade que declararam a mim como 30000 luas, o que equivale a mais de 1000 anos (por essa razão, as idades de 3 ou 4 homens bem podem chegar aos tempos do primeiro *Ir-donozur*); e é de conhecimento geral que quanto mais altas as pessoas são em estatura, o mais excelente são para todos os dotes da mente, e mais tempo elas vivem.

Considerando (aquilo que anteriormente insinuei-te parcialmente), que sua estatura é muito variada, grandes quantidades deles excedem pouco os nossos, esses, raramente vivem além da idade de 1000 *luas*, que corresponde a 80 de nossos anos. Eles os consideram as criaturas mais inferiores, apenas um estágio à frente dos animais, empregando-os, conseqüentemente, em todos os mais vulgares e mais servis officios, denominando-os por uma palavra que significa

fictitious bastard-men, counterfeitts, or Changelings; so those whom they account Genuine, naturall, and true *Lunars*, both in quantitie of bodie, and length of life, they have for the most part 30 times as much as wee, which proportion agreeth well with the quantitie of the day in both worlds, theirs containing almost 30 of ours.

Now when shall I declare unto you the manner of our travell unto the Palace of *Pylonas*, you will say you scarce ever heard any thing more strange and incredible.

Unto every one of us there was delivered at our first setting forth, two Fans of *Feathers*, not much unlike to those that our Ladies doe carrie in *Spaine*, to make a coole Ayre unto themselves in the heat of *Summer*. The use of which Fans before I declare unto you, I must let  
you

homens bastardos, falsificações, ou inconstantes; já aqueles que consideram genuínos, naturais e legítimos *lunares*, tanto em grandeza de corpo e duração de vida, são, em sua maior parte, 30 vezes maiores do que nós, proporção que coincide bem com a quantidade de dias em ambos os mundos, o deles contendo quase trinta dos nossos.

Agora, quando declarar-te a maneira com que viajamos ao palácio de *Pylonas*, tu dirás que nunca ouviste falar de coisa mais estranha e inacreditável.

A cada um de nós, assim que partimos, foram entregues dois leques de *penas*, não muito diferente daqueles que as nossas damas da *Espanha* carregam para se refrescarem no calor do *verão*. Antes de te dizer o uso desses leques, devo fazer-te

you understand that the *Globe* of the *Moone* is not altogether destitute of an attractive Power: but it is so farre weaker than that of the earth, as if a man doe but spring upward, with all his force, (as Dancers doe when they shew their activity by capering) he shall be able to mount 50. or 60 foote high, and then he is quite beyond all attraction of the *Moones* earth, falling downe no more, so as by the helpe of these Fans, as with wings, they conveight themselves in the Ayre in a short space (although not with that swiftnesse that Birds doe) even whither they list.

In two howers space (as I could guesse) by the helpe of these fans, wee were carried through the Ayre those five Leagues, being about 60 persons. Being arrived at the Pallace of *Pylonas*, after our conductor

entender que o *globo* da *lua* não é completamente destituído de poder de atração, mas tão mais fraco que o da Terra, que se um homem saltar para cima com toda sua força (como os dançarinos fazem quando se apresentam através de salto), ele deve ser capaz de elevar-se a 50 ou 60 pés de altura, ficando muito além de toda atração da terra da *lua*, não mais descendo, senão com a ajuda desses leques, que como asas, eles se transportam no ar a curto prazo (embora não com aquela velocidade que os pássaros fazem) até onde eles almejam.

No espaço de duas horas (como pude supor), com a ajuda desses leques, fomos carregados pelo ar essas cinco léguas, sendo cerca de 60 pessoas. Tendo chegado ao palácio de *Pylonas*, após nosso condutor

*The Man in the Moone.* 81

ductor had gotten audience, (which was not presently) and had declared what manner of present he had brought; I was immediately called in unto him by his attendance: the stateinesse of his Palace, and the reverence done unto him, I soone discerned his greatnesse, and therefore framed my selfe to win his favour the best I might. You may remember I told you of a certaine little *Box* or *Casket* of *Jewels*, the remainder of those which being brought out of the *East Indies*, I sent from *Isle* of *St. Helien* into *Spaine*.

These before I was carried in unto him I tooke out my pockett in a corner, and making choice of some of every sort, made them ready to be presented as I should think fit.

I found him sitting in a most  
G mag-

ter obtido audiência (o que não foi de imediato) e declarado que tipo de presente havia trazido, fui imediatamente chamado à sua presença, pelo seu assistente. Pela imponência desse palácio e a reverência feita a *Pylonas*, logo percebi sua nobreza, e por isso empenhei-me para ganhar seu favor o melhor que pude. Tu podes lembrar que contei-te sobre uma certa *caixa* pequena, ou *estojo de joias*, o restante daquelas que, sendo trazidas das *Índias Orientais*, enviei da *ilha de Santa Helena* para a *Espanha*.

Essas, antes de eu ser levado a ele, em um corredor, tirei do meu bolso e fiz uma seleção de cada tipo, deixando-as prontas para dar de presente, como considerei adequado.

Encontrei-o sentado no mais

magnificent chaire of Estate, having his Wife or *Queene* upon one hand, and his eldest sonne on the other, which both were attended, the one by a troope of Ladies, and the other of young men, and all along the side of the roome stood a great number of goodly personages, whereof scarce any one was lower of stature then *Pylonas*, whose age they say is now 21000 *moones*. At my first entrance falling downe upon my knees, I thought good to use unto him these words in the Latine tongue, *Propitius sit tibi Princeps Illustrissime Dominus noster Jesus Christus &c.* As the people I first met withall, so they hearing the holy name of our Saviour, they all, I say, *King*, *Queene*, and all the rest fell downe upon their knees, pronouncing a word or two I understood not. They being risen againe

suntuoso trono, tendo sua esposa ou *rainha* de um lado e seu filho mais velho de outro, e ambos eram atendidos, um, por um grupo de moças, e o outro, de rapazes, e ao longo de toda a sala ficou uma grande quantidade de nobres formosos, dos quais raro algum que era menor em estatura do que *Pylonas*, cuja idade dizem ser agora 21000 *luas*. Na minha primeira entrada, fiquei de joelhos, julguei adequado empregar com ele estas palavras na língua latina: *Propitius sit tibi Princeps Illustrissime Dominus noster Jesus Christus*.<sup>62</sup> Como as primeiras pessoas que primeiro encontrei, igualmente, ouvindo o nome sagrado de nosso *Salvador*, todos eles, afirmo, *rei*, *rainha* e todo o restante ficaram de joelhos, pronunciando uma palavra ou duas que não entendi. Levantando-se novamente

<sup>62</sup> "Graça a vós, o mais ilustre príncipe, de nosso Senhor Jesus Cristo".

The Man in the Moone. 83

againc I proceeded thus, & *Maria Salvatoris Genetrix, Petrus & Paulus &c.* and so reckoning up a number of Saints, to see if there were any one of them that they honoured as their patron, at last reckoning among others *St. Martinus*, they all bowed their bodies, and held up hands in signe of great reverence : the reason whereof I learned to bee, that *Martin* in their language signifieth God : Then taking out my Jewells, prepared for that purpose, I presented unto the King or Prince (call him how you please) 7 stones of so many severall sorts, a *Diamond*, a *Rubie*, an *Emerauld*, a *Saphire*, a *Topaze*, a *Turquez*, and an *Opall*, which he accepted with great joy and admiration, as having not often scene any such before.

Then I offered unto the Queene and Prince some other, and was a-

G 2 bout

prossegui deste modo, & *Maria Salvatoris Genetrix, Petrus & Paulus &c.*<sup>63</sup>, e elenquei um número de santos para verificar se havia algum deles que honravam como seu protetor.<sup>64</sup> Por fim, elencando entre outros, *São Martinho*, todos eles curvaram seus corpos e levantaram as mãos em sinal de grande reverência; a razão disso, informei-me ser de que *Martinho*, no idioma deles, significa Deus. Em seguida, tirando minhas *joias*, preparadas para aquela ocasião, ofereci-as ao rei ou príncipe (chame-o como te aprazes), sete pedras dos mais variados tipos, um *diamante*, um *rubi*, uma *esmeralda*, uma *safira*, um *topázio*, uma *turquesa* e uma *opala*, as quais ele recebeu com grande alegria e admiração, pois não tinha visto nenhuma dessas antes.

Depois, ofereci à rainha e ao príncipe algumas outras, e prestes a

<sup>63</sup> “E Maria, mãe de nosso Salvador, Pedro e Paulo”.

<sup>64</sup> Nota-se que os lunares não prestaram reverência aos nomes de Maria, Pedro e Paulo, isto é, eles não os reconhece como santos. Logo, fica a sugestão de que os povos da lua são protestantes.

84 *The Man in the Moone.*

about to have bestowed a number of more, upon other there present, but *Pylonas* forbade them to accept, thinking (as afterwards I learned) that they were all I had, and being willing they should be reserved for *Irdonozur* his Sovereigne.

This done he imbraced me with great kindnesse, and began to inquire of me divers things by signes, which I likewise answered by signes as well as I could,

But not being able to give him content, he delivered me to a guard of a 100 of his Giants (so I may wel call them) commanding straightly,

First that I should want nothing that might be fit for me; Secondly that they should not suffer any of the dwarfe *Lunars* (if I may so tearme them) to come neere mee;

Thirdly that I should with all  
dilia

agraciari uma quantidade a mais de outros ali presentes, *Pylonas* os proibiu de aceitar, supondo (como mais tarde entendi), que elas eram tudo o que tinha, e estando disponíveis, deveriam ser reservadas para *Irdonozur*, seu soberano.

Feito isso, ele me abraçou com grande afabilidade, e começou a me indagar diversas coisas através de sinais, às quais respondi igualmente através de sinais, tão bem quanto pude.

Mas, não sendo capaz de contentá-lo, me entregou para a guarda de um dos seus cem gigantes (assim posso bem chamá-los) ordenando imediatamente:

Primeiramente, que não me faltasse nada do que fosse apropriado para mim; segundo, que eles não deveriam admitir nenhum dos *lunares* anãos (se assim posso denominá-los) se aproximarem de mim;

Terceiro, que eu deveria, com toda

diligence to be instructed in their Language.

And lastly, that by no meanes they should impart unto me, the knowledge of certaine things, particularly by him specified, marry what those particulars were, I might never by any meanes get knowledge.

It may bee now you will desire to understand what were the things *Pylonas* inquired of mee.

Why what but these? whence I came, how I arrived there, and by what meanes? what was my name? what my Errand, and such like?

To all which I answered the very truth as neere as I could.

Being dismissed, I was afforded all manner of necessaries that my heart could wish, so as it seemed unto me I was in a very *Paradise*,

G 3 the

diligência, ser instruído no idioma deles.

E finalmente, que em hipótese alguma eles deveriam transmitir-me o conhecimento de certas coisas particularmente por ele especificadas. Certamente, não importa quais fossem, eu jamais devia, de modo algum, ter conhecimento delas.

Pode ser que agora tu desejarás saber quais foram as questões que *Pylonas* indagou de mim.

Que questões senão estas: de onde vim, como cheguei lá, e por que meios. Qual era meu nome. Qual era minha incumbência, e algo do tipo.

Para todas elas respondi, tão próximo como pude, com a verdade legítima.

Sendo dispensado, foram-me proporcionados todos os tipos de coisas que meu coração pudesse desejar, então me pareceu que estava em um autêntico *paraíso*,

the pleasures whereof notwithstanding could not so overcome mee, as that the remembrance of my wife and Children, did not trouble mee much.

And therefore being willing to foster any small sparke of hope of my returne, with great diligence I tooke order for the attendance of my *Birds*, (I meane my *Gansas*) whom my selfe in person tended every day with great carefulnesse; All which notwithstanding had fallen out to little purpose, had not other mens care performed that which no indeavour of mine owne could.

For the time now approached, when of necessity all the people of our stature, (and so my selfe among the rest) must needs sleepe for some 13. or 14. whole dayes together.

So

esses prazeres, contudo, não puderam me dominar tanto, pois a lembrança da minha esposa e filhos me incomodou muito.

E, portanto, estando disposto a nutrir qualquer pequena centelha de esperança de meu retorno, com grande diligência assumi o cuidado de meus *pássaros* (quero dizer, meus *Gansas*) a quem pessoalmente todo dia tratei com grande cuidado, todo o qual, porém, teria sido de pouca monta, se o cuidado de outros homens não tivesse feito aquilo que somente meu esforço não podia fazer.

Pois chegou o momento em que, por necessidade, todas as pessoas de nossa estatura (e então, eu entre o restante) deveriam dormir em conjunto por uns 13 ou 14 dias inteiros.

So it commeth to passe there by a secret power, and unresistable decree of nature, that when the day beginneth to appeare, and the Moone to bee enlightned by the Sunne beames, (which is at the first Quarter of the Moon) all such people as exceed not very much our stature inhabiting those parts, they fall into a dead sleepe, and are not possibly to be wakened till the Sun be sett, and withdrawne out of their sight, even as Owles, and Batts, with us cannot indure the light, so wee there at the first approach of the day, begin to be amazed with it, and fall immediately into a slumber, which groweth by little and little, into a dead sleepe, till this light depart from thence againe, which is not in 14. or 15 daies, to wit, untill the last quarter.

Mee thinkes now I heare some

G 4 man

Isso vem a acontecer na lua por um poder secreto e um inevitável decreto da Natureza de que quando o dia começa a aparecer e a lua a ser iluminada pelos raios do *sol* (o que ocorre no primeiro quarto da lua), todos os habitantes daquela região que não ultrapassam muito nossa estatura caem em sono profundo, e possivelmente não acordarão até o *sol* se pôr e se retirar da vista deles. Assim como as nossas *corujas* e *morcegos* não podem suportar a luz, lá também, próximo do raiar do dia, começamos a nos assombrar com ele e caímos imediatamente em torpor, que se transforma pouco a pouco em um sono profundo, até aquela luz partir dali novamente - o que não ocorre em 14 ou 15 dias, a saber, até o último quarto.

Parece-me que agora ouço algum homem

88 *The Man in the Moone.*

man to demand what manner of light there is in that world during the absence of the *Sunne*, to resolve you for that point, you shall understand that there is a light of two sorts.

One of the *Sun* (which I might not endure to behold,) and another of the Earth: that of the Earth was now at the highest; for that when the Moone is at the Change, then is the Earth (unto them in the Moon) like a full Moone with us, and as the Moone increaseth with us; so the light of the Earth decreaseth with them: I then found the light there (though the *Sunne* were absent) equall unto that with us, in the day time, when the *Sun* is covered with clouds, but toward the quarter it little and little diminisheth, yet leaving still a competent light, which is somewhat strange.

But

perguntar que tipo de luz há naquele mundo durante a ausência do *sol*. Para esclarecer-te esse ponto, deves entender que há uma luz de dois tipos, uma do *sol*, cuja contemplação não consigo suportar, e outra da Terra. Essa da Terra estava agora no mais alto, por isso quando a lua está na mudança, a Terra (para nós na lua) é como a nossa lua cheia, e quando a lua cresce para os terrestres, a luz da Terra decresce para os lunares. Depois encontrei na lua uma luz (embora o sol estive ausente) igual àquela nossa durante o dia, quando o *sol* está coberto por nuvens, mas indo para o quarto, ela pouco a pouco atenua, embora deixando ainda uma luz regular, o que é algo estranho.

But much stranger is that which was reported unto me there, how that in the other Hemisphere of the *Moone* (I meane contrary to that I happened upon,) where during halfe the Moone, they see not the sunne, and the Earth never appeareth unto them, they have notwithstanding a kinde of light (not unlike by their description to our Moon light) which it seemeth the propinquitie of the starres and other Planets (so much neerer unto them then us) affoordeth.

Now you shall understand that of the true Lunars there bee three degrees.

Some beyond the pitch of our stature a good deale, as perhaps 10 or 12 foote high, that can indure the day of the Moone, when the earth shineth but little, but not endure the beames of both; at such  
time

Mas, mais estranho é aquilo que me foi contado lá, como no outro hemisfério da *lua* (digo, oposto àquele em que cheguei), durante a meia lua, eles não veem o sol, e a Terra nunca aparece para eles; eles têm, entretanto, um tipo de luz (não diferente da descrição deles para nossa luz da lua), que parece afim às que outras estrelas e outros planetas (tão mais próximos deles do que nós) proporcionam.

Agora você deve entender que dos lunares legítimos há três graus.

Alguns muito além do alcance de nossa estatura, talvez 10 ou 12 pés de altura, podem suportar o dia da lua, quando a Terra brilha, mas pouco, contudo, não suportam os raios dos dois. Nesse momento

time they must be content to be laid asleepe.

Others there are of 20 foote high, or somewhat more, that in ordinary places indure all light both of earth & Sun. Marrie there is a certaine *Island*, the mysteries wherof none may know whose stature is at least 27 foot high (I meane of the measure of the Standard of *Castile*) if any other come a Land there in the Moones day time, they fall asleepe immediately: This *Island* they call Gods *Island*, or *Insula Martini* in their language; they say it hath a particular governour, who is (as they report) of age 65000 Moones, which amounteth to 5000 of our Yeares, his name is said to be *Hiruch*, and he commandeth after a sort over *Irdozazur* himselfe, especially in that *Island* out of which he never commeth.

There is another repairing much thither,

eles devem se contentar em dormir. Outros há de 20 pés de altura, ou um pouco mais, que em lugares normais, suportam toda a luz, tanto da Terra como do sol. A não ser em certa *ilha*, cujos mistérios ninguém pode saber, caso sua estatura não seja de pelo menos 27 pés de altura (digo, da medida padrão de *Castela*). Se qualquer outro vier à terra durante o dia da lua, adormece imediatamente. Esta *ilha* chamam *Ilha de Deus*, ou *Ilha de Martinho*, em sua língua. Dizem que ela tem um governador particular, que é, como contaram, da idade de 65000 luas, o que equivale a 5000 de nossos anos; dizem que seu nome é *Hiruch*,<sup>65</sup> e ele governa acima do próprio *Irdozazur*, especialmente naquela *ilha*, de onde nunca siu.

Há outro dirigente mais longe,

<sup>65</sup> Possível anagrama para “church”, “igreja”.

*The Man in the Moone.* 91

thither, they say is halfe his age and upwards, to wit, about 33 thousand Moones, or 26 hundredth of our Yeares, and hee commandeth in all things (throughout the whole Globe of the Moone) concerning matters of Religion, and the service of God, as absolutely as our holy Father the Pope doth in any part of *Italy*. I would faine have seene this man, but I might not be suffered to come neere him: his name is *Imozes*.

Now give mee leave to settle my selfe to a long nights sleepe: My attendants take charge of my *Birds*, prepare my lodging, and signifie to mee by signes, how it must bee with mee. It was about the middle of *September*, when I perceived the Ayre to grow more cleare then ordinary, and with the increasing of the light, I began to feele

que dizem ser pouco mais da metade da sua idade, a saber cerca de 33 mil luas, ou 2600 anos de nossas idades, e ele governa todas as coisas, em todo o globo lunar, referentes aos assuntos de religião e ao serviço de Deus, tão absolutamente quanto nosso Sagrado Pai, o *papa*, faz em qualquer região da *Itália*. Eu teria de bom grado visto esse homem, mas não poderia suportar me aproximar dele; seu nome é *Imozes*.

Agora deixe-me preparar para uma longa noite de sono; meus assistentes se incumbiram dos meus *pássaros*, prepararam meu alojamento e me informam, através de sinais, o que deve ocorrer comigo. Era cerca de meados de *setembro* quando percebi a atmosfera tornar-se mais clara que o normal, e com o aumento da luz, comecei

92 *The Man in the Moone.*

feele my selfe first dull, then heavy and willing to sleepe, although I had not lately been hindred from taking mine ease that way.

I delivered my selfe at last into the custody of this sister of Death, whose prisoner I was for almost a fortnight after; Awaking then, it is not to bee beleevd how fresh, how nimble, how vigorous, I found all the faculties both of my bodie and minde.

In good time, therefore, I setled my selfe immediately to the learning of the language which (a marvellous thing to consider) is one of the same throughout all the regions of the Moone, yet so much the lesse to bee wondred at, because I cannot thinke all the Earth of Moone to Amount to the fortieth part of our inhabited Earth; partly because the Globe of the Moone is much lesse

a me sentir primeiro lento, depois pesado e com vontade de dormir, embora não tivesse recentemente sido impedido de descansar.

Por fim, me entreguei à custódia desse irmão da morte, de quem fui prisioneiro por quase quinze dias depois; desperto, em seguida, não dá para crer quão revigoradas, quão ágeis, quão vigorosas encontrei todas as faculdades do meu corpo e mente.

Em boa hora, portanto, me pus imediatamente à aprendizagem do idioma, que (algo maravilhoso a considerar) é o mesmo em todas as regiões da lua, contudo, muito menos de se admirar, porque não posso supor toda a Terra da lua equivalente a quarta parte de nossa Terra habitada, em parte porque o globo da lua é muito menor

*The Man in the Moone.* 93

esse then that of the Earth, and partly because their Sea or Ocean covereth in estimation Three parts or Foure, (if not more) whereas the *superficies* of our land may bee judged Equivalent and comparable in Measure to that of our Seas.

The Difficulty of that language is not to bee conceived, and the reasons thereof are especially two:

First, because it hath no affinity with any other that ever I heard,

Secondly, because it consisteth not so much of words and Letters, as of tunes and uncouth sounds, that no letters can expresse.

For you have few wordes but they signifie divers and severall things, and they are distinguished onely by their tunes that are as it were sung  
in

do que o da Terra, e, em parte porque seu mar ou oceano cobrem, em estimativa, três partes de quatro, se não mais, ao passo que as *superficies* de nossa terra podem ser julgadas equivalentes e comparadas em medida a de nossos mares.

A dificuldade daquele idioma não tem como ser exprimida, e as razões disso são especialmente duas:

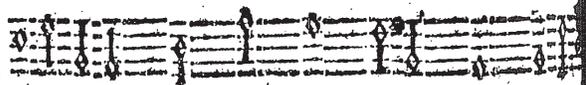
Primeiro, porque ele não tem nenhuma afinidade com qualquer outro que já ouvi;

Segundo, porque ele consiste não tanto de palavras e letras, mas de melodias e sons rudes, os quais nenhuma letra pode expressar.

Pois você tem poucas palavras, mas elas significam diversas e várias coisas, e elas são distinguidas somente pelas suas melodias, que são, como se fossem cantadas

94 *The Man in the Moone.*

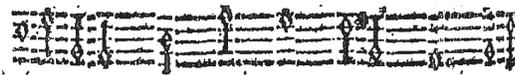
in the utterance of them, y  
 many wordes there are consistin  
 of tunes onely, so as if they li  
 they will utter their mindes b  
 tunes without wordes: for Exam  
 ple, they have an ordinary salu  
 ration amongst them, signifi  
 ing (*Verbatim*) Glorie be to God  
 alone, which they expresse (a  
 I take it, for I am no perfect Mu  
 sician) by this tune without any  
 words at all.



Yea the very names of Men  
 they will expresse in the same  
 sort.

When they were disposed to  
 talke of mee before my face  
 fo

quando pronunciadas; todavia, muitas palavras há que consistem de melodias apenas, por isso, se eles preferirem, se expressam somente através de melodias, sem palavras. Por exemplo, eles têm entre eles uma saudação comum que significa (*verbatim*) “glória somente a Deus”, que expressam, pelo menos como apreendi, pois não sou um músico perfeito, através dessa melodia sem quaisquer palavras.



Sim, até mesmo os próprios nomes dos homens são expressos da mesma forma.

Quando estavam dispostos a falar comigo cara a cara,

*The Man in the Moone.* 95

so as I should not perceive it ;  
this was *Gonsales*.



By occasion hereof, I discern  
meanes of framing a Language (and  
that easie soone to bee learned) as  
copious as any other in the world,  
consisting of tunes onely, whereof  
my friends may know more at lea-  
sure if it please them.

This is a great Mystery and  
worthier the searching after then at  
first sight you would imagine.

Now notwithstanding the diffi-  
culty of this language, within two  
months space I had attained unto such  
knowledge of the same, as I could  
understand most questions to be de-  
manded of mee, and what with signes,  
what with words, make reasonable  
shift

como se não fosse capaz de perceber, isto era *Gonsales*:



Por essa ocasião, percebi meios de inventar uma linguagem (e que pode ser aprendida rápidamente, com facilidade), tão abundante como quaisquer outra no mundo, consistindo em melodias apenas, que meus amigos podem aprender como melhor lhes convier, se lhes agradar.

Isso é um grande mistério e mais digno de exame posterior do que à primeira vista tu podes imaginar.

Agora, não obstante a dificuldade desse idioma, dentro do espaço de dois meses, havia alcançado tal conhecimento do mesmo, que podia entender a maior parte das perguntas que me faziam, e que com sinais, com palavras, fazia razoável o recurso

shift to utter my mind, which thing being certified unto *Pylonas*, hee sent for mee oftentimes, and would bee pleased to give mee knowledge of many things that my *Guardians* durst not declare unto mee.

Yet this I will say of them, that they never abused mee with any untruth that I could perceive, but if I asked a question that they liked not to resolve mee in, they would shake their heads and with a Spanish shrugge passe over to other talke.

After 7 moneths space it happened that the great *Irdonozur* making his progresse to a place some 200 leagues distant from the Palace of *Pylonas*, sent for mee.

The History of that Journey, and the conference that passed between us shall bee related at large in my second booke. Onely thus much there-

para me expressar, o que, sendo informado a *Pylonas*, ele me chamou muitas vezes, e ficava satisfeito por conceder-me o conhecimento de muitas coisas que meus *guardiões* não ousavam me declarar.

Ainda, isso deles direi, nunca me insultaram com qualquer inverdade que pudesse perceber, mas se eu fizesse uma pergunta que não quisessem me esclarecer, chacoalhavam as mãos, e como um espanhol, davam de ombros e passavam para outra conversa.

Depois de passados sete meses, aconteceu de o grande *Irdonozur*, dirigindo-se a algum lugar cerca de duas léguas de distância do palácio de *Pylonas*, mandar me buscar.

A história dessa jornada e a conversa que ocorreu entre nós deverão ser relatadas na íntegra no meu segundo livro. Somente um pouco

thereof at this time, that hee would not admit me into his presence, but talked with me through a Window, where I might heare him, and hee both heare and see mee at pleasure. I offered him the remainder of my Jewells, which he accepted very thankfully; telling mee that hee would requite them with gifts of an other manner of value.

It was not above a Quarter of a Moone that I stayed there, before I was sent backe unto *Pylonas* againe; and so much the sooner, because if we had stayed but a day or two longer, the Sunne would have overtaken us, before wee could have recovered our home.

The gifts he bestowed on me were such as a Man would forsake mountaines of Gold for, and they were all stones, to wit 9 in number, and those of 3 sorts, whereof one  
H they

delas para agora: que não me admitiu em sua presença, mas falou comigo através de uma janela, de onde eu podia ouvi-lo e ele ouvir e me ver à vontade. Ofereci-lhe o restante de minhas joias, o que ele aceitou muito agradecidamente, dizendo-me que as retribuiria com presentes de outro tipo de valor.

Não fiquei mais de um quarto de lua lá antes de ser enviado a *Pylonas* novamente, e tanto quanto antes, pois se tivéssemos ficado mais um ou dois dias a mais, o sol teria nos atingido antes que pudéssemos voltar à nossa casa.

Os presentes que ele me deu eram daqueles que fariam um homem renunciar às montanhas de ouro; eram todos pedras, a saber, nove em quantidade, e de três tipos, uma das quais

98 *The Man in the Moone.*

they call *Poleastis*, another *Machrus*, and third *Ebelus*, of each sort three. The first are of the bignesse of an *Hazell-nutt*, very like unto jett, which among many other incredible vertues hath this property that being once heat in the Fire, they ever after retaine their heat (though without any appearance) untill they be quenched with some kinde of liquor, whereby they receive no detriment at all, though they bee heat and quenched 10 thousand times.

And their heat is so vehement, as they will make red hot any metall that shall come within a foot of them, and being put in a Chimney, will make a roome as warme, as if a great Fire were kindled in the same.

The *Machrus* (yet farre more precious then the other) is of the colour

chamam *poleastis*, outra, *machrus*, e a terceira, *ebelus*, de cada tipo, três.

As primeiras são do tamanho de uma *avelã*, muito semelhante à pulverizador, as quais, entre muitas outras virtudes inacreditáveis, tinham a propriedade de, uma vez aquecidas no fogo, sempre em seguida reter esse calor (embora sem nenhuma aparência) até ser extinto por algum tipo de líquido, do qual não recebem nenhum dano, ainda que fossem aquecidas e resfriadas dez mil vezes.

E seu calor é tão ardente que tornam quente qualquer metal que esteja a um pé de distância delas, e aquecem tão bem uma sala, como se nela um fogo fosse acendido.

A *machrus*, ainda muito mais preciosa que a outra, era da cor

colour of *Topaz*, so shining and resplendent, as (though not past the bignesse of a beane, yet) being placed in the midst of a large Church in the night time, it maketh it all as light, as if a 100 Lamps were hang'd up round about it.

Can you wish for properties in a stone of greater use then these. Yes my *Ebelus* will affoord you that which I dare say will make you preferre him before these, yea and all the *Diamonds*, *Saphyres*, *Rubies*, and *Emeralds* that our world can yeeld, were they laid in a heap before you;

To say nothing of the colour, (the Lunar whereof I made mention before, which notwithstanding is so incredibly beautifull, as a man should travell 1000 Leagues to behold it) the shape is somewhat flat of the breadth of a *Pistolett*, and

H 2 twice

do *topázio*, tão brilhante e resplandecente (embora não ultrapassasse o tamanho de um feijão), que se colocada no meio de uma grande igreja à noite, a deixaria toda iluminada como se cem lâmpadas tivessem sido penduradas ao redor dela. Tu podes desejar para as propriedades de uma pedra maior utilização do que essas? Sim, minha *ebelus* te dará o que me arrisco a dizer que a fará preferida dentre estas, sim, e todos os *diamantes*, *safiras*, *rubis* e *esmeraldas* que nosso mundo pode produzir, se fossem empilhados em um monte à sua frente!

Sem nada dizer sobre a cor (a lunar, da qual fiz menção anteriormente, que, todavia, é tão incrivelmente bonita que um homem deve viajar mil léguas para vê-la), a forma é algo achatada, da largura de uma *moeda de ouro* e duas vezes

twice the thicknesse. The one side of this which is somewhat more Orient of Colour then the other, being clapt to the bare skin of a man, in any part of his bodie, it taketh away from it all weight or ponderousnesse; whereas turning the other side it addeth force unto the attractive beames of the Earth, either in this world or that, and maketh the bodie to weigh halfe so much againe as it did before; do you marvell now why I should so overprize this stone? before you see mee on earth againe, you shall understand more of the value of this kinde and unvaluable Iem.

I inquired then amongst them, whether they had not any kind of Jewell or other meanes to make a man invisible, which mee thought had beene a thing of great and extraordinary use.

And

sua espessura. Um lado dela, que é um pouco mais brilhante em cor que o outro, colocado à pele nua em qualquer parte do corpo de um homem, retira seu peso ou carga, ao passo que, virando o outro lado, ele acrescenta força aos raios de atração da Terra, se nesse mundo ou naquele, e faz o corpo pesar metade novamente, tanto quanto como fez anteriormente. Admiras-te agora por que devo supervalorizar essa pedra? Antes de tu me veres na Terra novamente, deverás entender mais do valor dessa amável e inestimável joia.

Indaguei entre eles, em seguida, se não tinham qualquer espécie de pedra ou outros meios para fazer um homem invisível, o que me pareceria ser algo de grande uso e extraordinário.

And I could tell that divers of our learned men had written many things to that purpose.

They answered that if it were a thing faisible, yet they assured themselves that God would not suffer it to be revealed to us creatures subject to so many imperfections, being a thing so apt to be abused to ill purposes; and that was all I could get of them.

Now after it was known that *Irdonozur*, the great Monarch, had done me this honour, it is strange how much all men respected mee more then before: my Guardians which hitherto were very nice in relating any thing to mee, concerning the government of that world, now became somewhat more open, so as I could learne (partly of them and partly of *Pylomas*,) what I shall deliver unto you concerning that mat-

H 3

ter,

E poderia dizer que muitos de nossos homens instruídos, escreveram muitas coisas a este respeito.

Eles me responderam que se isso fosse algo factível, tinham certeza de que Deus não admitiria que fosse revelado a nossas criaturas sujeitas a tantas imperfeições, sendo algo tão apto a ser usado para propósitos prejudiciais. E isso foi tudo que pude obter deles.

Agora, depois que se soube que *Irdonozur*, o grande monarca, tinha me feito essa honra, é estranho como todos os homens me respeitaram mais que antes. Meus guardiões, que inicialmente foram muito escrupulosos em não me relatar nada a respeito do governo daquele mundo, agora se tornaram um pouco mais abertos, de forma que pude aprender (em parte com eles, em parte com *Pylonas*) o que devo transmitir-te relativamente àqueles assuntos,

102 *The Man in the Moone.*

ter, whereof I will onely give you a taste at this time : referring you unto a more ample discourse in my second part, which at my returne into *Spain* you shall have at large; but not till then for causes heretofore related.

In a thousand yeares it is not found that there is either Whoremonger amongst them, whereof these reasons are to bee yeelded. There is no want of any thing necessary for the use of man.

Food groweth every where without labour, and that of all sorts to be desired.

For rayment, howsing, or any thing else that you may imagine possible for a man to want, or desire, it is provided by the command of Superiors, though not without labour, yet so little, as they doe nothing but as it were playing, and with pleasure.

Again

dos quais darei somente uma mostra nesse momento, dirigindo-lhe um discurso mais amplo na minha segunda parte, que no meu retorno à *Espanha* você deverá ter integralmente, mas não até então, por causas anteriormente relatadas.

Em mil anos não é encontrado um indigente entre eles, cujos motivos devem ser revelados: não há falta de qualquer coisa necessária para o uso do homem. Comida cresce em todo lugar sem labor, e de todos os tipos que se deseja. Quanto ao vestuário, habitação, ou qualquer outra coisa que possas imaginar possível para um homem precisar, ou desejar, é provido pelo controle dos superiores, embora não sem trabalho – todavia, tão pouco como se não fizessem nada, como se estivessem recreando-se, e com prazer.

Againe their Females are all of an absolute beauty : and I know not how it commeth to passe by a secret disposition of nature there, that a man having once knowne a Woman, never desireth any other. As for murther it was never heard of amongst them ; neither is it a thing almost possible to bee committed: for there is no wound to bee given which may not bee cured, they assured mee, (and I for my part doe beleve it,) that although a mans head be cut off, yet if any time within the space of Three Moones it bee put together, and joyned to the Carkasse againe, with the appointment of the Iuyce of a certaine hearbe, there growing, it will be joyned together againe, so as the partie wounded shall become perfectly whole in a few houres.

H 4

But

Além disso, suas mulheres são todas de uma beleza absoluta. E não sei como ocorre por um poder secreto da natureza, que um homem, tendo uma vez conhecido uma mulher, nunca deseja outra. Quanto ao homicídio, nunca foi ouvido entre eles, e é algo pouco possível de ser cometido, pois não há nenhum ferimento concedido que não possa ser curado. Eles me garantiram, e eu de minha parte realmente acreditei nisso, que embora a cabeça de um homem seja cortada, ainda se a qualquer hora dentro do espaço de três luas for colocada junta e ligada ao corpo novamente com o emprego do suco de certa erva, será unida novamente, de modo que a parte lesada deverá tornar-se perfeitamente inteira em poucas horas.

But the chiefe cause, is that through an excellent disposition of that nature of people there, all young and old doe hate all manner of vice, and doe live in such love, peace, and amitie, as it seemeth to bee another Paradise. True it is, that some are better disposed then other: but that they discern immediately at the time of their birth.

And because it is an inviolable decree amongst them, never to put any one to death, perceiving by the stature, and some other notes they have, who are likely to bee of a wicked or imperfect disposition, they send them away (I know not by what meanes) into the Earth, and change them for other children, before they shall have either abilitie or opportunitie to doe amisse among them: But first (they say) they are faine to keepe them there  
for

Contudo, a causa principal é que por causa da excelente disposição da natureza das pessoas de lá, todos, jovens e velhos, odeiam todo tipo de vício, e realmente vivem em tal amor, paz e amizade, como se fosse outro paraíso. A verdade é que há alguns de melhor disposição do que outros, mas isso eles discernem imediatamente no momento do seu nascimento.

E porque é um decreto inviolável entre eles nunca aplicar a morte a alguém, percebendo pela estatura e alguns outros sinais que têm, quem está propensamente a ser de uma disposição fraca ou imperfeita, mandam-no embora (não sei por que meios) para a Terra, e o trocam por outra criança antes de ter capacidade ou oportunidade para se deslocar entre eles. Contudo, primeiro (dizem), são compelidos a mantê-lo

for a certaine space, till that the ayre of the Earth may alter their colour to be like unto ours.

And their ordinary vent for them is a certaine high hill in the North of *America*, whose people I can easily beleve to be wholly descended of them, partly in regard of their colour, partly also in regard of the continuall use of Tobacco which the *Lunars* use exceeding much, as living in a place abounding wonderfully with moysture, as also for the pleasure they take in it, and partly in some other respects too long now to be rehearsed. Sometimes they mistake their aime, and fall upon Christendome, *Asia* or *Affricke*, marry that is but seldome: I remember some yeares since, that I read certaine stories tending to the confirmation of these things delivered by these *Lunars*, as especially  
one

por certo tempo, até a atmosfera da Terra poder alterar suas cores para serem como as nossas.

E seu refúgio habitual é uma determinada montanha alta na *América* do Norte, cujas pessoas, posso facilmente acreditar serem descendentes deles, em parte, pelo que se refere a sua cor, em parte também pelo que se refere ao uso contínuo de tabaco, que os *lunares* utilizam muito, por viverem em lugar portentosamente abundante em umidade, assim como ainda pelo prazer que tem aí, e em parte por alguns outros aspectos demasiado longos para serem recitados agora. De vez em quando, eles erram seu alvo, e caem sobre a Cristandade, *Ásia* ou *África*; com certeza isso ocorre, mas raramente. Lembro-me, alguns anos desde que li determinadas histórias tendendo à confirmação desses assuntos transmitidos por esses *lunares*, como especialmente um

106 *The Man in the Moone.*

one Chapter of *Guil : Neubrigen- sis, de reb Angl* : it is towards the end of his first booke, but the chapter I cannot particularly re- signe.

Then see *Inigo Mondejar* in his description of *Nueva Granata*, the second booke; as also *Ioseph Desia de Carana*, in his history of *Mexico*: if my memory faile mee not, you will find that in these, which will make my report much the more credible : But for testimonies I care not.

May I once have the happinesse to returne home in safety, I will yeeld such demonstrations of all I deliver, as shall quickly make void all doubt of the truth hereof.

If you will aske mee further of the manner of government amongst the Lunars, and how Iustice is executed?

Alas

capítulo de *De rebus Anglicis* de *Newburgh*. Está no fim de seu livro, mas o capítulo não posso lembrar particularmente com certeza.

Depois veja *Inigo Mondejar* na sua descrição de *Nova Granada*, o segundo livro, como também *Joseph Desia de Carana* na sua história do *México*.<sup>66</sup> Se minha memória não me falha, encontrarás isso neles, o que fará meu relato muito mais crível; mas quanto às testemunhas, não me importo.

Permita-me uma vez ter a felicidade de retornar para casa a salvo, fornecerei tais demonstrações de tudo que proferi e, dessa forma, deverá se invalidar rapidamente todas as incertezas sobre a verdade disso.

Se você quiser, me pergunte mais sobre a forma de governo entre os lunares, e como a justiça é executada.

<sup>66</sup> Esses autores e obras são fictícios.

Alas what need is there of Exemplary punishment, where there are no offences committed: they need there no Lawyers, for there is never any contention, the seeds thereof, if any begin to sprout, being presently by the wisdom of the next superior puld up by the roots.

And as little need is there of Physitians; they never misdi- et themselves, their Ayre is alwaies temperate and pure, neither is there any occasion at all of sicknes, as to me it seemed at least, for I could not heare that ever any of them were sicke.

But the time that nature hath assigned unto them being spent, without any paine at all they die, or rather (I should say) cease to live, as a candle to give light, when that which nourisheth it is consu- med.

I was

Que necessidade há de punição exemplar, quando não há nenhuma ofensa cometida?! Não precisam de quaisquer advogados, pois nunca há qualquer contenda; as sementes delas, se alguma começa a brotar, no mesmo momento são arrancadas pela raiz pela prudência do superior imediato.

E também há pouca necessidade de médicos; eles nunca se desnutrem, seu ar é sempre temperado e puro, nem há também qualquer ocasião para todas as doenças, como me pareceu por fim, pois não ouvi que algum deles tenha ficado doente.

Mas uma vez esgotado o prazo que a natureza lhes concedeu, sem qualquer dor, eles morrem, ou ao contrário (devo dizer), cessam de viver, como uma vela perde a luz quando o que a alimenta se consome.

I was once at the departure of one of them, which I wondred much to behold; for notwithstanding the happy life hee led, and multitude of friends and children hee should forsake, as soone as certainly hee understood and perceived his end to approach, hee prepared a great feast, and calling about him all those hee especially esteemed of, hee bids them be merry and rejoyce with him, for that the time was come he should now leave the counterfeit pleasures of that world, and bee made partaker of all true joyes and perfect happinesse.

I wondred not so much at his constancy, as the behaviour of those his friends: with us in the like case, all seeme to mourne, when often some of them doe but laugh in their sleeves, or as one sayes under a vizard,

They

Estive uma vez na despedida de um deles, o que me maravilhou muito observar. Pois, apesar da vida feliz que levava e os inúmeros amigos e filhos que deveria abandonar, tão logo e certo entendeu e percebeu seu fim se aproximar, preparou uma grande festa, convidando todos aqueles que estimava especialmente, e ordenou que ficassem alegres e que se alegrassem com ele, para que, chegada aquela hora, pudesse então deixar os falsos prazeres do mundo e ser participante de todas as verdadeiras alegrias e felicidade perfeita.

Não me espantei muito com sua constância e o comportamento de seus amigos; conosco, na mesma situação, todos parecem lamentar-se, quando alguns nada mais fazem do que rir em segredo, ou como alguns dizem, sob aparência.

They all on the other side, young and old, both seemingly, and in my conscience, sincerely did rejoyce thereat, so as if any dissembled, it was but their owne grieffe conceived for their owne particular losse.

Their bodies being dead putrifie not, and therefore are not buried, but kept in certaine roomes ordained for that purpose; so as most of them can shew their Ancestors bodies uncorrupt for many generations.

There is never any raine, wind, or change of the Ayre, never either Summer, or Winter, but as it were a perpetuall Spring, yeelding all pleasure, all content, and that free from any annoyance at all.

O my Wife and Children, what wrong have you done mee to bereave mee of the happinesse of that place: but it maketh no matter, for by  
this

Todos eles, por outro lado, jovens e velhos, aparentemente e a meu ver regozijaram-se sinceramente por causa disso, de forma que se algum dissimulou, era seu próprio pesar expresso pela sua própria perda particular.

Seus corpos, estando mortos, não putrefazem, e, portanto, não são queimados, mas mantidos em certas salas destinadas para este propósito: para que, a maioria deles possa mostrar para muitas gerações o corpo incorrupto de seus ancestrais.

Nunca há chuva, vento ou mudança de ar, nunca [há] também verão, inverno, como se fosse uma primavera perpétua, proporcionando todo prazer, todo contentamento, e livre de qualquer contrariedade.

Oh, minha esposa e filhos, que injustiça vocês me têm feito, a me privar da felicidade desse lugar! Mas isso não faz nenhuma diferença, pois

## 110 The Man in the Moone.

this voyage am I sufficiently assured, that ere long the race of my mortall life being run, I shall attaine a greater happinesse elsewhere, and that everlasting.

It was the Ninth day of *September* that I began to ascend from *El Pico*; twelve dayes I was upon my Voyage, and arrived in that Region of the Moone, that they call *Simiri*, *September* the 21 following.

The 12 day of *May* being Friday, wee came unto the Court of the great *Irdonozur*, and returned backe the Seventeenth unto the Palace of *Pylonas*, there I continued till the moneth of *March*, in the year 1601. at what time I earnestly besought *Pylonas* (as I had often done before) to give mee leave to depart, (though with never so great hazard of my life) backe into the earth againe.

Hcc

por essa viagem estou suficientemente certo que dentro em breve, o curso da minha vida mortal sendo executado, deverei obter a maior felicidade em outro lugar, e para sempre.

Era dia nove de *setembro* quando principiei a decolar do *El Pico*; viajei por doze dias e cheguei àquela região da lua que chamam *Simiri*,<sup>67</sup> em 21 de *setembro*.

O dia 12 de *maio* sendo sexta-feira, fomos à corte do grande *Irdonozur*, e retornamos ao palácio de *Pylonas* no dia 17. Nele permaneci até o mês de *março* do ano 1601, momento em que realmente roguei a *Pylonas* (como tinha feito amiúde anteriormente) a me deixar partir (embora nunca com tão grande risco de minha vida) de volta para Terra novamente.

<sup>67</sup> Nome fictício sem sentido aparente, mas cuja pronúncia e palavra aludem aos sons das palavras romanizadas do mandarim.

*The Man in the Moone.* 311

Hee much dissuaded mee, laying before mee the danger of the voyage, the misery of that place from whence I came, and the abundant happiness of that I now was in; But the remembrance of my Wife and Children overweighed all these reasons, and to tell you the truth, I was so farre forth moved with a desire of that deserved glory, that I might purchase at my return, as me thought I deserved not the name of a *Spaniard*, if I would not hazard 20 lives, rather then loose but a little possibility of the same. Wherefore I answered him, that my desire of seeing my Children was such, as I knew I could not live any longer, if I were once out of hope of the same. When then he desired one yeares stay longer, I told him it was manifest I must depart now or never: My *Birds* began to droope, for want of their wonted migration,

Ele me dissuadiu bastante, expondo para mim, antes, o risco da viagem, a miséria do lugar de onde vim, e a felicidade abundante daquele onde agora estava. Mas a lembrança da minha esposa e filhos prevaleceu sobre todos esses motivos, e para dizer-lhe a verdade, estava tão intensamente motivado pelo desejo daquela merecida glória que poderia adquirir no meu retorno, que julguei não merecido o nome de *espanhol*, se não pusesse em perigo vinte vidas pela, ainda que pequena, oportunidade de conquistá-la. Portanto, respondi-lhe que meu desejo de ver meus filhos era tal que sabia que não poderia viver mais tempo se não mais me restasse a esperança de vê-los. Quando, em seguida, ele desejou que eu permanecesse por mais um ano, disse-lhe, era manifesto que deveria partir agora ou nunca. Meus *pássaros* começaram a esmorecer pela necessidade de sua migração habitual;

112 *The Man in the Moone.*

migration, 3 of them were now dead, and if a few more failed, I was forever destitute of all possibilitie of returning.

With much adoe at last hee condescended unto my request, having first acquainted the great *Irdonozur* with my desire, then perceiving by the often baying of my *Birds*, a great longing in them to take their flight; I trimmed up mine Engine, and took my leave of *Pylonas*, who (for all the courtesie hee had done mee) required of mee but one thing, which was faithfully to promise him, that if ever I had meanes thereunto, I should salute from him *Elizabeth*, whom hee termed the great *Queene of England*, calling her the most glorious of all women living, and indeed hee would often question with mee of her, and therein delighted so much, as it seemed hee was never satisfied in talking

três deles estavam agora mortos, e se mais algum minguisse, eu ficaria para sempre destituído de toda a possibilidade de retornar.

Com muita dificuldade, por fim, ele condescendeu com o meu pedido, tendo primeiro inteirado o grande *Irdonozur* sobre meu desejo. Depois, percebendo pelo ladrado frequente dos meus *pássaros* uma grande ânsia de tomar seu voo, montei em minha máquina e despedi-me de *Pylonas*, quem, devido a toda cortesia que me fez, solicitou de mim algo, que lhe foi fielmente prometido, que se alguma vez eu tivesse meios para isso, deveria cumprimentar *Elisabete*<sup>68</sup> por ele, a quem ele denominava a excelente *rainha da Inglaterra*, considerando-a a mais gloriosa de todas as mulheres vivas. E, de fato, ele frequentemente me indagava sobre ela, e tão encantado, que parecia nunca estar satisfeito de falar

<sup>68</sup> Elisabete I, rainha inglesa de 1558 a 1603, e última monarca Tudor.

king of her; hee also delivered unto mee a token or present for her of no small Value: Though I account her an enemy of *Spayne*, I may not faile of performing this promise as soone as I shall bee able so to doe: upon the 29 day of *March* being Thursday, 3 dayes after my awaking from the last Moones light, I fastened my selfe to mine Engine, not forgetting to take with mee, besides the Jewels *Irdonozur* had given mee (with whose use and vertues *Pylonas* had acquainted mee at large) a small quantitie of Victual, whereof afterward I had great use as shall bee declared.

An infinite multitude of people, (and amongst the rest *Pylonas* himselfe) being present,) after I had given him the last *Beza los manos*, I let loose the raines unto my *Birds*, who with great greedinesse taking wing quick-

I

ly.

dela. Ele também me entregou uma lembrança ou presente para ela de não pequeno valor; embora eu a considere uma inimiga da *Espanha*, não posso faltar no cumprimento dessa promessa, tão logo seja capaz de fazê-lo. No dia 29 de *março*, sendo quinta-feira, três dias após meu despertar da última luz da lua, me preendi em minha máquina, não me esquecendo de levar comigo, além das joias que *Irdonozur* me deu (sobre cuja utilidade *Pylonas* havia amplamente me inteirado), uma quantidade pequena de mantimentos, dos quais fiz bom uso, como deverá ser declarado. Uma multidão infinita de pessoas, e entre elas o próprio *Pylonas*, esteve presente. Após ter oferecido a ele o meu último *beza los manos*, deixei afrouxar as rédeas dos meus *pássaros*, que com grande ansiedade, batendo asas rapidamente,

114. *The Man in the Moone.*

ly carried mee out of their sight, it  
fel out with me as in my first passage;  
I never felt either hunger or thirst,  
till I arrived in *China* upon a high  
mountaine, some 5 Leagues from  
the high and mighty City of *Pachip.*

This Voyage was performed in  
lesse then 9 dayes; I heard no newes  
by the way of these ayrie men, which  
I had seen in my ascending.

Nothing stayed my journey any  
whit at all: Whether it was the  
earnest desire of my *Birds*, to return  
to the Earth, where they had missed  
one season, or that the attraction  
of the Earth so much stronger then  
that of the Moone, furthered their  
labour; so it came to passe, although  
now I had 3 *Birds* wanting of those I  
carried forth with mee.

For the first 8 dayes my *Birds* flew  
before, and I with the Engine was  
as it were drawne by them.

The

me carregaram para longe de sua vista. Ocorreu comigo o mesmo que na primeira viagem; não senti nem fome ou sede até chegar na *China*, sobre uma montanha alta, cerca de cinco léguas da elevada e poderosa cidade de *Pequim*.

Essa viagem foi realizada em menos de nove dias; a propósito, não tive notícias daqueles homens voadores que vi na minha subida.

Nada atrasou a minha viagem, em absoluto; quer seja o grande desejo dos meus *pássaros* de retornar à Terra, onde perderam uma estação, quer seja a atração da Terra, tão mais forte que aquela da lua, auxiliando seu esforço. Assim aconteceu, embora eu tivesse três *pássaros* a menos do que os que levei comigo.

Nos primeiros oito dias, meus *pássaros* iam adiante, e eu com minha máquina seguía como se puxados por eles.

The Ninth day when I began to approach unto the Clouds, I perceived my selfe and mine Engine to sincke towards the Earth, and goe before them.

I was then horribly afraid, lest my *Birds* not being able to beare our weight, they being so few, should bee constrained to precipitate both mee and themselves headlong to the Earth: wherefore I thought it no lesse then needfull to make use of the *Ebelus*, (one of the stones bestowed upon me by *Irdonozur*,) which I clapped to my bare flesh within my hose: and it appeared manifestly thereupon unto mee that my *Birds* made their way with much greater ease then before, as being lightned of a great burthen; neither doe I thinke it possible for them to have let mee downe safely unto the Earth without that helpe.

No nono dia, quando comecei a aproximar-me das nuvens, percebi que eu e minha máquina mergulhávamos em direção à Terra, indo à frente dos pássaros.

Estava, nessa altura, receoso de perder meus *pássaros*, não sendo capazes de suportar nosso peso, sendo eles tão poucos, deveriam ser compelidos a precipitar impetuosamente eu e eles mesmos à Terra. Diante disso, pensei em nada menos do que fazer uso da *ebelus*, uma das pedras concedidas a mim pelo grande *Irdonozur*, a qual fixei à minha carne desnuda dentro da minha calça, e pareceu-me de imediato que meus *pássaros* fizessem seu caminho com muito mais facilidade do que antes, sendo aliviados da grande carga; tampouco julguei possível que eles me deixassem em segurança na Terra sem aquela ajuda.

China is a Country so populous, as I thinke there is hardly a peece of ground to bee found, (in the most barren parts of the same) though but thrice a mans length, which is not most carefully manured. I being yet in the Ayre, some of the country people had espied mee, and came running unto mee by troopes, they seised upon mee, and would needs, by and by, carrie mee unto an Officer. I seeing no other remedy, yeilded my selfe unto them. But when I assayed to goe, I found my selfe so light, that I had much ado<sup>e</sup>, one foote being upon the ground, to set downe the other, that was by reason of my *Ebelus*, so applyed, as it tooke quite away all weight and ponderousnesse from my body : Wherefore bethinking my selfe what was to be done, I fained a desire of performing the necessitie

A *China* é um país tão populoso, que pensei difficilmente haveria um pedaço de chão a ser encontrado (nas partes mais áridas dali), que não fosse mais que o triplo do tamanho de um homem e que não estivesse cuidadosamente cultivado. Estando eu ainda no ar, algumas das pessoas do país me espiaram e vieram correndo em minha direção em tropas; eles me apreenderam e quiseram, depois de um instante, me levar até um official. Eu, não vendo outro recurso, me rendi. Contudo, quando tentei acompanhá-los, me encontrei tão leve, que tive dificuldade, um pé estando sobre o chão, para abaixar o outro. Isso foi por causa da minha *ebelus*, empregada de tal forma como se tivesse tirado todo o peso e equilíbrio do meu corpo. Por consequente, pensando comigo o que poderia ser feito, fingi vontade de satisfazer a necessidade

necessitie of nature, which by signes being made knowen unto them (for they understood not a word of any Language I could speake) they permitted mee to goe aside among a few bushes, assuring themselves that for mee to escape from them it was impossible; Being there I remembered the directions *Pylonus* had given mee, concerning the use of my stones, and first I tooke theria all together, with a few Jewells yet remaining of those I had brought out of *India*, and knit them up in my handkerchiefe, all, except one the least and worst *Ebelus*.

Him I found meanes to apply in such sort unto my body, as but the halfe of his side touched my skin, whereby it came to passe that my body then had but halfe the weight, that being done I drew towards these my Guardians, till seeing them

I 3 come

da natureza.<sup>69</sup> Por meio de sinais que fiz a eles (pois não entendiam nenhuma palavra de qualquer idioma que pude falar), me permitiram ir ao lado, entre alguns arbustos, assegurando-se de que minha fuga fosse impossível. Estando lá, lembrei-me das instruções que *Pylonus* havia me dado referentes ao uso de minhas pedras, e primeiro peguei todas, juntas com algumas joias ainda restantes daquelas trazidas da *Índia*, e preendi-as todas em meu lenço de pescoço, exceto uma, a de menor poder, *ebelus*. Para ela, encontrei uma forma de aplicá-la ao meu corpo, de modo que metade de seu lado tocasse minha pele, pelo que sucedeu que meu corpo então ficou com metade do peso. Isso sendo feito, chamei meus guardiães, até vê-los

<sup>69</sup> Provavelmente uma gesticulação indicando a vontade de evacuar.

118 *The Man in the Moone.*

come somewhat neere together they could not crosse my way, I shewed them a faire paire of heeles.

This I did to the end I might recover an opportunitie of finding my Stones, and Jewells, which I knew they would rob mee off, if I prevented them not.

Being thus lightned I bid them such a base, as had they been all upon the backes of so many *Zebra's*, they could never have overtaken me. I directed my course unto a certaine thicke wood, into which I entred some a quarter of League, and then finding a pretty spring, (which I tooke for my marke, (hard by it, I thrust my jewells into a little hole made by a Want, or some such like creature.

Then I tooke out of my pocket my Victualls, (to which in all my Voyage I had not till then any de  
fire

aproximarem-se, mas não poderem cruzar meu caminho; e escapei.

Isto fiz com a finalidade de poder recuperar a oportunidade de achar minhas pedras e joias, as quais sabia que me roubariam se não os impedisse.

Sendo, assim, mais leve, propus-lhes uma caçada, de forma que se todos tivessem montados em *zebras*, não poderiam me ultrapassar. Dirigi-me para uma floresta espessa, dentro da qual entrei cerca de um quarto de légua, e em seguida, encontrando uma bela nascente (que tomei como referência), perto dela inseri minhas joias em um pequeno buraco feito por uma toupeira, ou criatura do tipo.

Depois, tirei meus mantimentos do bolso (dos quais não tive até então nenhum desejo em toda minha viagem)

fire) and refreshed my selfe there with, till such time as the people pursuing mee, had overtaken mee, into whose hands I quietly delivered my selfe.

They led mee unto a meane Officer, who (understanding that once I had escaped from them that first apprehended mee,) caused a certaine feat to be made of boords, into which they closed mee in such sort, as onely my head was at liberty, and then carried mee upon the shoulders of 4 slaves, (like some notorious malefactor) before a man of great authority, (whom in their language as after I learned, they called a *Mandarine*, abiding 2 dayes journey off, to wit one League distant from the great and famous City of *Pachin*, or *Paquin*, by the *Chinesse* called *Suntien*.

Their language I could no way

U 4

under-

e com eles me revigorei, até que aquelas pessoas que me perseguiram me alcançaram, às mãos dos quais me entreguei tranquilamente.

Eles me levaram para um oficial médio, quem, entendendo que uma vez tinha escapado daqueles que primeiro me prenderam, ordenou que fosse feito um assento de tábuas, no qual me fecharam de forma que apenas minha cabeça ficou livre, e então me carregaram sobre os ombros de quatro escravos (como alguns malfeitores notáveis), ante um homem de grande autoridade, a quem em seu idioma (como depois aprendi) chamam *mandarim*, cuja residencia ficava a dois dias de viagem, a saber, uma légua de distância da grande e famosa cidade de *Pequim*, chamada pelos *chineses* de *Suntien*.

De forma alguma pude compreender seu idioma;

understand; onely this I could discern, that I was for something or other accused with a great deale of vehemence.

The substance of this accusation it seemes was, that I was a *Magician*, as witnessed my strange carriage in the ayre; that being a stranger, as appeared by my both language and habit, I contrary to the Lawes of *China*, entred into the Kingdome without warrant, and that probably with no good intent. The *Mandarine* heard them out, with a great deale of composed gravitic; and being a man of quicke apprehension, and withall studious of novelties, hee answered them, that hee would take such order with mee, as the case required, and that my bold attempt should not want its deserved punishment. But having dismissed them he gave order to his Servants, that I should

somente isso pude discernir, que estava por uma coisa ou outra sendo acusado com grande veemência. A essência dessas acusações parecia ser porque me consideravam um *mágico*, como testemunhado pela meu estranho transporte no ar; que, sendo um estrangeiro, como parecia pelo meu idioma e hábitos, eu, contrariamente às leis da *China*, entrei no reino sem autorização, e provavelmente sem boa intenção. O *mandarim* ouviu-os até o fim com grande compostura e seriedade, e, sendo um homem de compreensão rápida e, além disso, estudioso das novidades, respondeu-lhes que tomaria certas medidas em relação a mim como o caso requeria, e que minha tentativa ousada não ficaria sem sua merecida punição. Mas, tendo-os dispensado, deu ordens para seus servos para que eu fosse

should be kept in some remote parts of his vast Palace, and be strictly watched, but courteously used: This do I conjecture, by what at the present I found, and what after followed. For my accommodation was every way better, then I could expect; I lodged well, fared well, was attended well, and could not fault any thing, but my restraint. In this manner did I continue many moneths, afflicted with nothing so much as with the thought of my *Gansas*; which I knew must be irrecoverably lost, as indeed they were. But in this time, by my owne industry, and the forwardnesse of those that accompanied me, I was growne indifferent ready in the ordinary language of that Province, (for almost every Province in *China*, hath its proper Language) whereat I discerned they tooke no small content.

mantido em alguma parte afastada do seu vasto palácio e fosse rigorosamente vigiado, ainda que servido cortesmente. Isso eu conjecturei pelo o que no momento compreendi e pelo que depois seguiu, pois minha acomodação foi em todos os sentidos melhor do que pude esperar; me hospedei bem, me alimentei bem e fui bem atendido, e não havia inconveniente algum, exceto minha contenção. Dessa forma continuei por muitos meses, afligido com nada mais do que com a atenção aos meus *Gansas*, que sabia estarem perdidos irremediavelmente, como de fato estavam. Mas, com o tempo, pela minha própria diligência e presteza daqueles que me acompanharam, fui educado razoavelmente no idioma usual daquela província (visto que quase todas as províncias na *China* têm seu próprio idioma), pelo que percebi não ter sido pouco o contentamento que tiveram.

tent I was at length to take the ayre,  
 and brought into the spacious gar-  
 den of that Palace, a place of excel-  
 lent pleasure, and delight, as being  
 planted with herbes and Flowers of  
 admirable both sweetnes and beauty,  
 and almost infinite variety of fruits  
 both *European* and others, and al those  
 composed with that rare curiositie,  
 that I was ravished with the con-  
 templation of such delightfull ob-  
 jects. But I had not here long recre-  
 ated my selfe, yet the *Mandarine* en-  
 tred the Garden, on that side where  
 I was walking, and being advertised  
 thereof by his servants, and wished to  
 kneel down unto him (as I after found  
 It to be the usuall publique reverence  
 to those great Officers) I did so,  
 and humbly craved his favour towards  
 a poore stranger, that arrived in those  
 parts, not by his own destination, but  
 by the secret disposall of the heavens:

Hee

Permitiram-me que saísse ao ar livre, e fui conduzido para o amplo jardim daquele palácio, um lugar de excelente prazer e encanto, pois é plantado com ervas e flores de doçura e beleza admiráveis, e quase infinita variedade de frutas, *européias* e demais, e todas elas arranjadas com raro talento, que me senti arrebatado ao contemplar coisas tão encantadores. Mas não fazia muito tempo que ali me entretia, quando o *mandarin* entrou no jardim pelo lado em que estava caminhando e, sendo advertido disto por seus servos, esperava que me ajoelhasse diante ele, como depois notei ser essa a reverência pública usual para aqueles grandes oficiais. Assim o fiz, e humildemente ansiava seu favor para um pobre estrangeiro que chegou àquelas partes não pelo seu próprio destino, mas pela vontade secreta dos céus.

Hee in a different language (which all the *Mandarines*, as I have since learned, do use) and that like that of the Lunars did consist much of tunes, but was by one of his servants interpreted to mee. Hee, I say, wished mee to bee of good comfort, for that he intended no harme unto mee, and so passed on. The next day was I commanded to come before him, and so conducted into a sumptuous dining roome exquisitely painted and adorned. The *Mandarine* having commanded all to avoid the roome, vouchsafed conference with mee in the vulgar language; inquiring first the estate of my Country, the power of my Prince, the religion and manners of the people; wherein being satisfied by mee, hee at last descended to the particulars of my education and studies, and what brought mee into this remote countrey: Then did I at large

Ele, em uma língua diferente (que todos os *mandarins*, como aprendi desde então, usam) e que semelhante àquela dos lunares consistia mais em melodias, mas era para mim interpretada por um dos seus servos. Ele, digo, desejava que eu estivesse bem acomodado, pois não tinha intenção de causar-me mal algum, e assim continuou seu caminho. No próximo dia, fui ordenado a vir perante a ele, sendo conduzido a uma sala de jantar suntuosa, requintadamente pintada e adornada. O *mandarin*, tendo ordenado a todos que saíssem da sala, permitiu-se conversar comigo em linguagem vulgar, interrogando primeiro a situação do meu país, o domínio do meu príncipe, a religião e os costumes das pessoas, com o que, ficando satisfeito comigo, por fim, passou às particularidades da minha educação e estudos, e o que me trouxe àquele país distante. Então, eu, às ordens,

124 *The Man in the Moone.*

large declare unto him the adventure of my life, only omitting here and there, what particulars I thought good, forbearing especially any mention of the stones given me by *Irdonozur*. The strangenes of my story did much amaze him. And finding in all my discourse nothing any way tending to Magique; (wherein he had hoped by my means to have gaine some knowledge) he began to admire the excellence of my wit, applauding me for the happiest man, that this world had ever produced: and wishing me to repose my selfe after my long narration, he for that time dismissed me. After this, the *Mandarine* tooke such delight in me, that no day passed, wherein he sent not for me. At length he advised me to apparell my selfe in habit of the Country (which I willingly did) and gave mee not onely the liberty of his house, but took mee also

declarei-lhe a aventura de minha vida, somente omitindo aqui e ali os detalhes que julguei bons, evitando especialmente qualquer menção às pedras dadas a mim por *Irdonozur*. A estranheza da minha história o surpreendeu, e não encontrando em meu discurso nada de forma alguma tendendo à magia,<sup>70</sup> sobre o que esperava obter algum conhecimento por meu intermédio, começou a admirar a excelência da minha inteligência, me aplaudindo por ser o homem mais feliz que o mundo já produziu. E ansiando que me repousasse após minha longa narração, ele, naquele momento, me dispensou. Depois disso, o *mandarin* tomou tal encanto por mim que nenhum dia passou que não me mandasse chamar. Por fim, recomendou-me que me vestisse conforme o costume do país, o que fiz de boa vontade, e deu-me não apenas a liberdade de sua casa, mas também me levou

<sup>70</sup> Este episódio parece aludir a uma experiência que Diego Pantoja, missionário jesuíta a ser mencionado posteriormente, enfrentou na China. Ele foi julgado inimigo dos astrônomos chineses e expulso da China, juntamente com o seu colega de Sabatino Ursis, e estabeleceu-se em Macau, onde permaneceu durante o curto período de tempo antes de sua morte.

also abroad with him, when he went to *Paquin*, whereby I had the opportunity by degrees to learn the disposition of the people, and the policie of the Country, which I shall reserve for my second part. Neither did I by this my attendance on him gaine only the knowledge of these things, but the possibility also of being restored to my native soyle, and to those deare pledges which I value above the world, my Wife and children. For by often frequenting *Paquin*, I at length heard of some Fathers of the Society that were become famous for the extraordinary favour by the King vouchsafed them, to whom they had presented some *European* trifles, as Clockes, Watches, Dials, and the like, which with him passed for exquisite rarities. To them by the *Mandarines* leave I repaired, was welcomed by them, they much wondering

consigo para o exterior quando foi a *Pequim*, por meio do que tive a oportunidade de aprender a disposição das pessoas e a política do país, que devo reservar para minha segunda parte. Não só por essa presença junto a ele ganhei o conhecimento dessas coisas, mas também a possibilidade de voltar ao meu país natal e àqueles penhores queridos, minha esposa e filhos. Por ter amiúde frequentado *Pequim*, por fim ouvi dizer sobre alguns padres da sociedade <sup>71</sup> que estavam se tornando famosos pelo favor extraordinário que o rei lhes concedeu, para quem eles apresentaram alguns objetos *europæus*, tais como relógios, mostradores, e coisas semelhantes, os quais com eles se passaram por extraordinárias raridades. A eles recorri com a partida do *mandarim*, e fui bem recebido. Eles muito se surpreenderam

---

<sup>71</sup> Jesuítas com missão na China.

aring to see a Lay *Synod* there,  
 whether they had with so much diffi-  
 culty obtained leave to arrive. There  
 did I relate to father *Pantoja*, and those  
 others of the Society these fore-related  
 adventures, by whose directions I put  
 them in writing, and sent this story  
 of my fortunes to *Macao*, from thence  
 to be conveighed to *Spain*, and fore-  
 runner of my returne. And the *Man-  
 darine* being very indulgent unto me,  
 I came often unto the Fathers, with  
 whom I consulted about many secrets  
 with them also did I lay a foundati-  
 on for my returne, the blessed hour  
 whereof I doe with patience ex-  
 pect; that by enriching my  
 Country with the knowledge  
 of hidden mysteries, I may  
 once reape the glory  
 of my fortunate  
 misfortunes.

FINIS.



de ver um espanhol leigo por lá, onde eles tinham com tanta  
 dificuldade conseguido autorização para chegar. Lá relatei para o  
 padre *Pantoja*<sup>72</sup> e àqueles outros da sociedade, as aventuras  
 supracitadas. Por sua orientação, as transpus em escrito e enviei a  
 história das minhas fortunas para *Macao*, para que dali fossem  
 enviada à *Espanha*, como precursora do meu retorno. E, graças à  
 complacência do *mandarim* para comigo, frequentemente retornei  
 aos padres, com quem conversei sobre muitos segredos. Com eles  
 também deixei arranjado meu retorno, hora abençoada que espero  
 com paciência, que por enriquecer meu país com o conhecimento  
 desses mistérios ocultos, eu possa mais uma vez colher a glória dos  
 infortúnios afortunados.

<sup>72</sup> Diego de Pantoja, ou simplesmente Pantoja, foi um missionário jesuíta e colega de Matteo Ricci.